UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

“ME DESCULPEM, MAS NÃO DEU MAIS”: A AVALIATIVIDADE EM MENSAGENS DE ADEUS

DOUTORANDO: ALDEIR GOMES DA SILVA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Linguística

LINHA DE PESQUISA: Estudos Textuais e Discursivos de Práticas Sociais

ORIENTADORA: Maria Medianeira de Souza

CO-ORIENTADOR: Emanuel Cordeiro da Silva

Recife
2025

ALDEIR GOMES DA SILVA

“ME DESCULPEM, MAS NÃO DEU MAIS”: A AVALIATIVIDADE EM MENSAGENS DE ADEUS

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, como requisito parcial à obtenção de título em Doutorado em Letras, com especialização em Linguística.

Aprovada em 19/02/2025

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Linguística

LINHA DE PESQUISA: Estudos Textuais e Discursivos de Práticas Sociais

ORIENTADORA: Maria Medianeira de Souza

CO-ORIENTADOR: Emanuel Cordeiro da Silva

Recife
2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Aldeir Gomes da.
"Me desculpem, mas não deu mais": a avaliatividade em mensagens de adeus / Aldeir Gomes da Silva. - Recife, 2025.
279f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.
Orientação: Maria Medianeira de Souza.
Coorientação: Emanuel Cordeiro da Silva.
Inclui referências.

1. Avaliatividade; 2. Mensagens de adeus; 3. Linguística Sistêmico-Funcional. I. Souza, Maria Medianeira de. II. Silva, Emanuel Cordeiro da. III. Título.

UFPE-Biblioteca Central

ALDEIR GOMES DA SILVA

“ME DESCULPEM, MAS NÃO DEU MAIS”: A AVALIATIVIDADE EM MENSAGENS DE ADEUS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, como requisito parcial à obtenção de título em Doutorado em Letras, com especialização em Linguística.

Aprovada em 19/03/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARIA MEDIANEIRA DE SOUZA
Data: 07/03/2025 10:48:37-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. MARIA MEDIANEIRA DE SOUZA, UFPE (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br
ANA CAROLINA ALMEIDA DE BARROS
Data: 13/03/2025 12:21:55-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. ANA CAROLINA ALMEIDA DE BARROS, CMB
Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br
FABIOLA APARECIDA SARTIN DUTRA PARREIRA
Data: 17/03/2025 14:48:03-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. FABÍOLA APARECIDA SARTIN DUTRA PARREIRA ALMEIDA, UFG
Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br
VALERIA SEVERINA GOMES
Data: 13/03/2025 17:10:34-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. VALÉRIA GOMES, UFRPE
Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br
SUZANA LEITE CORTEZ
Data: 12/03/2025 11:03:16-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. SUZANA LEITE CORTEZ, UFPE
Examinadora Interna

“A morte é mais universal que a vida; todo mundo morre, mas nem todo mundo vive."

Alan Sachs

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese, de todo o meu coração, à minha mãezinha, que tanto me ensinou, tanto torceu por mim e que, por algum motivo, não está mais aqui para me ver vencer.

AGRADECIMENTOS

Nossa, terminei. Cheguei a duvidar que iria conseguir terminar, mas terminei. E, conforme prometi a mim mesmo, escrevo esses agradecimentos após inserir o último ponto no meu texto. Nos últimos quatro anos, vivi uma montanha russa de sensações. Algumas delas me colocaram lá embaixo. Outras me encheram de orgulho. O mais importante agora é admitir que sozinho eu definidamente não conseguiria dar conta. Então, meu peito é só gratidão:

Ao Tibério, que, mesmo entendendo absolutamente nada, esteve comigo em todos os momentos.

À minha família, pelo suporte. À minha mãe, por ter sido tantas vezes a única a acreditar em mim, contrariando até a mim mesmo.

À Medi, por ter topado embarcar nessa viagem comigo, mesmo sem eu ter explicado direito, lá no começo, sobre o que seria o meu trabalho. Obrigado por ter me dado essa confiança e me encaminhado até aqui.

À Valéria, minha primeira mentora "ruralinda", que me fez ter vontade de fazer pesquisa. Também não estaria aqui sem você.

Ao Emanuel, pela leitura cuidadosa e pelos conselhos espertos sobre o meu texto.

À Myllena Miranda e à Carol Cavalcanti. Jamais me esquecerei do que vocês fizeram por mim no momento em que tanto precisei. À Claudia Costa, pelas boas energias emanadas. Deus as abençoe imensamente! Carol, querida, minha gratidão a você pela última leitura e ajustes no meu trabalho.

Aos meus irmãos e minhas irmãs de orientação: Flávia, Estela, Marcone, Carol Barros, Valmir, Mar e Ítala. Obrigado por tanta coisa compartilhada e pelas tantas sugestões.

À Camis, por ter dito tantas vezes que eu conseguiria e me fazer acreditar nisso.

À Cris, por compartilhar suas angústias comigo e me deixar compartilhar as minhas. Meu obrigado, também, pelos serviços de tradutora.

À Clarissa, pelo apoio e pela escuta sincera.

Às gêmeas, por não me deixarem só.

À Anailde, por ter me tirado milhares de dúvidas nos momentos mais inconvenientes.

À Juliana Coelho, pelo tanto que tem me ajudado desde 2021. Estamos nessa juntos, amiga!

À Gilson Patrício. O que eu faria por aqui sem você, né?

À Secretaria de Educação de Pernambuco, por, em 2022, ter me concedido redução de carga horária para que eu pudesse estudar e à Rosa, minha diretora, que fez valer essa concessão.

A alguns coleguinhas de escola que reconheceram a relevância do meu labor acadêmico e me deixaram trabalhar em paz.

É isso, galera. Acabei!

DESAGRADECIMENTO

Aos maus gestores a às adversidades burocráticas que encontrei ao longo do caminho. Estou aqui, apesar de vocês.

RESUMO

Neste trabalho, analisamos 23 textos à luz do Sistema de AVALIATIVIDADE. Os textos escolhidos contêm mensagens de adeus, a saber, textos escritos por pessoas que cometeram suicídio. A partir das escolhas linguísticas dos autores, buscamos identificar elementos avaliativos que revelam o posicionamento dos autores a respeito de coisas, de pessoas e de seus últimos momentos de vida. Para essa investigação, baseamo-nos na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985, 2002), que estabelece três Metafunções da linguagem, que são parte essencial para a instanciação e produção de significados num texto. Oriunda de uma dessas Metafunções, destacamos a AVALIATIVIDADE, sistema discursivo que analisa os tipos de atitudes que são negociados em um texto, a força dos sentimentos envolvidos e as maneiras pelas quais os valores são obtidos (MARTIN; ROSE, 2003). Compreendendo que as realizações da Avaliação demonstram os valores discutidos e aceitos no discurso, destacando as dinâmicas de poder e solidariedade presentes no contexto (MARTIN; WHITE, 2005), e que essas manifestações se refletem nas estruturas linguísticas, como qualidades, processos ou observações (VIAN, JR. 2023), nosso objetivo fundamental é investigar os principais fatores léxico-gramaticais encontrados no material selecionado, identificando as principais atitudes negociadas nos textos, o posicionamento da voz autoral em relação a outras vozes que podem surgir e a gradação das avaliações realizadas. A análise é feita, portanto, a partir da identificação e categorização de elementos avaliativos nos textos, sem deixar de considerar o meio de divulgação, o período temporal, as informações contidas nas mensagens, bem como as informações extratextuais. Os resultados desta pesquisa indicam que as manifestações avaliativas presentes nas mensagens refletem valores inerentes ao contexto em que foram produzidas. As atitudes negociadas, então, variam de acordo com os grupos temáticos (causas sentimentais, sociais e patológicas) elaborados, evidenciando fatores que demonstram que as escolhas léxico-gramaticais são influenciadas por aspectos contextuais que revelam diferentes nuances na forma de avaliar.

Palavras-Chave: AVALIATIVIDADE; Mensagens de Adeus; Linguística Sistêmico-Funcional.

ABSTRACT

In this study, we analyze 23 texts through the lens of the Appraisal System. The selected texts contain farewell messages, specifically texts written by people who committed suicide. Based on the linguistic choices of the authors, we aim to identify evaluative elements that reveal the authors' positioning regarding things, people, and their final moments in life. For this investigation, we rely on Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1985, 2002), which establishes three Metafunctions of language, essential for the instantiation and production of meaning in a text. Originating from one of these Metafunctions, we highlight Appraisal, a discursive system that analyzes the types of attitudes negotiated in a text, the intensity of the feelings involved, and the ways in which values are conveyed (MARTIN; ROSE, 2003). Understanding that Appraisal realizations demonstrate the values discussed and accepted in discourse, highlighting the dynamics of power and solidarity present in the context (MARTIN; WHITE, 2005), and that these manifestations are reflected in linguistic structures such as qualities, processes, or observations (VIAN, JR. 2023), our primary objective is to investigate the main lexico-grammatical factors found in the selected material, identifying the primary attitudes negotiated in the texts, the positioning of the authorial voice in relation to other voices that may arise, and the gradation of the evaluations made. The analysis is conducted, therefore, by identifying and categorizing evaluative elements in the texts, while considering the medium of dissemination, the temporal period, the information contained in the messages, as well as extratextual information. The results of this research indicate that the evaluative manifestations present in the messages reflect values inherent to the context in which they were produced. The negotiated attitudes, then, vary according to the thematic groups (sentimental, social, and pathological causes) developed, evidencing factors that demonstrate that lexico-grammatical choices are influenced by contextual aspects, revealing different nuances in the way evaluations are expressed.

Keywords: Appraisal; Farewell Messages; Systemic-Functional Linguistics.

RESÚMEN

En este trabajo, analizamos 23 textos a la luz del Sistema de Apreciación. Los textos seleccionados contienen mensajes de despedida, es decir, textos escritos por personas que cometieron suicidio. A partir de las elecciones lingüísticas de los autores, buscamos identificar elementos evaluativos que revelen el posicionamiento de los autores respecto a cosas, personas y sus últimos momentos de vida. Para esta investigación, nos basamos en la Lingüística Sistémico-Funcional (HALLIDAY, 1985, 2002), que establece tres Metafunciones del lenguaje, esenciales para la instanciación y producción de significados en un texto. Derivado de una de estas Metafunciones, destacamos la Apreciación, un sistema discursivo que analiza los tipos de actitudes negociadas en un texto, la intensidad de los sentimientos involucrados y las formas en que se logran los valores (MARTIN; ROSE, 2003). Entendiendo que las realizaciones de la Apreciación demuestran los valores discutidos y aceptados en el discurso, destacando las dinámicas de poder y solidaridad presentes en el contexto (MARTIN; WHITE, 2005), y que estas manifestaciones se reflejan en las estructuras lingüísticas, como cualidades, procesos u observaciones (VIAN, JR. 2023), nuestro objetivo principal es investigar los principales factores léxico-gramaticales presentes en el material seleccionado, identificando las principales actitudes negociadas en los textos, el posicionamiento de la voz autoral en relación con otras voces que pueden surgir y la gradación de las evaluaciones realizadas. El análisis se lleva a cabo, por lo tanto, a partir de la identificación y categorización de elementos evaluativos en los textos, sin dejar de considerar el medio de divulgación, el período temporal, las informaciones contenidas en los mensajes, así como las informaciones extratextuales. Los resultados de esta investigación indican que las manifestaciones evaluativas presentes en los mensajes reflejan valores inherentes al contexto en que fueron producidos. Las actitudes negociadas, entonces, varían según los grupos temáticos (causas sentimentales, sociales y patológicas) elaborados, evidenciando factores que demuestran que las elecciones léxico-gramaticales están influenciadas por aspectos contextuales que revelan diferentes matices en la forma de evaluar.

Palabras-clave: Valoración; Mensajes de despedida; Lingüística Sistémico-Funcional.

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Análise do Discurso

CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas

EFQ – Efeitos Físicos de Queda

EFT – Efeitos Físicos de Tiro

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas

GSF – Gramática Sistêmico-Funcional

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

LSF – Linguística Sistêmico-Funcional

NI – Não Identificado

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OMS – Organização Mundial de Saúde

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

WHO – World Health Organization

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Luto 56
Tabela 2 – Modelos de estratificação 79
Tabela 3 – Julgamento 98
Tabela 4 – Apreciação 101
Tabela 5 – Distribuição dos textos por década 119
Tabela 6 – Fontes do corpus 123
Tabela 7 – Grupo 1 132
Tabela 8 – Grupo 2 133
Tabela 9 – Grupo 3 135
Tabela 10 – Grupo 1 (Interlocutores) 138
Tabela 11 – Infelicidade no Grupo 1 141
Tabela 12 – Felicidade no Grupo 1 142
Tabela 13 – Autojulgamento do comportamento dos autores 146
Tabela 14 – Julgamento do comportamento de outrem 148
Tabela 15 – Grupo 1 (Engajamento) 151
Tabela 16 – Contraexpectativa no T4 155
Tabela 17 – Contraexpectativa no T5 158
Tabela 18 – Contraexpactativa no T20 161
Tabela 19 – Perdão no Grupo 1 162
Tabela 20 – Adeus no Grupo 1 163
Tabela 21 – Intensificação Grupo 1 165
Tabela 22 – Quantificação no Grupo 1 167
Tabela 23 – Acentuação no Grupo 1 170
Tabela 24 – Grupo 2 (Interlocutores) 176
Tabela 25 – Felicidade/infelicidade no Grupo 2 178
Tabela 26 – Autojulgamento do comportamento dos autores no Grupo 2 183
Tabela 27 – Julgamento do comportamento de outrem no Grupo 2 188
Tabela 28 – Grupo 2 (Engajamento) 196
Tabela 29 – Grupo 2 (Interlocutores) 216
Tabela 30 – Julgamento no Grupo 3 221

Tabela 31 – Grupo 3 (Engajamento).....224

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Coeficientes de mortalidade por suicídio (por 100.000 habitantes), segundo a Organização Mundial da Saúde, tomando por base dados de 2009 64
Figura 2 - Contínuo da instanciação como dimensão global de organização da linguagem e sua articulação com a hierarquia da estratificação e o espectro metafuncional 78
Figura 3 - Metafunções da Linguagem ..... **Erro! Indicador não definido.**
Figura 4 - Relação contextos de cultura e situação, gênero e registro 85
Figura 5 - Os sistemas discursivos 90
Figura 6 - AVALIATIVIDADE e variáveis de registro 91
Figura 7 - Subsistemas da AVALIATIVIDADE 93
Figura 8 - Subsistema Atitude 94
Figura 9 - Subsistema de Engajamento 104
Figura 10 – Contraexpectativa 109
Figura 11 – Subsistema de Gradação 111
Figura 12 - Gradação 112
Figura 13 – AVALIATIVIDADE 136

PRÓLOGO

É muito difícil escrever sobre a morte. Por mais que ela esteja intrinsecamente relacionada à nossa existência, é sobre a vida o que a maioria de nós costuma pesquisar. Buscamos e acessamos, diariamente, materiais que tragam informações que nos ajudem a aumentar o nosso tempo de vida saudável. Nosso padrão de vida nos faz não pensar na morte, ou pensá-la como algo muito distante, até mesmo de pessoas já idosas. Pego-me, por muitas vezes, surpreendido ao notar minha avó, hoje com 93 anos de idade, fazendo planos para o futuro. O fato é que temos certa inclinação biológica pela preservação da vida e pelo evitamento da dor – da nossa própria agonia e do sofrimento de pessoas queridas. Sob essa ótica, a morte pode parecer algo aterrorizante para algumas pessoas, principalmente porque não sabemos o que se passa depois dela.

É mais difícil ainda escrever sobre o suicídio, que é imensamente rodeado de dor. Essa dor torna-se tão insuportável que a morte voluntária é vista como saída (BOTEGA *et al*, 2006). Mais que uma simples opção, o suicídio é um desfecho trágico de uma série de fatores que levam um indivíduo a acreditar que a morte é a única solução para seus problemas. Escrever sobre esse tema envolve abordar depressão, ansiedade, transtornos de humor, abuso de substâncias, traumas, entre outros aspectos que desencadeiam, em várias pessoas, emoções negativas: os notáveis *gatilhos* (LINEHAN, 2006). Assim, torna-se até demasiado óbvio informar que estou escrevendo sobre um tópico sensível para muitas pessoas, que o evitam de todas as formas possíveis.

Escrever sobre isso também evolve, para mim, uma temática ainda maior e mais grave para com suas vítimas: o julgamento. O suicídio pode ser entendido, também, como uma forma de fuga dos sentimentos de vergonha, humilhação, rejeição e exclusão social ocasionados pelo julgamento social, que pode levar à discriminação e ao preconceito. Outrossim, de acordo com Fukumitsu e Kovács (*in* MARQUETTI, 2018, p. 81) “Cada ato suicida cuja morte foi consumada trará consequências para o sobrevivente, nome sugerido tanto para pessoas que enfrentam o luto pelo suicídio de um ente querido quanto para as pessoas que tentaram suicídio e a morte não foi consumada”. As mesmas autoras ainda acrescentam que, dentre tais consequências, estão o fato de ter que "dar satisfações para a sociedade sobre o ato de renúncia à vida ou ao sofrimento”. Assim, percebo que o estigma social que envolve o suicídio é o principal entrave para uma abordagem mais sensível por parte da sociedade em geral. Há diversos estigmas que envolvem o suicídio. Primeiramente, convém ressaltar que esse tema

ainda é considerado um tabu, uma vez que uma série de crenças religiosas e morais desencorajam o debate aberto sobre o suicídio. Além disso, conforme mencionado acima, a pessoa que, de alguma forma, tenta o suicídio e sobrevive acaba também "marcada" socialmente; caso a tentativa tenha êxito, o estigma é transferido para seus familiares e amigos.

Esse estigma social também foi o principal motivo de minha relutância em começar a escrever este trabalho, mesmo se tratando de uma temática e abordagem por mim escolhidas. Escrever sobre isso não se configura como um gatilho para mim: só tenho a agradecer ao universo, afinal, por não ter passado, até o momento, pela experiência de perder alguém por morte voluntária. Ainda assim, por razões naturais, escrever sobre a morte pode se tornar um processo complicado. Diferentemente de todos os outros trabalhos acadêmicos que desenvolvi anteriormente, não posso considerar o suicida como apenas um "informante", no contexto desta pesquisa. Ele foi alguém como eu, com uma história de vida, com altos e baixos, que merece ser relembrado com carinho e compaixão. Ao pesquisar os textos que compõem o *corpus* desta investigação, me deparei com casos de pessoas ilustres, celebridades, pessoas que eu adorava ver na TV, ouvir no rádio ou gente que eu apenas sabia que existia. Também li relatos desesperados de pessoas das quais eu não tinha nem uma foto como referência (para mim, que me apego ao visual, isso é uma tortura), mas que, entretanto, consegui sentir um pouco das angústias delas, expressas nas mensagens. Então, mesmo não lidando com casos próximos a mim, gostaria de deixar registrado, aqui, que honestamente sinto muito por essas pessoas que se foram tão cedo, por suas famílias, seus amigos e por todos que, direta ou indiretamente, sentem a ausência delas. Dito isso, antes de iniciar o processo de escrita deste trabalho, esbarrei no seguinte questionamento: como tratar sobre o suicídio com cuidado, compaixão e livre de julgamentos?

A resposta é: é difícil, não há uma fórmula. O que significa afirmar que não cheguei a uma resposta exata. Apesar disso, me comprometi a tratar a temática e as pessoas envolvidas com todo o respeito que eu possa demonstrar, assim como este assunto foi tratado por alguns pesquisadores – dos quais falarei mais adiante – de forma sensível e respeitosa. Já sobre outros pesquisadores, que em algum momento cometeram deslizes ao abordar esse conteúdo, optei por não os trazer para me ajudarem a compor esta tese.

No livro bíblico de Eclesiastes, vemos que toda a obrigação do homem é temer a Deus e guardar seus mandamentos. Se não me engano, o próprio Jesus, muito tempo mais tarde, repetiu essas palavras. E eu, crescendo num lar cristão, aprendi, desde muito cedo, que as obrigações de todo ser humano envolvem fazer as vontades de Deus e obter uma vida plena e feliz dentro de cada realidade. Nessa ótica, acabei acreditando que o suicídio era uma falha nesse processo, pois, para mim, esse ato dava a entender que algo saiu errado. Mas quem errou: Deus, o suicida ou as outras pessoas? Isso era algo que a versão criança de mim estava muito distante de começar a tentar entender.

De fato, apenas comecei a entender um pouco mais sobre os meandros da morte voluntária após começar a me preparar para a escrita deste trabalho. Lendo as teorias sobre o tema, me dei conta da complexidade do campo no qual estava adentrando naquele momento do processo. Entretanto, ao olhar o *corpus*, já selecionado e organizado, foi que eu pude ter ideias mais concretas sobre o que eu queria fazer na produção desta tese. Lendo as mensagens de adeus, pude ter uma noção, mesmo que muito superficial, dos sentimentos das pessoas com as quais vou lidar para analisar tais textos, suas emoções, suas angústias, seus pensamentos e suas impressões sobre o mundo.

Então, firmo aqui, sobretudo comigo mesmo, um compromisso em tratar esses dados da maneira mais empática que eu puder, respeitando esses indivíduos, suas histórias, suas famílias e suas amizades. Não posso, não devo e não quero deixar de enfatizar que suas escolhas se refletem nas palavras, nos elementos por eles selecionados para deixar seus últimos registros da vida nesse plano.

Por fim, desde que ingressei no curso de Doutorado, muitas pessoas me questionam o porquê do tema do meu projeto, se eu já passei por essa experiência e não a concretizei, se alguém muito próximo a mim já passou por isso ou se eu tenho esse desejo reprimido. Acreditem, escolher esse assunto mais me fechou portas que as abriu. É impossível me esquivar totalmente de perguntas, diretas ou indiretas, sobre as minhas motivações para escrever sobre isso. Por muito tempo, eu não sabia responder. Lembro-me de ter capturado essa ideia entre tantos outros pensamentos e de tê-la mantido comigo em processo de amadurecimento. Hoje, mais experiente na pesquisa, consigo afirmar que, mesmo não sabendo o momento exato em que essa ideia me apareceu, expresso profundo respeito por todas essas pessoas que, nesse caso

específico, escreveram o que eu jamais teria capacidade de escrever. Feita essa breve, porém necessária, explicação sobre mim e minhas motivações, convido o leitor a acompanhar, na sequência, as considerações iniciais deste trabalho.

Sumário

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 23

1.1 JUSTIFICATIVA 30

1.2 OBJETIVOS 35

1.2.1 Geral 35

1.2.2 Específicos 35

1.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE 36

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS I: Sobre o suicídio e as mensagens de adeus 38

2.1 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA RELIGIOSO 40

2.2 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA FILOSÓFICO 43

2.3 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA LITERÁRIO 45

2.4 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA SOCIOLÓGICO 49

2.5 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA DA PSICANÁLISE 52

2.6 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA MIDIÁTICO 56

2.7 O SUICÍDIO COMO UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA 63

2.8. O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM 67

2.9 AS MENSAGENS DE ADEUS 70

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS II: Sobre a LSF e o Sistema de AVALIATIVIDADE ... 73

3.1 CONCEITOS ELEMENTARES 77

3.1.2 Os gêneros na LSF 84

3.2 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE 86

3.2.1 Atitude 93

3.2.2 Engajamento 103

3.2.3 Gradação 110

4 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS 116

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA 116

4.2 APRESENTNDO O *CORPUS* 118

4.2.1 Origem e fontes 121

4.2.2 Coleta de dados 124

4.2.3 Procedimentos éticos 126

4.2.4 Características dos gêneros envolvidos 127

4.3 DIVISÃO EM GRUPOS 131

4.3.1 Grupo 1 – Causas sentimentais 131

4.3.2 Grupo 2 – Causas sociais 133

4.3.3 Grupo 3 – Causas patológicas 134
4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE **135**
5 GRUPO 1: CAUSAS SENTIMENTAIS **137**
5.1 ATITUDE **139**
5.1.1 Afeto 140
5.1.2 Julgamento 145
5.1.3 Apreciação 150
5.2 EGAJAMENTO **150**
5.3 GRADAÇÃO **164**
5.3.1 Força 164
5.3.2 Foco 170
6 GRUPO 2: CAUSAS SOCIAIS **174**
6.1 ATITUDE **177**
6.1.1 Afeto 178
6.1.2 Julgamento 183
6.1.3 Apreciação 192
6.3 GRADAÇÃO **207**
6.3.1 Força 207
6.3.2 Foco 211
7 GRUPO 3: CAUSAS PATOLÓGICAS **215**
7.1 ATITUDE **217**
7.1.1 Afeto 217
7.1.2 Julgamento 221
7.2 ENGAJAMENTO **224**
7.3 GRADAÇÃO **233**
7.3.1 Força 233
7.3.2 Foco 237
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS **244**
8.1 E AGORA, O QUE FAZER? **256**
REFERÊNCIAS **261**

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Rousseau (1757 [1995]) disse uma vez que o suicídio é um roubo ao gênero humano. Ele argumentou que, como as pessoas são membros de uma comunidade e têm obrigações para com ela, o ato de tirar a própria vida é uma violação dessas obrigações e uma negação de suas responsabilidades para com a sociedade. Apesar de ser uma opinião que não leva em consideração as várias questões de saúde mental imbricadas (não é para menos, Rousseau faleceu em 1778, quando as questões que envolvem a saúde mental ainda não eram sequer conhecidas cientificamente), tal argumentação evidencia a questão da falha, que aparece em muitas das justificativas para a existência do suicídio nas sociedades.

De acordo com Leite (*in* MARQUETTI, 2018, p. 93), "Alguém que se pergunta *por que morrer* também deve se perguntar *por que viver*" (grifos do autor). De certo modo, a vida subjaz a morte, ou vice-versa. Nesse sentido, Maria Cristina de Estefano, uma psiquiatra cujo filho cometeu suicídio, conseguiu ressignificar sua dor e convertê-la em cuidado para com a vida. Ela, ao publicar e comentar o diário do filho morto (MARTINS, 2014), pontua:

> A morte por uma fatalidade, por doenças, nos leva à busca de causa e da cura; num homicídio leva à busca do homicida, do psicopata; num acidente, à busca do motorista provavelmente alcoolizado. Mas a morte por suicídio, a quem buscar para fazer justiça se o próprio homicida se revela no ato autoinfrigido?
>
> O assunto aborda tantos aspectos que ao me deparar com a situação, me percebi vulnerável, pequena e muito frágil para enfrentar sozinha. A cada dia, a crueldade da morte por suicídio mostra sua potência em fazer acreditar que a vida é absurda mesmo e lutar contra os absurdos nos leva a sofrer, chorar, desistir das possibilidades de uma sobrevivência agradável e satisfatória. Até como psiquiatra, nos primeiros dias perdi a objetividade necessária para entender as ocorrências emocionais que me faziam sofrer.

A maioria dos suicídios está pautada em doenças mentais em sua pior evolução, decorrentes de diversas psicopatologias e suas manifestações por conta das condições socioeconômicas, culturais e existenciais. Do ponto de vista dos estudos da saúde mental, isso é visível hoje em toda parte em nossa sociedade, que valoriza o ter e o fazer, mas desconsidera uma existência genuína (DE ESTEFANO, 2014).

Nesse sentido, ao falar da morte voluntária, falamos, por várias vezes, também sobre as mensagens deixadas pelos suicidas em seus últimos momentos. Assim, destacamos o que, no

contexto desta pesquisa, será chamado de *Mensagem de Adeus* – o texto escrito por suicidas e divulgado em diferentes suportes. Nesse tipo de documento, é possível encontrar "a resposta a um dos questionamentos mais recorrentes no imaginário social, o porquê da opção pelo suicídio" (CATELÃO, 2013, p. 25). Apesar de serem diversos e complexos, e muitas vezes resultarem de uma combinação de fatores individuais, ambientais, sociais e psicológicos, os motivos para a opção pelo fim da vida são, nessa perspectiva, uma das principais informações que podem ser encontradas nas mensagens. A partir do conhecimento das motivações do suicida, uma série de análises pode ser feita: pela polícia, em caso de abertura de um inquérito; pelas pessoas próximas, para que elas procurem entender o que de fato ocorreu; por nós, dentre outros motivos, para subdividir a amostra escolhida para análise mais adiante. É importante mencionar o óbvio: que cada pessoa é única e pode ter diferentes razões para considerar o suicídio.

Como afirma Patschiki (2014, p. 13), "as cartas de suicidas são o ápice violento da vida, momento traumático que desvela o que antes seria impossível verbalizar". Esse tipo de texto configura alguns gêneros textual-discursivos, uma vez que é notável uma configuração sócio-histórica estabelecida em tipos com maior ou menor estabilidade de textos, vinculados a diferentes suportes, inclusive digitais. Lidaremos com textos oriundos de diversas fontes e, por esse motivo, a terminologia mais adequada encontrada para abranger a todos foi a escolhida e que, inclusive, faz parte do título deste trabalho.

De acordo com Lima (2015), essa vasta produção textual, que inclui cartas, bilhetes, anotações e postagens, revela uma ruptura numa teia de sensibilidades suicidas. A escrita de si, nessa conjuntura, também se caracteriza por ser uma tentativa de "arquivar a própria vida" (ARTIÈRES, 2014), na qual o escrevente pode (ou não) se preocupar com a última impressão que deixará ao(s) leitor(es), uma vez que não haverá possibilidade de retificações. Assim, os gêneros involucrados nessa prática discursiva comprovam o ato suicida como "prática cultural, plena de significados morais" (PATSCHIKI, 2014, p. 9). É possível, então, perceber que as mensagens de adeus trazem mensagens dos mortos aos vivos ou "de um homem escrevendo o seu próprio epitáfio" (GERONIMO JUNIOR, 2006, p. 13).

No que diz respeito à relação público/privado desses textos, verificamos que, por envolver a morte de um indivíduo e, em alguns casos, consequentemente, um inquérito policial,

esses escritos tornam-se públicos enquanto provas documentais. Entretanto, no domínio privado, esses textos são lidos e divulgados de modo informal a pessoas próximas, tornando-se um evento social (GERONIMO JUNIOR, 2006, p. 13). Nesse viés, convém afirmar que, embora o Código de Ética do Jornalismo Brasileiro (FENAJ, 2007) advertir que é "de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes", as leis e regulamentos relacionados à cobertura de casos de suicídio variam de país para país. Alguns países possuem restrições e diretrizes estritas sobre como a imprensa deve abordar e cobrir casos de suicídio, levando em consideração preocupações éticas e de saúde pública. Essas restrições podem incluir evitar detalhes gráficos, fornecer informações sobre linhas de ajuda e prevenção, enfatizar a importância da sensibilidade ao tratar desse assunto, entre outros. Sob essa ótica, a imprensa brasileira deve evitar "abordagens simplistas, romantizadas, que promovam culpa, julgamento, enaltecimento, estereótipos, mitos ou a normalização do suicídio" (FERREIRA *et al*., 2019, p. 1566).

Entretanto, nem sempre a imprensa do Brasil seguiu esses parâmetros. Até meados da vigência do Regime Militar, ainda era possível encontrarmos relatos detalhados de suicídios em jornais impressos por todo o país; alguns deles eram ilustrados pela transcrição da mensagem deixada pelo indivíduo, em notícias contendo "especulação indevida sobre os motivos do suicídio, não apresentação dos possíveis impactos na vida das famílias da vítima, estigma e sensacionalismo na elaboração da manchete e omissão de informações sobre transtornos mentais como fatores de risco para o suicídio" (FERREIRA *et al*., 2019, p. 1568). Como possível reflexo dessa prática, hodiernamente, nas redes sociais, por muitas vezes sem moderação, encontramos alguns discursos suicidas.

Do ponto de vista estatístico, de acordo com a World Health Organization (WHO), o suicídio é o quarto motivo mais frequente de morte entre jovens de 15 a 29 anos de idade. Mais de 700 mil pessoas morrem todos os anos dessa causa ao redor da Terra; no Brasil, em 2019, a cada 100 mil habitantes, 6,6 cometeram suicídio. Dados da Secretaria de Vigilância em Saúde apontam para um aumento nessas taxas, no Brasil, em jovens menores de 14 anos e apresentaram um risco 3,8 vezes maior de morte por suicídio em homens que em mulheres. O mesmo órgão (2021) afirma que:

> Trata-se de um fenômeno complexo e multicausal, de impacto individual e coletivo, que pode afetar indivíduos de diferentes origens, sexos, culturas, classes sociais e

> idades. Relaciona-se etiologicamente com uma gama de fatores, que vão desde os de natureza sociológica, econômica, política, cultural, passando pelos psicológicos e psicopatológicos, até biológicos (p. 1).

Os dados também comprovam que há uma maior incidência de casos de suicídio entre os grupos de maior vulnerabilidade, como a população LGBTQIA+, migrantes e refugiados, indígenas etc. Camargo (2007, p. 129) pontua que todos os números que envolvem o suicídio nas sociedades nos revelam um conjunto de taxas "maior do que em todos os conflitos armados, correspondendo, em muitos países, a um número igual ou maior do que o de morte em acidentes de trânsito". Por essa razão, estamos falando sobre um fenômeno bastante complexo, multifacetado e, sobretudo, estamos falando sobre uma questão de saúde pública que, juntamente com os casos de autoagressões (ou automutilações), é alvo de estigma social e de subnotificações, o que dificulta a exatidão dos dados oficiais.

Do ponto de vista psiquiátrico, o suicídio pode ou não estar associado à doença mental. "Numerosíssimas pesquisas mostram que pelo menos 98% dos que se matam sofrem de distúrbios mentais. Evidentemente, isso não significa que todas ou sequer a maioria das pessoas com tais distúrbios se matem" (BARBAGLI, 2019, p. 19). No Brasil, a morte voluntária era tema de estudos médicos desde o século XIX. A partir de 1920, esse tema passou a ser mais abordado, essencialmente em teses de médicos das Faculdades do Rio de Janeiro e da Bahia (FALK, 2014). Para Costa (1927, p. 1, *apud* Falk, 2014, p. 176), o suicídio, no contexto médico do início do século XX, caracterizava-se como a "autodestruição violenta dos laços existentes entre a matéria organizada e a alma ou espírito que a anima".

De acordo com Freitas (2018, p. 14), o ato de tirar a própria vida resulta da experiência de intensa dor psíquica na perspectiva da psicanálise, ou seja, ele será sempre "patológico, embora não se desconsidere a pertinência do vínculo social na vida do sujeito". Freud escreveu sobre o suicídio algumas vezes e, embora não tenha se dedicado especificamente ao estudo do suicídio, ele explorou a natureza da angústia psicológica e os conflitos internos que podem levar a comportamentos autodestrutivos. Além disso, o pai da psicánalise (FREUD, 2006, p. 141) situa o suicídio no campo dos atos involuntários, das manifestações do subconsciente, afirmando que:

> Pode ser que tenhamos deixado de responder a esta indagação psicológica porque não temos meios adequados para abordá-lo. Podemos, eu acredito, apenas tomar como nosso ponto de partida a condição de melancolia, que nos é tão familiar clinicamente,

> e uma comparação entre ela e o afeto do luto. [...] Nem chegamos a uma compreensão psicanalítica do afeto crônico do luto. Deixemos em suspenso nosso julgamento até que a experiência tenha solucionado este problema.

O conceito de melancolia para a psicanálise está associado ao sofrimento, ao desânimo e à intensa dor emocional. O suicida busca, portanto, pela autorrecriminação e castigo. Borba *et al*. (2020) expõem que casos de suicídio são mais elevados em pessoas com transtornos mentais quando comparado à população psicologicamente saudável, uma vez que dados internacionais atestam que quase 90% dos suicidas apresentam algum tipo de problema mental, mais particularmente, transtornos de humor, psicóticos, de ansiedade, de personalidade e uso de substâncias psicoativas. Esses dados aproximam o ato suicida, do ponto de vista médico, à diversa gama de patologias mentais.

Do ponto de vista sócio-histórico, um dos grandes nomes das Ciências Humanas a versar sobre o suicídio foi Durkheim (2000), cujos estudos condensam todas as variações na frequência das mortes voluntárias a apenas duas grandes causas: a integração e a regulamentação social. A integração, de acordo com Barbagli (2019, p. 8), "consiste na quantidade e na força dos vínculos que unem um indivíduo a vários grupos". Já a regulamentação social diz respeito às regras que definem os direitos e deveres de cada membro da sociedade, bem como ao estabelecimento de recompensas a cada um destes que cumpre seu papel; o suicídio ocorre, na visão durkheimiana, quando há a falta de regulamentação.

A partir da década de 1950, os estudos de Durkheim (2000) sobre o suicídio passaram a popularizar-se e, com eles, as críticas, sobretudo aquelas que dizem respeito às poucas definição e clareza dos conceitos do sociólogo francês. Barbagli (2019, p. 14) observa que uma classificação "etiológica seria sustentável apenas se as causas identificadas fossem as únicas existentes. Caso contrário, ela se torna restritiva e desviante".

O caso mais antigo de suicídio de que se tem notícia, mesmo que seja no plano mítico, é a história bíblica de Sansão, sobre a qual falaremos com mais detalhes no capítulo posterior. Desde então, há registros de vários casos nas sociedades orientais e ocidentais, a exemplo dos guerreiros japoneses que cometiam o *Harakiri*, ou em sociedades agrárias, caçadoras ou coletoras de regiões da Ásia e do Oriente Médio, onde se previa o suicídio agressivo. Nesse panorama, os mais diversos repertórios culturais associados às mortes voluntárias em diversas regiões e contextos históricos podem ser abordados de acordo com as intenções do suicida; a

maneira como o ato é realizado; o significado que ele e outras pessoas atribuem ao ato; os ritos que acontecem antes, durante e depois da consumação do ato (BARBAGLI, 2019).

Do ponto de vista linguístico, o ato da morte voluntária é carregado de ideologias, que podem – ou não – materializar-se nas mensagens de adeus, numa relação de instabilidade que se verifica pela disparidade existente entre o número de suicídios e o número de mensagens deixadas. Enquanto textos, elas atestam a natureza interativa do discurso, uma vez que através das mesmas, o autor consegue se posicionar a respeito de si mesmo e do mundo que o cerca. Nesse sentido, Shneidman (2004, p. 12) nos diz que uma mensagem de adeus é, sobretudo, um "veículo em que o falecido pode ter a última palavra. Este mecanismo permite o falecido explicar, para trazer o fecho (ou não), para amenizar a culpa, para ditar os próximos passos, para controlar, para isentar, ou para culpar".

Considerando que o suicídio traz uma carga de (auto)reprovação e que uma mensagem de adeus condensa, na maioria dos casos, o fracasso social (LOPES, 2008), torna-se imprescindível analisar as escolhas linguísticas e textual-discursivas empregadas pelo escrevente nessa última escrita, tendo em vista "que há uma relação dialética, interna e dinâmica entre texto e contexto" (SANTOS, 2014, p. 169).

O Sistema de AVALIATIVIDADE, nessa perspectiva, torna-se de bastante utilidade na análise desses textos, pois, por informar semanticamente os aspectos linguísticos que se relacionam às avaliações, segundo parâmetros de poder e solidariedade, esse sistema ajuda a revelar as principais atitudes negociadas nas correspondências, bem como a intensidade dos sentimentos referentes ao objeto de avaliação (SILVA, 2018). A AVALIATIVIDADE é oriunda da metafunção interpessoal proposta por Halliday (1985), que toma a linguagem como troca, dando conta da organização da mensagem como evento interativo. Através dela, podemos expressar nossas opiniões, julgamentos e atitudes por meio da interação, que é guiada por papéis de fala, sendo dar e demandar os principais deles (SANTOS, 2014).

Assim, ao associarmos a AVALIATIVIDADE à análise de objetos tão repletos de significados como as mensagens de adeus, deparamo-nos com o seguinte questionamento:

- *Quais são os recursos usados pelo autor para se posicionar a respeito de si e do mundo e como eles se relacionam aos fatores intra e extratextuais que caracterizam esses textos?*

Nesse contexto, as possibilidades de investigação apontam para os seguintes cenários:

- As categorias do Sistema de AVALIATIVIDADE, a saber, Atitude, Engajamento e Gradação, dão conta do exame das principais informações, perspectivas e sentimentos dispostos nos textos.
- Os aspectos comuns entre as mensagens de adeus, em diferentes gêneros discursivos, possibilitam a localização de sua finalidade comunicativa, que é relativamente predeterminada pelo contexto cultural que circunda a morte voluntária.
- À luz das categorias da AVALIATIVIDADE, é possível encontrarmos representações similares na estrutura dos textos, se as compararmos com textos nativos digitais – tais como postagens em redes sociais. Nesse viés, pode ser realizada uma espécie de "mapeamento" dessas mensagens de adeus num recorte temporal específico.
- Consoante o item anterior, a investigação da performance desses textos em determinado período propicia uma abordagem do modo como o suicida observa o mundo ao seu redor e a própria morte do ponto de vista da AVALIATIVIDADE, que pode ser parte constituinte da chamada "escrita de si".

De acordo com esses pontos, na perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, este trabalho debruça-se sobre essa temática materializada em textos ainda pouco abordados nos estudos linguísticos de práticas sociais.

1.1 JUSTIFICATIVA

A opção pelo trabalho com tais textos justifica-se por representar uma continuidade de pesquisas anteriormente desenvolvidas pelo autor (SILVA, 2017; SILVA; GOMES, 2017; SILVA; GOMES, 2018), tendo como escopo a análise de cartas pessoais pernambucanas produzidas em diferentes décadas do século XX. A escolha do recorte do *corpus* se justificou, naqueles momentos específicos, pelas várias mudanças em termos de língua e textos que o século XX presenciou; tais mudanças se refletem na carta pessoal, uma vez que esse tipo de correspondência carrega traços que, por muitas vezes, a aproximam da informalidade e espontaneidade de uma conversação face a face. Consideramos, portanto, que a reflexão sócio-histórica da língua também se faz presente no processo contínuo que é a relação entre a historicidade do texto e da língua e que essa relação se releva nas diferentes situações comunicativas ao longo do tempo.

Tais pesquisas resultaram na dissertação de mestrado (SILVA, 2018), que se dedicou a analisar sessenta correspondências pessoais, com o propósito de identificar marcas formais e linguístico-discursivas que caracterizassem subgêneros da carta pessoal, pautados nas relações de maior ou menor proximidade entre escreventes e destinatários. Buscamos, pois, nesta obra, identificar os fatores de estrutura composicional linguística e de contextualização sócio-histórica que podem levar à categorização das cartas pessoais em três subgêneros básicos, a saber, Carta de Amor, Carta de Amigo e Carta de Família. Consideramos que os gêneros passam por processos, que envolvem adaptações (PESSOA, 2002) que os modificam e originam outros gêneros que correspondem aos mesmos propósitos comunicativos. A AVALIATIVIDADE nos auxiliou, então, possibilitando a classificação das cartas de acordo com os elementos léxico-gramaticais usados pelos escreventes para manifestar seus posicionamentos, reflexões e sentimentos, de acordo com o papel social dos interlocutores.

Juridicamente encarado como ato ilícito, porque a vida é um bem jurídico indisponível, o suicídio constitui um ato altamente reprovado nas culturas ocidentais, “marcadas por dogmas cristãos em que a vida é tida como um dom divino e que somente pode ser tirada por uma força também divina” (CATELÃO, 2013, p. 28). O ato suicida, historicamente associado à doença mental (LOPES, 2007), é discutido há várias décadas nas áreas da Saúde, da História, da Sociologia e da Antropologia, para não citar outras. As mensagens de adeus, nesses contextos

específicos, servem de apoio para as discussões propostas pelos pesquisadores das áreas acima mencionadas.

Dentro do campo das ciências da linguagem, essa discussão ainda é incipiente. Devido à pouca quantidade de trabalhos em Linguística com esse gênero discursivo, faz-se necessária, pois, a abordagem das mensagens de adeus num plano de investigação textual-discursiva de uma prática social, de modo a verificar os principais traços linguístico-discursivos, numa construção de significados interpessoais, que constituem o gênero.

Paralelamente a isso, faz-se necessário e urgente trazer à tona essa discussão para o seio dos estudos da Linguística. Estamos tratando de um tema delicado, complexo e, por muitas vezes, ignorado. A ampliação da discussão a respeito desse assunto em outros círculos acadêmicos, para além dos das áreas de saúde, diversifica, consequentemente, os pontos de vista sobre ele. Falar sobre o suicídio num trabalho que mobiliza vertentes dos estudos linguísticos é, acima de tudo, uma forma de buscar meios para o combate a esse problema social que ainda é tido como tabu, haja vista os já mencionados estigmas sociais que o circundam. A esse respeito, De Estefano (2014, p. 185) nos diz que "se uma pessoa tenta se matar para 'chamar atenção', mais ainda ela precisa de muita atenção, ajuda, solidariedade e de pessoas aptas a fazê-lo". Assim, a investigação linguística sobre esse debate é de grande valia aos estudos que já tratam do combate ao suicídio.

Através da escrita de mensagens pessoais, pode-se construir conhecimento sobre nossa história, haja vista que os textos revelam fatos importantes sobre quem as escreveu, o local em que vivia, quando as escreveu, a linguagem empregada (TRAVASSOS; FERREIRA, 2012) e sobre as funções sociais dos recursos linguísticos assumidos. Dessa forma, esse estudo busca fornecer evidências empíricas acerca das mudanças e permanências na língua, nos gêneros envolvidos nessa atividade comunicativa, nos textos e no discurso no contexto a ser analisado, contribuindo com estudos de viés diacrônico e, também, com estudos que observam a língua sincronicamente

O embasamento intelectual necessário para sustentar esta pesquisa, conectando-a ao conhecimento existente e permitindo que a análise seja fundamentada em teorias consolidadas, ajuda a contextualizar o estudo, fornecendo um referencial conceitual para a interpretação dos resultados. Assim, a base teórica para esta análise, a ser descrita mais adiante, constitui outro

ponto extremamente relevante desta pesquisa, uma vez que nos baseamos no entendimento de que "a configuração semântica se realiza léxico-gramaticalmente por expressão congruente" (ASSIS, 2017, p. 37) advindo da Linguística Sistêmico-Funcional, da qual usaremos o Sistema de AVALIATIVIDADE, que dá conta da análise das escolhas linguísticas – refletidas em elementos léxico-gramaticais – feitas pelos escreventes.

Sob a ótica sistemicista, a língua é uma estrutura maleável, sujeita às pressões de uso e constituída por um código parcialmente arbitrário. Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 24) salientam que a maior preocupação dessa abordagem "é compreender e descrever a linguagem em funcionamento como um sistema de comunicação humana e não como um conjunto de regras gerais, desvinculadas de seu contexto de uso".

A língua não é percebida, nesse viés, enquanto um fenômeno isolado, um sistema regulado por regras, sendo compreendida como um sistema de produção de significados através de escolhas, ou seja, como um sistema semiótico; de outra maneira, como um recurso de construção de significado em contextos sociais. Para a Linguística Sistêmico-Funcional (Doravante LSF), a linguagem é um sistema semiótico por ser "um sistema de codificação convencionalizado, organizado como um conjunto de escolhas" (SANTOS, 2014, p. 166) carregadas de valores sociais.

"A LSF analisa sempre produtos autênticos da interação social, aos quais ela chama de texto" (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 25). Assim, a concepção de texto tem relação com fenômenos sociais, e a análise de um texto sob os parâmetros da LSF deve ir além dos elementos léxico-gramaticais, dando conta também de rotinas sociais e formas linguísticas. O texto não pode, nessa perspectiva, ser analisado separadamente de seu contexto de produção. Na concepção de Halliday (1985), ambos – *texto e contexto* – possuem uma relação que é baseada na probabilidade e não no determinismo. Em outras palavras, isso quer dizer que:

> um interactante para alcançar uma meta cultural particular é provável iniciar um texto a partir de um gênero particular, e esse texto é provável se desdobrar em uma forma particular – mas o potencial para as alternativas está inerente na relação dialógica entre linguagem e contexto. Logo, a relação entre um texto e suas condições de produção passa necessariamente pelo contexto em que é produzido e no qual será negociado. Isso significa dizer que há uma relação dialética, interna e dinâmica entre texto e contexto (SANTOS, 2014, p. 169).

No âmbito desta pesquisa, é importante falarmos sobre a Metafunção Interpessoal da linguagem, que contempla a organização da mensagem como evento interativo. Através dela, podemos expressar nossas opiniões, julgamentos e atitudes por meio da interação, que é guiada por papéis de fala, sendo dar e demandar os principais deles (SANTOS, 2014). A partir dela, emerge o Sistema de AVALIATIVIDADE, que está no nível da semântica do discurso (VIAN JR., 2012) e se realiza léxico-gramaticalmente por meio de diferentes estruturas gramaticais. De acordo com Almeida (2008, p. 32) esse sistema é "um dos principais recursos semântico-discursivos que servem para realizar os significados interpessoais no que tange à avaliação de coisas, comportamento das pessoas e seus sentimentos". A mesma autora acrescenta que:

> há dois tipos principais de posicionamentos avaliativos: atitudinal e dialógico. O primeiro corresponde às avaliações positivas ou negativas sobre determinada pessoa, assunto, objeto e situações, realizadas por outros três subtipos de posicionamentos: emocional, ético e estético (ALMEIDA, 2008, p. 33).

A AVALIATIVIDADE insere-se no eixo interpessoal porque as avaliações evidenciam as relações entre os interlocutores (SILVA, 2018). Esse sistema, que "ressalta a natureza interativa do discurso, é utilizado para negociar relações sociais ou interpessoais com o objetivo de dizer ao leitor ou ouvinte como nos sentimos em relação às pessoas ou coisas" (MARTIN; ROSE, 2003).

Outrossim, a AVALIATIVIDADE fornece "pistas para localizar a região semântica das avaliações relacionadas a questões de poder e solidariedade" (VIAN JR., 2012, p. 122). Sobre os parâmetros de poder (ou *status*) e solidariedade, para Martin e Rose (2008), eles constituem duas dimensões nas relações socais, linguisticamente marcadas, mantidas entre os interlocutores. Durante todo o processo de análise dos textos que compõem o *corpus* desta tese, estaremos baseados nesse sistema na medida em que verificamos, nos exemplares, que as escolhas linguísticas dos escreventes refletem a ideologia e a cultura nas quais eles estão inseridos (OLIVEIRA, 2014). Vale mencionar, nesse panorama, que o Sistema de AVALIATIVIDADE envolve três subsistemas: *atitude, engajamento* e *gradação*, dos quais trataremos alguns capítulos mais adiante.

Outro ponto relevante a respeito da escolha deste *corpus* dentro do recorte temporal selecionado é a adequação dos textos ao suporte utilizado. Analisamos documentos divulgados em diferentes formatos, físicos (cartas, bilhetes) e digitais (postagens em redes sociais). A

análise desses exemplares evidencia marcas de mudanças no discurso, ocasionadas, principalmente, pelo caráter mais dinâmico que a internet conferiu aos textos nativos digitais. Em contrapartida, trabalhamos com o princípio de que é provável encontrarmos traços comuns em tais textos, uma vez que eles evocam a tradição da escrita de mensagens de adeus, bem como a tradição da própria escrita de cartas, que se confunde com a tradição da linguagem escrita. Na escrita das mensagens, notamos que o agenciamento dos recursos linguísticos, que incluem a seleção lexical e a estruturação sintática, além da disposição de algumas informações e a escolha de estratégias de polidez ou interativas são elementos que traduzem singularidade e individualidade do escrevente (SILVA, 2018).

Seguindo o estudo de viés sócio-histórico, que pratica "a arte de fazer o melhor uso dos maus dados" (LABOV, 1994, p.11.), buscamos analisar o *corpus* explorando a maior variedade possível de escreventes e contextos de produção que estiverem à nossa disposição. Isso significa afirmar que nosso intuito foi, de forma mais ou menos igualitária, o de selecionar textos produzidos por homens e mulheres, em diferentes décadas do século XX e, pontualmente, no século XXI. Procuramos trabalhar com documentos escritos por pessoas de diferentes classes sociais, histórias de vida e profissões, pois acreditamos que a maior variedade contextual gera uma maior diversidade de possibilidades interpretativas e condições de análise sob outras óticas. Ademais, embora uma grande quantidade dessa produção disponível seja oriunda de nomes ilustres – celebridades, políticos etc. – exploramos arduamente arquivos públicos, notícias jornalísticas e trabalhos acadêmicos à procura de textos feitos por pessoas "anônimas".

Essa procura resultou em um conjunto de 23 documentos textuais (cartas, bilhetes e postagens) escritos por suicidas nos mais variados meios de divulgação (em suportes físicos e virtuais) nos séculos XX e XXI. Devido à certeza de que encontraríamos uma série de obstáculos no trabalho com esse tipo de fonte, demos preferência a documentos encontrados em arquivos públicos, inquéritos policiais e documentos que fazem parte de alguma notícia ou matéria jornalística em suportes físicos ou virtuais. Faz parte do nosso *corpus*, além disso, materiais já coletados em pesquisas anteriores, como as realizadas nas áreas de Psicologia, Psiquiatria, Antropologia, Sociologia e, especialmente, História. Outro fator relevante são os textos nativos digitais, a exemplo de postagens na rede social Twitter – cujos *prints* ilustram matérias jornalísticas que alertam para casos de suicídios entre jovens – que também foram selecionados e representarão, nesse contexto, mensagem de adeus numa configuração digital.

Desse modo, buscamos promover um mapeamento dos recursos léxico-gramaticais nos textos que trazem mensagens de adeus no contexto brasileiro dos séculos XX e XXI, considerando a história social (perfil social dos escreventes/destinatários e contextos de produção). Defendemos, pois, que os gêneros que envolvem as mensagens de adeus, nesse contexto, apresentam um propósito comunicativo delimitado e que há uma relação de proximidade ou distanciamento entre interlocutores. Sendo assim, lidamos com uma prática social culturalmente estabelecida, refletida em textos cujas estratégias linguísticas e textual-discursivas empregadas pelos escreventes refletem a peculiaridade dessa situação comunicativa. Tais recursos empregados são sócio-historicamente situados, a partir dos quais podemos constatar que sentimentos e valores compartilhados por uma comunidade são construídos e difundidos a partir da construção de significados no texto. Assim, podemos afirmar que esta proposta de análise sistemática desses recursos nas mensagens de adeus é inédita no contexto pernambucano e, no contexto nacional, é uma das poucas propostas que consideram esse material como fonte textual de materiais linguísticos.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Compreender como os escreventes estruturam textualmente as mensagens de adeus por meio da mobilização de recursos léxico-gramaticais avaliativos.

1.2.2 Específicos

(a) Identificar quais são os elementos avaliativos presentes nos textos e o que esses elementos indicam;

(b) Examinar as principais avaliações realizadas nos textos e como elas são realizadas linguisticamente a partir do viés linguístico-discursivo e semântico do Sistema de AVALIATIVIDADE, oriundo da Linguística Sistêmico-Funcional;

(c) Interpretar os recursos léxico-gramaticais utilizados pelos escreventes das mensagens de adeus, tendo em vista as redes de escolhas que cada escrevente dispõe e suas relações com a motivação suicida.

1.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Além do Capítulo I, de introdução, o presente trabalho encontra-se organizado em mais seis grandes partes, seguidas pelas considerações finais. No Capítulo II, trataremos exclusivamente da temática do suicídio, do ponto de vista de algumas áreas do conhecimento. Para além de dados estatísticos no Brasil e no mundo, abordaremos como esse tema é visto do ponto de vista da saúde pública, dos estudos da saúde mental, dos estudos das culturas e sociedades ocidentais e orientais e como os estudos linguísticos têm trazido esse enfoque até agora.

Já no Capítulo III, nossa abordagem será sobre os pressupostos teóricos que constituem a LSF. Falaremos sobre as origens do funcionalismo, sobre os conceitos de gênero e registro pontuados por Halliday e Mathiessen (2004), sobre as Metafunções da Linguagem e, com mais ênfase, da Metafunção Interpessoal. No nível da semântica do discurso, nosso foco maior será nos desdobramentos do Sistema de AVALIATIVIDADE, que perpassa toda nossa análise. Veremos os subsistemas envolvidos, a saber, Atitude, Engajamento e Gradação, e de que modo eles se interconectam na produção de significados interpessoais.

O Capítulo IV, dedicado às considerações metodológicas, trará uma descrição do tipo de pesquisa feita (pesquisa documental). Nele, abordaremos informações adicionais e extremamente relevantes sobre as fontes escolhidas para os textos coletados. Veremos, além disso, como é realizado o processo de transcrição dos textos e algumas informações gerais sobre os escreventes que, por questões éticas, tiveram suas identidades preservadas.

Os capítulos de V a VII trazem as análises dos textos coletados. Eles estão divididos segundo o motivo, identificado no corpo dos textos, para o suicídio. Desse modo, o Capítulo V traz uma análise dos elementos avaliativos nos textos cujos motivos explícitos para o autoextermínio envolvem relações amorosas; o Capítulo VI busca categorizar os mesmos elementos em textos cujo escrevente declara não sentir fazer parte do mundo que o rodeia; por sua vez, o Capítulo VII trata das mensagens em que o suicida aborda razões políticas e/ou ideológicas.

Por fim, as considerações finais sintetizam as análises realizadas e, por conseguinte, lançam o olhar para discussões futuras, enfatizando a pertinência dessa temática em meios

acadêmicos e midiáticos. Após as referências bibliográficas, cada um dos 23 textos que compõem nossa análise encontra-se transcrito na íntegra.

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS I: SOBRE O SUICÍDIO E AS MENSAGENS DE ADEUS

Uma vez que o suicídio é um assunto que perpassa todo este trabalho, convém ressaltar que as mensagens de adeus estão inseridas numa vasta gama de estudos, abordagens, pressupostos e correntes teóricas que se propõem a investigar o suicídio, seus precedentes e suas consequências. Nessa perspectiva, este capítulo tem por objetivo situar nossa investigação dentro de tantas outras – dentro e fora do eixo dos estudos da linguagem – que lidam com essa temática. Para tanto, veremos algumas considerações sobre o suicídio dos pontos de vista da Religião, da Filosofia, da Literatura, da Sociologia, da Psicanálise, da Mídia, da Saúde e, por fim, da Linguística, dentro da qual trazemos o conceito do que é nosso objeto de análise.

Ao traçar um panorama das razões e significados da opção pelo suicídio tomada por mulheres e homens de diferentes círculos culturais ao longo dos séculos, Barbagli (2019) baseia-se em Durkheim (1897 [2019]) à medida que promove uma atualização das teorias sobre a morte voluntária difundidas pelo filósofo francês. Para Barbagli, então, o caso mais antigo de suicídio de que se tem notícia atualmente é o relato de Sansão, encontrado no capítulo dezesseis do livro bíblico de Juízes. Sansão teve uma vida marcada por escolhas questionáveis. Após se envolver com uma mulher filisteia chamada Dalila, que foi subornada pelos líderes filisteus para descobrir o segredo de seu poder, Sansão revelou que sua força física estava em seu cabelo, que nunca havia sido cortado. Quando ele adormeceu em seu colo, Dalila chamou um homem para cortar seu cabelo. Sansão acordou e percebeu que sua força o havia deixado. Os filisteus o capturaram, cegaram-no e o levaram para Gaza, onde foi preso e obrigado a trabalhar em um moinho. O texto da Bíblia conclui a narrativa:

> Visto que o coração dele estava alegre, disseram: "Chamem Sansão, para que nos divirta". De modo que chamaram Sansão da prisão para diverti-los; eles o fizeram ficar de pé entre as colunas. Então Sansão disse ao jovem que o segurava pela mão: "Deixe-me tocar as colunas que sustentam a casa, para que eu possa me apoiar nelas". (A propósito, a casa estava cheia de homens e mulheres. Todos os governantes filisteus estavam ali, e no terraço havia cerca de 3.000 homens e mulheres que olhavam enquanto Sansão os divertia.)
>
> Então Sansão se apoiou nas duas colunas centrais que sustentavam a casa, apoiando-se numa com a mão direita e na outra com a mão esquerda. Sansão clamou: "Que eu morra com os filisteus!". Então ele empurrou as colunas com toda a sua força, e a casa caiu sobre os governantes e todos os que estavam ali. Assim, ao morrer, ele matou mais pessoas do que tinha matado durante a sua vida. (JUÍZES 16:26-30)

A história bíblica de Sansão suscita alguns questionamentos em relação a sabermos se se trata ou não de um caso de morte voluntária. A maioria dos teólogos concorda que, na verdade, a atitude do herói cego se deu com o mais altruísta dos objetivos. Nesse viés, é descartado autoextermínio por vingança de seus algozes ou pelo fim do sofrimento causado pela cegueira e pelas dores da mutilação. Pensando sob essa perspectiva, a lógica monoteísta que transparece na história de Sansão é a mesma utilizada por homens e mulheres bomba até os dias atuais (CAMARGO, 2007), sobre os quais falaremos mais adiante.

Outro caso de suicídio encontrado nas Escrituras Sagradas é a célebre morte de Judas Iscariotes. Na Bíblia, Judas é mencionado como um dos doze apóstolos escolhidos por Jesus para segui-lo e disseminar sua mensagem. De acordo com os Evangelhos do Novo Testamento, Judas foi o responsável por trair Jesus, entregando-o às autoridades religiosas e políticas da época. Ele teria feito isso por trinta moedas de prata, de acordo com a narrativa bíblica. A traição de Judas levou, pois, à crucificação de Jesus e, subsequentemente, à sua ressurreição, segundo a crença cristã. Após a traição, a narrativa bíblica relata que Judas se arrependeu de suas ações e tentou devolver as trinta moedas de prata aos sacerdotes. No entanto, eles se recusaram a aceitar o dinheiro e o apóstolo acabou se enforcando. O relato da morte de Judas varia nos diferentes Evangelhos, mas todos concordam que ele encontrou um fim trágico. O evangelho segundo Mateus diz o seguinte:

> Então Judas, que havia traído Jesus, vendo que este tinha sido condenado, sentiu remorso e devolveu as 30 moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: “Pequei quando traí sangue inocente”. Eles disseram: “O que nós temos a ver com isso? Isso é com você!”. De modo que ele lançou as moedas de prata dentro do templo e saiu. Então foi se enforcar. (MATEUS 27:3-5)

Já o livro bíblico Atos dos Apóstolos, escrito pelo apóstolo Lucas, traz outras informações sobre o autoextermínio de Judas Iscariotes:

> Esse homem comprou um campo com o salário da injustiça e, ao cair de cabeça, seu corpo rebentou e todas as suas vísceras se derramaram. Todos os habitantes de Jerusalém ficaram sabendo disso, de modo que aquele campo foi chamado na língua deles de Acéldama, isto é, Campo de Sangue. (ATOS 1:18-19)

Como é possível notar, os evangelistas fornecem relatos bem diferentes da morte do traidor; Mateus escreveu que Judas enforcou-se, enquanto Lucas termina com o corpo de Judas rompido ao meio. Mateus é o único que relata que a morte de Judas se deu por “remorso”, nenhuma outra passagem bíblica ao menos sugere que Iscariotes tenha se arrependido (NETO

SOBRINHO, 2004). Ehrman (2010, p. 60-61) fornece uma possível interpretação para essas duas versões sobre o destino do apóstolo:

> Ao longo dos anos os leitores tentaram conciliar esses dois relatos da morte de Judas. Como ele podia se enforcar e cair 'de cabeça para baixo', para que sua barriga se abrisse e seus intestinos se espalhassem pelo solo? Intérpretes engenhosos, querendo fundir os dois relatos em uma só narrativa verdadeira, tiveram grande dificuldade com isso. Talvez Judas tivesse se enforcado, a corda arrebentado e ele caído no chão de cabeça, se partido ao meio. Ou talvez tivesse se enforcado, e como isso não tivesse dado certo, então subiu em uma rocha alta e se jogou de cabeça no campo. Ou talvez... bem, talvez alguma outra coisa.

O fato de, possivelmente, as mortes de Sansão e de Judas serem alguns dos mais antigos casos de suicídio de que se tem notícia atualmente não desconsidera que reconhecemos que antes disso já havia casos de autoextermínio no mundo. Clássicos se tornaram os casos de mortes voluntárias de Sócrates, em 399 a.C., condenado a tomar cicuta, e da rainha Cleópatra, em 30 a.C., que preferiu deixar-se ser picada por uma áspide a ser capturada pela guarda de Otaviano de Roma, isso só para citar alguns das dezenas de casos notórios ocorridos antes da era cristã. Nas próximas páginas, veremos alguns outros casos de suicídio conhecidos ao longo da história. Mais especificamente, falaremos da autoexecução sob os pontos de vista religioso, filosófico, sociológico, da literatura, da saúde pública, da psicanálise e da linguística.

1.1 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA RELIGIOSO

Ainda insistindo um pouco mais na história de Judas, são curiosas as discrepâncias entre os relatos dos evangelistas. Tão notórias que dão abertura a uma série de teorias sobre os reais propósitos do apóstolo traidor. De acordo com Borges (1972, p. 166), o teólogo sueco Nils Runeberg ressignifica o papel histórico de Iscariotes como parte de uma "economia da redenção", estando ele, então, longe de ser apenas um delator. A ambiguidade na narrativa bíblica também pode ser usada como motivo para se sugerir uma nova motivação para a morte de Judas, conforme afirma Churton (2009, p. 110):

> Quando o arqueólogo israelense Yigael Yadin escavou a fortaleza e o palácio de Massada, o mundo todo descobriu que no ano de 74 d.C. zelotes devotos, em sua determinação de manter sua religião livre da contaminação romana, estavam prontos a cometer suicídio em massa em vez de se render aos romanos. "Nunca novamente!" Talvez Judas tenha se enforcado para não se entregar aos soldados romanos. O cenário político mais detalhado que surgiu dessa pesquisa arqueológica deu outra direção à ideia do suicídio de Judas.

O que sabemos sobre esse personagem é que ele passa, todos os anos, pelo tribunal da condenação pública, no qual é "malhado", vilipendiado e espetacularmente humilhado por pessoas, ou melhor, por alguns cristãos, que não consideram, ou parecem não considerar, que ele faz parte da profecia bíblica e que, assim como outras figuras, ele é responsável pela construção da imagem heroica de Jesus. Agora, deixemos Judas de lado, pelo menos por enquanto. Passaremos a falar sobre a abordagem do suicídio em comunidades religiosas ao longo da história.

Em sua obra clássica *O suicídio* (1897 [2019]), Durkheim argumentou que fatores sociais desempenham um papel significativo na taxa de suicídio em uma sociedade, e a religião é um desses fatores. Ele observou que as taxas de suicídio variam entre diferentes grupos sociais e afirmou que a coesão social e a integração dos indivíduos em uma comunidade desempenham um papel importante na prevenção do suicídio. O sociólogo identificou quatro tipos de suicídio: egoísta, altruísta, anômico e fatalista.

No âmbito da religião, Durkheim argumentou que ela pode exercer influência sobre o suicídio, uma vez que promove a coesão social e a integração dos indivíduos em uma comunidade. A participação religiosa, a crença em uma ordem moral divina e a integração social proporcionada por rituais e laços comunitários podem atuar como fatores protetores contra o suicídio.

No entanto, o filósofo francês também enfatizou que, em algumas circunstâncias, a religião pode contribuir para taxas mais altas de suicídio. Por exemplo, em sociedades com forte controle e pressão social, indivíduos podem sentir-se presos em normas e expectativas religiosas, levando a sentimentos de desesperança e desamparo. De acordo com Barbagli (2019, p. 407), "se o suicídio egoísta era desconhecido nas 'sociedades inferiores', o altruísta era encontrado 'em estado endêmico'". Isso significa afirmar que, àquela época, os estudos realizados nas "sociedades primitivas" apontavam para resultados diferentes do esperado. Barbagli (*op. cit*.) comenta que algumas sociedades caçadoras e coletoras, pastoris ou agrícolas tinham orientação mais favorável à morte voluntária. As crenças que hoje chamamos religiosas têm parte fundamental nessa cultura.

Embora alguns grupos religiosos possam estar, em certos contextos, associados a taxas mais altas de suicídio, a religião desempenha um papel central na construção cultural de

experiências sobre a vida e a morte, como o que é ilustrado nas narrativas presentes nas religiões de matriz africana. Podemos ressaltar uma das lendas que envolve Xangô, divindade associada a características como justiça, força, poder, liderança, sabedoria e equilíbrio. A história relata que Xangô, já idoso e exausto de lidar com os inúmeros problemas da humanidade, toma a decisão de não mais viver. Veste-se, então, com seus melhores trajes, pega um pedaço de corda e, ao meio-dia, sobe a montanha e, diante da árvore *obí*, senta-se e se encanta com o pôr do sol, partindo para o centro da terra.

Para além da visão predominante em várias tradições religiosas de que o suicídio constitui um ato pecaminoso, egoísta ou um desafio à vontade divina, alguns grupos e/ou indivíduos pertencentes a uma minoria radicalizada, levada por uma interpretação extremista das crenças e escrituras religiosas, chegam a cultuar o suicídio. A esse respeito, Camargo (2007, p. 12) considera que essas pessoas cometem "a autodestruição e a destruição de várias outras, legitimando seu ato em nome de Deus".

Nesse sentido, Stern (2004) considera que alguns líderes islâmicos interpretam o Alcorão de modo a justificar ataques terroristas que ocasionam diversas mortes, incluindo a de quem cometeu o ataque. É importante esclarecer que a interpretação do Alcorão, assim como de qualquer texto religioso, pode variar entre os líderes religiosos e estudiosos muçulmanos. O Islã é uma religião diversa, com diferentes escolas de pensamento e interpretações teológicas. Embora existam indivíduos ou grupos que justifiquem ataques terroristas com base em uma interpretação distorcida do Alcorão, é fundamental compreender que essa não é a interpretação predominante ou representativa do Islã. A grande maioria dos muçulmanos e líderes religiosos condena veementemente a violência e o terrorismo (BARBAGLI, 2019).

O Alcorão contém ensinamentos que valorizam a paz, a justiça, a compaixão e a preservação da vida (CAMARGO, 2007). No entanto, assim como em qualquer texto religioso, existem passagens que podem ser interpretadas de maneira diferente. Nesse aspecto, Stern (2004, p. 46) argumenta que, embora o Islã seja expressamente contra o suicídio e o Alcorão declare "não se entregue à destruição com suas próprias mãos", a religião apresenta duas faces: uma espiritual e universalista e outra individual e sectária (CAMARGO, 2007). Assim, na mesma perspectiva, é possível afirmar que:

> na presença Líderes terroristas vêm argumentando há muito tempo que ataques suicidas não são suicídios mas sim atos de martírio, *istishad*. Embora Deus puna o suicídio, premia o martírio. O Corão diz: "Não pense nos que foram abatidos pela causa de Deus como mortos. Nunca; eles estão vivos do Senhor e receberão presentes Dele (3, 169) (STERN, 2004, p. 45).

Dessa forma, ao se verem como pessoas boas, mártires e santos, os terroristas suicidas em nome da religião, na maioria das vezes bastante jovens, usam a arma mais poderosa do seu arsenal: o terror espiritual (STERN, 2004). Assim, quem comete atos de violência e se sacrifica no processo constitui uma realidade preocupante em diferentes partes do mundo.

Camargo (2007, p. 147) salienta, entretanto, que "o ato dos homens e mulheres bombas não pode ser considerado apenas um suicídio ou um suicídio altruísta porque não se trata somente da morte da vítima". Destarte, essas ações suicidas terroristas estão envoltas num contexto socioeconômico, político e religioso. A mesma pesquisadora (p. 145) acrescenta:

> Muitos veem na prática motivos socioeconômicos e culturais: a pobreza, o assassinato de familiares e amigos, e o enfrentamento das violências sofridas, a resistência à invasão do Ocidente, a salvação da cultura e da religião islâmica, a luta social contra a desigualdade, a afirmação do poder islâmico, a invasão do território, o colonialismo; a ideologia reacionária contra a modernização, a globalização e a tecnologia.

Assim, para considerar a questão do suicídio dentro da tradição religiosa islâmica, é necessário levar em conta duas dimensões: a cultural e a religiosa. É importante relembrar que, apesar das influências culturais, a interpretação religiosa oficial do Islã condena o suicídio. Nessa perspectiva, há um crescente reconhecimento da importância da saúde mental, da compaixão e do apoio emocional para aqueles que enfrentam dificuldades, bem como o enfrentamento à criação de novos grupos e células terroristas, que constitui um desafio complexo que requer abordagens abrangentes e multilaterais, tais como cooperação internacional, inteligência, monitoramento, legislação, desradicalização e combate ao financiamento (STERN, 2004).

2.2 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA FILOSÓFICO

Na Grécia Antiga, o suicídio era uma questão complexa e variava de acordo com as diferentes cidades-estado e períodos históricos. Existiam diferentes atitudes e perspectivas em relação ao suicídio entre os antigos gregos (MOSSE, 1979). Em algumas cidades-estado gregas, o suicídio era visto como um ato honroso em certas circunstâncias específicas. Por exemplo, em Esparta, onde o valor da disciplina militar era enfatizado, era considerado corajoso e

honrado para um soldado morrer em batalha ou cometer suicídio antes de ser capturado pelo inimigo. Isso era visto como uma forma de preservar a honra e evitar a desgraça.

No âmbito da filosofia – ou das filosofias – o autoextermínio é encarado em diferentes bases. Consoante Platão (2008), que, inclusive, foi condenado à morte voluntária de acordo com as tradições da época, o suicídio seria autorizado em casos em que se pretende exterminar uma grande dor ou em casos de uma grande vergonha sem saída. Puente (2008, p. 17) nos diz que: "Em geral [...], pode-se dizer que a interdição platônica contra a morte voluntária fica mantida, salvo em caso excepcional, pois é preciso que se cumpra o tempo de vida a nós concedido pelo destino". Nesse sentido, vejamos, agora, algumas correntes filosóficas e, brevemente, o modo como elas encaram a morte voluntária.

A *ética do dever*, também conhecida como deontologia, é uma abordagem ética proposta pelo filósofo Immanuel Kant (1994). Essa teoria ética se concentra nos deveres morais e na obrigação de agir de acordo com princípios morais universais. Segundo Kant, as ações são consideradas moralmente corretas ou erradas com base em sua conformidade com o dever, e não apenas nas consequências dessas ações. Ele argumenta que a moralidade não deve depender de desejos, emoções ou resultados, mas sim na vontade racional e na obediência a princípios morais universais. Kant acreditava que o dever supremo era o respeito pelo valor intrínseco da pessoa, pela dignidade humana e argumentava que todas as pessoas têm um valor intrínseco e devem ser tratadas como fins em si mesmas, nunca como meros meios para alcançar fins pessoais. De acordo com a deontologia, o suicídio é considerado moralmente errado, pois viola o princípio do dever categórico. Kant considerava que o indivíduo tem a responsabilidade moral de preservar sua própria vida.☒Nas palavras de La Taille (2010, p. 114): "para Kant, o suicídio merece ser categoricamente condenado pois equivale a tratar a si próprio como meio, e não como fim: logo, para ele, viver é um dever".

O *existencialismo* é um ramo da filosofia que se concentra na análise da existência humana, da liberdade, da responsabilidade individual, da angústia e da busca pelo sentido da vida. Os filósofos existencialistas exploram questões fundamentais sobre a condição humana e a experiência existencial. Eles argumentam que a existência precede a essência, o que significa que a identidade e o propósito de uma pessoa não são dados de antemão, mas são construídos através de suas escolhas e ações. A liberdade individual é enfatizada, mas também

acompanhada pela angústia e pela responsabilidade decorrentes das escolhas feitas. Existencialistas, como Jean-Paul Sartre, abordam o suicídio a partir da perspectiva da liberdade e da responsabilidade individual. Esses intelectuais consideram que o suicídio é uma escolha existencial radical diante do absurdo da vida, em que o indivíduo confronta a falta de sentido ou o sofrimento extremo. Para Libório e Cunha (2022, p.5), "o indivíduo com ideações suicidas não conseguem fazer reflexões sobre a sua existência, sendo tomado por um vazio existencial, entregue a um sentimento de incompletude e desespero".

Por sua vez, para o *utilitarismo* – teoria ética que foi desenvolvida principalmente por Jeremy Bentham e John Stuart Mill no século XIX –, uma ação é considerada moralmente correta se produzir a maior quantidade de felicidade ou bem-estar possível para o maior número de pessoas afetadas por essa ação. Em contrapartida, uma ação é considerada moralmente errada se resultar em mais sofrimento ou malefício do que felicidade. Sob esse viés, o suicídio pode ser considerado moralmente justificável em certos casos. Se um indivíduo está sofrendo de maneira insuportável e irreversível, e seu suicídio traria alívio e bem-estar para ele e para outras pessoas, alguns utilitaristas podem argumentar a favor do suicídio nesses casos (MAAR, 2022).

Já o *niilismo* é uma corrente filosófica que questiona ou nega a existência de valores, significado objetivo ou verdades universais. Originado do termo latino *nihil* que significa "nada", essa vertente argumenta que a vida e o mundo são desprovidos de sentido intrínseco, valor absoluto ou propósito transcendental. Para alguns niilistas, o suicídio pode ser visto como uma resposta lógica à falta de sentido da existência (BERTOLOTE, 2017). Assim, questionar ou negar a existência de valores, significado objetivo ou verdades universais pode levar algumas pessoas a se sentirem desesperançadas ou com uma sensação de falta de propósito na vida. No entanto, é relevante enfatizar que o niilismo não implica necessariamente uma inclinação para o suicídio. As pessoas têm respostas e atitudes diferentes em relação às questões existenciais e à falta de sentido; dessa maneira, o niilismo não determina diretamente a escolha do suicídio.

2.3 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA LITERÁRIO

O tema do suicídio é abordado em diversas obras da literatura universal, explorando as complexidades e os dilemas emocionais relacionados a essa questão. Alguns autores retratam o suicídio como um ato trágico, resultante do desespero, do sofrimento psicológico e da falta de sentido na vida. O clássico *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe (2010 [1774]), é

um exemplo marcante disso, retratando a personagem principal que tira sua própria vida devido à sua paixão não correspondida.

O livro retrata a forma profunda dos tormentos psicológicos vividos por Werther e como a sua incapacidade de superar uma paixão não correspondida o leva a considerar o suicídio como uma forma de fuga. No final da história, Werther tira a própria vida com um tiro, deixando uma forte marca de tristeza e questionamentos sobre o sentido da vida e os limites do amor.

Os sofrimentos do jovem Werther teve um impacto significativo na época de seu lançamento, levando a um aumento de casos de suicídio entre jovens na Europa. O enredo gira em torno do personagem que dá título ao livro, apaixonado por Charlotte, que é noiva de outro rapaz. Todo o romance está organizado com base nas cartas que Werther enviava a seu amigo Wilhelm, nas quais conta sua paixão, sua incapacidade em lidar com o sentimento não correspondido e sua opção pela morte voluntária, não sem antes escrever uma carta final para a moça, cujo trecho está transcrito a seguir:

> Está decidido, Carlota, quero morrer, e escrevo-te sem nenhuma exaltação romanesca, sossegado, na manhã do dia em que te verei pela última vez. Quando leres esta, minha querida, o túmulo gelado já estará cobrindo os despojos rijos do inquieto, do desgraçado que não conheceu prazer mais doce para os derradeiros momentos da sua vida do que o de se ocupar contigo. Tive uma noite terrível e, por que não dizer, uma noite benéfica. Ela definiu, radicou a minha resolução... Quero morrer! Quando me arranquei ontem de perto de ti, que convulsão sentia na alma, que horrível aperto no coração, ao notar o modo brutal como o meu ser se consumia junto de ti, sem alegria, sem esperança, numa frialdade tenebrosa... Mal pude chegar ao meu quarto. Lancei-me de joelhos, sentindo-me fora de mim, e, oh Deus! Concedeste-me pela última vez o alívio das lágrimas mais amargas. Mil projetos, mil perspectivas lutaram em fúria na minha alma, e por fim ficou ali, firme e inteiriço, o último, o único pensamento…(GOETHE, 2010, p. 72).

Antecipando um pouco do que veremos capítulos à frente, podemos concluir que, se a mensagem acima compusesse nosso *corpus*, ela se enquadraria no Grupo 01, composto por suicídios motivados por causas sentimentais. Em linhas gerais, essa obra foi interpretada como um retrato realista da dor emocional e da impossibilidade de lidar com o sofrimento amoroso. Sobre esse romance epistolar, André (2017, p. 157) nos diz que o protagonista da obra, influenciado pelo modelo epistolar de *A nova Heloísa* (ROUSSEAU, 1994), decide pelo suicídio devido à desilusão amorosa. Em suas cartas finais, Werther reflete sobre a morte como algo simultaneamente terrível e libertador, conectando o suicídio à busca por liberdade eterna.

Essa associação entre "poesia" e "liberdade", típica do romantismo, é interpretada como um meio de alcançar o "abraço poético do impossível" (PINEZI, 2016).

Após a publicação dessa obra, o número de suicídios aumentou significativamente, o que fez com que ela ganhasse, rapidamente, uma aceitação negativa pela igreja. Além disso, “o autor chegou a ser acusado de assassinato e exemplares de seu livro foram retirados preventivamente de circulação” (TRIGUEIRO, 2020, p. 43). Câmara (2014) salienta que na psicanálise, foi cunhado o termo "Efeito Werther", em alusão ao personagem principal do livro, que descreve a ocorrência de comportamentos suicidas semelhantes aos vivenciados por ele. Esse fenômeno geralmente tem uma maior influência quando envolve celebridades ou figuras públicas – como foi o caso, de acordo com pesquisas, do aumento na taxa de autoaniquilamentos na mesma época da morte do músico Kurt Cobain, grande ícone da cultura pop imortalizado como jovem talento. Sobre o efeito Werther, todavia, é importante ressaltar que:

> Muitos suicídios foram atribuídos à leitura de Werther caracterizados, inclusive, pelo figurino usado por aqueles que, na época, se mataram: casaca azul, calça amarela, livro na mão e um disparo na cabeça, seguido literalmente o quadro pintado pelo personagem. Embora nunca tenha sido comprovado o impacto suicida que o romance gerou na sociedade de seu tempo, a onda de suicídios decorrentes da leitura da obra foi nomeada de Efeito Werther e recentemente foi retomada como tema de pesquisas científicas na Alemanha. Curiosamente hoje em dia, mais de dois séculos depois, ainda há notícias de suicídios que fazem alusão ao personagem (ALMEIDA, KOSOVSKI, 2019, p.223).

Outras obras podem abordar o suicídio como um ato de rebeldia contra as normas sociais ou como uma tentativa de encontrar liberdade ou transcendência. O romance *O estrangeiro*, de Albert Camus (1979 [1942]), vencedor do Nobel de Literatura, apresenta um protagonista que comete um homicídio e, posteriormente, encara o suicídio como uma escolha existencialmente absurda. Um ano antes, o autor publicou o ensaio *O mito de Sísifo* (1941), no qual defende que o absurdo surge quando há um confronto entre o homem e o mundo: se um desses elementos for eliminado, o absurdo desaparece. É por essa razão que o ensaio começa com a famosa frase: "Só há um problema filosófico administrativo sério: o suicídio". Diante do absurdo, o homem tem diversas opções, mas as duas primeiras são rejeitadas por Camus: pôr fim à sua vida ou escolher o caminho da religião. Resta-lhe, então, confrontar lucidamente o absurdo.

A literatura também pode explorar as consequências do suicídio para aqueles que ficam, examinando o impacto emocional e as reflexões sobre a vida e a morte. *A revolução dos bichos*,

é uma novela escrita por George Orwell, publicada em 1945. A história se passa em uma fazenda chamada Granja do Solar, onde os animais se revoltam contra seus donos humanos em busca de uma sociedade igualitária. O livro é uma crítica ao totalitarismo e uma alegoria política que reflete a Revolução Russa de 1917 e a ascensão do regime comunista. A narrativa apresenta uma cena em que um personagem tira sua própria vida, deixando os outros personagens a refletir sobre questões morais e filosóficas mais amplas (ORWELL, 2007 [1945]).

Crime e castigo do escritor russo Fiódor Dostoiévski (2001 [1886]) foi publicado em 1866 e, desde então, se consagra como um dos maiores romances já escritos em toda a história da literatura mundial. Micchi *et al.* (2021, p. 47) trazem uma breve síntese do romance:

> *Crime e castigo* (2001) apresenta a vida de um jovem que passa a residir em São Petersburgo com a intenção de estudar Direito, mas, devido à sua situação financeira, deixou de cursar a faculdade para poder ter um melhor sustento. Mesmo assim, ele se encontrava em uma situação de extrema pobreza, sem dinheiro para pagar o aluguel de um minúsculo cubículo, por posse da exploradora Aliena Ivánovna, uma velha usurária. Com isso, Ródion começa a arquitetar um plano de assassinato da velha, acreditando que tal ato melhoraria a vida dele e a dos outros miseráveis inquilinos que ali moravam.

Na obra, o suicídio é um tema importante que permeia a história e tem impacto significativo no protagonista, que contempla a ideia de se livrar do peso de sua culpa e escapar das consequências de seus atos através da morte voluntária. Esses pensamentos são alimentados pela sensação de alienação e isolamento que o personagem experimenta, tanto da sociedade quanto de si mesmo. No entanto, ao longo do romance, o jovem passa por um processo de transformação e busca de redenção. Ele é confrontado com suas próprias motivações e confronta sua culpa de forma mais direta. Eventualmente, ele aceita a responsabilidade por seus atos e percebe a necessidade de se submeter ao castigo como forma de redenção. Embora o suicídio seja uma presença forte na história, ele não se concretiza no personagem, que é levado a uma jornada de autodescoberta e arrependimento, explorando temas de moralidade, justiça e complexidade da condição humana.

O suicídio é um tema recorrente nas obras de William Shakespeare, um dos maiores dramaturgos da literatura mundial. Em várias de suas peças, ele aborda a questão do suicídio como um elemento dramático e trágico, explorando as complicações da condição humana. Os suicidas shakespeareanos são muitos: Romeu e Julieta, Antônio e Cleópatra, Enobarbo, Otelo, Lady Macbeth, Ofélia, Brutus, Cássio, Ticínio, Goneril (ANDRÉ, 2018). Essas mortes trágicas são usadas por Shakespeare para explorar questões profundas sobre o destino, a culpa, o

remorso e a natureza humana. Esperança e Pinezi (2017, p. 6) pontuam que: "Durante o Renascimento, Shakespeare sabia do repúdio que se tinha do suicídio, e mesmo assim colocou esse tipo de sentimento em seus personagens cristãos; com isso, acabaram surgindo muitos julgamentos sobre suas obras".

Sylvia Plath foi uma renomada poetisa e escritora norte-americana do século XX. Sua vida e obra estão intimamente dependentes ao tema do suicídio, e sua própria morte por suicídio aos 30 anos de idade, em 1963, trouxe uma nova dimensão à compreensão de sua obra. Ela foi conhecida por sua escrita intensa e introspectiva, que explorava temas como a depressão, a ansiedade e os conflitos emocionais. Sua poesia e prosa refletiam suas experiências pessoais e a luta constante contra a escuridão e a angústia psicológica. Uma de suas obras mais famosas e influentes, o romance autobiográfico *A redoma de vidro* (1963) foi publicado pouco antes de sua morte e retrata a jornada de uma jovem, que enfrentou uma luta interna com a depressão e a ansiedade, levando-a a um estado de isolamento e desespero. A obra é considerada uma representação vívida e poderosa dos conflitos emocionais vividos por Plath e das pressões sociais e culturais sobre as mulheres na época. A respeito de Sylvia, Alvarez (1971, p. 54) publicou:

> De acordo com as estatísticas oficiais, teriam ocorrido pelo menos outros noventa e nove suicídios na Grã-Bretanha na semana em que Sylvia morreu. Outras vinte e cinco a cinquenta pessoas também teriam se matado no mesmo período sem nunca chegarem às listas oficiais. Nos Estados Unidos, os números teriam sido quatro vezes maiores. A proporção de suicídios para cada 100 mil habitantes é quase a mesma nos dois países. […] Será que existiria, para pessoas criativas como Sylvia, uma espécie de tradição do suicídio, ou será que forças semiliterárias a teriam levado a isso?

Esses exemplos ilustram como a literatura universal tem explorado o suicídio como um tema complexo, proporcionando *insights* sobre as motivações, as emoções e as questões existenciais que envolvem essa ação. Através dessas narrativas, a literatura oferece uma oportunidade de reflexão e compreensão mais profunda sobre as complexidades da experiência humana em relação ao suicídio.

2.4 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA SOCIOLÓGICO

Émile Durkheim foi um sociólogo francês que se destacou por seus estudos sobre a sociedade e suas instituições. Em virtude de ser o pioneiro na criação de um método sociológico que diferenciou a Sociologia das outras disciplinas das Ciências Humanas, ele é amplamente

reconhecido como o fundador da Sociologia. Além disso, ele ocupa um lugar de destaque ao lado de Karl Marx e Max Weber, formando uma tríade da sociologia clássica. Um de seus trabalhos mais conhecidos é *O suicídio: um estudo sociológico*. Nele, Durkheim buscou entender o suicídio como um fenômeno social, investigando as causas sociais e coletivas que influenciam os indivíduos a tirarem suas próprias vidas. Ele argumentou que o suicídio não é apenas um ato individual motivado por fatores psicológicos, mas também é influenciado por fatores sociais (DURKHEIM, 2019 [1887]).

Assim, Durkheim (2019, p. 14) conceitua o suicídio como "um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que ela produziria esse resultado", percebendo que esse ato está relacionado a dois elementos sociais principais: a integração social e a regulação social. Como já mencionamos no início deste capítulo, ele identificou quatro tipos de suicídio com esses elementos básicos:

- Suicídio egoísta: ocorre quando há uma fraca integração social, ou seja, quando os indivíduos se sentem isolados ou desconectados da sociedade. Isso pode acontecer, por exemplo, em sociedades individualistas ou em momentos de rápida mudança social, onde as pessoas podem se sentir alienadas.☒

- Suicídio altruísta: ocorre quando há uma forte integração social, mas com uma baixa regulação social. Isso ocorre em sociedades em que o indivíduo se subordina completamente ao grupo e aos seus valores, a ponto de estar disposto a sacrificar sua própria vida pelos outros, como ocorre em certos contextos religiosos ou extremos militares.☒

- Suicídio anômico: ocorre quando há uma crise de normas e valores sociais, originada em uma falta de regulação social. Isso pode ocorrer em períodos de mudança social rápida, como desastres médicos ou desorganização social, em que as pessoas podem se sentir perdidas e desorientadas.☒

- Suicídio fatalista: ocorre quando há uma regulação social excessiva, com indivíduos vivendo em condições de opressão extrema, quando não veem perspectivas de mudança ou melhoria em suas vidas. Isso pode ocorrer em contextos de totalitarismo ou submissão absoluta.

De acordo com Almeida (2018, p. 122), "o suicídio é explicado como uma questão social que varia de acordo com a razão inversa do grau de interação social dos indivíduos com a sociedade. O elemento central é a coesão social, ou seja, quanto mais existe coesão social menor a taxa de suicídio numa sociedade". Para Durkheim (2019), a coesão social é um elemento essencial na estabilidade e no funcionamento saudável das sociedades. Ele defende que a coesão social é alcançada por meio da integração dos indivíduos em grupos sociais e da internalização de normas e valores compartilhados. Segundo Durkheim (2019), quando os indivíduos se sentem parte de um todo maior e reconhecem sua interdependência com os outros membros da sociedade, a coesão social é fortalecida. Essa coesão é responsável por promover um senso de solidariedade e pertencimento, garantindo o equilíbrio social e a manutenção da ordem coletiva, funcionando como uma força integradora que mitiga as tensões e os conflitos, fortalecendo a harmonia e a estabilidade nas comunidades humanas.

Teixeira (2002), ao analisar a estrita relação entre suicídio e religião na perspectiva de Durkheim, constatou que a religião desempenha um papel importante na influência sobre as taxas de suicídio, uma vez que os tais índices eram mais baixos em comunidades religiosas em comparação com aquelas menos religiosas ou sem religião. Através de rituais, crenças compartilhadas e uma comunidade de fiéis, a religião pode estabelecer, pois, um senso de pertencimento e integração, que atuam como fatores protetivos. O mesmo autor (*op. cit*., p. 151) também considera que a obra de Durkheim:

> propõe a categorização de quatro tipos de suicídios (egoísta-altruísta, anômico-fatalista), baseado no grau de desequilíbrio de duas forças sociais: integração social e regulação moral. Dedica uma parte importante do Livro II (Das causas e tipos sociais) ao suicídio egoísta, cujas altas taxas estariam relacionadas aos fenômenos ligados a uma diminuição da integração social (por exemplo: maiores taxas entre homens solteiros do que entre casados).

Numa perspectiva complementar, Karl Marx – considerado um dos pensadores mais influentes na história da sociologia porque desenvolveu uma teoria abrangente sobre a sociedade, a economia e a política, conhecida como marxismo – baseou-se na análise das relações de classe e na compreensão das estruturas sociais em termos de conflito e luta de classes. Sobre seus estudos e escritos, Almeida (2018, p. 128) nos diz que Marx foi o responsável pela criação do materialismo histórico-dialético, um método que rompe com o idealismo e prega a ideia da práxis, ou seja, a junção da teoria e da prática como ação transformadora da realidade.

Dentre as suas questões relacionadas ao modo de produção capitalista, apesar de não ter produzido uma obra extensa como Durkheim, Marx também demonstrou interesse pelo tema do suicídio e escreveu um ensaio intitulado *Sobre o suicídio*. Nesse ensaio, Marx (2006) baseou-se nas informações recebidas por Jacques Peuchet, um funcionário da polícia francesa, que relatou quatro casos de suicídio. Sobre um desses casos, Marx (*op. cit.*, p. 32) considera que:

> **As pessoas mais covardes**, as mais incapazes de se contrapor, **tornam-se intolerantes assim que podem lançar mão de sua autoridade absoluta de pessoas mais velhas. O *mau uso* dessa autoridade é igualmente uma *compensação grosseira*** para o servilismo e a **subordinação aos quais essas pessoas estão submetidas, de bom ou de mau grado,** na sociedade burguesa. (grifos do autor)

Marx argumentava que o sistema capitalista era alienante e explorador, levando à alienação dos trabalhadores e à desumanização das relações sociais. Ele via o trabalho assalariado como uma forma de opressão, na qual os trabalhadores eram alienados de sua própria essência e do produto de seu trabalho, tornando-se meros instrumentos de produção para a classe capitalista, e essas alienação e exploração intensa podem ter consequências negativas para a saúde mental dos indivíduos. A falta de controle sobre o próprio trabalho, a precariedade, a desigualdade econômica e a falta de perspectivas podem gerar sentimentos de desespero, angústia e alienação, fatores que podem aumentar o risco de suicídio.

Embora Marx não tenha discutido abertamente as causas do suicídio em sua obra, sua análise crítica das estruturas sociais do capitalismo lança luz sobre as possíveis influências sociais e alcoólicas que podem contribuir para o suicídio. Sua visão do impacto negativo do sistema capitalista na vida dos indivíduos pode ser considerada relevante para compreender o contexto social em que ocorre o suicídio, sendo, portanto, uma abordagem complementar à de Durkheim.

2.5 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA DA PSICANÁLISE

De acordo com a psicanálise, o suicídio pode ser visto como uma manifestação extrema de angústia, desespero e sofrimento psíquico. Freud (1901), o fundador da psicanálise, descreveu o impulso de morte como uma força interna que pode se manifestar de várias maneiras, incluindo o desejo de autoaniquilação. A partir das características do suicídio, a psicanálise nos proporciona uma visão sobre o funcionamento do inconsciente e sua propensão autodestrutiva. Ela ressalta a importância de um estudo de caso clínico individual, no qual a

interpretação da singularidade de cada pessoa contribui para compreender uma complexa interconexão de fatores que impulsionam o indivíduo a buscar sua própria morte.

Na perspectiva freudiana, o conceito de pulsão de morte é uma das principais ideias da teoria psicanalítica. Freud postula que, além do impulso de vida (Eros), existe uma força interna chamada "pulsão de morte" ou "Thanatos", que representa um impulso inato e inconsciente para a autodestruição, a desintegração e o retorno ao estado inanimado. Ele descreve a pulsão de morte como uma força oposta à pulsão de vida, e acreditava que essas duas pulsões estavam constantemente em conflito e interação dentro da mente humana. Enquanto a pulsão de vida busca preservar e unificar, a pulsão de morte busca a desintegração e a separação (NETO; AZEVEDO, 2015).

De acordo com Maia (2021), a partir dos conceitos de pulsão de morte e pulsão de vida, podemos perceber indivíduos com vários tipos de doenças psíquicas e comportamentos relacionados à autodestruição. O sujeito que apresenta comportamento suicida ou impulsos agressivos desse tipo possui um padrão de conduta patológico que se origina da direção do sadismo contra si mesmo. O fenômeno psíquico do masoquismo secundário pode ser interpretado de acordo com a mesma dinâmica aplicada na análise psicanalítica de qualquer ato humano, como uma manifestação superficial que encobre uma realidade subjacente, um conteúdo latente que escapa ao conhecimento consciente do indivíduo.

A culpa gera no indivíduo a percepção de que seu ego está sujeito às críticas do superego, que se manifesta de forma essencialmente crítica e desenvolve uma resistência e severidade extraordinárias em relação ao ego. Na melancolia, o superego direciona sua ira contra o ego com uma violência implacável, como se tivesse se apropriado de todo o sadismo disponível no indivíduo. Segundo Freud, a melancolia não se limita apenas a casos de perda em ocorrência da morte, mas abrange todas as situações em que há ofensa, desprezo e decepção, em que existe uma ambivalência entre amor e ódio. A esse respeito, Brunhari e Darriba (2010, p. 67) comentam:

> Se o mandamento "Não matarás" se refere ao próximo, bem como a si próprio, pode-se afirmar que não dirigir o rancor e a ira contra o próximo se dá de forma mais expressa em outro mandamento: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo". Esse mandamento chama a atenção de Freud diante de sua patente impossibilidade e da desvalorização do amor sob tal preceito. É nessa medida que a função da civilização, ou da cultura, de ajustar os relacionamentos mútuos passa despercebida sobre a

> agressividade original daquele a quem a lei manda amar e também daquele que é impelido. Assim, "a lei não é capaz de deitar mão sobre as manifestações mais cautelosas e refinadas da agressividade humana" (FREUD, 1930 [1929]/1996, p.117).

É possível perceber, portanto, que existe uma diferença entre experimentar o suicídio como um assassinato de si mesmo e reconhecer que o indivíduo que tira a própria vida não deseja morrer. A proposta de Freud é que as tentativas de suicídio revelam uma intenção inconsciente que pode ser disfarçada como um acidente casual. Ele argumenta que existe uma tendência à autodestruição presente em certa medida, e que os ferimentos autoinfligidos são frequentemente um compromisso entre essa pulsão e as forças que se opõem a ela (Freud, 1901 [1969]). Freud apontava a presença de uma pulsão que impulsionava à autodestruição, que pode ser considerada como um precursor da pulsão de morte, subjacente às experimentadas por suicidas, tanto conscientes quanto inconscientes. Brunhari e Darriba (2014, p. 200) nos dizem que "segundo o autor, duas forças se opõem e os ferimentos autoinfligidos surgem a partir da tendência à autodestruição que supera as forças que se lhe opõem. Esse prenúncio da desfusão pode ser antevisto nas considerações de Freud (1901[1969]) sobre o suicídio como pertencente à categoria de equívocos na ação".

> Freud evidencia a ligação entre os conceitos ao afirmar que o indivíduo só atenta contra a própria vida mediante a renúncia da autopreservação e aponta o narcisismo como desencadeante dessa condição. Ao postular a existência das pulsões de vida (Eros) e de morte (Thánatos), ele aponta que a atuação simultânea e conflitante das pulsões produz os mais diversos fenômenos da vida, inclusive o suicídio. A entrada do indivíduo em um estado melancólico se daria pela supressão da pulsão de vida pela pulsão de morte, estando, a compreensão desse processo, referida à estrutura psíquica do sujeito e a questões relativas ao sadismo e masoquismo (FREITAS, 2018, p. 39).

Lacan (2004 [1962-1963]), por sua vez, ao falar da angústia, afirma que ela é um afeto, o que a coloca em uma relação estrutural com o sujeito e a caracteriza como não suscetível de ser reprimida. Essa abordagem coloca a angústia em um espaço onde ela está à deriva. Essa posição fora da rede monitorada permite que o autor se expresse graficamente por meio de um quadro em que os termos *acting out* e "passagem ao ato" são relacionados à angústia. O próprio Lacan nos diz que:

> A angústia é suficientemente repelida, desconhecida, na simples captura da imagem especular, i(a). O máximo que se pode desejar é que ela se reflita nos olhos do Outro – mas nem isso é necessário, já que existe o espelho (2004 [1962-1963], p. 361).

Na teoria de Lacan, a inibição, o sintoma e a angústia são conceitos fundamentais que desempenham papéis distintos, mas interconectados. A inibição refere-se à restrição ou

bloqueio de uma ação ou expressão do sujeito; é uma forma de defesa que surge como resultado de conflitos internos, especialmente em relação aos desejos inconscientes. O sintoma, por sua vez, é uma manifestação acompanhada que representa o compromisso entre o desejo inconsciente e as demandas sociais e culturais, sendo uma expressão do inconsciente, um modo pelo qual o sujeito lida com seus conflitos internos e tenta encontrar uma forma de expressar seus desejos reprimidos. Lacan enfatiza que o sintoma possui um significado simbólico e precisa ser interpretado para desvendar seu sentido oculto (COPPUS, 2013).

Na abordagem psicanalítica, especialmente em Freud, a compreensão do suicídio não segue uma sequência linear e, geralmente, está relacionada ao estudo das neuroses e psicoses. Portanto, é difícil categorizar o sofrimento do indivíduo em uma única categoria, como um diagnóstico, pois isso pode ser uma tarefa complexa.

> A teoria freudiana de mal-estar na civilização é endossada por Lacan na sua proposta de discussão sobre a circulação do gozo na cultura. O gozo, de acordo com Lacan (1972, p. 220) é aquilo que não serve para nada. Em articulação com a pulsão de vida e pulsão de morte, influenciaria significativamente os laços sociais construídos pelo sujeito. A teoria lacaniana de pulsão, distinta das pulsões em Freud, aponta para uma "antinomia interna à pulsão, na qual satisfação e sofrimento estão em um nó indissolúvel" (Silva e Couto, 2009, p. 6). O termo gozo nomeia as duas instâncias e centraliza a questão do sadismo e do masoquismo (FREITAS, 2018, p. 19).

Já a angústia é um afeto fundamental que surge quando o sujeito se confronta com o real, que é caracterizado pela falta, incompletude e impossibilidade de satisfação plena. A angústia é uma resposta à falta estrutural da existência humana e atua como um sinal de que algo escapa à compreensão e ao controle do sujeito. Lacan considera que a angústia é uma força motriz que pode levar o sujeito a buscar respostas e enfrentar os desafios do desejo inconsciente e, ao ponderar sobre a função do luto nessa articulação, esquematiza a seguinte tabela:

Tabela 1 - Luto

I	desejo de não ver	impotência	conceito de angústia
S	desconhecimento	onipotência	suicídio
A	ideal	luto	angústia

O nível escópico

Fonte: Lacan (2004 [1962-1963]).

Para Lacan, na melancolia, lida-se com algo diferente do mecanismo de retorno da libido no luto e, por isso, o processo, toda a dialética se constrói de outra maneira. A melancolia é um fenômeno distinto do luto, pois envolve uma dinâmica psíquica diferente. Enquanto no luto há um processo de retorno da libido, à medida que o indivíduo elabora a perda do objeto amado, na melancolia esse mecanismo de retorno não ocorre da mesma forma. O processo melancólico se constrói de maneira peculiar, com uma dialética própria.

Além do exposto, convém mencionar que a psicanálise ainda destaca a importância do inconsciente na compreensão do suicídio através da análise dos sonhos, das fantasias, dos lapsos freudianos e dos outros fenômenos inconscientes, buscando, desse modo, acessar os desejos e os conflitos profundos que podem estar por trás do impulso suicida. Ademais, a psicanálise também reconhece a importância de fatores sociais, familiares e culturais no desenvolvimento e no enfrentamento do sofrimento psíquico.

2.6 O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA MIDIÁTICO

A origem do pensamento contemporâneo sobre o fenômeno do espetáculo pode ser atribuída ao pensador situacionista francês Guy Debord (1967); a primeira parte do livro, intitulada *A sociedade do espetáculo* (mesmo título da obra), estabeleceu as bases desse pensamento. A obra e o Movimento Situacionista Internacional, com suas práticas de deriva urbana e intervenções que buscavam reorganizar a realidade cotidiana, desafiando a representação psicológica dos indivíduos e instigando-os a agir contra qualquer forma de

opressão do sistema, desempenharam um papel significativo nas reflexões e ações dos estudantes durante os eventos de maio de 1968 na França[1].

O suicídio de indivíduos sozinhos ou em grupo deixou de ser um ato puramente privativo para sê-lo em público, como se fosse um *show*, em nome de uma causa muitas vezes incompreensível, principalmente se esta é direcionada para ser decodificada pela cultura ocidental. O ator do gesto suicida comporta-se como se fosse personagem de uma tragédia, como que uma lei acima dele o empurrasse para o ato final. "É a vitória da pulsão de morte, o triunfo do ódio e do sadismo. Também é o preço muito caro, sempre pago para sustentar inconscientemente uma posição de domínio, na alienação mais radical, pois o sujeito está até mesmo prestes a pagá-la com sua vida" (CHEMAMA, 1995, p.10).

Nessa perspectiva, *o suicídio na era do espetáculo* é uma expressão que remete a uma reflexão sobre a influência da mídia e da sociedade contemporâneas na maneira como o suicídio é consciente, discutido e convencido. O termo foi popularizado pelo sociólogo francês Jean Baudrillard (1995). Na sociedade atual, com o advento da internet, das redes sociais e da cultura do compartilhamento instantâneo, o tema do suicídio muitas vezes é tratado de maneira sensacionalista e espetacularizada pelos meios de comunicação. Esse fenômeno ocorre quando casos de suicídio são tratados de forma exagerada, dramática ou exploratória, visando atrair a atenção do público e gerar impacto emocional. Casos de suicídio recebem uma ampla cobertura midiática, muitas vezes sem considerar as causas éticas e os potenciais efeitos negativos para as pessoas.

Em uma primeira análise, pontuamos que esse fenômeno pode levar a uma glamourização ou romantização do suicídio, contribuindo para uma possível contaminação social. Isso ocorre quando a exposição repetida e detalhada de casos de suicídio aumenta a

[1] Aqui, nos referimos à onda de protestos e movimentos estudantis que marcariam profundamente a sociedade francesa e influenciariam as perspectivas políticas e sociais em todo o mundo. O movimento estudantil, liderado principalmente por estudantes universitários em Paris, começou como uma manifestação contra questões específicas, como as políticas educacionais conservadoras e a rigidez do sistema universitário. No entanto, rapidamente se transformou em uma revolta mais ampla contra as estruturas sociais e políticas estabelecidas, com demandas por mudanças radicais em vários aspectos da sociedade, incluindo questões de igualdade de gênero, liberdade de expressão e justiça social. Os protestos culminaram em greves em larga escala, ocupações de universidades e confrontos violentos com a polícia, que ecoaram por todo o país e desafiaram diretamente o governo francês, liderado na época pelo presidente Charles de Gaulle. Este momento histórico deixou um legado duradouro, inspirando gerações posteriores de ativistas e transformando as mentalidades políticas e sociais na França e além.

probabilidade de outras pessoas considerarem ou realizarem atos suicidas, como resultado da identificação com o indivíduo retratado ou da busca por uma forma de fuga. Numa outra perspectiva, reconhecemos que a cultura contemporânea de busca por fama e reconhecimento rápido também pode influenciar a maneira como algumas pessoas encaram o suicídio. A exposição midiática intensa pode criar um contexto em que o ato suicida é visto como uma forma de obter notoriedade, principalmente se o autoextermínio estiver associado a massacres ou atentados, nos quais "os aspectos destrutivos dirigidos ao outro, a indiferença por si e pelo objeto, para no derradeiro ato dar fim à vida, mas não sem antes tornar o gesto grandioso e midiático" (GERCHMANN; ANTUNES, 2019, p. 113). Nesse sentido, Consoante Hwang e Kovács (2019, p. 86):

> A partir do acesso à internet, há vários sites e imagens que exibem cenas suicidas. Tais sites e as próprias redes sociais não são passíveis de controle, de modo que o suicídio está disponível a todos e a qualquer momento (Marquetti, 2017). Essa perspectiva traz à luz a compreensão de que a exposição do suicídio, como veiculada na série *Os 13 porquês*, não é o fator primordial e único para provocar contágio, uma vez que as imagens suicidas que possivelmente têm efeito imitativo podem ser acessadas sem censura na internet, e estão presentes em todos os lugares.

O já abordado "efeito Werther" se faz presente na nossa sociedade, marcada pelo consumo e pelo estilo de vida pós-moderno e volátil que pode levar as pessoas à identificação com o suicídio de famosos. Trigueiro (2020, p. 43) enfatiza, como exemplo, que, em agosto de 1962, a notícia da morte de Marilyn Monroe "teria determinado a elevação da taxa de mortalidade por autoextermínio nos Estados Unidos em 12% [...], com 303 casos acima da média histórica para o período, entre outros casos registrados pelo mundo". Um fato bastante curioso a esse respeito é que a causa da morte da atriz nunca ficou suficientemente clara. Ela foi encontrada morta em sua casa, aos 36 anos de idade. Sua morte foi oficialmente declarada como *overdose* de drogas, mas até hoje existem teorias e especulações sobre as circunstâncias exatas de sua morte. Suicídio é, de acordo com os biógrafos (MAILER, 1973; PLANTAGENET, 2013.), apenas uma das hipóteses levantadas, e nem sempre a mais aceita. Tudo que envolve o falecimento da *bombshell*[2] é demasiado nebuloso, a ponto de nem a data exata do óbito ser consenso entre os especialistas. A controvérsia em torno da morte de Monroe reflete a complexidade de sua vida e carreira, além de alimentar debates sobre o lado obscuro da indústria do entretenimento e os desafios enfrentados pelos ícones do cinema.

[2] Mulher bombástica. Termo precursor de *sex symbo*l.

Ainda no século XX, no dia 05 de julho de 1993, o telejornal *Aqui Agora*, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), exibiu, às 20h30, o suicídio de uma jovem de 16 anos, que pulara, às 11h do mesmo dia, de um prédio no centro de São Paulo. A equipe de reportagem da emissora, sob a liderança do jornalista Sérgio Frias, chegou simultaneamente com os socorristas ao local, pois já se encontrava na região central de São Paulo quando recebeu um chamado urgente do departamento de jornalismo da emissora. Os jornalistas estavam conectados à mesma frequência de rádio utilizada pela polícia e pelos bombeiros, o que permitiu que chegassem ao prédio antes que a garota cometesse o ato de pular. A transmissão do suicídio resultou em um aumento de 33,5% na audiência do programa, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope). Os dez minutos de reportagem alcançaram uma média de 20 pontos de audiência na região metropolitana de São Paulo, o que equivalia, na época, a cerca de 800 mil domicílios sintonizados[3]. No dia seguinte, uma amiga da adolescente, de 15 anos, concedeu uma entrevista à Folha de São Paulo explicando que ela sofria, há três anos, por um amor que não era correspondido, e que a dor seria o único motivo para que ela decidisse colocar um ponto final em tudo, uma vez que a suicida não deixou nenhuma mensagem de adeus. No ano seguinte, o SBT foi condenado a pagar um milhão de reais numa ação movida pela família da jovem.

Toda essa problemática também se relaciona ao tema da cidade e da metrópole, um espaço marcado pela busca de identidade e segmentação das relações sociais (HWANG; KOVÁCS, 2019). Marquetti (2018) considera que o modo de construção das cidades, seus aspectos arquitetônicos e geográficos, influenciam na vida e na morte dos sujeitos. Na contemporaneidade, o suicídio na cidade é um evento que ocorre de forma evidente e notória, estando intimamente ligado às características da pós-modernidade, aos aspectos socioeconômicos urbanos, à história de construção das metrópoles e às influências estéticas da cultura local. No contexto do espetáculo do ato suicida, a pessoa que decide tirar a própria vida deixa de ser vista como um sujeito e passa a ser tratada como uma imagem ou uma cena, que será transmitida aos espectadores da metrópole, seja em tempo real ou através dos meios de comunicação (MARQUETTI, *op. cit.*).

[3] https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/em-1993-aqui-agora-exibiu-suicidio-de-adolescente-e-chocou-o-brasil-4722. Acesso em 23/08/2002

Hwang e Kovács (2019, p. 90) afirmam que “a existência de uma força magnética/atrativa – fascínio sobre o local e a exaltação do suicídio, que parece ser tão contagiante, a ponto de ocasionar outros suicídios no mesmo espaço”. Nessa perspectiva, as autoras listam alguns lugares, no Brasil e no mundo, onde são comuns os suicídios consumados e as tentativas de suicídio. São eles:

- *Ponte Golden Gate*, nos Estados Unidos: ao longo dos anos, a ponte tem sido associada a uma alta taxa de suicídios devido à sua acessibilidade, altura e histórico de casos relatados. Os suicídios na Ponte Golden Gate são um fenômeno trágico e complexo. De acordo com Hwang e Kovács (2019, p. 90), “desde sua inauguração em 1937, cerca de mil pessoas pularam da ponte, razão pela qual passou a ser denominada mundialmente como a “ponte dos suicidas”. Assim, várias teorias e abordagens têm sido propostas para entender os motivos por trás desses casos, incluindo fatores individuais, problemas de saúde mental, influências sociais e estruturais, entre outros. As autoridades e organizações têm implementado medidas para tentar prevenir os suicídios na Ponte Golden Gate, como a colocação de cercas de segurança e ações de conscientização sobre a importância da saúde mental e a disponibilidade de recursos de apoio. No entanto, esses esforços continuam sendo um desafio, e o tema dos suicídios na Ponte Golden Gate permanece sendo uma preocupação.

- *Ponte Mapo*, na Coreia do Sul: a Coreia do Sul apresenta a maior taxa de suicídio entre os países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A Ponte Mapo, localizada em Seul, capital do país, é o local com o maior número de incidentes, registrando 108 mortes de 2008 a 2013. Uma campanha publicitária promovida pelo Seguro Samsung na Coreia do Sul obteve sucesso ao reduzir em 85% a taxa de suicídios no país, que anteriormente estava entre as mais altas do mundo, de acordo com a OCDE. A campanha, iniciada em dezembro de 2012 e premiada com o *Cannes Lion* em 2013, teve como objetivo evitar que o governo sul-coreano fechasse a ponte ou construísse muros para impedir tentativas de suicídio. A Ponte Mapo, anteriormente conhecida como uma das "pontes suicidas" que atravessam o rio Han, em Seul, agora é chamada de "ponte da vida" graças a essa campanha. O projeto levou um ano e meio para ser implementado e consistiu na instalação de sensores

ao longo das laterais da ponte. Quando alguém se aproximava da borda, os sensores ativavam luzes localizadas próximas à área de segurança que muitas pessoas usavam para subir antes de se jogarem[4].

- *Metrô da Cidade de São Paulo*: é comum observar a diminuição da velocidade dos trens e, em seguida, ouvir uma voz tranquila ecoar nos alto-falantes: "Velocidade reduzida devido a uma ocorrência com um usuário na linha". É de forma impessoal e distante que a notícia é transmitida aos passageiros do vagão: alguém se jogou nos trilhos. O trem precisa diminuir a velocidade para que o corpo seja removido. É uma situação perturbadora, sem dúvida, pois ninguém gosta de falar sobre a morte, ainda mais quando é presenciada por tantas pessoas e ocorre de forma tão pública.

Num contexto mais próximo, podemos mencionar o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Uma rápida observação dos registros efetuados pela direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), relativos aos suicídios ocorridos desde 1997, sugere que poucos suicidas eram estudantes da UFPE. A administração do *campus* prometeu melhorar a segurança e aplicar outras medidas para que esses tristes acontecimentos acabem, mas não é o que dizem os alunos, que falam de um forte esforço da administração da universidade em esconder o acontecido. Em meados de 2011, a administração do centro gradeou as janelas do prédio (FALK, 2011), mas, ainda assim, a medida parece ter surtido pouco efeito.

Nesse doloroso contexto, alguns podem se perguntar sobre qual seria, então, o papel da mídia na divulgação ou prevenção do autoextermínio. A Organização Mundial da Saúde (OMS) (2000, p. 3) revela que:

> O suicídio é talvez a forma mais trágica de alguém terminar a vida. A maioria das pessoas que consideram a possibilidade de cometer o suicídio são ambivalentes. Elas não estão certas se querem realmente morrer. Um dos muitos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável a efetivamente tirar sua vida pode ser a publicidade sobre os suicídios. A maneira como os meios de comunicação trata casos públicos de suicídio pode influenciar a ocorrência de outros suicídios.

[4] https://designculture.com.br/ponte-da-vida-uma-campanha-publicitaria-que-reduziu-em-85-a-taxa-suicidios-na-coreia-do-sul/. Acesso 27/09/2022

Philips *et al.* (1992) comentam que há um aumento nos casos de suicídio até 10 dias após a veiculação de notícias na televisão. Da mesma forma que na mídia impressa, histórias amplamente divulgadas, que aparecem em diversos programas e canais, parecem ter um impacto maior – especialmente se envolverem celebridades. No entanto, há estudos contraditórios em relação ao impacto de programas de ficção: alguns não mostraram efeito algum, enquanto outros indicaram um aumento no comportamento suicida.

Assim, é importante reconhecer que a maneira como um tema é abordado na mídia, seja oficial ou informal, é sempre influenciada culturalmente. Isso resulta de um conjunto de práticas que interagem para cumprir funções sociais, estabelecendo normas e produzindo comportamentos e subjetividades. Além disso, é necessário considerar que não é uma tarefa simples falar sobre algo que é perturbador e que pode ser vivenciado como uma violência concreta e simbólica (BTESHE, 2018).☒Dessa forma, de acordo com a OMS, o relato de suicídios de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa, por meios de comunicação esclarecidos, pode prevenir perdas trágicas de vidas.

Bteshe (2018, p. 256), na mesma linha de raciocínio, argumenta que "um primeiro passo foi dado, libertando-o do ideário de que este assunto não deve ser falado publicamente. Contudo, a socialização dos conhecimentos sobre o tema só pode ser feita de forma participativa e dialética". Trigueiro (2020) defende que o tratamento menos preconceituoso e dogmático pode ajudar a preservar vidas e acrescenta que "noticiar acerca do suicídio de uma forma apropriada, cuidadosa e potencialmente útil pelas mídias esclarecidas poderá prevenir trágicas perdas de vida por suicídio" (p. 46). Nesse sentido, Hwang e Kovács (2019) salientam que as reportagens devem ser elaboradas com o objetivo de promover debates e, também, fornecer informações sobre canais e instituições que possam oferecer ajuda àqueles que, ao ler, ouvir ou assistir à matéria, possam sentir-se sensibilizados e refletir sobre os diversos fatores que contribuem para o suicídio em determinados grupos. O papel do jornalista, portanto, não se limita a informar que uma pessoa faleceu por suicídio, mas ele também deve ampliar a discussão sobre o tema, conscientizando a população por meio de informações e esclarecimentos.

No contexto de nossa pesquisa, algumas das mensagens de adeus a serem analisadas mais adiante foram retiradas de redes sociais, acompanhando matérias jornalísticas que noticiavam a morte dos escreventes (majoritariamente muito jovens), bem como as motivações

suicidas e investigações abertas pela polícia em dois casos mais particulares que estarão no Capítulo V: duas adolescentes que optaram pelo autoextermínio após a divulgação inconsentida de fotos íntimas. Tal ação configura, hoje, o que é conhecido pelo termo *revenge porn*[5], prática que evidencia a "capilaridade e nocividade do machismo que, no caso da intolerância, norteia concepções estereotipadas de gênero na sociedade" (HARTMANN, 2018, p. 14).

2.7 O SUICÍDIO COMO UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

O termo "comportamento suicida" é utilizado para descrever uma ampla gama de comportamentos relacionados à ideação suicida e à tentativa de suicídio. Isso inclui tanto as ameaças, os planos e as intenções de tirar a própria vida, quanto os casos em que a pessoa efetivamente consuma o ato suicida. De acordo com Werlang (2013, p. 26), "é correto falar sobre comportamento suicida, pois isso engloba uma situação de pessoas que ameaçam tirar sua vida, mas não logram efetivação. Por outro lado, há pessoas que conseguem levar o suicídio às últimas consequências". Nessa perspectiva, abordaremos, agora, alguns dados estatísticos relacionados ao autoextermínio de acordo com fontes ligadas à Organização Mundial da Saúde.

De acordo com Botega (2014, p. 231), "a cada 45 segundos ocorre um suicídio em algum lugar do planeta. Há um contingente de 1.920 pessoas que põem fim à vida diariamente". Segundo o mesmo autor, esse quantitativo "supera, ao final de um ano, a soma de todas as mortes causadas por homicídios, acidentes de transporte, guerras e conflitos civis (VÄRNIK, 2012; WHO, 2014)". A figura abaixo ilustra o coeficiente de mortalidade por suicídios no planeta, no qual é representado o número de suicídios para cada 100.000 habitantes ao longo de um ano.

[5] De acordo com Hartmann (2018), essa prática consiste na distribuição de conteúdo sexualmente explícito, geralmente imagens ou vídeos, sem o consentimento da pessoa retratada, com a intenção de causar dano emocional, vergonha ou humilhação. Esse fenômeno envolve a violação de privacidade e pode ser considerado uma forma de abuso e violência digital. Além de questões éticas e morais, o *revenge porn* tem implicações legais, sendo tipificado como crime em diversos países. As vítimas frequentemente enfrentam consequências psicológicas severas, incluindo depressão, ansiedade e, em casos extremos, tendências suicidas. Tecnicamente, a propagação desse tipo de conteúdo pode ocorrer através de plataformas de redes sociais, *sites* pornográficos ou mesmo por mensagens privadas, o que exacerba a dificuldade de controle e remoção do material disseminado.

Figura 1- Coeficientes de mortalidade por suicídio (por 100.000 habitantes), segundo a Organização Mundial da Saúde, tomando por base dados de 2009

Fonte: WHO, 2014.

Embora a problemática do suicídio persista em países de economia avançada, é nos países de baixa e média rendas que se concentra a maior parte da carga global de suicídios. Esses países enfrentam dificuldades consideráveis para prevenir o suicídio, pois não possuem recursos suficientes e infraestrutura adequada para lidar com a crescente demanda por assistência em saúde mental. Devido à falta de recursos econômicos e humanos, bem como a baixas alocações orçamentárias para a saúde em geral e a saúde mental em específico, esses países encontram-se em desvantagem na implementação de esforços e atividades efetivas de prevenção do suicídio em uma escala necessária para reduzir o número de vidas perdidas para o autoextermínio.

Em nosso país, nessa perspectiva, de acordo com o Boletim Epidemiológico nº 52, divulgado pelo Ministério da Saúde, o autoaniquilamento é a 4ª maior causa de jovens entre 15 e 29 anos, superando os acidentes de trânsito, a violência urbana e algumas doenças infectocontagiosas. Entre os jovens, de acordo com um boletim divulgado pelo Governo do Estado da Bahia[6], entre os jovens, de 2010 a 2019, cerca de 96,8% dos casos de suicídio estavam relacionados a transtornos mentais. Em primeiro lugar está a depressão, seguida do transtorno bipolar e do abuso de drogas. Também são fatores de risco para o suicídio situações como desemprego, sensações de vergonha, desonra, desilusões amorosas, além de antecedentes de doenças mentais. Convém refletirmos sobre a faixa etária dos 15 aos 29 anos ser crucial para o desenvolvimento e a transição para a vida adulta, sendo um período em que os jovens enfrentam uma série de mudanças e pressões sociais, acadêmicas e emocionais. A falta de suporte adequado, a dificuldade de acesso a serviços de saúde mental e o estigma em torno do tema podem contribuir para o aumento dos índices de suicídio nessa faixa etária.

Como já abordamos anteriormente, entre os jovens, o suicídio é uma crescente preocupação, com números alarmantes. Barbosa e Teixeira (2021) alegam que o autoextermínio se tornou a segunda principal causa de morte nessa faixa etária. Os comportamentos suicidas entre jovens e adolescentes são influenciados por uma série de fatores complexos, que incluem humor depressivo, abuso de substâncias, problemas emocionais, familiares e sociais, histórico familiar de transtornos psiquiátricos, rejeição familiar, negligência e experiências traumáticas de abuso físico e sexual durante a infância.

Outrossim, o *bullying* e o *cyberbullying* são fatores de risco significativos para o suicídio de jovens. O *bullying* refere-se a comportamentos agressivos repetidos, intencionais e prejudiciais, que podem ocorrer verbalmente, fisicamente ou emocionalmente. O *cyberbullying* é uma forma específica de *bullying* que ocorre através de meios eletrônicos, como redes sociais, mensagens de texto ou *e-mails*. Essas formas de violência podem ter um impacto profundo na saúde mental e no bem-estar emocional dos jovens. As vítimas de *bullying* frequentemente enfrentam sentimentos de isolamento, baixa autoestima, ansiedade, depressão e desesperança. O constante assédio e a exposição a mensagens negativas podem levar a um sentimento de

[6] https://www.saude.ba.gov.br/2020/09/10/oms-alerta-suicidio-e-a-3a-causa-de-morte-de-jovens-brasileiros-entre-15-e-29-anos/. Acesso em 14/10/2022

desespero e desamparo, aumentando o risco de ideação suicida e comportamento suicida. Além disso, o *cyberbullying* pode ser ainda mais insidioso, pois ocorre *online* e pode se espalhar rapidamente, atingindo muitas pessoas. A falta de anonimato e o constante acesso às redes sociais podem fazer com que os jovens se sintam presos em um ciclo de humilhação e constrangimento. Convém salientar que, como veremos mais adiante, dentre os autores dos textos que compõem nosso *corpus*, alguns deles cometeram o autoaniquilamento justamente após casos de *bullying* virtual.

Nesse contexto, faz-se mister abordarmos a automutilação em jovens. Para Moreira *et al*. (2020), trata-se de um fenômeno que começa durante a adolescência e é considerado um desafio para um desenvolvimento saudável nessa fase da vida. As pesquisas sobre essa prática descrevem um fenômeno complexo e variado em termos de terminologia, conceito, prevalência, possível origem e fatores determinantes. Também conhecida como autolesão ou autoagressão, ela envolve comportamentos deliberados de ferir ou danificar o próprio corpo, como cortar, queimar, arranhar ou bater em si mesmo. Embora a automutilação não seja necessariamente uma tentativa direta de suicídio, é um indicador de profundo sofrimento emocional e uma forma de lidar com a dor psicológica insuportável. Muitas vezes, essa ação é um mecanismo de enfrentamento para lidar com sentimentos intensos de desespero, tristeza, solidão ou raiva.

Nos idosos, a morte voluntária é uma preocupação séria e crescente. Embora seja comumente associado a problemas de saúde mental, como a depressão, o suicídio em idosos pode ser influenciado por uma combinação de fatores biológicos, psicológicos, sociais e ambientais (BARBOSA; TEIXEIRA, 2021). Uma das principais razões para o aumento do risco de suicídio entre os idosos é a solidão e o isolamento social. À medida que envelhecemos, podemos enfrentar perdas significativas, como a morte de entes queridos, a aposentadoria, a diminuição da mobilidade e a perda de papéis sociais. Esses eventos podem levar a sentimentos de solidão, falta de propósito e desesperança, aumentando o risco de ideação suicida.

Além disso, problemas de saúde física e mental, como doenças crônicas, dor crônica, incapacidade, declínio cognitivo e transtornos de humor, podem aumentar a vulnerabilidade dos idosos ao suicídio. A falta de acesso a cuidados de saúde adequados, estigma em relação à busca de ajuda e a crença equivocada de que a saúde mental é uma parte inevitável do envelhecimento também podem contribuir para o aumento do risco. Teixeira e Barbosa (2021,

p. 5) expõem que, dentre as principais motivações para a morte voluntária em idosos, estão “a perda de parentes, sobretudo do cônjuge; solidão; existência de enfermidades degenerativas e dolorosas; sensação de estar dando muito trabalho à família e ser um peso morto para os outros”.

Ainda sobre o suicídio de pessoas com mais de 60 anos de idade, é necessário mencionarmos que o título deste trabalho está relacionado, de certa forma, a esse extrato da problemática. No dia 04 de maio de 2020, o ator Flavio Migliaccio, aos 85 anos, foi encontrado sem vida em seu sítio pelo caseiro. Conforme as informações divulgadas pelo Jornal Nacional, a Polícia Militar afirmou que a causa da morte foi identificada como suicídio. Ele deixou uma carta reveladora e comovente da qual um trecho, bastante impactante, foi usado para compor nosso título:

> **Me desculpem, mas não deu mais**. A velhice neste País é o caos como tudo aqui. A humanidade não deu certo. Eu tive a impressão que foram 85 anos jogados fora num País como este. E com esse tipo de gente que acabei encontrando. Cuidem das crianças de hoje! Flavio (grifo nosso)

2.8. O SUICÍDIO: DO PONTO DE VISTA DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

A linguagem desempenha um papel crucial na comunicação, expressão de emoções e na construção da identidade (TRAVASSOS; FERREIRA, 2012). Por essa razão, examinar como o suicídio é discutido, descrito e representado linguisticamente pode fornecer aportes valiosos sobre os processos sociais relacionados a esse fenômeno.

De acordo com Barbosa (2009), a linguagem é compreendida como um meio de criar significados, sendo a língua composta por sistemas desses significados. A concepção da língua como um fenômeno isolado, regulado por regras, é substituída pela visão de que a linguagem é um sistema de produção de significados por meio de escolhas, um sistema semiótico. A língua é, pois, um recurso para construir significado em contextos sociais, deixando de ser percebida apenas como um sistema regulado por regras. Assim sendo, a linguagem é um sistema semiótico que envolve "um sistema de codificação convencionalizado, organizado como um conjunto de escolhas" (SANTOS, 2014, p. 166), carregando consigo valores sociais.

Nessa perspectiva, consideramos o ato suicida como uma prática social, dotada de significados interpessoais (SILVA, 2018). Embora seja uma ação individual, o suicídio pode

ser influenciado por fatores sociais, como interações sociais, relacionamentos pessoais, normas culturais e pressões sociais. A compreensão desses significados interpessoais pode nos ajudar a entender melhor os contextos e as motivações por trás do ato suicida. Ao considerarmos a linguagem como uma prática social, podemos observar a sua conexão e interação por meio da troca e organização de ideias, assim como a formação do discurso de uma sociedade através da relação dialética entre linguagem e práticas discursivas. Isso reforça a importância das práticas sociais que refletem a transformação de um contexto. É evidente que não existe comunicação verbal desprovida de valores ideológicos, uma vez que toda prática discursiva sempre terá uma intenção persuasiva, destacando assim a centralidade da linguagem na vida social.

No campo dos estudos da linguagem, mais especificamente, no âmbito das investigações textual-discursivas de práticas sociais, essa discussão ainda se encontra em estágio insipiente. Merecem destaque alguns interessantes estudos, dos quais falaremos, brevemente, sobre três:

Catelão (2013) desenvolve uma análise linguística das formas e processos argumentativos presentes em textos produzidos por indivíduos que cometeram suicídio. O estudo se voltou para os campos de pesquisa textual/discursiva e retórica. A maior parte dos textos utilizados no estudo foi coletada de inquéritos policiais arquivados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, abrangendo processos abertos entre 1890 e 1940. Para realizar a análise, foi criado um modelo baseado em abordagens realizadas por Jean-Michel Adam, com algumas modificações. Os limites da análise foram divididos em dois planos: textual/discursivo e retórico. No plano textual/discursivo, foram descritos aspectos composicionais e provenientes das atividades sociodiscursivas da linguagem. Já no plano retórico, foram incorporados conceitos da Retórica e da Nova Retórica, com foco nas escolhas argumentativas e nas projeções de *ethos*, *páthos* e *logos*. Sua hipótese central é de que o suicida, dentro de determinadas crenças, elaboraria um discurso relativamente estável e voltado para a exclusão social, justificando suas ações e expondo motivos, fatos e crenças. O objetivo principal foi demonstrar que a enunciação do suicida estava fundamentada em encadeamentos argumentativos mais ou menos estáveis, com o intuito de construir uma realidade que justificasse o ato. Baseamo-nos no trabalho de Catelão ao compartilhar de um ponto de vista relativamente semelhante sobre a estabilidade dos discursos suicidas. Além disso, alguns dos textos coletados pelo autor também compõem nosso *corpus*.

O estudo de Mulhmann e Ferreira (2015) é fundamentado na área da semiótica e linguagem, com um foco especial na subjetividade. A problemática abordada envolve as revelações deixadas por indivíduos suicidas em rascunhos, mensagens e cartas, sendo esses relatos o principal *corpus* de análise. Os dados foram coletados em jornais eletrônicos e no Fórum da cidade de Pato Branco, no Paraná. O objetivo é compreender a subjetividade presente nesses escritos, bem como as relações entre pensamento e linguagem, e analisar o comportamento agregado das expressões linguísticas, correlacionando esses objetivos com teorias da área da semiótica. Além disso, a pesquisa se aprofunda no estudo dos tipos de suicídio, de acordo com Durkheim. A análise é feita de acordo com os aportes teóricos de Peirce em relação a primeiridade, secundidade e terceiridade, e examinando como o meio social interfere na vida e na consciência do indivíduo. É interessante pontuar que, assim como a perspectiva adotada por nós, as autoras englobam os diversos documentos escritos por suicidas no âmbito da subjetividade.

Por fim, Silva (2023) analisa, baseado na perspectiva da Análise Crítica do Discurso, como o suicídio é representado na série americana *13 Reasons Why*. Como objetivo específico, o estudo busca refletir sobre como as práticas discursivas sustentam ou suspendem estruturas sociais que promovem a estereotipização, culpabilização, exposição e silenciamento do suicídio. Considerando a importância de discutir o suicídio como um fenômeno social, uma questão de saúde pública e uma crise humana, a pesquisa se concentra na compreensão das bases sociais que constituem as diferentes visões do suicídio, por meio da observação de aspectos discursivos e sociais presentes na construção representacional da série mencionada. São considerados aspectos visuais, bem como os modos de avaliação por meio de afirmações avaliativas, categoria proposta por Fairclough.

Nesse sentido, nossa pesquisa diferencia-se das anteriormente mencionadas do ponto de vista não apenas teórico, mas também metodológico. Ao abordarmos as mensagens de adeus como documentos que, além de atestarem o ato suicida, comprovam o posicionamento dos escreventes. Dessa forma, investigaremos, nos documentos, os processos avaliativos através dos quais os locutores constroem suas imagens e suas últimas impressões.

2.9 AS MENSAGENS DE ADEUS

Como já mencionamos no capítulo anterior, essas mensagens podem assumir diferentes formas, como cartas, notas, mensagens de texto, *posts* em redes sociais, ou até mesmo vídeos (FREITAS, 2018). Esse material oferece uma visão sobre os pensamentos, as emoções e as circunstâncias vivenciadas pelo indivíduo antes de sua morte, podendo revelar sentimentos de desespero, solidão, tristeza intensa, culpa, dor emocional e outros aspectos complexos associados ao suicídio. De acordo com Lima (2015, p. 4), na

> emergência daquilo que alguns chamam de pós-modernidade e outros de modernidade líquida, os discursos sobre a condição humana, tais como comportamentos, valores, consumos, e, por outro lado, os discursos sobre a morte, produziram algumas transformações em como o suicida subjetiva suas experiências no mundo e como ele representa o seu ato.

No contexto da nossa pesquisa, consideramos as mensagens de adeus um documento escrito, seja de forma manual ou mecânica, utilizado por um indivíduo com a intenção de encerrar sua própria vida. Lidamos com uma produção linguística concreta, que tem o objetivo de se despedir e/ou confortar familiares e amigos, atribuir a culpa do ato suicida a outra pessoa ou a algum evento da vida, estabelecer, alterar ou encerrar uma relação jurídica, estabelecer disposições em relação ao enterro, entre outros aspectos. Não existe um modelo padronizado de formato ou conteúdo para um texto suicida, pois ela é redigida de maneira livre, de acordo com os propósitos individuais do escritor (BELÉM, 2017).

Não é possível afirmar que todas as pessoas que se suicidam deixam cartas ou bilhetes, nem que um grande número de pessoas se utiliza desse escrito antes de praticarem tal ato. A quantidade de mensagens deixadas por quem comete autoextermínio não entra para as estatísticas oficiais (BELÉM, 2017), apesar de que a existência – ou não – de mensagens funciona como evidência jurídica de que não houve homicídio (CATELÃO, 2013).

De acordo com Catelão (2019, p. 54), "os comportamentos discursivos (motivos, valores, premissas, por exemplo) dos sujeitos suicidas são expressos segundo leis e tabus". Para o autor, então, o autoextermínio "recebe valor com base no abandono do sentido atribuído à nossa própria existência e é revelado por fundamentos históricos e culturais" (idem). Sobre as intenções suicidas transcritas nas mensagens, Lima (2015, p. 12) nos diz que:

> O que há no texto, assim sendo, é, metaforicamente, a tentativa de entender como o tempo habita a prática escriturística do suicida. Isto porque as "coisas que entram na página são sinais de uma 'passividade' do sujeito em face da tradição". Já aquelas que saem dela, no formato de uma carta, por exemplo, "são as marcar do seu poder de fabricar objetos". É, antes de tudo, um ensaio de como o suicídio está inscrito no corpo suicida e de como esse corpo se transforma numa missiva. Afinal de contas, como diz Certeau, na prática escriturística, o sujeito "transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe do seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior".

A mensagem de adeus representa um momento único e irreversível na vida do seu escrevente, afetando de maneira traumática os sentidos e significados da pessoa. Mesmo em casos em que o suicídio não foi consumado, a mensagem é, normalmente, dirigida às pessoas que ainda estão vivas e não permite segundas explicações. Sua integralidade é a afirmação definitiva do sujeito em relação ao ato. No entanto, isso não impede que diferentes instâncias sociais sejam criadas para possibilitar reinterpretar e justificar o ocorrido, desde remissões abertas até abordagens mais íntimas, como religiosas, jurídicas, psiquiátricas e psicológicas (PATSCHIKI, 2014). Na vida cotidiana, esses textos estão sujeitos a constantes reinterpretações e releituras, que não se enquadram no domínio da narrativa historiográfica. Essas reinterpretações estão relacionadas aos esforços dos destinatários em compreender e "aceitar" o fato, ou seja, racionalizar o trauma e torná-lo inteligível ou explicável. Isso faz parte do processo de luto e de seguir em frente na vida para aqueles diretamente afetados.

Desse modo, as mensagens de adeus funcionam como final, "ápice violento" (PATSCHIKI, 2014, p. 13), ou ponto de maior tensão na vida de um ser humano. Mas também funcionam como materialidade, continuidade e, naturalmente, como a última despedida do sujeito, que pode – ou não – pensar e repensar em qual será sua última mensagem para o mundo dos vivos, quem merece ser o destinatário (ou os destinatários) dela e, o que mais nos interessa aqui, de que forma esta mensagem estará linguisticamente constituída, ou seja, quais escolhas no grande jogo da linguagem serão feitas para que essa mensagem possa ser recebida e compreendida da forma através da qual o autor gostaria de ser compreendido, uma vez que não há tempo e/ou espaço para reconstruções. Sobre a escrita desses textos, Patschiki (2014, p. 14) também assevera que:

> O ato da escrita suicida também pode ser a última tentativa de se afirmar perante o tribunal da história, o capítulo que finaliza o arquivamento de si. "Arquivar a própria vida", e seu fim, "é se pôr no espelho, é contrapor a imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência" (ARTIÈRES, 2014). Resistência contra

> a lembrança dos outros que altera a imagem de si mesmo, e, especialmente, contra o apagamento da morte – isto lembra caso vivido por Antonio Gramsci em 1933 na cadeia fascista, quando doente, vomitando sangue e delirante, dizia ter descoberto como a tese da imortalidade da alma poderia ser explicada historicamente, sendo para ele a imortalidade, "a capacidade que o indivíduo tem de perdurar, através de suas ações e suas ideias, na história da humanidade" (KONDER, 2009, p. 47). O que se pode achar em comum, ao menos neste conjunto de cartas, é a dureza destas: são entendidas mais como monumentos, "epitáfios" de uma vida, que se esforçam em buscar dar sentido ao ato – em âmbito individual e como posteridade, como este deve marcar a vida dos que ficam.

Ancorando-nos no que diz o autor acima citado, o que seria, então, um epitáfio, além de uma mensagem cuidadosamente elaborada sobre a "vida" de alguém? Usamos aspas em vida porque, de fato, apesar de aparentar ser um paradoxo, é durante a vida que podemos nos preparar para a morte, tanto a de outrem – como é o caso da maioria dos epitáfios – como da do próprio indivíduo – como se dá na escrita de uma mensagem de adeus. Da mesma forma que, num epitáfio, é possível lermos informações sobre a vida do indivíduo, uma mensagem de lembrança, sentimentos de saudade, reflexões sobre a morte ou qualquer outro tipo de expressão significativa relacionada à memória e ao legado da pessoa falecida, numa mensagem de adeus essas mesmas informações podem transparecer, uma vez que escrever sobre si mesmo revela muito mais que o evento que está a ponto de acontecer: revela todo o percurso que culminou naquele momento.

Assim, a partir das próximas páginas, trataremos das mensagens de adeus num plano linguístico Sistêmico-Funcional, especialmente sob a ótica da AVALIATIVIDADE. No próximo capítulo, veremos o percurso teórico que norteia nossa análise: desde a gênese do funcionalismo até a teoria de Halliday; desde o contexto de situação até o contexto de cultura; desde o gênero até o registro. Falaremos, mais detalhadamente, das Metafunções da Linguagem na teoria de Halliday, com mais ênfase à Metafunção Interpessoal. Abordaremos os desdobramentos do Sistema de AVALIATIVIDADE e as formas com as quais ele faz articulações para construir significados interpessoais. Veremos, também, como exemplificações, alguns trechos dos textos que serão analisados alguns capítulos mais adiante.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS II: SOBRE A LSF E O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

Após conceituarmos e delimitarmos as mensagens de adeus para compor esta pesquisa, uma escolha fundamental foi realizada para definir sob qual prisma esses documentos seriam analisados. Logo, entendemos que o Sistema de AVALIATIVIDADE fornece recursos através dos quais é possível categorizar os elementos que fazem parte da escolha linguística de cada autor para emitir suas últimas palavras registradas. Assim, este capítulo trará informações sobre em que ponto dentro dos estudos da Linguística está situada a AVALIATIVIDADE, sobre os conceitos basilares dessa abordagem funcionalista, sobre como e quando essa teoria passa a ganhar força e sobre quais componentes integram o sistema.

Ao entender a língua como um *sistema*, Saussure (1916) a consolida como estrutura abstrata que organiza os elementos linguísticos, permitindo a comunicação dentro de uma comunidade linguística específica. O surgimento dessa definição no início do século XX teve um impacto que perdura até hoje nos estudos da linguagem. Esse sistema pressupõe que ao todo seja conferida uma prioridade em relação às partes, ou seja, aos elementos integrantes.

Matelelotta e Kenedy (2015, p. 11) argumentam que "o termo sistema foi mais tarde substituído pelo termo estrutura: uma vez que aceita a visão de que a língua constitui um sistema – um conjunto cujos elementos agrupam-se num todo organizado – cumpre analisar-lhe a estrutura". Dessa forma, o estruturalismo linguístico, focado no signo linguístico e nas relações dentro do sistema linguístico de Saussure, inspirou linguistas a investigar mais profundamente as estruturas subjacentes da linguagem.

Expandindo os conceitos saurrurianos, o Círculo de Praga tinha como objetivo entender como as línguas funcionavam em um sistema e como se relacionavam umas com as outras. Nesse contexto, emerge o conceito de *função*, que se refere ao papel desempenhado por uma unidade linguística dentro do sistema da língua. Isso inclui tanto a função sintática (como sujeito, objeto, etc.) quanto a função comunicativa ou pragmática (como expressar pedido, pergunta, afirmação, etc.). Os linguistas do Círculo de Praga estavam interessados em identificar e descrever as funções das palavras e das estruturas linguísticas em diferentes contextos. Gonçalves Ramos (2013, p. 4) entende que esse grupo de intelectuais considera

> a função como parte da estrutura geral da língua, influindo na "estrutura verbal" (JAKOBSON, 2010, p. 157) e, consequentemente, na significação. Assim, a característica principal da Escola de Praga é a relação entre estruturalismo e funcionalismo, o que gerou, segundo Paveau e Sarfati (2006, p. 118), um "estruturalismo funcional". O termo "estruturalismo" se justifica pela consideração de língua, ou seja, o objeto como um sistema. Já a designação "funcionalismo" dá-se pelo acréscimo de outra dimensão, justamente referente ao termo "funcional", o que coloca no jogo da estrutura e do sistema a questão da função e da tarefa (PAVEAU e SARFATI, 2006).

Já década de 1970, o termo funcionalismo passou a ser impulsionado nos Estados Unidos, a partir dos trabalhos de linguistas como Talmy Givón, por exemplo (SILVA, 2018). Ao adotar uma abordagem funcionalista, Givón e outros linguistas da época ajudaram a redefinir o campo da linguagem, reconhecendo a importância de considerar a linguagem como um sistema auditivo, em interação constante com seu ambiente e usuário, enfatizando a importância do uso da linguagem em contextos reais. Isso abriu caminho para uma maior compreensão das mudanças linguísticas, da variação linguística e da relação intrínseca entre forma e função na comunicação humana. O funcionalismo continuou a evoluir e influenciar várias áreas do estudo científico da língua, incluindo a Linguística Cognitiva e a Análise do Discurso. É importante, nesse sentido, ressaltarmos o que é pontuado por Oliveira e Hirata-Vale (2023, p. 458):

> Muitos autores, como Neves (1997), Newmeyer (1998) e Butler (2003) discutem que sob o rótulo funcionalista encontram-se diferentes propostas que, em geral, se interligam por alguns postulados básicos. Assim, é possível reconhecer o funcionalismo de Givón (1979, 1995), o de Matthiessen e Thompson (1988), o de Halliday (1985), o de Foley e Van Valin (1986), o de Dik (1989, 1997) e o de Hengeveld e Mackenzie (2008), entre outros. Há, no entanto, uma linha comum, que permeia o pensamento funcionalista e que serve como norte para defini-lo.

Assim, podemos reconhecer, de acordo com o raciocínio das autoras supracitadas, que essa "linha comum" consiste no entendimento de que a linguagem é empregada como um canal para a interação humana, ocorrendo dentro de contextos culturais e psicológicos. Esse aspecto fundamental deve guiar a maneira como se compreende a estrutura da língua (BUTLER, 2003). No cerne da abordagem funcionalista reside a tentativa de examinar como a comunicação linguística é realizada, ou seja, como os indivíduos empregam a linguagem a fim de se comunicarem de maneira eficaz. Sua própria organização interna é abordada de forma funcional, isto é, investiga-se a estrutura gramatical inserida em um contexto comunicativo que abarca a aparência da interação verbal, os seus participantes e o contexto discursivo (OLIVEIRA; HIRATA-VALE, 2023).

Murad (2011) comenta que a abordagem funcionalista tem várias vertentes notáveis. Um exemplo é a Escola de Genebra, cujos principais expoentes, todos influenciados por Saussure, incluem Charles Bally, que se concentrou na análise da dimensão individual da linguagem, a fala; Albert Sechehaye, que analisou as ideias de Saussure; e Henri Frei, cuja conexão entre os fenômenos linguísticos e funções específicas levou a uma nova perspectiva sobre os desvios da gramática normativa. Na já mencionada Escola de Praga, destacam-se figuras como Martinet e Jakobson, enquanto, no grupo holandês, Dik investigou o processo da expressão linguística dos falantes. Nos Estados Unidos, o funcionalismo seguiu um caminho distinto, com nomes como Leonard Bloomfield e sua linguística gerativa. Apesar de sua origem predominantemente norte-americana, pode-se observar uma tendência funcionalista nos estudos descritivos de Franz Boas, na tradição etnolinguística de Sapir e Whorf, bem como nas pesquisas etno-sociolinguísticas de Bolinger, Kuno, Del Himes e Labov.

Nesse sentido, a Linguística Sistêmico-Funcional – abordagem linguística que enfatiza a relação entre a estrutura linguística e a função comunicativa da linguagem – surge como resultado da colaboração entre Michael Halliday e seus colegas na década de 1960, principalmente em seus esforços para desenvolver uma teoria que pudesse explicar as diferentes dimensões da linguagem e sua função na comunicação. Dentre as principais características dessa corrente, Santos (2014, p. 166) destaca que

> o uso da língua é funcional; a função da linguagem é produzir significados; esses significados são influenciados pelo contexto social e cultural em que são negociados; o uso da língua produz significados através de escolhas. Assim, além de ser funcional para a produção de significados, a linguagem é também um sistema semiótico, ou seja, um sistema de codificação convencionalizado, organizado como um conjunto de escolhas. O que faz com que sistemas semióticos diferenciem-se de outros tipos de sistema é que cada escolha adquire um significado em detrimento a outras escolhas que poderiam ter sido feitas. Logo, uma escolha feita revela, dependendo do contexto de comunicação, toda uma rede particular de outras escolhas disponíveis no sistema. Assim, aquilo que interessa ao linguista sistêmico é analisar quais escolhas linguísticas foram feitas em um determinado contexto de comunicação e como essas escolhas produzem significados.

De acordo com Gouveia (2009, p. 15), "Halliday recusa as descrições meramente estruturais até então dominantes em linguística, elegendo o uso como marca fundamental de caracterização de uma língua e, consequentemente, da sua descrição". Nesse sentido, Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 24) salientam que "a grande preocupação da LSF é compreender e descrever a linguagem em funcionamento como um sistema de comunicação humana e não

como um conjunto de regras gerais, desvinculadas de seu contexto de uso". Assim, podemos afirmar que essa abordagem é sistêmica porque concebe a linguagem como redes de sistemas de significados, ao mesmo tempo em que é funcional, uma vez que se encarrega de averiguar como a linguagem é usada.

Dessa forma, a LSF entende a linguagem como um recurso para criar significados, sendo a língua formada por sistemas desses significados (BARBOSA, 2009). A língua deixa de ser percebida enquanto um fenômeno isolado, um sistema regulado por regras, e passa a ser visualizada como um sistema de produção de significados mediante escolhas, como um sistema semiótico; de outra maneira, como um recurso de construção de significado em contextos sociais. Para a LSF, a linguagem é um sistema semiótico por ser "um sistema de codificação convencionalizado, organizado como um conjunto de escolhas" (SANTOS, 2014, p. 166) carregadas de valores sociais.

Desse modo, a LSF busca fornecer ao analista, na teoria e na prática, instrumentos descritivos que viabilizem a divisão do texto em estruturas manipuláveis de natureza discursiva e léxico-gramatical. A expressão léxico-gramatical das nossas escolhas é o que revela o ponto de encontro entre a língua enquanto sistema e a língua enquanto prática. A característica essencial da LSF é, nesse panorama, a linguagem como semiótica social, que abre uma vasta perspectiva teórica e metodológica para compreender a concepção de texto para além dos critérios formais e sintáticos, implicando uma abordagem na qual os significados não são vistos como blocos de estruturas, mas sim como forças tensionais e oposicionais que são construídas de uma forma ou de múltiplas maneiras. Nesse sentido, Gouveia (2009, p. 14) fornece a seguinte descrição:

> trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso. Mas, para além de ser uma teoria de descrição gramatical, razão pela qual ela adquire muitas vezes a designação mais restrita de Gramática Sistémico-Funcional (GSF), ela fornece também instrumentos de descrição, uma técnica e uma metalinguagem, que são úteis para a análise de textos, pelo que, adicionalmente, pode ser encarada como um modelo de análise textual.

Vian Jr. (2023, p. 491) considera que a LSF "é uma das possibilidades de se vislumbrar a língua e sua relação sintática entre formas e funções inseridas em um contexto sociocultural". Assim, ainda de acordo com o mesmo autor, (*op. cit.)* o grande diferencial da LSF é que,

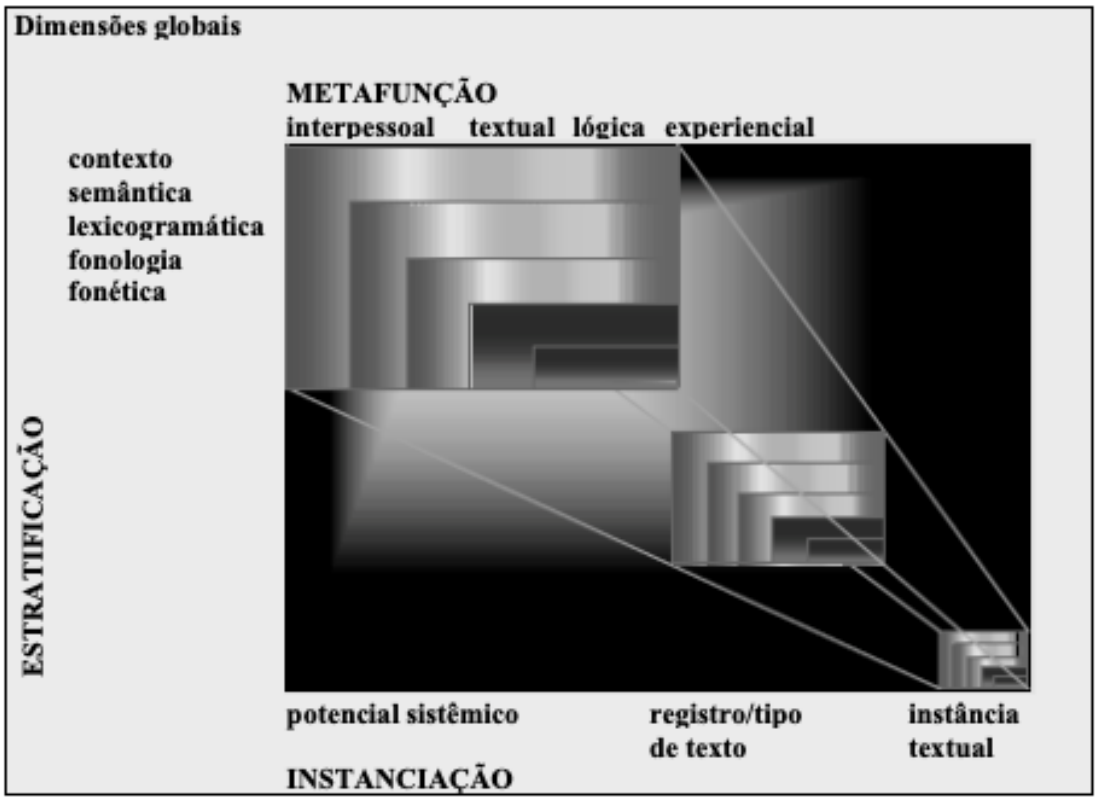
enquanto teoria, ela busca priorizar a língua como processo social, ao mesmo tempo que, enquanto metodologia, ela promove uma análise para a descrição de padrões linguísticos. Nas próximas páginas, veremos, então, alguns dos conceitos basilares sistêmico-funcionais, numa linha teórica que conduz até o Sistema de AVALIATIVIDADE, sobre o qual daremos atenção especial mais adiante.

3.1 CONCEITOS ELEMENTARES

Por seu caráter aplicável, a LSF é um tipo de linguística em que a teoria é concebida para ter o potencial de ser aplicada para resolver problemas que surgem em comunidades linguísticas, envolvendo tanto reflexão como ação (Halliday, 1985). De acordo com Mathiessen (2012), ela representa uma forma de relacionar teoria e aplicação como atividades complementares. Nesse sentido, Vian Jr. (2023) salienta que, no direcionamento da discussão acerca das possibilidades metodológicas da LSF, quatro conceitos são fundamentais: estratificação, realização, instanciação e metafunção. Para o autor (op. cit., p. 492), "esses conceitos funcionam como um mapa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014 [2004], p.20) que nos permite a localização em que ponto da rota estamos". Jesus (2012) afirma que, como a gramática é vista a partir de uma rede de escolhas significativas e interrelacionadas, os mesmos parâmetros mencionados por Vian Jr. são usados como meios de análise dessas conexões significativas.

Por sua vez, Pagano (2020), ao defender que a linguagem é concebida como escolhas entre opções, orientadas por seleções dentro de paradigmas disponíveis, salienta que as diferentes dimensões da organização da linguagem orientam tais paradigmas. Na esteira dessas dimensões, a autora (p. 29) diz que "a linguagem está organizada de acordo com três dimensões globais – ESTRATIFICAÇÃO (STRATIFICATION), INSTANCIAÇÃO (INSTANTIATION) e METAFUNÇÃO (METAFUNCTION). Há ainda duas dimensões locais – ESTRUTURA (STRUCTURE) e SISTEMA (SYSTEM)". A figura a seguir, desenvolvida por Pagano (2020, p. 30) e adaptada de Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 122) mostra a inter-relação entre as dimensões, sobre as quais falaremos a seguir.

Figura 1 - Contínuo da instanciação como dimensão global de organização da linguagem e sua articulação com a hierarquia da estratificação e o espectro metafuncional



Fonte: Pagano (2020, p. 30).

A estratificação refere-se a um dos princípios fundamentais do modelo teórico desenvolvido por Michael Halliday e seus colaboradores, sendo parte importante dessa teoria e se relaciona com a organização da linguagem em diferentes níveis ou estratos. Vian Jr. (2023, p. 496) sinaliza que "que a estratificação é concebida de dois modos distintos no âmbito da LSF: como proposta por Halliday (1978) e o modelo proposto por Martin (1992), que inclui os níveis extralinguísticos do contexto de cultura e a ideologia". A abordagem estratificada ajuda a compreender como as escolhas linguísticas são moldadas pelo propósito comunicativo e pelas necessidades dos interlocutores em uma situação específica. Vejamos, agora, uma tabela comparativa com os modelos de estratificação de Halliday (1978) e Martin (1992), extraído dos estudos de Vian Jr. (2023, p. 496):

Tabela 2 – Modelos de estratificação

<table>
<tr><td></td><td>Halliday (1978)</td><td>Martin (1992)</td></tr>
<tr><td rowspan="3">EXTRALINGUÍSTICO</td><td rowspan="2"></td><td>Ideologia</td></tr>
<tr><td>Contexto de cultura (Gênero)</td></tr>
<tr><td>Contexto de situação (Registro)</td><td>Contexto de situação (Registro)</td></tr>
<tr><td rowspan="3">INTRALINGUÍSTICO</td><td>Semântica</td><td>Semântica</td></tr>
<tr><td>Léxico-gramática</td><td>Léxico-gramática</td></tr>
<tr><td>Grafofonologia</td><td>Grafofonologia</td></tr>
</table>

Fonte: VIAN JR. (2023, p. 496).

Para Halliday (1978), a Semântica lida com as escolhas lexicais e gramaticais feitas em um texto ou discurso para transmitir significado. Isso inclui a análise de palavras individuais, grupos de palavras e estruturas gramaticais para entender como elas contribuem para o significado geral; a Léxico-gramática analisa como as escolhas gramaticais e de vocabulário afetam a expressão do significado em um contexto específico; já no Estrato da Grafofonologia, a atenção está voltada para os aspectos fonéticos e fonológicos da linguagem. Isso inclui a análise dos sons da fala, sua pronúncia e a entonação. Por sua vez, Martin (1992) acrescenta outros estratos: o estrato do Discurso (Ideologias) dá conta das visões de como as coisas deveriam funcionar; o estrato do Gênero destaca os "usos da linguagem em práticas discursivas relativamente estáveis e reconhecidas em uma cultura [...]" (NASCIMENTO, 2017, p. 130). De acordo com Marcuzzo e Radünz (2019, p. 364), no estrato do Registro, nós observamos como o contexto de situação fornece características específicas aos gêneros, fornecendo detalhes sobre o contexto do texto, as relações sociais envolvidas e a sua organização.

Ainda sobre a estratificação, um conceito chama atenção nos estudos desse modelo de análise: o contexto. Consoante Silva (2018), Halliday entendia que os elementos da gramática e do léxico de um texto – produto genuíno da interação humana – são submetidos à situação comunicativa. Nesse sentido, “a relação entre um texto e suas condições de produção passa necessariamente pelo contexto em que é produzido e no qual será negociado. Isso significa dizer que há uma relação dialética, interna e dinâmica entre texto e contexto”. (SANTOS, 2015, p. 169). Assim, defendemos que todo texto é realizado em dois contextos, estando um inserido no outro. O *contexto de cultura* "é a soma de todos os significados possíveis de fazerem sentido em uma cultura particular" (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 25). Ele pode ser interpretado como um contexto externo que constitui a história cultural dos participantes da interação verbal (FERREIRA, 2010), que fazem uso da linguagem em determinado *contexto de situação*, que é específico e imediato e se põe em evidência no ineditismo de cada evento comunicativo.

De acordo com Vian Jr. (2023, p. 467), “a relação entre o sistema e o texto é de instanciação, ou seja, o texto é a instanciação do sistema linguístico”. A relação entre o sistema linguístico como um potencial abrangente de significados e o texto como uma manifestação concreta desse potencial, que se refere à maneira como a linguagem em sua totalidade pode ser expressa por meio de exemplos textuais específicos, recebe o nome de *instanciação*. Já a *individuação* diz respeito à conexão entre o sistema linguístico como um depósito de significados e as capacidades linguísticas individuais dos usuários, ou seja, como as pessoas utilizam a língua de acordo com seu próprio repertório e experiência. Dessa forma, de acordo com Fuzer (2018, p. 275), “enquanto a realização estabelece relações entre os estratos do sistema linguístico, a instanciação estabelece relações entre o sistema e o texto”.

Gouveia (2009) assevera que os termos registro – equivalente ao contexto de situação – e gênero – equivalente ao contexto de cultura – identificam essas duas camadas do contexto, funcionando como duas esferas de variação entre textos. Nesse modelo de linguagem, a organização de contextos está imbricada às *metafunções da linguagem*. Halliday (1984) considera que, em nossos atos comunicativos, a linguagem desempenha, simultaneamente, três funções básicas na articulação para a produção de significados. Para a LSF, a oração é uma instância de representação da realidade formada por Participantes, Processos e Circunstâncias. De acordo com Neves (2015, p. 16), nessa perspectiva, a oração é vista como

"determinada textual-interativamente, e, porta como ‘autônoma’ apenas do ponto de vista de fechamento sintático". Do ponto de vista do texto, os significados são trabalhados e instanciados em textos que são multidimensionais, de acordo com as três metafunções da linguagem, que são:

> ➥*ideacional*: constrói os significados de nossa experiência no plano social e psicológico por meio do Sistema de Transitividade, no plano experiencial, e das inter-relações entre as orações, no plano lógico. A oração é concebida, então, como a representação do mundo. A dimensão ideacional do significado faz com que o interlocutor possa levantar questões sobre quem age, os tipos de ações empreendidas e quem ou o que está de acordo (SANTOS, 2014). Germano (1997, p. 68) diz que: “A oração funciona como a representação de processos... ‘de fazer, acontecer, sentir e ser’ que ocorrem na realidade”.
>
> ➥*interpessoal*: tem a oração como troca e dá conta da organização da mensagem como evento interativo. Através dela, podemos expressar nossas opiniões, julgamentos e atitudes por meio da interação, que é guiada por papéis de fala, sendo dar e demandar os principais deles (SANTOS, 2014). Os papéis assumidos pelos participantes são representados pelo sistema de modo e modalidade (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011). Dessa metafunção surgem os Sistemas Discursivos, dentre eles a AVALIATIVIDADE, que será abordada logo mais.
>
> ➥*textual*: concebe a oração como mensagem e se encarrega da organização do texto por meio do sistema temático. “Ela está relacionada ao significado textual que é realizado por decisões que o falante toma em relação à distribuição da informação” (SANTOS, 2014, p. 177). A oração é tomada como uma unidade, na qual os significados são combinados e estruturados de acordo com os parâmetros de Tema/Rema e Dado/Novo. O tema é o ponto de partida da mensagem, sendo o primeiro elemento experiencial dela; todo o restante da oração leva o nome de rema.

Essas três metafunções fornecem uma estrutura para a análise da linguagem em contexto, permitindo uma compreensão mais profunda de como a linguagem é usada para comunicar significado e alcançar diferentes objetivos em situações de comunicação variadas.

Nesse sentido, no bojo da metafunção ideacional, Halliday (1984) introduz o conceito de processos, elementos verbais que, associados a seus argumentos, constituem o Sistema de Transitividade. Faz-se de extrema relevância abordarmos esse conceito de forma mais detalhada, uma vez que mostraremos os processos, entre outros elementos léxico-gramaticais, durante a análise das mensagens de adeus. Há três tipos principais de processos (materiais, mentais e relacionais) e três tipos secundários (verbais, comportamentais e existenciais), dos quais trataremos na lista abaixo:

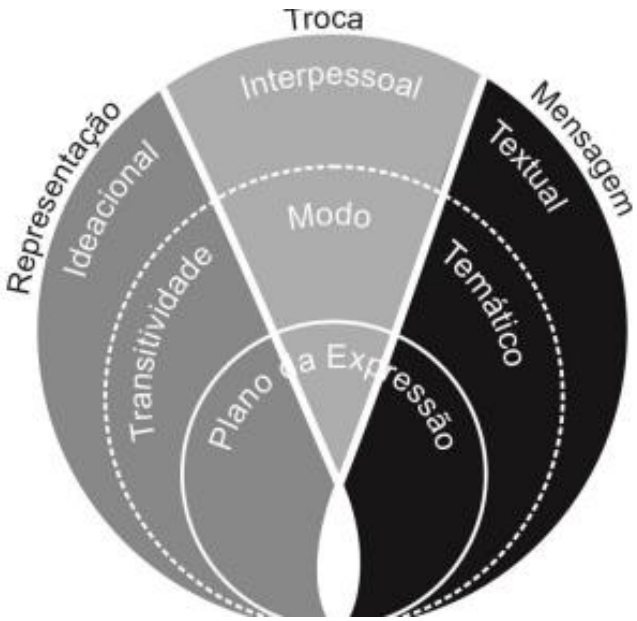
- Processos Materiais: são os processos do fazer. "Representam a experiência externa sob a forma de ações e eventos, como fazer, construir e agir" (MIRANDA; OLIVEIRA, 2020, p. 164);
- Processos Mentais: são relacionados à afeição, à cognição e à percepção, representando a experiência interna;
- Processos Relacionais: são os processos do ser. Relacionam o participante à sua identidade ou à sua descrição;
- Processos Comportamentais: representam processos do comportamento fisiológico e psicológico, tipicamente humanos. Está entre os processos materiais e os processos mentais.
- Processos Verbais: "representam dizeres, realizados internamente e, então, expressos externamente por meio da atividade linguística, situando-se entre os processos relacionais e os mentais" (MIRANDA; OLIVEIRA, 2020, p. 164);
- Processos Existenciais: indicam que alguma coisa existe ou acontece, estando situados entre os processos materiais e ou relacionais.

Dessa forma, os diferentes processos contribuem de igual maneira para a nossa construção da experiência, em paralelo às outras metafunções. Souza (2020) nos diz que os elementos linguísticos só passam a ter efetiva significação a partir das articulações feitas pelas três metafunções, concomitantemente. A esse respeito, Fuzer (2018, p. 276) comenta que:

> As categorias de realização léxico-gramatical (transitividade, modo, polaridade, modalidade, Tema-Rema) que realizam as três metafunções da linguagem no nível da oração, bem como as relações lógico-semânticas no nível do complexo oracional (acima da oração), os grupos (abaixo da oração), os recursos de coesão (ao redor da oração) e os modos de expressão metafórica (além da oração) são algumas das ferramentas que a LSF oferece para análises e estão detalhadamente descritas na obra seminal de Halliday (1985; 1994), revisada e ampliada com Matthiessen (2004; 2014).

Assim, de acordo com Figueiredo-Gomes e Souza (2013), os significados, associados às três metafunções, operam como um sistema unificado e são alcançados de acordo com as escolhas feitas pelos falantes/escreventes, dentro do potencial de significados disponível na língua. A LSF se concentra, pois, nas escolhas e nos significados que essas escolhas geram, permitindo a investigação das diferenças de efeito que uma forma linguística específica provoca num texto, em detrimento de outra. A imagem a seguir, adaptada dos estudos de Souza (2020), sintetiza essa relação entre as metafunções da linguagem.

Figura 3 - Metafunções da Linguagem
IMAGEM



Fonte: adaptado de Souza (2020).

A organização de contextos com significados ideacionais, interpessoais e textuais, na teoria halidaiana estão associadas ao campo, às relações e ao modo. Sobre estes três últimos conceitos, que fazem parte do contexto de situação, Furtado da Cunha e Souza (2011) afirmam que *campo* diz respeito à natureza da prática social, correspondente ao que é dito ou escrito sobre algo; é a atividade que está acontecendo. *Relação* é a natureza do envolvimento entre os participantes da situação, que pode ser formal ou informal, mais ou menos afetiva. *Modo* é o

meio, ou canal, de transmissão da mensagem e o papel da linguagem na interação. Aproximando tais conceitos ao universo das mensagens de adeus em seus diversos suportes, podemos afirmar que campo é a finalidade comunicativa – no caso – a informação do porquê tirar a própria vida e informações adicionais que envolvem o ato suicida; as relações podem ocorrer entre os interlocutores da mensagem: para quem a mensagem de adeus é destinada? Existe um leitor médio? O modo, portanto, é o canal através do qual a mensagem é veiculada: a escrita e a organização retórica típica dos gêneros compreendidos em seus diferentes suportes de divulgação, de modo que a diversidade desses suportes pode originar novos gêneros.

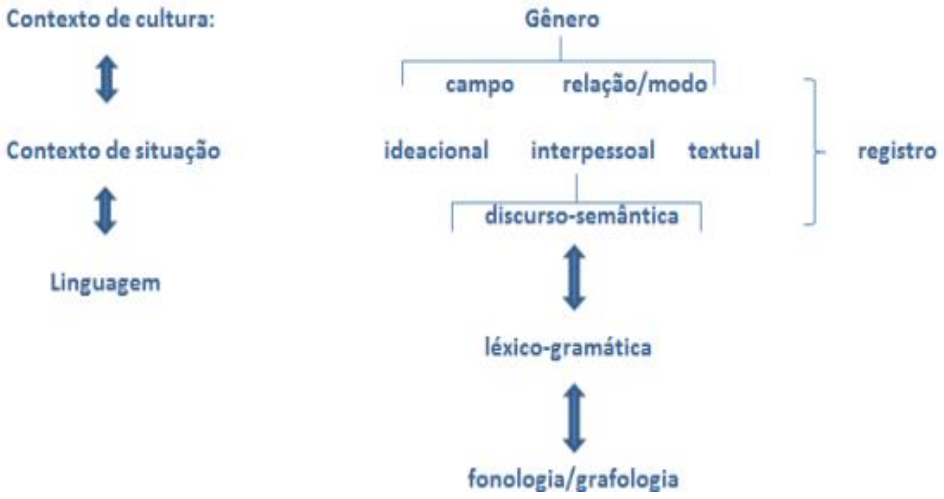
3.1.2 Os gêneros na LSF

Na teoria da LSF, o gênero relaciona-se com as características textuais que determinam certo modo discursivo. Nesse sentido, "na perspectiva da LSF, gênero situa-se fora do sistema linguístico, embora seja operacionalizado via sistema linguístico" (FERREIRA, 2010, p. 75). Martin (1997, p. 40) observa que os gêneros realizam ideologias, num "sistema de codificar as orientações que engendram subjetividade – num nível de abstração mais elevado que o gênero". Bawarshi e Reiff (2013) consideram que, na LSF, os gêneros atuam como processos sociais, guiados por objetivos específicos. As autoras acrescentam que eles são graduais, uma vez que, na situação de interação, os sujeitos envolvidos dão mais de um passo até que os objetivos sejam alcançados. Dessa forma, a análise de gêneros inclui as seguintes etapas:

> Parte-se da identificação do propósito social conforme representado nos elementos genéricos estruturais (incluindo a análise do que Hasan chama de "estrutura potencial do gênero" – um leque de possibilidades graduais dentro de determinado gênero) (Eggins e Martin, 1997: 240), para a análise do registro do texto conforme representado em campo, teor e modo; para as metafunções da linguagem ; para microanálises de traços semânticos, léxico-gramaticais e fonológicos/grafológicos (BAWARSHI, REIFF, 2013, p. 51-52).

Assim, os gêneros funcionam como processos sociais, que ligam a cultura à situação. Já o registro – contendo as variáveis campo, relações e modo – conecta a situação à linguagem. Nas palavras de Martin (1997, p. 37, apud BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 51), o registro "contextualiza a linguagem e, por sua vez, é contextualizado pelo gênero". A próxima figura, adaptada por Silva (2018) do estudo de Bawarshi e Reiff (2013, p. 51), esquematiza essa relação.

Figura 2 - Relação contextos de cultura e situação, gênero e registro



Fonte: Bawarshi; Reiff (2013, p. 51).

É possível perceber, no nível do registro, que "o contexto de situação e a linguagem realizam um ao outro" (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 48). Dessa forma, o gênero conecta a cultura à situação e o registro conecta a situação à linguagem. Assim, podemos depreender que os gêneros são "caracterizados como processos sociais, organizados em estágios, orientados para um propósito" (BONFIM, 2010, p. 197). Nessa perspectiva, entendemos que o gênero está situado num nível abstrato, responsável pela coordenação das variáveis campo, relações e modo, que constituem o registro e é realizado pelas diferentes instâncias da linguagem.

De acordo com Khun (2020), para Martin e Rose (2012) os textos e conjuntos de textos podem ser diferenciados de acordo com seus propósitos sociais. Assim, o conceito de tipologia enquanto propósito social se aplica para caracterizar o agrupamento de gêneros em famílias de acordo com a finalidade social do grupo de gêneros constituintes. Cada família pode, ainda, ser agrupada de acordo com outro propósito social, mais geral e amplo.

Martin e Rose (2008) afirmam, ao explicar os gêneros de circulação escolar que há três grandes grupos desses gêneros, definidos de acordo com o propósito social: engajar, informar ou avaliar. "O grupo dos gêneros factuais provê informação, o grupo dos gêneros procedimentais visam normas para regulamentar atividades, e os gêneros de avaliação focam

os recursos de linguagem que constroem os textos de opinião, questionamento e avaliação" (MUNIZ DA SILVA, 2015, p. 27).

Muniz da Silva (2015, p. 27) salienta que "os gêneros podem se relacionar conforme o foco recaia sobre entidades x atividades, indivíduo x participantes genéricos, relato x eventos explicativos, explanação x argumentação, etc.". Cada família, nessa perspectiva, apresenta características específicas em relação ao propósito e às estruturas linguísticas. A globalização dos intercâmbios comunicativos e as disponibilidades dos recursos tecnológicos influenciaram na configuração dessas famílias genéricas.

Em nossa pesquisa, ainda que não estejamos falando de uma família de gêneros de circulação escolar, o agrupamento das mensagens de adeus enquanto família de gêneros pode seguir os princípios de propósito social e estrutura retórica. Isso se justifica pelo fato de lidarmos com diferentes gêneros (a saber, carta, bilhete, tuíte e postagem no Facebook) que obedecem a uma estrutura social bem definida, dentro da qual as escolhas linguísticas realizadas pelos escreventes são, de certa forma, culturalmente condicionadas.

3.2 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

As pesquisas em LSF no Brasil têm aumentado significativamente e se espalhado pelos diversos centros de pesquisa no país, onde se aplicam os princípios propostos por Halliday – e, posteriormente, por outros pesquisadores em diversas partes do mundo – aos mais diversos tipos de textos e contextos, estabelecendo diálogos com diferentes disciplinas e ampliando muitos aspectos da teoria em diferentes campos (VIAN JR. *et al.,* 2010). Um desses campos envolve o Sistema de AVALIATIVIDADE, "um conjunto de significados interpessoais que se debruça sobre os mecanismos de avaliação veiculados pela linguagem, configurados em um sistema que oferece aos usuários possibilidades de utilizar itens avaliativos em suas interações cotidianas" (*op. cit,* p. 11).

A AVALIATIVIDADE tem suas origens na supramencionada Metafunção Interpessoal da linguagem – termo cunhado por Halliday na década de 1970, em suas análises da forma com que a linguagem é usada para expressar atitudes pessoais, como opiniões e emoções, em textos escritos e falados. Nessa metafunção,

> a linguagem serve para estabelecer e manter relações sociais: para a expressão de papéis sociais, que incluem os papéis comunicativos criados pela própria linguagem [...]; e também para conseguir que coisas sejam feitas, por via de interação entre uma pessoa e outra. Através desta função, que podemos chamar interpessoal, os grupos sociais são delimitados e o individual é identificado e reforçado, pois a linguagem, além de capacitá-lo a interagir com as outras pessoas, serve também para a manifestação e o desenvolvimento de sua própria personalidade. (HALLIDAY, 1976, p. 136-137).

De acordo com os parâmetros dessa metafunção, os significados desse sistema semântico-discursivo são revelados via léxico-gramática (MARTIN; WHITE, 2005). Nesse sentido, de acordo com Fisciletti (2012, p. 2030), "interpessoalidade é o princípio básico de qualquer ato comunicativo: quem se comunica quer ser lido, ouvido; quer receber retorno; quer obter algum tipo de benefício em seu favor – ou, por outro lado, busca fornecer algo que beneficie seu interlocutor". Assim, podemos considerar que essa metafunção examina os recursos gramaticais que determinam a interação. Os estudos sobre AVALIATIVIDADE, como oriunda dos significados interpessoais, consideram que, para produzir um discurso, os sujeitos atribuem avaliações às suas experiências por meio das escolhas linguísticas.

Apesar de Halliday, já na década de 1970, abordar critérios avaliativos nas escolhas linguísticas, os estudos da AVALIATIVIDADE ganharam força em Sydney a partir de um desdobramento dos estudos de Labov (1972). A narrativa de experiências pessoais é definida por Labov como retrospectiva de experiências passadas por meio de enunciados cronologicamente ordenados. A organização da narrativa, na perspectiva laboviana, é, então, construída a partir de alguns elementos estruturais. Dentre esses componentes, destaca-se a avaliação (*evaluation*) como o momento em que o narrador justifica a importância da história. Nessa ótica, a avaliação "revela a atitude do narrador face à narrativa, enunciando o seu alinhamento perante o que ele conta"(OLIVEIRA, 2014, p. 529).

Labov ainda indica que a avaliação pode ocorrer por meio de emoções e atitudes, ou por meio do uso de intensificadores gestuais, prosódicos e lexicais. Naturalmente, os conceitos labovianos foram revisitados e expandidos por outros estudiosos. Linde (1997), por exemplo, conceitua avaliação como uma instância através da qual o sujeito pode indicar "o significado social ou valor de uma pessoa, coisa, evento ou relacionamento" (OLIVEIRA, 2014, p. 539).

A partir disso, um grupo de estudiosos da linguagem de Sydney, dos quais destacam-se Peter White, Claire Painter e Ruth Paige, promoveu uma série de considerações em torno desse

conceito de avaliação, entendendo que o termo em inglês *apparaisal*, nesse contexto, seria mais adequado que o laboviano *evaluation* na análise das funções sociais mobilizadas para construir relações entre os sujeitos. Esse mesmo grupo é responsável pela publicação, em 1989, de uma edição inteira da revista *Text* (hoje chamada *Text & Talk*), editada por Elinor Ochs, sobre a semântica do afeto, considerando o potencial da linguagem para expressar diferentes expressões e graus de intensidade emocional (OCHS, 1989).

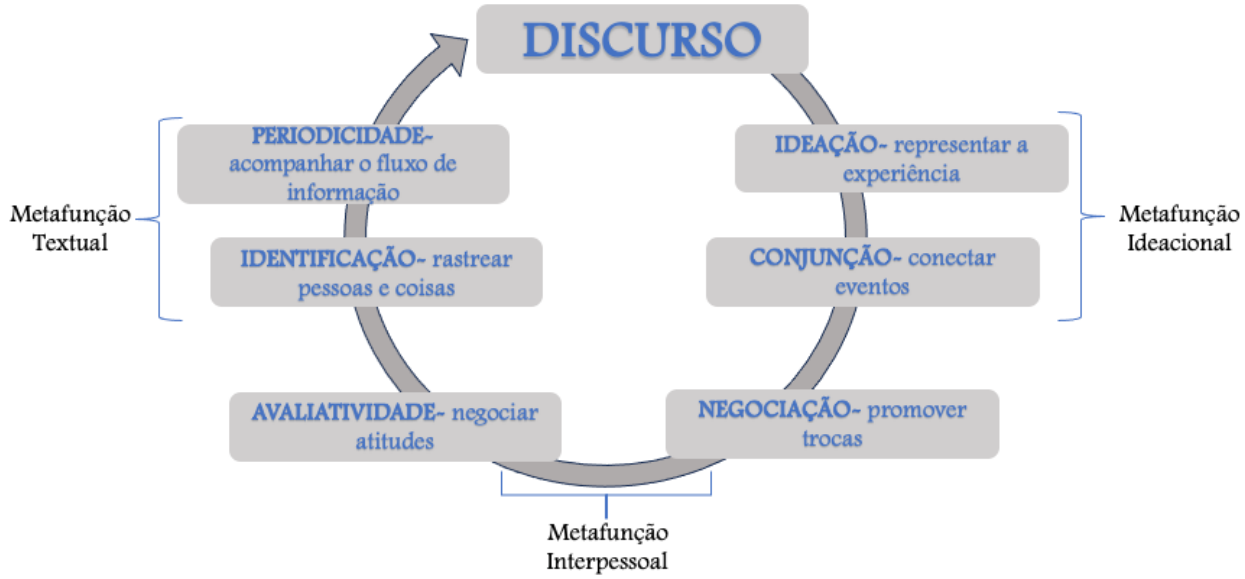
Nesse panorama, esse grupo de sistemicistas passou a trabalhar no desenvolvimento de uma estrutura para análise da avaliação no discurso preocupados, inicialmente, na expansão dos gêneros narrativos baseados em Labov. Tais estudiosos, de acordo com Martin (2000), estavam interessados em ressaltar a função social dos recursos interpessoais utilizados, adotando a palavra *appraisal*, já que o termo *affect* (afeto) parecia muito intimamente ligado às emoções. Martin comenta que esses linguistas estavam especialmente preocupados em desenvolver técnicas que poderiam ser sistematicamente aplicadas a textos. Os artigos publicados na supracitada edição da revista *Text* dialogam entre si, tratando a avaliação sob diferentes perspectivas. As posteriores publicações de Martin (1992, 2000) Martin e Rose (2003, 2007) e Martin e White (2005) foram de significativa contribuição a esses estudos, uma vez que esses autores conceituam e delimitam os subsistemas que compõem a AVALIATIVIDADE, salientando que eles ocorrem paralelamente nas escolhas que o usuário da língua faz para expressar avaliações (SILVA, 2015).

Já no Brasil, a resenha do livro *The language of evaluation – Appraisal in English* feita por Lima-Lopes e Vian Jr. (2007) foi o pontapé inicial para os estudos da hoje chamada AVALIATIVIDADE. Sendo primeiramente traduzido dos estudos de White (2000) como *valoração* (2004), "a lista de discussão sobre a gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa foi palco de profícuas discussões sobre a vasta gama de termos que a teoria oferece, desde a já apontada situação sobre como traduzir o termo *appraisal*" (Vian Jr., 2010, p. 12). Almeida (2018, p. 274) comenta que, nesse período, "o sistema foi sendo elaborado e passou por vários desenvolvimentos estruturais e adaptações terminológicas". A mesma autora (*op. cit.,* p. 289-290) realiza uma abordagem dos "estudos em AVALIATIVIDADE no Brasil uma década após a publicação da obra de Martin e White que aborda o sistema, seus recursos e oferece perspectivas de análise", reforçando que ele "fornece subsídios para a compreensão das diversas práticas socioculturais e discursivas em que estamos engajados em nosso cotidiano" (p. 291).

Fuzer e Cabral (2023) consideram que a AVALIATIVIDADE engloba a análise discursiva, uma vez que se considera os significados textuais que vão além da oração. Nessa perspectiva, as autoras defendem uma Análise do Discurso (AD) Sistêmico-Funcional, já que "a arquitetura proposta por Halliday preceitua que a língua é organizada em estratos e, ao estudarmos o discurso, temos, de modo semelhante" (p. 26) estratos. Nessa linha de raciocínio, então, concordamos com Almeida (2018, p. 275), ao afirmar que: "Segundo Martin (2009b), a importância em estratificar a linguagem em relação ao contexto social deve estar presente em toda e qualquer análise linguística. O nível da semântica discursiva se ocupa do significado além da oração. Para tanto, o autor apresenta seis sistemas discursivos que abrangem a textura do texto".

Vian Jr. (2023b, p. 27) nos diz que os supracitados sistemas discursivos, nessa perspectiva, dão conta "das escolhas feitas nos textos e como estas constroem significados a partir das realizações manifestadas nos textos que, em conjunto, constroem os significados do texto como um todo". Eles realizam significados no estrato semântico-discursivo, de modo não-sequencial, ou seja, todos eles estão relacionados ao texto e fornecem elementos para a construção de significados nele. A figura a seguir, adaptada de Vian Jr. (2023b) esquematiza os seis sistemas discursivos como seis possibilidades de classificação e análise.

Figura 3 - Os sistemas discursivos



Fonte: adaptado de Vian Jr. (2023b).

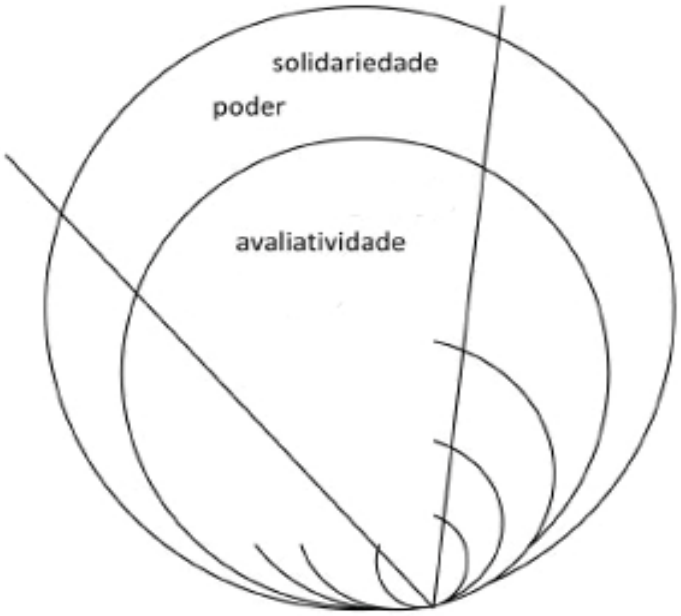
Como é possível observar, os seis sistemas possuem relação com as metafunções da linguagem e com as realizações no estrato léxico gramatical. Almeida (2018, p 276) explica: "AVALIATIVIDADE e negociação relacionados à metafunção interpessoal; ideação e conjunção constroem sentidos ideacionais e identificação e periodicidade estão relacionados à metafunção textual". Nesse interim, a AVALIATIVIDADE abrange as avaliações no discurso.

Assim, por ser um sistema interpessoal ao nível da semântica do discurso (MARTIN; WHITE, 2005), a AVALIATIVIDADE fornece pistas para "localizar a região semântica das avaliações relacionadas a questões de poder e solidariedade" (VIAN JR. 2012, p. 122). Brown e Gilman (1960) conceituam as noções de poder e solidariedade como construções organizadoras da linguagem e das relações sociais, estabelecendo os conceitos de semântica do poder e semântica da solidariedade no bojo das formas de tratamento pronominal. Com base nesses pesquisadores, Poynton (1985) sugere que as relações de poder podem ser esquematizadas em três *continua*: poder, contato e envolvimento afetivo (PAPA, 2005).

Para Martin e Rose (2007), poder e solidariedade constituem duas dimensões nas relações sociais mantidas entre os interlocutores. Dessa forma, poder está relacionado com traços hierárquicos de igualdade e desigualdade, dominação e subordinação; o eixo da solidariedade está relacionado com a natureza das relações pessoais, envolvendo aspectos

como distância e proximidade social. A figura a seguir, adaptada de Vian Jr. (2012) e de Martin e White (2005), ajuda a localizar a AVALIATIVIDADE relacionada à variável de registro Relações (VIAN JR., 2009) nos níveis léxico-gramatical e semântico-discursivo. A figura também mostra que a solidariedade no discurso equivale ao engajamento nas interações.

Figura 4 - AVALIATIVIDADE e variáveis de registro



Fonte: adaptado de Martin (2012).

Revisitando os aportes teóricos de Poynton (1985), Martin e White (2005) conceituam solidariedade como resultado da mobilização de recursos interpessoais. Assim como Poynton, eles afirmam que a solidariedade se realiza em dois eixos:

- Proliferação: significa que, em termos gerais, quanto mais próximos formos de alguém, maior será a quantidade de significados disponíveis para negociação;

⇨ Contração: “O maior conhecimento que se tem do outro faz com que menos explicitação se faz necessária na interação entre os interlocutores” (ALMEIDA, 2018, p. 189).

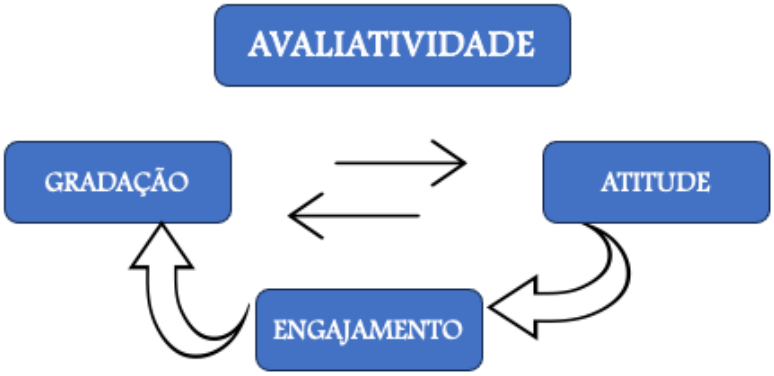
Nesse sentido, as escolhas linguísticas de um indivíduo podem, “por um lado, podem exprimir solidariedade entre membros de um grupo e, por outro lado, provocar distanciamento entre pessoas ou grupos sociais” (XAVIER, 2021, p. 113). Esses conceitos estão presentes em nossa pesquisa visto que “proliferação e contração são entendidas como recursos semióticos para a negociação de intimidade e distância, tendo em vista que relacionamentos são processos dinâmicos que se desenvolvem com o tempo” (MARTIN & WHITE, 2005, p. 31). Nessa lógica, consideramos que os recursos léxico-gramaticais disponíveis são articulados pelos escreventes para expressar avaliações, opiniões e emoções, tendo por objetivo, sobretudo, a obtenção de *respostas de solidariedade* dos leitores. Especificamente falando das mensagens de adeus, espera-se, por muitas vezes, ganhar alguma empatia, ou compreensão, por parte dos interlocutores, de modo a amenizar a carga de julgamento social imbricada à morte voluntária.

Martin e Rose (2003, p. 22) explicam que a AVALIATIVIDADE se encarrega dos “tipos de atitudes que são negociados em um texto, a força dos sentimentos envolvidos e as maneiras pelas quais os valores são obtidos e os leitores alinhados”. Os mesmos autores (2003, p. 22) também explicam que:

> As atitudes têm a ver com avaliar as coisas, o caráter das pessoas e seus sentimentos. Tais avaliações podem ser mais ou menos intensas, ou seja, elas podem ser mais ou menos amplificadas. E a atitude pode ser do próprio escritor ou pode ser atribuída a outra fonte.

Destarte, afirmamos que a avaliação é “um recurso interpessoal impregnado de ideologias, crenças, valores que deixam suas marcas no processo avaliativo como um todo” (SANTOS; CARMO, 2011, p. 39). Por isso, tratamos de um sistema que propõe categorias de classificação dos elementos linguísticos usados em nossas avaliações sobre objetos, eventos, pessoas e seus comportamentos, dentro da perspectiva do texto (NUNES; CABRAL, 2013). O Sistema de AVALIATIVIDADE é constituído por três subsistemas, *atitude*, *engajamento* e *gradação*, dos quais falaremos a seguir e que podem ser, *a priori*, esquematizados na próxima imagem.

Figura 5 - Subsistemas da AVALIATIVIDADE



Fonte: Autor (2025).

3.2.1 Atitude

Este componente abarca áreas de significado que abrangem emoção, ética e estética, representando as maneiras pelas quais os falantes emitem julgamentos e conectam respostas emocionais aos envolvidos na interação (LIMA, 2023). Isso compreende os sentidos pelos quais os textos ou oradores atribuem um valor ou uma avaliação intersubjetiva aos participantes e aos procedimentos, com base em respostas emocionais ou sistemas de valores culturalmente definidos. Nossos sentimentos e nossas ações emocionais podem ser enquadrados, de acordo com Martin e Rose (2003, p. 24) em três tipos principais de atitudes:

> expressar emoção, julgar caráter, avaliar o valor das coisas. Tecnicamente, iremos nos referir a recursos para expressar sentimentos como **afeto**, recursos para julgar caráter como **julgamento** e recursos para avaliar o valor das coisas como **apreciação**. (grifo dos autores)

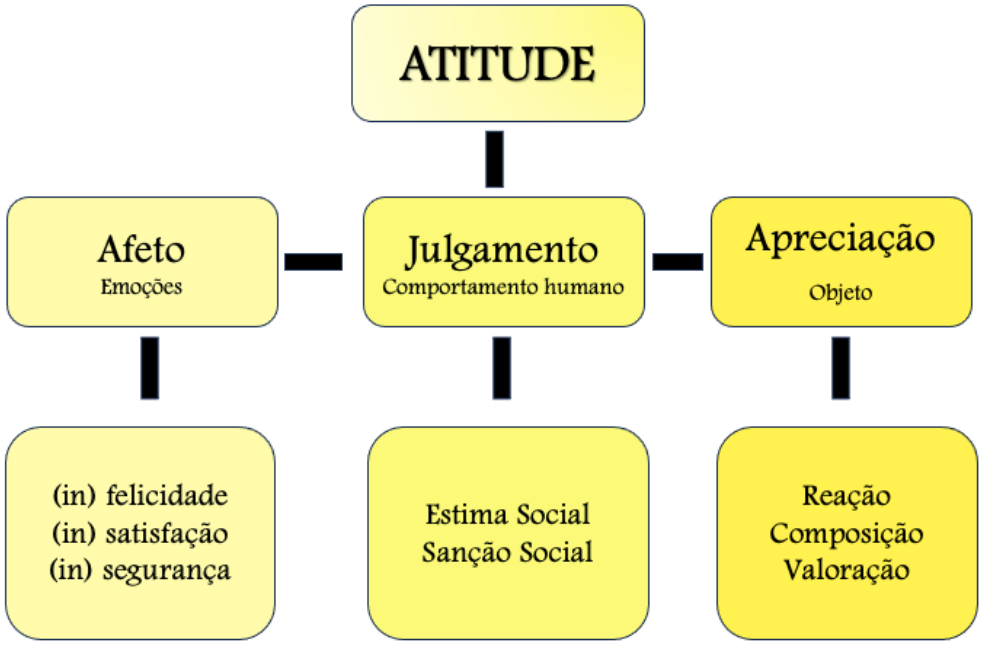
Barros (2023, p. 69) considera que "pode acontecer tanto de forma explícita, quanto de forma implícita. Falar em explicitude é como trazer à superfície textual elementos que materializem tal valoração no discurso, seja positiva ou negativa, e que podem ser mais ou menos intensificados". A mesma autora (*op. cit.*) acrescenta:

> É interessante atentar que essas atitudes sempre partem de alguém e vão em direção a algo, havendo objetivos. O que quero dizer com isso é que há um interlocutor, mais ou menos direto, para o qual se assume uma perspectiva no que concerne ao item avaliado (ser, coisa, comportamento), podendo levar à adesão ou à multiplicação de pensamentos, esquemas ou estruturas que visem, inclusive, atender a finalidades, por vezes, "disfarçadas", isto é, no centro da questão, pode haver o

> predomínio de intenções na e para perpetuação de discursos preconceituosos, imperativos, retrógrados e depreciativos.

Dessa forma, a Atitude, enquanto subsistema, contempla três categorias, ou regiões semânticas: Afeto, Julgamento e Apreciação, que podem ser visualizados a partir da figura que segue, adaptada de Oliveira (2014). A fim de análise, os aspectos que contemplam o subsistema Atitude estarão sinalizados com tons de amarelo:

Figura 8 – Subsistema Atitude



Fonte: Oliveira (2014, p. 255).

A respeito dos componentes da Atitude, Martin e Rose (2007, p. 64), traduzidos por Barros (2023, p. 70), dizem que:

> 1. Os sentimentos são positivos ou negativos
> 2. Os sentimentos surgem de um estado emocional ou estado mental contínuo
> 3.Os sentimentos são uma reação a uma agência externa ou a um estado e disposição internos
> 4. Os sentimentos são mais ou menos intensos
> 5. Os sentimentos envolvem intenções mais que reações
> 6. Os afetos são relacionados: (In)Felicidade, (In)Segurança, (In) Satisfação?

De acordo com Lima (2023, p. 36), “esta é a categoria responsável por construir as emoções do sujeito humano em relação a algo”. Assim, o afeto está localizado no eixo atitudinal das relações semânticas. Martin e Rose (2003, p. 25) explicam que:

> Inicialmente, nós podemos ter bons sentimentos ou maus sentimentos, assim o afeto pode ser positivo ou negativo. Em segundo lugar, as pessoas podem expressar seus sentimentos diretamente ou podemos inferir como as pessoas estão se sentindo indiretamente a partir de seu comportamento, assim o afeto pode ser expresso diretamente ou implícito.

O afeto, consoante Vian Jr. (2023b), engloba emoções e sentimentos que podem ser avaliados em termos de sua qualidade, sendo classificados como positivos ou negativos, bons ou ruins. Essa categoria tem o poder de influenciar a representação de participantes mencionados no texto, à medida que descreve e atribui aspectos que os caracterizam. A expressão do afeto ocorre no discurso por meio de diversas estratégias linguísticas, tais como o uso de epítetos para qualificar substantivos em grupos nominais ou atributos em orações relacionais.

A *felicidade/infelicidade* se encarrega das emoções ligadas à tristeza, raiva, alegria, ao amor etc. É a primeira variável em nossas mentes quando pensamos sobre emoções. A felicidade e a infelicidade são estados emocionais opostos que desempenham um papel fundamental em nossas vidas. Elas estão intrinsecamente ligadas às nossas experiências e à nossa percepção do mundo ao nosso redor. Ambas são partes essenciais da experiência humana e se refletem na forma como percebemos o mundo ao nosso redor. Assim, esse item “abrange os modos de sentirmo-nos alegres ou descontentes (felicidade, gozo, deleite... x tristeza, melancolia, desalento...)” (BARROS, 2023, p. 71), conforme vemos a seguir nos exemplos retirados de nosso *corpus*. Vale destacar que todos os textos selecionados para compor esta pesquisa são sinalizados com a letra T; o número que acompanha cada texto segue uma ordem cronológica crescente.

Exemplo 01

Sou a mulher mais desgraçada que piza o sollo criado por Deus; e devo morrer! (T2)

Exemplo 02

`Não chorem, não sofram, eu estou ABSOLUTAMENTE FELIZ!!!! (T12)

Como é possível observar, nos dois exemplos acima a categoria *felicidade/infelicidade* se dá por meio de elementos lexicais diversos. Primeiramente, a infelicidade toma forma no epíteto "desgraçada" que passa a ser característica da autora. Já no segundo caso, "feliz" é um atributo, referindo-se à qualidade predominante da escrevente naquele momento específico.

Para Martin e White (2005), a *segurança/insegurança* é uma subcategoria cujos significados se realizam no que diz respeito ao bem-estar social, envolvendo sentimentos de confiança ou temor, como preservação, convicção, amparo, em oposição a medo, ansiedade, desassossego etc. (BARROS, 2023). Almeida (2010, p. 105) assegura que "essas emoções envolvem nossos sentimentos de paz e ansiedade em relação ao ambiente, incluindo as pessoas que nos rodeiam", como é possível ver nos exemplos que seguem.

Exemplo 03

Assim deliberei matal-a bem como suicidar-me pois deste modo pouparei alguns momentos de verdadeira tortura para ella pela vergonha deante da família bem como da minha. (T3)

Exemplo 04

[...] *mas sempre renasci como uma fênix que sou e sempre fiquei bem de novo.* (T12)

Como é possível notar, no Exemplo 03 o autor utiliza uma *nominalização* para tratar da insegurança, referindo-se à situação como hipotética, na qual sua amante se encontraria caso ele não tivesse optado pela morte de ambos. Já no Exemplo 04, a autora demonstra segurança a respeito de determinados percalços de sua vida através de um *processo*, que introduz uma metáfora envolvendo uma figura mitológica – conhecida por renascer das próprias cinzas após ser consumida pelo fogo – representando, pois, a renovação pessoal depois de adversidades. Assim, esse item do afeto pode "representar uma realidade interior, a partir da perspectiva do sujeito" (BARROS, 2023, p. 71).

A categoria *satisfação/insatisfação* dá conta das emoções atreladas à busca de objetivos, como prazer, tédio, respeito etc. Almeida (2010) assegura que esses sentimentos estão relacionados à sensação de sucesso ou decepção do sujeito em relação às atividades nas

quais está envolvido, abrangendo funções tanto como participante ativo quanto como espectador das ações.

Exemplo 05

A vida pra mim nunca foi algo interessante, estudar, trabalhar, ter uma carreira?

uma família? (T17)

A categoria insatisfação se faz presente nas palavras do autor dessa mensagem, bem como em uma parcela considerável das mensagens de adeus. No fragmento acima, vemos um epíteto usado para enfatizar algo que fez falta em sua vida, revelando aspectos subjetivos de sua experiência.

Da mesma forma que o afeto, os julgamentos podem ser efetuados de forma positiva ou negativa. O Julgamento é, então, "a região do significado que trata das atitudes de como as pessoas se comportam" (NUNES; CABRAL, 2013, p. 85). Martin e Rose (2003, p. 28) afirmam que "esses julgamentos variam entre julgamentos pessoais de admiração ou crítica e julgamentos morais de elogio ou condenação" (tradução nossa)[7].

O Julgamento pode ser indicado de maneira explícita, implícita ou provocada. Essa categoria é expressa através de itens lexicais, orações ou complementos oracionais que apresentem avaliações ao comportamento humano (NUNES; CABRAL, 2013). De acordo com Barros (2023, p. 72), esta categoria é

> relativa à aprovação, à condenação, à aceitação (ou não) dos comportamentos, ponderando sobre o caráter dos indivíduos, mais especificamente, a partir de um grupo social, da ótica nossa, cujas lentes realizarão a avaliação; ao partilharmos quer um pensamento, quer uma linguagem, ou ainda, outras formas semióticas capazes de representar, ratificamos laços, identidade, tal como aquilo que nos parece ser ou não próprio, contrastamos com os outros atribuindo-lhes parâmetros apoiados em "nós".

Vian Jr. (2023b, p. 109) afirma que as categorias do julgamento "envolvem os recursos avaliativos utilizados para julgar quanto à moralidade, à capacidade e à normalidade, com base em normas que regulam como as pessoas devem agir na sociedade". Sendo assim, o julgamento

[7] "We find that judgements differ between personal judgements of admiration or criticismo and moral judgements of praise or condemnation" (MARTIN E ROSE, 2003, p. 28).

subdivide-se, sustentando o poder cívico e a obediência religiosa (LIMA, 2023), em sansão social e estima social:

- Sanção social – "envolvem as regras de uma dada cultura, considerando a Igreja ou o Estado, com implicações legais e morais" (NUNES; CABRAL, 2013, p. 86). Realiza-se por propriedade (faz-se a pergunta: o indivíduo é ético?) e veracidade (o indivíduo é verdadeiro?).
- Estima social – são julgamentos que não envolvem questões legais e são essenciais "para a formação das redes sociais (família, amigos, colegas, etc.)" (NUNES; CABRAL, 2013, p. 86). Manifesta-se através da normalidade (o comportamento do indivíduo é normal?), capacidade (o indivíduo é capaz?) e tenacidade (o indivíduo é persistente?).

A tabela a seguir, adaptado de Martin (2004, p. 188), sintetiza alguns recursos lexicais e as categorias do Julgamento:

Tabela 3 – Julgamento

ESTIMA SOCIAL	**Positiva (admiração)**	**Negativa (crítica)**
Normalidade (costume) - O comportamento do indivíduo é pouco usual, especial, comum?	Padrão, corriqueiro, médio, sortudo, felizardo, elegante ...	Excêntrico, estranho, dissidente, azarado, infeliz, cafona, fora de moda ...
Capacidade - O indivíduo é capaz, competente?	Habilidoso, inteligente, engenhoso, atlético, forte, poderoso, lúcido, centrado ...	Burro, lento, simplório, desajeitado, fraco, sem coordenação, insano, neurótico ...
Tenacidade (resolução) - O indivíduo é confiável, bem-disposto?	Corajoso, valente, heroico, confiável, responsável, incansável, decidido, perseverante ...	Covarde, impetuoso, cabisbaixo, pouco confiável, irresponsável, distraído, preguiçoso, dispersivo ...
SANÇÃO SOCIAL	**Positiva (elogio)**	**Negativa (condenação)**
Veracidade (verdade) - O indivíduo é honesto?	Honesto, sincero, verdadeiro, autêntico, genuíno, franco, direto ...	Falso, desonesto, impostor, enganador, enrolador ...

Propriedade (ética) - O indivíduo é ético, acima da crítica?	Bom, virtuoso, respeitador das leis, justo, carinhoso, sensível, respeitoso ...	Mau, imoral, lascivo, corrupto, injusto, cruel, mesquinho, bruto, opressor ...

Fonte: Martin (2004, p. 188).

Dessa forma, de acordo com Lima (2023), os valores de estima são criados e compartilhados nas interações cotidianas das redes sociais, e a avaliação feita com base nesses valores diz respeito à forma como uma pessoa é valorizada ou desvalorizada, sem o perigo de punição direta. Por outro lado, a sanção é um julgamento formado por instituições, que envolvem regras morais ou legais, e está associada ao risco de punição caso essas regras sejam quebradas. Veremos, a seguir, alguns exemplos, retirados de nosso *corpus*, em que as escolhas linguísticas feitas pelos suicidas refletem a categoria Estima Social do julgamento:

Exemplo 06

Pai, mãe, perdão. Não consigo. Não adianta fingir. (T16)

Exemplo 07

É preciso coragem para deixar esta vida. (T12)

No Exemplo 06, a estima social, realizada num processo, demonstra a incapacidade (ou capacidade negativa) da escrevente, isto é, o sentimento de impotência que muitas vezes aflige aqueles que contemplam o suicídio. Para essas pessoas, a vida pode parecer esmagadora, e enfrentar desafios emocionais, mentais ou físicos pode parecer insuperável. Esse sentimento de incapacidade pode surgir de uma variedade de fontes, incluindo transtornos mentais não tratados, experiências traumáticas ou uma sensação avassaladora de isolamento. Por sua vez, o Exemplo 7 traz o termo “coragem”, da categoria Tenacidade, como indício de que, para a autora, enfrentar o desconhecido, romper com os laços da vida e enfrentar a própria morte pode ser percebido como uma demonstração de força. Veremos mais dois exemplos, agora pertencentes à categoria Sanção Social:

Exemplo 08

Você não me entendeu. (T7)

Exemplo 09

[...] commigo os paes conversavam e nada me falavam porem ella soffreu tudo bofetadas, pontapés e insultos que nem uma vagabunda aceitaria, e dahi resultava os queixumes d'ella e o desejo de suicidar-se [...]. (T3)

Os dois exemplos aqui trazidos de Sanção Social concentram-se em condenação na perspectiva da ética (Propriedade), já que, nos textos, essa é a avaliação mais encontrada nessa categoria. Uma possível razão para essa preponderância da categoria Propriedade reside no próprio suicídio, que, conforme vimos no Capítulo I, é quase sempre rodeado por críticas, por condenações e pela autocondenação. No Exemplo 08, a autora acusa seu marido de uma constante incompreensão, aqui realizada como um processo, que culminou em sua decisão por findar com a vida. Assim, a "culpa", ou as causas do suicídio são, na mensagem, todas atribuídas ao companheiro. Já o autor do Exemplo 09 condena as atitudes da família de sua companheira através de nominalizações. O trecho "que nem uma vagabunda aceitaria" funciona, nesse contexto, como epíteto para as agressões sofridas, que são, do ponto de vista do autor, repudiantes e inaceitáveis.

De acordo com Almeida (2011), a *apreciação* abrange as reações dos falantes e as avaliações da realidade. Em concordância, Barros (2023, p. 75) diz que: "Ela se instala na esfera da estética, isto é, volta-se para objetos, artefatos, processos, fenômenos e estados de coisas, aos elementos que nos circundam, sendo o olhar, para eles, conferido também enquanto positivo ou negativamente". Martin e Rose (2003, p. 32-33) explicam que a apreciação está relacionada à forma como as pessoas se sentem e à forma como se comportam sobre as coisas:

> A avaliação de coisas inclui nossas atitudes sobre programas de TV, filmes, livros, CDs; sobre pinturas, esculturas, lar, prédios públicos, parques; sobre peças, recitais, desfiles ou espetáculos e performances de qualquer tipo; sentimentos sobre a natureza para esse assunto; panoramas e grotas, nascer e pôr do sol, constelações, estrelas cadentes e satélites em uma noite estrelada. Como com o afeto e o julgamento, as coisas podem ser avaliadas positivamente ou negativamente (tradução nossa)[8].

[8] "Appreciating things. To this point we've looked at how people feel about people and the way they behave. What about things? Appreciation of things includesour appraisad: negotiating atitudes abut TV shows. Films, books, CDs; about paintings, sculptures, homes, public buildings, parks; about plays, recitals, paredes or spectacles and performances of any kind; feelings about nature for that matter: panoramas and glens, sunrises and sunstes,

As apreciações podem ser realizadas por elementos lexicais, orações completas, nominalizações e por alguns processos. Consoante Almeida (2011), os itens lexicais que realizam a apreciação estão relacionados com o processo mental de cognição, como, por exemplo, “eu sei”, “acho”, “entendo”, “acredito” etc. Como indicado por Lima (2023, p. 40): “Apesar de neste campo semântico a avaliação deslocar-se das pessoas para as coisas, os seres humanos também podem ser apreciados, quando suas qualidades estéticas estão em pauta, ao invés de serem julgados, quando está sendo discutida a aceitabilidade social dos seus comportamentos”. A apreciação está dividida em três grupos:

➥ *Reação* – corresponde às reações que as coisas provocam nas pessoas. Pode ser de impacto (faz-se a pergunta: isso te cativou?) ou de qualidade (isso te agradou?).

➥ *Composição* – diz respeito às percepções de proporcionalidade e detalhe em um texto. Divide-se em: proporção – que se refere ao equilíbrio das coisas; e complexidade – correspondente ao nível de complexidade dos objetos.

➥ *Valoração* – corresponde à avaliação da significação social do texto e ao valor que se atribui às coisas (faz-se a pergunta: isso valeu a pena?).

Tabela 4 – Apreciação

Reação	Impacto/qualidade	*Isso te cativou?* *Isso te agradou?*
Composição	Proporção/complexidade	*Isso me parece bem elaborado?*
Valoração	Significação social	*Isso valeu a pena?*

Fonte: Autor (2025).

constallations, shooting stars and satélites on a starry night. As with allect and judgements, things can be appreciated positively or negatively” (MARTIN E ROSE, 2003, p. 32-33).

Na amostra que faz parte do nosso *corpus*, essa subcategoria da Atitude foi encontrada com mais dificuldade. Suas ocorrências estão limitadas a trechos pontuais, como os exemplos abaixo:

Exemplo 10

arrumei uma namorada, acho q era 2012.

nunca disse pra ela q eu era um repetente.

ela era linda e inteligente demais pra mim... mas eu fui com tudo q eu tinha a oferecer. (T17)

Exemplo 11

[…] nos últimos meses, minha habilidade de expressão declinou, não vou escrever tão bem ou ser tão preciso quanto eu gostaria.

Vemos que, no Exemplo 10, os epítetos "linda" e "inteligente" caracterizam a então namorada do escrevente, tais características contrastam com as que ele mesmo diz possuir e isso toma um viés negativo na construção da argumentação suicida, uma vez que essa diferença, supostamente, acaba pesando na relação e levando ao seu fim; a apreciação, nesse caso, está situada na categoria Reação. O autor do texto cujo fragmento compõe o Exemplo 11 escolheu um processo (declinou) para caracterizar suas habilidades de escrita; a utilização desse processo, bem como dos grupos nominais destacados no trecho funcionam como um pedido de desculpas para com o leitor, uma vez que a mensagem, segundo o autor, não teria sido escrita da forma como ele gostaria, o que poderia ocasionar desconforto e sofrimento aos leitores, reações que o escrevente tenta evitar; devido ao fato de avaliar a sua própria escrita da mensagem de adeus, a apreciação nesse exemplo concentra-se na categoria Valoração.

Por fim, convém salientar que as diversas categorias da Atitude englobam recursos usados para expressar sentimentos e o envolvimento emocional do escrevente em relação ao objeto, à situação, à pessoa ou ao grupo social avaliados, além de recursos através dos quais o autor evidencia seu posicionamento na situação de comunicação com o destinatário. Esse

subsistema também considera o remetente da mensagem em relação a sua empatia, seu respeito, sua simpatia ou sua hostilidade em relação ao que está sendo avaliado e/ou aos leitores.

3.2.2 Engajamento

O subsistema Engajamento "posiciona a voz do falante e do escritor em relação aos diversos pontos de vista e significados comunicados no texto" (SANTOS, 2015, p. 47). Dessa forma, o Engajamento se encarrega da diversidade de vozes no texto e da forma como são negociadas dialogicamente as relações entre interlocutores. Para Martin e Rose (2003), ele cobre recursos usados para introduzir discursos adicionais por meio da projeção, modalização ou concessão, "refletindo-se no jogo de vozes em torno das opiniões no discurso" (BARROS, 2023, p. 66).

O conceito de Engajamento se origina no dialogismo bakhtiniano. De acordo com Bakhtin (1981), a linguagem é essencialmente dialógica, o que significa que a comunicação não ocorre em um vácuo, mas sempre em um contexto social e interativo. Ele argumenta que as palavras e as expressões ganham significado através do diálogo e da interação com os outros. Nesse contexto, o engajamento refere-se à capacidade do falante ou escritor de envolver o ouvinte ou leitor em um diálogo ativo e dinâmico. Isso implica uma interação ativa entre as vozes presentes em um texto, em que diferentes pontos de vista e vozes são considerados e respondidos. O Engajamento, nesse sentido, reconhece a natureza interativa e social da linguagem, onde a compreensão e o significado são construídos através do diálogo e da troca constante de ideias e perspectivas.

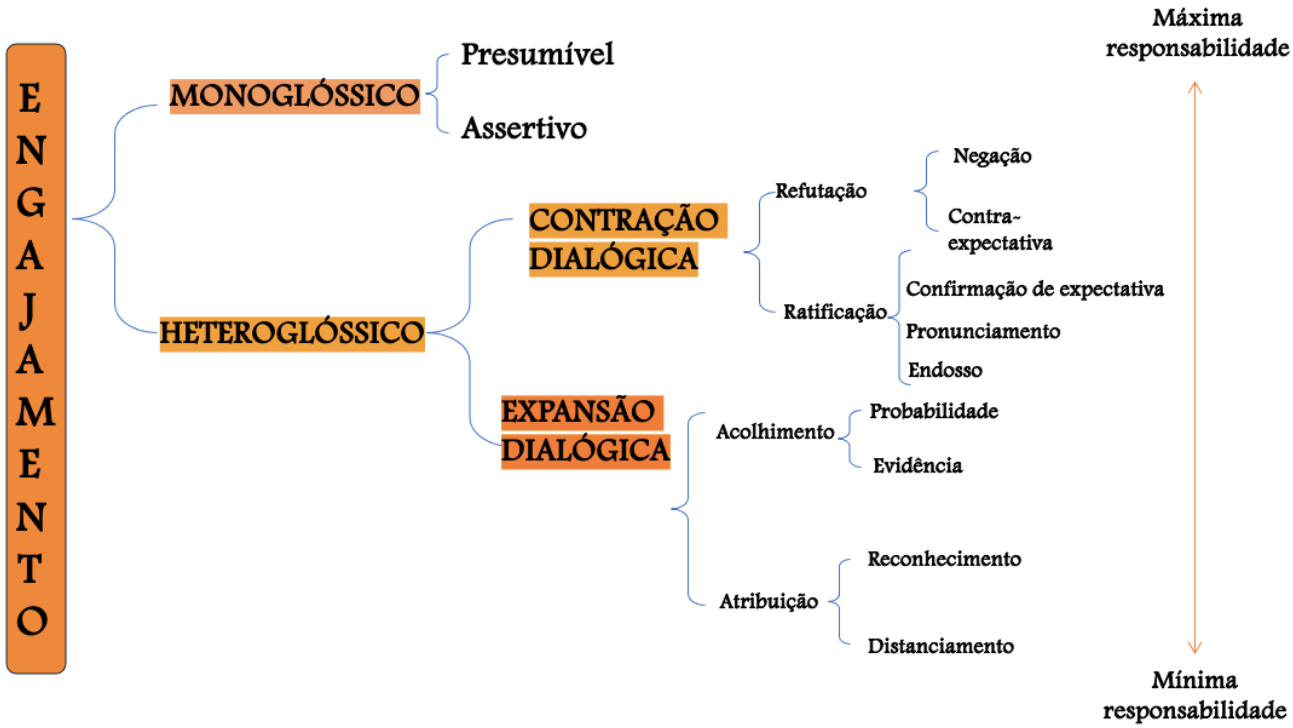
Vian Jr. (2010, p. 34) explica que "como estamos tratando de um modelo que toma por base a gramática sistêmico-funcional de Halliday, segue uma orientação que relaciona os significados com o contexto em que são produzidos: o contexto de situação e o contexto de cultura". Assim, o subsistema Engajamento proporciona efeitos dialógicos associados à intersubjetividade dos sujeitos.

Para Martin e Rose (2003), o engajamento dá conta de recursos usados para introduzir vozes adicionais num discurso por meio da projeção, modalização ou concessão. O principal tipo de escolha, nesse sentido, é a de uma voz única (*monogloss*) ou a de múltiplas vozes (*heterogloss*). Sobre essas escolhas, Martin e Rose (2003, p. 44) dizem que:

> Este potencial para obter o que é dito foi um dos fatores que levaram o linguista russo Bakhtin (1981) a pensar sobre a natureza dialógica do discurso, mesmo em textos que pensamos ser tradicionalmente monólogos. A analista do discurso francesa Kristeva introduziu o termo heteroglossia ("vozes diferentes") para essa noção de expressão múltipla em todos os tipos de discurso. Aqui, vamos usar o termo heterogloss onde a fonte de uma atitude é diferente da do escritor, e monogloss ("voz única") onde a fonte é simplesmente o autor.

Em conformidade com Ninin e Barbara (2013, p. 130-131), "não é possível conhecer o envolvimento do autor com as proposições apresentadas no texto quando se analisa isoladamente as orações". Assim, para a verificação das vozes no texto sob a ótica da AVALIATIVIDADE, é necessária uma análise de um conjunto de orações, de um parágrafo ou da extensão de um tema ao longo do texto. A figura a seguir, adaptada de Martin e White (2005), esquematiza as categorias desse subsistema que, em nossa análise, estará sinalizado em tons da cor laranja.

Figura 9 – Subsistema de Engajamento



Fonte: baseado em Martin e White (2005).

Destarte, na Monoglossia não há o reconhecimento da alternativa dialógica. Vian Jr. (2010) explica que as posições dialógicas na Heteroglossia podem sofrer dois movimentos, ou dois valores possíveis:

➥ Expansão dialógica: permitem-se vozes ou opiniões alternativas (MARTIN; WHITE, 2005).

➥ Contração dialógica: "ocorrem desafios ou restrições em relação a outras vozes ou opiniões" (CRUZ, 2015, p. 309).

De acordo com Martin e White (2005), a concepção heteroglóssica da realização implica em um modelo de interação interpessoal, na qual o falante ou escritor se posiciona no discurso usando elementos como modalidade, polaridade, intensificação, atribuição, concessão e consequência. Na contração dialógica, nessa perspectiva, "o autor refuta os diferentes posicionamentos, fechando o discurso às posições alternativas e atribuindo caráter de verdade ao que é dito/escrito" (MOTTA-ROTH; SCHERER, 2012, p. 658). Baseados em Cruz (2015), falaremos, agora, sobre as categorias analíticas da Contração Dialógica.

➥ **Refutação** (ou contraposição): se dá quando o autor utiliza recursos através dos quais admite haver uma posição oposta. Ela pode se dar por meio da **Negação** – quando o leitor age de forma a corrigir algum erro ou mal-entendido por parte do interlocutor, ou seja, um sujeito no discurso se opõe à voz citada, expondo opinião contrária à voz autoral, realizada linguisticamente principalmente pela palavra "não" e outras similares de sentido negativo – ou da **Contraexpectativa**, que ocorre quando se introduz no leitor uma outra expectativa através de "conjunções e conectivos ('embora', 'entretanto', 'ainda', 'mas'...), advérbios ('surpreendentemente'...) e adjuntos ('somente', 'ainda'...)" (CRUZ, 2015, p. 309).

➥ **Ratificação** (ou proposição): pode ser feita de três formas. A primeira delas, **Confirmação de Expectativa** abrange "enunciados nos quais o autor mostra estar em concordância com alguma proposição apresentada" (CRUZ, 2015 p. 310) e pode ser estabelecida por meio de expressões como "é claro", "naturalmente", "certamente", "obviamente", etc. Já o **Pronunciamento** dá conta de frases que contêm uma ênfase ou

intervenção explícita que podem criar uma oposição direta em significados subjetivos através dos quais o autor tenta convencer o interlocutor, realizando-se linguisticamente por meio de expressões como “Eu afirmo que…”, “O fato é que...”, “A verdade do problema é que…”, “Nós só podemos concluir que…”, “Você deve concordar que…”, “Realmente...” (MARTIN; WHITE, 2005). Por sua vez, o **Endosso** evidencia a harmonia entre a voz do autor e outras fontes consideradas autoritárias e inquestionáveis. Isso é alcançado através do uso de processos como “mostrar”, “provar”, “demonstrar”, “achar”, “apontar”, e outros, que validam essas opiniões externas.

De acordo com Motta-Roth e Scherer (2012), na Expansão Dialógica, o escritor acolhe uma variedade de pontos de vista, permitindo a inclusão de posições alternativas e mantendo uma distância em relação ao que é afirmado ou escrito. Isso é feito para facilitar a expressão de diferentes perspectivas e promover a discussão. Esses significados realizam-se em duas categorias, Acolhimento e Atribuição:

➥ Os recursos da categoria do **Acolhimento** baseiam-se na fundamentação do enunciado centrada na subjetividade do locutor, sendo realizada por distintas locuções modalizadoras (VIAN JR. 2010). Nessa perspectiva, o locutor pode reconhecer e, de certa forma, validar diferentes posicionamentos, sendo solidário a estes. Assim, o autor pode atribuir ao interlocutor a função de um sujeito com o qual ele não está plenamente alinhado no que diz respeito ao posicionamento. Conforme Lovato (2009, p. 157), o acolhimento abarca os significados que o autor alcança por meio de declarações de **Probabilidade** ou **Evidência**, sendo realizados por “verbos modais (parece, poderia, deveria), adjuntos modais (talvez, provavelmente); atributos modais (é possível que, é provável que); circunstâncias (em minha opinião) e via certos verbos mentais (eu suspeito que, eu acho que, eu acredito que, estou convencido que)”.

➥ A **Atribuição** envolve frases que separam a ideia do autor interno ao atribuí-la a uma fonte não autoral, usando técnicas como relato e citação. Na atribuição por **Reconhecimento** “o produtor textual utiliza-se de mecanismos que representam o fundamento da proposição centrada em um participante externo e, por conseguinte, reconhece a existência de outras posições de valor alheias à sua” (VIAN JR. 2010, p. 37). Nas palavras de Ninin e Barbara (2013, p. 132) no Reconhecimento, “o falante/escritor assume mínima

responsabilidade enunciativa, deixando explicitada sua posição de discordância ou de não envolvimento com o posicionamento presente no texto. A responsabilidade cabe à voz externa trazida ao texto". Em contrapartida, na atribuição por **Distanciamento**, se estabelece uma clara distinção entre a voz do autor incorporada no texto e as declarações das vozes não autorais presentes no mesmo. Ela é "sinalizada principalmente pelo emprego de citações e de proposições projetadas pelos verbos defender, alegar e garantir, por exemplo" (LOVATO, 2009, p. 158), através dos quais o autor do texto expressa claramente sua separação da ideia, não assumindo responsabilidade. É usado quando se diz que alguém alega algo (CRUZ, 2015).

Como se nota, as categorias da Expansão Dialógica conectam a ideia associada a vozes externas ao texto, interagindo com outras vozes e, assim, podem ganhar a compreensão e o apoio do leitor/ouvinte em relação ao que está sendo expresso. Assim, nota-se que os recursos do Engajamento são obtidos a partir dos desdobramentos das possibilidades dialógicas através da Monoglossia e, principalmente, da Heteroglossia, da qual são oriundos os conceitos de expansão e contração dialógica. Na sequência, veremos como esses parâmetros se aplicam a três fragmentos de mensagens de adeus retirados do nosso *corpus*.

Exemplo 12

É daqui a pouco que tudo acaba. (T13)

Exemplo 13

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. (T6)

Exemplo 14

Sempre fui uma boa pessoa e jamais prejudicaria alguém, mas tão somente eu mesmo. (T18)

Exemplo 15

a vida não é curta como dizem, parece q eu vivi uma eternidade

nao tenha medo de errar
eu vou errar até meu ultimo suspiro. (T17)

Exemplo 16

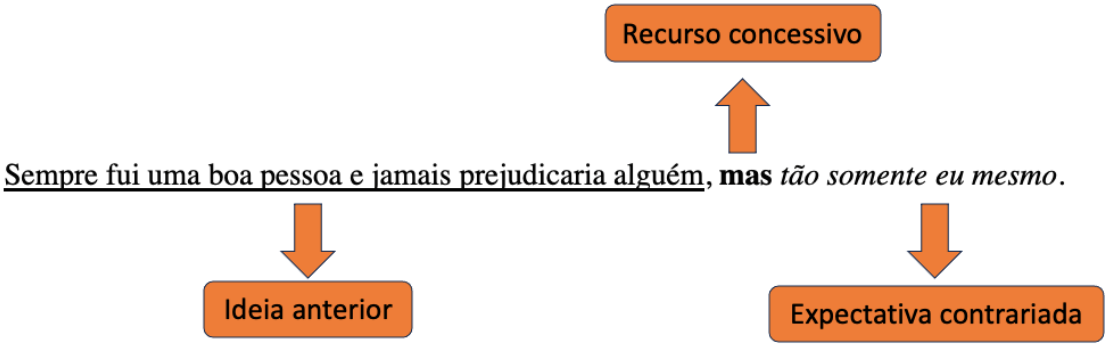
Se jamais tomei uma atitude como você diz, não foi por falta de dignidade e, sim, porque gostava, inutilmente, de você. (T7)

Trazemos um exemplo da Monoglossia no Exemplo 12. Com o uso do processo ser, destacado no texto, a autora não compartilha com outras vozes o seu ponto de vista. Sobre o posicionamento monoglóssico, Vian Jr. (2010, p. 35) assevera que "pode parecer contraditório falar em Monoglossia, já que as interações cotidianas pressupõem o outro. Se observarmos a questão da perspectiva das orações, no entanto, sabemos que é possível fazer asserções categóricas que não permitem o questionamento ou que não dão margem à dialogia". Nesse sentido, ainda que alguns posicionamentos, como o da autora do exemplo em questão, sejam monoglóssicos no nível da oração, no estrato semântico-discursivo "os significados construídos, o conjunto das asserções no tecido verbal como um todo será heteroglóssico" (*op. cit*. p. 36).

No Exemplo 13, já observamos o posicionamento heteroglóssico manifestado de diversas formas, uma vez que o escrevente admite outras vozes e evoca outros posicionamentos para construir sua argumentação. Nesse caso específico, temos a presença da Contração Dialógica, já que "assume uma posição em desacordo ou em rejeição a uma posição contrária" (VIAN JR., 2010, p. 37). A linha de raciocínio do autor, nesse trecho, é desenvolvida através da rejeição de outros posicionamentos, pelos quais ele se considera "sufocado". Por admitir uma posição oposta, a Contração se dá por Refutação, através da Negação – o que pode ser notado pela repetição do advérbio "não" e, em certa medida, pelos processos "sufocar" e "impedir" que, além de trazerem sentido negativo, reforçam a ideia de que inércia frente aos opositores que se estende pelo texto. Ademais, a repetição do supracitado elemento funciona como uma intensificação do posicionamento assumido pelo autor.

A categoria Refutação também se faz presente no Exemplo 14, no qual observamos a realização, através da conjunção "mas", da Contraexpectativa, que introduz uma concessão a uma ideia anteriormente expressa, como podemos notar na imagem abaixo:

Figura 10 - Contraexpectativa



Fonte: Autor (2025).

Os recursos da Expansão Dialógica, usados quando se abre a possibilidade de espaço dialógico (CRUZ, 2015), podem ser observados no Exemplo 14. Aqui, observamos a subcategoria Probabilidade, pertencente ao Acolhimento. O verbo modal "parece" é usado para inserir uma declaração que, simultaneamente é uma opinião do autor e funciona como argumento através do qual são expostos alguns motivos para a opção pela morte voluntária.

No Exemplo 16, vemos como pode ser manifestada uma Atribuição por Distanciamento, uma vez que a voz autoral evoca outro posicionamento na construção da sua argumentação; entretanto, é feita uma total desconexão com essa ideia, sinalizada por meio da oração subsequente. Nesse sentido, a autora afirma seu sentimento direcionado a seu interlocutor e, ao mesmo tempo, menciona o discurso desse interlocutor, no qual ela seria desprovida de dignidade para tomar atitudes. Assim, a escrevente rejeita essa ideia, usando como justificativa o que é realizado no processo (gostava), acrescentando-lhe uma circunstância (inutilmente), que ajuda a reforçar a ideia de isolamento apresentada.

Desse modo, percebemos que o Engajamento é responsável pela conexão entre diferentes perspectivas. Principalmente nas categorias de análise que envolvem a Heteroglossia, vemos como as experiências pessoais realizam-se no discurso. Concordamos com Balocco (2010) ao afirmar que, no Engajamento, quando os locutores expressam suas opiniões sobre um assunto específico, estão simultaneamente desenvolvendo uma imagem discursiva de si

mesmos (*ethos*) e estabelecendo um tipo específico de conexão com seus leitores. Isso ocorre em um tipo específico de diálogo, envolvendo as vozes sociais e posturas discursivas que compõem o debate sobre o tema em questão.

3.2.3 Gradação

De acordo com Vian Jr. (2010), a ideia de gradação implica a presença de uma escala ou uma gama contínua de intensidade virtual, na qual os valores variam de um extremo composto por termos que denotam avaliações socialmente percebidas como menos intensas, para outro extremo formado por itens que indicam avaliações consideradas mais intensas.

Destarte, Martin e White (2005) explicam a magnitude ou intensidade das avaliações no subsistema da Atitude (Afeto, Julgamento e Apreciação) e a intensidade dos recursos de posicionamento intersubjetivo no Sistema de Engajamento. O último subsistema da AVALIATIVIDADE é encarregado de construir níveis maiores ou menores de positividade ou negatividade para as categorias do subsistema de Atitude (afeto, julgamento e apreciação) (SILVEIRA, 2012). A Gradação, segundo Silveira (2012, p. 94) "opera em dois eixos de escalas: um diz respeito à intensidade e quantidade, e o outro se refere à prototipicalidade". Esses dois eixos são identificados como Força e Foco, sendo que "a força envolve a escolha de aumentar ou diminuir a intensidade de itens graduáveis, o foco a opção de aprimorar ou abrandar um limite experimental" (MARTIN; ROSE, 2003, p. 54). Dessa forma:

➥ Força: está relacionada ao nível de intensidade (qualidade, semelhança, usualidade, inclinação e obrigação) e quantidade (tamanho, peso, distribuição e proximidade das entidades) nas avaliações.

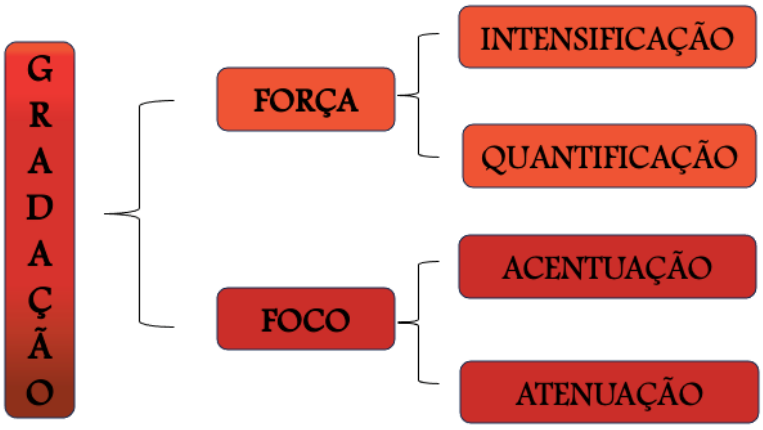
➥ Foco: aplica-se no nível da experiência, em categorias que não podem ser escaladas em quantidade ou intensidade.

Assim, consoante Lima (2023), a Gradação é a característica fundamental dos significados no subsistema de Atitude e, de maneira mais geral, dos valores de Engajamento que são ajustados conforme a intensidade do comprometimento do falante/escritor ou o nível de investimento deles no enunciado. Barros (2023, p. 77) considera que:

> As escolhas feitas na Gradação são realizadas a partir de outras que também poderiam ter sido eleitas, estando a seleção realizada intimamente ligada às considerações dos interlocutores no que tange ao objeto, à coisa, aos fenômenos, assim como afetos/emoções e posicionamentos, anunciando ajuizamentos; o potencial, na construção de hierarquias 'graduáveis', articula-se aos ajustes feitos pelos produtores textuais, volume/grau da intensidade, em razão do que é disponibilizado linguisticamente.

Compreendendo que "existem opções na língua para ampliarmos ou reduzirmos nossas avaliações em relação a algo, isto é, um sistema de gradação" (FUZER; CABRAL, 2023, p. 31), os valores da gradação transitam entre eixos mais ou menos abrangentes e socialmente construídos baseados em avaliações positivas ou negativas. Dessa maneira, para as mesmas autoras (*op. cit.* p. 120) "a gradação é realizada por palavras que podem ter algum sentido referencial, e não apenas gramatical, com sentido fechado e não referencial". O subsistema Gradação – que terá suas realizações em nossa análise demarcadas com a cor vermelha – pode ser esquematizado com base na imagem a seguir:

Figura 11 - Subsistema de Gradação



Fonte: baseado em Martin e White (2005).

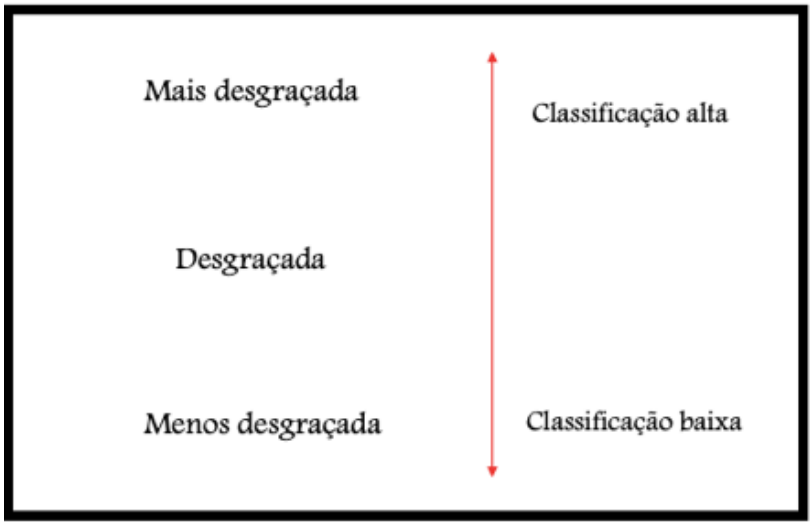
Como podemos observar, os significados da Gradação, categorizados em Força e Foco, subclassificam-se de acordo com alguns critérios. Para a **Força**, há duas opções: a **Intensificação** e a **Quantificação**. A **Intensificação** modifica processos, qualidades e indicadores de modalidade, o que pode ser verificado no exemplo a seguir.

Exemplo 17

Sou a mulher mais desgraçada que piza o sollo criado por Deus; e devo morrer! (T2)

O item “mais”, aqui, funciona como recurso gradativo que intensifica o significado de “desgraçada”. Ao amplificar o sentido do epíteto, o item lexical atua como instrumento que colabora para a construção do discurso suicida da autora da mensagem. A gradação, nesse caso, pode ser explicada de acordo com a seguinte imagem.

Figura 12 - Gradação



Fonte: baseado em Martin e White (2007).

De acordo com Barros (2023, p. 78) a **Quantificação** “envolve um dimensionar relacionado à quantidade/extensão, como, por exemplo, peso, força, tamanho e número, aplicado a entidades, mas, ainda, dentro de alguma possível imprecisão”. Martin e White (2005) catalogam três opções possíveis dentro da Quantificação, a saber, *quantidade*, *volume* e *extensão*. A primeira delas ocorre quando há uma indeterminação na quantificação de algo; isso se dá, geralmente, em língua portuguesa, por meio de pronomes indefinidos ou palavra que denotam quantidade imprecisa, como pode ser observado no exemplo abaixo:

Exemplo 18

nem sei explicar como assim procedi pois longos anos tenho trabalhado no Comercio em grandes casas onde o numero de moças são grandes e nunca tentei abusar com nenhuma d'ellas. (T5)

Nas palavras de Vian Jr. (2010, p. 199). A categoria *volume* dá conta de "não apenas a noção de tamanho (pequeno, grande), mas também outros campos semânticos, tais como altura (baixo, alto), peso (leve, pesado), espessura (fino, grosso) e luminosidade (escuro, claro)". Esses significados podem ser realizados com o objetivo de reforçar ideias anteriormente explicitadas, como fez o escrevente do texto cujo fragmento vemos a seguir:

Exemplo 19

por ella ser agarrada com minha senhora dava-mos sempre pequenas lembranças de pouco valôr, como sejam sabonetes escovas brilhantinas, e algumas vezes cortes de vestidos barato assim como joias (T5)

Por sua vez, a categoria *extensão* se encarrega dos significados de distribuição – que se refere à difusão no espaço ou extensão de tempo – e proximidade – também relacionada ao tempo (próximo ou distante) e ao espaço (perto ou longe). No exemplo 15, que já foi visto anteriormente, vemos a forma através da qual o escritor usa a extensão em alusão ao tempo:

Exemplo 15

a vida não é curta como dizem, parece q eu vivi uma eternidade
nao tenha medo de errar
eu vou errar até meu ultimo suspiro (T17)

Nesse panorama, o **Foco** "oferece recursos para graduarmos categorias semânticas prototípicas que – experiencialmente falando – em princípio não são passíveis de serem graduadas", permitindo "que os falantes expressassem diferentes 'graus' de prototipicalidade experiencial" (VIAN JR. 2010, p. 200-201). Esses recursos são categorizados em *acentuação* – enfatizando a essência de categorias semânticas experienciais (VIAN JR, 2010) –, e *atenuação* – que são capazes de reduzir o nível de pertencimento de uma unidade lexical a

determinada categoria experiencial. Em nossa amostra, apenas foram encontrados casos de acentuação, como ilustram os exemplos.

Exemplo 20

sou mesmo uma Idiota como me chamavas! (T2)

Exemplo 21

Porém com o desprezo completo d'ella resolvi matala d'esde o dia 29. (T5)

Exemplo 22

Eu queria mesmo era ser feliz. (T7)

Exemplo 23

Será que é porque minha mãe nunca se casou? Porque o meu pai era um panaca perfeito? (T8)

Exemplo 24

Realmente não soube administrá-lo e fui ludibriada por pessoas de má-fé várias vezes. (T12)

Nos exemplos 20 e 22 vemos como o item lexical "mesmo" é usado para acentuar as ideias pontuadas pelas autoras, funcionando, em cada contexto, para atestar o epíteto idiota (Exemplo 20) ou realçar o real desejo de quem escreve (Exemplo 22). No Exemplo 21, a palavra "completo" altera a categoria semântica de "desprezo", conferindo-lhe genuinidade e totalidade. De maneira similar, o item "perfeito" representa a característica – "panaca" – com autenticidade, no Exemplo 23. Já no último exemplo deste capítulo, "realmente" transforma um grupo nominal em uma unidade semântica e, simultaneamente, ajuda a garantir a veracidade da característica que a autora afirma ter tido em dado momento de sua vida, no tocante às finanças.

Nessa perspectiva teórica, consideramos que a LSF oferece diversas contribuições significativas para a análise de textos, haja vista que ela considera não apenas as palavras e

estruturas gramaticais, mas também o contexto social, cultural e situacional em que o texto está inserido. Ademais, o estudo das Metafunções da Linguagem permite uma compreensão mais profunda das intenções autorais nos textos mais diversos.

Além disso, a AVALIATIVIDADE, enquanto sistema discursivo, fundamental para analisar posicionamentos, opiniões e argumentos em textos, faz parte de um arcabouço "extravagante" (PAGANO, 2020, p. 27) do qual a LSF se vale para "estudar o texto e sua relação com o contexto e sua gramática" (VIAN, JR. 2023b, p. 25). As categorias desse sistema, nos textos, nos ajudam a identificar elementos que refletem ideologias, valores sociais, sentimentais e religiosos em nosso contexto específico das mensagens de adeus. Assim, os significados além da oração compõem os princípios através dos quais os sistemicistas reconhecem que todo texto é um processo de compartilhamento de significados (HALLIDAY, 2002).

No próximo capítulo veremos, pois, algumas informações relevantes sobre os 23 textos que compõem nosso *corpus*: as fontes nas quais eles foram coletados; a transcrição das mensagens; a divisão em categorias analíticas; quais ferramentas nos ajudarão a obter resultados; e quais gêneros estão envolvidos nessa prática comunicativa.

3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Nas próximas páginas, tratamos do percurso metodológico desta pesquisa. Inicialmente, veremos como a pesquisa se caracteriza de acordo com os métodos adotados, ferramentas estatísticas e técnicas de categorização. Depois, apresentaremos o *corpus* de acordo com origem e fonte, procedimentos de coleta, particularidades relevantes de alguns textos e critérios éticos empregados na pesquisa. Por último, oferecemos a visualização de esquemas da subdivisão aplicada de acordo com critérios relacionados à motivação suicida de cada escrevente e mostramos as ferramentas que nos auxiliarão na análise.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Dentre os diversos modos que representam possibilidades de análise dos fenômenos que envolvem as pessoas e suas relações sociais, a pesquisa qualitativa recebe um lugar de destaque porque compreende que dado fenômeno somente pode ser investigado em sua totalidade se tal investigação for efetivada numa perspectiva integrada (GODOY, 1995). Assim, concordamos com Dornyei (2006) ao entender que, por tratar de dados apresentados em formas textuais, a natureza específica da linguagem da análise qualitativa favorece a análise linguística.

Tendo por objetivo investigar traços da AVALIATIVIDADE presentes em mensagens de adeus, optamos por uma abordagem interativa, combinando métodos quantitativos e

qualitativos, pois a análise cuidadosa e criteriosa desses traços avaliativos é essencial para desvendar os sentimentos, as atitudes e as intenções subjacentes às mensagens de adeus, proporcionando uma visão mais abrangente das interações sociais.

Simultaneamente, a pesquisa qualitativa será realizada por meio de uma análise interpretativa dos elementos avaliativos, enquadrados nos três subsistemas, nas mensagens de adeus, buscando entender o contexto cultural, emocional e social que permeia as expressões avaliativas presentes nessas comunicações e contextualizando-os dentro das experiências e relações pessoais dos remetentes e destinatários das mensagens. Na fase quantitativa, serão utilizados métodos estatísticos para analisar a frequência e a distribuição desses traços, permitindo uma compreensão estatística das tendências observadas.

Compreendendo, de acordo com Godoy (1995), o termo “documento” em seu sentido mais amplo – que inclui materiais escritos, iconográficos e estatísticos –, caracterizamos nossa pesquisa como de cunho documental. Embasamos essa caracterização no entendimento de que esse tipo de pesquisa abrange “o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ ou interpretações complementares” (GODOY, 1995, p. 21).

Metodologicamente, compreendemos que a “leitura e análise de documentos é um importante instrumento de coleta de dados, como meio de reforçar o entendimento da pesquisa, pela capacidade de situar os relatos contemporâneos em um contexto histórico” (OLIVEIRA, 2005, p. 86). Outrossim, Santos (2015) destaca que, ao optar por uma abordagem documental na pesquisa qualitativa, há uma vantagem significativa porque, nesse tipo de pesquisa, o investigador tem a oportunidade de analisar não apenas as pessoas responsáveis pela criação dos documentos, mas também o contexto cultural em que esses documentos surgem. Todos esses elementos fornecem informações essenciais sobre o fenômeno a ser examinado. Em resumo, na pesquisa documental, "o pesquisador procura uma correspondência entre sua descrição e os eventos aos quais ela se refere" (OLIVEIRA, 2005, p. 86).

Por lidarmos com documentos escritos, “é possível dizer que eles representam o ponto de vista de indivíduos que possuem habilidade para ler e escrever, uma vez que as populações que não conseguem lidar com esses bens culturais não terão oportunidade de registrar suas experiências e vivências dessa forma” (GODOY, 1995, p. 22). Nos estudos da linguagem, esta

reflexão é particularmente relevante, pois a análise documental tende a privilegiar as experiências e visões que têm acesso à escrita, podendo assim criar uma visão parcial da realidade social e cultural, que tende a excluir os sujeitos não-alfabetizados. Entretanto, ao considerar que nosso objeto de análise compõe um fenômeno de uma sociedade que prioriza a escrita, o foco em documentos escritos ganha uma nova dimensão. Nesse contexto, a pesquisa documental se torna essencial, pois a escrita em si é um aspecto central de nosso percurso teórico. As mensagens de adeus, como forma de expressão, carregam uma carga significativa de intenção, significado e emoção que só podem ser plenamente capturadas por meio da análise desses textos.

Desse modo, é importante ressaltar que, na análise documental, examina-se cuidadosamente o conteúdo dos documentos, buscando padrões, temas, tendências ou informações específicas relevantes para a pesquisa. Além disso, consideramos o contexto histórico, cultural e social em que os textos foram criados, o que ajuda a fornecer uma compreensão mais profunda do significado e do impacto desses registros. Essa abordagem é frequentemente utilizada em estudos históricos, sociológicos, antropológicos e em diversas outras áreas das ciências sociais e humanas. A análise documental é valiosa porque permite aos pesquisadores acessar fontes primárias autênticas, fornecendo uma base sólida para a pesquisa, e ajuda a contextualizar eventos, ideias e comportamentos ao longo do tempo.

4.2 APRESENTNDO O *CORPUS*

Como afirmamos nos capítulos anteriores, nosso objeto de pesquisa é constituído por vinte e três textos – unidades completas com significados organizados – que veiculam as já conceituadas mensagens de adeus em diferentes momentos dos séculos XX e XXI. Cada um desses textos representa uma expressão autêntica de despedida, no contexto do autoextermínio, fornecendo uma base rica e variada para nossa análise, permitindo-nos investigar as nuances e as complexidades das mensagens de adeus ao longo do tempo.

Os textos coletados para análise foram produzidos entre os anos de 1903 e 2022, compreendendo, assim, 119 anos de avanços e transformações sociais, tecnológicas, políticas e culturais que moldaram a forma de vida e interação entre os sujeitos. Compreendendo os percalços imbricados nesse tipo de investigação, reconhecemos que a escolha dos textos, em relação ao recorte temporal, foi condicionada a uma série de parâmetros ligados à

disponibilidade de textos pertencentes a determinados períodos de tempo, “uma vez que a equivalência de quantidade de documentos antigos nem sempre é possível, tornando-se um desafio a mais para o pesquisador superar” (SILVA, 2018, p. 64).

Ainda assim, acreditamos que a pesquisa documental e histórica prioriza “a arte de fazer o melhor uso dos maus dados” (LABOV, 1982, p. 20) e, por essa razão, buscamos explorar a maior variedade possível de contextos de produção, gêneros envolvidos, suportes, histórias de vida, profissões e gênero dos escreventes. Sobre o último critério, procuramos, enquanto parâmetro de inclusão para a seleção das mensagens, equilibrar as produções de homens e mulheres em nosso recorte, sendo, portanto, doze produções masculinas e onze femininas, ainda que saibamos que, em termos gerais, a maior quantidade de suicídios e, consequentemente, de mensagens de adeus, é masculina (BARBAGLI, 2019). O *corpus*, então, no tocante à distribuição temporal por década, está distribuído do seguinte modo:

Tabela 5 – Distribuição dos textos por década

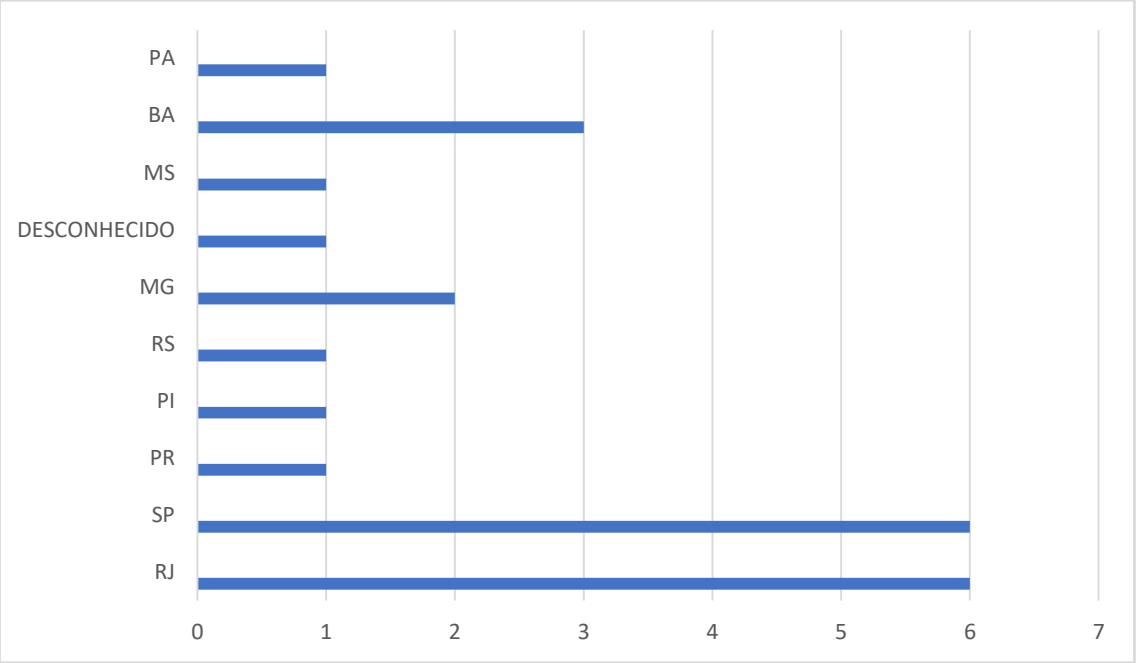
Década	Quantidade de textos
1900	2
1910	1
1920	-
1930	2
1940	-
1950	1
1960	1
1970	-
1980	1
1990	2
2000	1
2010	8
2020	4

Fonte: Autor (2025).

Como podemos perceber, a quantidade de mensagens de adeus produzidas durante o século XXI, em nosso trabalho, praticamente se iguala aos textos produzidos em diferentes

décadas do século XX. Desse modo, é possível enriquecer a investigação com uma variedade de estilos linguísticos, expressões culturais e valores sociais que contribuem para uma compreensão mais completa das mensagens de adeus em diferentes contextos históricos. Ademais, a igualdade na quantidade de textos de diferentes períodos permite uma análise comparativa dos estilos de escrita e das convenções linguísticas utilizadas em diferentes épocas, principalmente se considerarmos, como veremos mais adiante, que a maior parte dos textos do século XXI são nativos digitais. De modo semelhante, o gráfico a seguir expõe de que lugares do Brasil vêm os textos analisados. Ou seja, em quais estados os autores cometeram o suicídio. Apesar de buscarmos textos de várias regiões do país, na região Sudeste se encontra a maior parte dos dados a serem analisados devido ao fato de textos dessa natureza serem encontrados com mais facilidade em fontes oficiais que, ainda, estão concentradas e conservadas em maior quantidade nessa região.

Gráfico 1: Unidades Federativas



Fonte: Autor (2025).

No que diz respeito aos procedimentos de análise, é relevante mencionar que, a partir de registro fotográfico e transcrição, nos casos em que houve necessidade, damos atenção em conservar a originalidade dos textos (GOMES, 2007), a análise dos dados obtidos nos documentos será realizada segundo, basicamente, dois eixos:

- Recursos linguísticos empregados com diversas finalidades segundo o Sistema de AVALIATIVIDADE;

- História social (perfil social dos escreventes e contextos de produção).

Acreditamos que o perfil diversificado dos escreventes nos ajudará na identificação das estratégias linguísticas utilizadas, com base na Linguística Sistêmico-Funcional. No tratamento do *corpus*, procuramos localizar informações necessárias para responder às seguintes perguntas:

- Quem escreveu?

- Escreveu para algum interlocutor específico?

- Onde e quando escreveu?

Antevendo informações incompletas, buscamos recuperar o perfil da maior parte dos escreventes. Por essa razão, inclusive, demos atenção especial aos textos já coletados em trabalhos anteriores de outras áreas do conhecimento.

4.2.1 Origem e fontes

Todos os textos incluídos na nossa pesquisa foram publicados em trabalhos acadêmicos, pertencem ao domínio público ou fazem parte de alguma matéria jornalística. Em todos esses cenários, as fontes específicas de cada texto estarão disponíveis para consulta nas referências deste trabalho. Isso nos ajuda a garantir a transparência e a credibilidade da pesquisa e permite que o leitor interessado possa verificar as fontes originais para obter mais informações sobre o conteúdo citado ou referenciado no estudo.

Nesse contexto, utilizamos informações extratextuais, especialmente de fontes jornalísticas, para um melhor enquadramento das mensagens de adeus em categorias analíticas. Especificamente, essas informações concentram-se nos casos em que questões amorosas, patológicas e sociais forem indicadas como causa de morte, mesmo que essas temáticas não estejam evidentes nas mensagens deixadas. Todas essas informações extratextuais estão devidamente referenciadas nas fontes, contribuindo, assim, para uma análise mais abrangente e contextualizada desses documentos. Essa abordagem permite, pois, uma compreensão mais profunda das circunstâncias e dos contextos emocionais que envolvem essas mensagens.

No escopo desta pesquisa, os comentários em postagens nas redes sociais, nos casos em que as mensagens foram divulgadas em tais suportes, não serão considerados na análise, a menos nos poucos casos em que esses comentários fornecem informações adicionais que não estão disponíveis em fontes oficiais. Em situações em que esses comentários contenham dados relevantes, como motivações ou métodos que não estejam presentes em outras fontes confiáveis, eles serão incorporados à análise textual. Dessa forma, garantimos uma abordagem rigorosa e fundamentada, concentrando-nos em informações verificáveis e confiáveis (DA SILVA GOMES; DOURADO, 2019).

Cinco dos textos coletados para análise são oriundos da já mencionada tese de Catelão (2013), que se desdobrou sobre a argumentação em textos de suicidas cariocas nas primeiras décadas do século XX. Esses textos, além de já publicados na tese e em outros artigos acadêmicos, figuram nos respectivos inquéritos policiais abertos nas ocasiões das mortes dos escreventes. Tais documentos, então, não só foram estudados academicamente, mas também tiveram relevância legal como parte das investigações policiais. Esse contexto multifacetado permite uma compreensão mais profunda dos textos em relação aos eventos e às circunstâncias em que foram produzidos, uma vez que informações adicionais são descritas nos documentos da esfera policial que são transcritos no trabalho de Catelão (*op. cit.*).

Os demais textos, em sua maioria, foram publicados em matérias jornalísticas, impressas ou digitais. Assim, é possível depreender que eles foram escritos por pessoas ilustres ou por pessoas que cometeram suicídio em situações e/ou lugares atípicos. Esse conjunto diversificado de fontes fornece uma perspectiva abrangente das mensagens de adeus, capturando tanto vozes reconhecidas quanto aquelas de indivíduos em circunstâncias menos

comuns. Tal variedade de origens textuais pode oferecer uma ampla gama de contextos sociais, emocionais e culturais para análise e compreensão mais aprofundada das mensagens de adeus. Reiteramos que os textos se encontram disponíveis em anexo e que todas e quaisquer informações que revelem a identidade dos autores foram suprimidas deste trabalho. A tabela a seguir sintetiza e explica as fontes de onde cada documento foi retirado. Salientamos que a busca foi manual em portais de notícias e buscadores eletrônicos.

Tabela 6 – Fontes do *corpus*

Código	Suporte original	Retirado de:
T01	Carta	Trabalho acadêmico
T02	Carta	Trabalho acadêmico
T03	Carta	Trabalho acadêmico
T04	Carta	Trabalho acadêmico
T05	Carta	Trabalho acadêmico
T06	Carta	Domínio público
T07	Carta	Matéria jornalística
T08	Carta	Livro técnico
T09	Bilhete	Matéria jornalística
T10	Carta	Matéria jornalística (mídia televisiva)
T11	Carta e rede social	Matéria jornalística
T12	Carta	Matéria jornalística
T13	Rede social	Matéria jornalística
T14	Rede social	Matéria jornalística
T15	Rede social	Matéria jornalística
T16	Rede social	Matéria jornalística
T17	Rede social	Matéria jornalística
T18	Rede social	Matéria jornalística
T19	Rede social	Matéria jornalística
T20	Rede social	Matéria jornalística

T21	Carta	Matéria jornalística
T22	Carta	Matéria jornalística
T23	Rede social	Matéria jornalística

Fonte: Autor (2025).

4.2.2 Coleta de dados

Como já observado no capítulo anterior, todos os textos selecionados para compor esta pesquisa são sinalizados com a letra T; o número que acompanha cada texto segue uma ordem cronológica crescente. Assim, partimos de uma linha analítica na qual T1 é o texto mais antigo (1903) e T23 é o texto mais atual (2022) que compõe nosso *corpus*. Essa abordagem sequencial pode revelar mudanças linguísticas, sociais e culturais ao longo das décadas e séculos no que diz respeito às estratégias avaliativas usadas pelos escreventes.

Alguns textos foram escritos em mais de um volume, como, exemplo, o T12, cuja escrevente publicou duas mensagens: uma em suporte físico e outra em suporte virtual. Nesses casos, em nossa análise, as mensagens constarão sinalizadas como um texto apenas, pois compreendemos que ambos se tratam de vários segmentos – alguns direcionados a diferentes pessoas – de uma mesma mensagem.

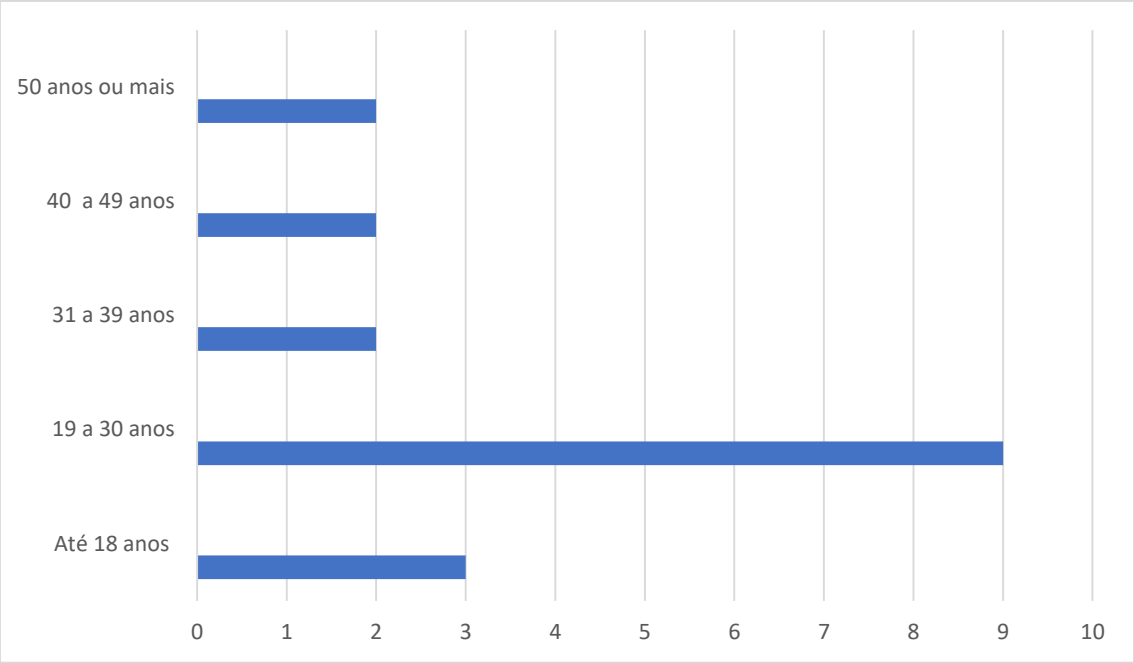
O processo de transcrição dos textos se deu apenas nos casos em que eles não foram disponibilizados digitalizados nos suportes dos quais foram retirados. Dessa maneira, a transcrição prezou pela conservação da originalidade dos textos (GOMES, 2007) e preservação de elementos de grafia, acentuação, pontuação, emprego de letras maiúsculas e minúsculas, erros, supressões e inserções do escriba (MATTOS E SILVA, 2001). Assim como constatou Catelão (2013, p. 32), “para algumas produções, em função da falta de pontuação por opção do próprio produtor”, algumas informações podem não ser localizadas. Na impossibilidade de reprodução dos textos originais, a escrita original deles será mantida. Isso inclui recortes, rascunhos e/ou anotações, no caso das cartas manuscritas. Convém ressaltar, ainda, que os textos 10, 11 e 23 não foram disponibilizados em suas integralidades pelas fontes em que foram coletados. Portanto, a análise está baseada nos trechos disponíveis, que são, felizmente, a maior parte das mensagens, de acordo com as fontes nas quais elas foram retiradas.

Em relação aos critérios de inclusão, foram consideradas características basilares, tais como a diversidade de suportes de veiculação – como veremos um pouco mais adiante –, período de tempo, variedade de contextos, diversidade de autores e fontes legitimadas. Assim, buscamos produções escritas no Brasil entre os séculos XX e XXI, na maior quantidade de suportes disponível e que abranjam homens e mulheres com perfis sociais diversificados. Segundo os mesmos critérios, foram excluídas dessa pesquisa todas e quaisquer produções fora do período delimitado, que não utilizaram a modalidade escrita da língua portuguesa, encontradas em fontes não confiáveis ou não publicadas em nenhum trabalho acadêmico ou jornalístico.

Para analisar os materiais coletados de forma mais minuciosa, foi escolhido focar na seleção dos exemplos que oferecessem uma quantidade maior de informações sobre o contexto social e discursivo em que foram produzidos. Isso incluiu considerar fatores como a extensão do texto, as características do autor, o tipo de motivação expressa e a clareza do conteúdo (CATELÃO, 2013). Desse modo, asseguramos uma base sólida para a análise das mensagens de adeus, pois entendemos que o perfil diversificado dos escreventes, enquanto categoria de seleção, bem como os suportes, nos ajuda na identificação das particularidades de cada texto e no reconhecimento dos tipos de recursos léxico-gramaticais escolhidos, com base nas relações estabelecidas de acordo com os parâmetros de poder e solidariedade (SILVA, 2018).

Em relação às idades dos escreventes, buscamos manter uma diversidade entre as faixas etárias. Ainda assim, a maior parte dos autores cometeu suicídio antes dos 30 anos. Incluir autores de diversas idades nos ajuda, nesse contexto, a capturar uma variedade de experiências, perspectivas e comportamentos relacionados ao tema. A diversidade etária dos escreventes de nossas mensagens de adeus pode ser contemplada no gráfico que segue.

Gráfico 2: Faixas etárias



Fonte: Autor (2025).

Nesse panorama, reconhecemos a grande quantidade de empecilhos encontrados na delimitação e seleção do *corpus*, uma vez que o maior número de textos encontrados se enquadrava dentre os critérios de exclusão. A necessidade de excluir uma parte significativa dos textos encontrados em diversas fontes e suportes pode dificultar a constituição de um *corpus* representativo e diversificado. No entanto, essa seleção criteriosa é fundamental para garantir a qualidade e a confiabilidade dos dados que serão analisados.

4.2.3 Procedimentos éticos

Compreendendo a complexidade que envolve a pesquisa sobre mensagens de adeus, fica evidente que, apesar de sua recorrência, esses documentos são pouco estudados, principalmente devido ao contexto sociocultural e discursivo em que são produzidos. Questões como resistência, preconceitos, limitações éticas, sociais e jurídicas representam desafios significativos para a pesquisa nesse campo (CATELÃO, 2013). Essas barreiras complicam a exploração detalhada dessas mensagens, refletindo a necessidade de uma abordagem cuidadosa e ética ao conduzir sua pesquisa. Ao reconhecer e abordar essas dificuldades, desde o momento em que realizamos a escolha da temática, enfrentamos os desafios relacionados a um

entendimento mais profundo das mensagens de adeus e do contexto em que são criadas, do ponto de vista do Sistema de AVALIATIVIDADE.

Considerando a natureza sensível do tema, foi importante estabelecermos critérios éticos para a proteção e integridade do estudo. Destarte, devido ao fato de lidarmos com produções escritas de pessoas falecidas, publicadas em meios de vasta circulação, não houve a necessidade de obter permissão dos familiares ou detentores dos direitos legais. Ademais, garantimos o anonimato da autoria das mensagens, mesmo aquelas com maior circulação nos mais diversos meios sociais, o que faz com que alguns trechos sejam célebres. Foram omitidas todas as informações que possam revelar a identidade dos participantes – sejam eles os autores ou os destinatários das mensagens. Apesar de nos comprometermos, previamente, a não divulgar detalhes íntimos ou informações que possam prejudicar a reputação dos escreventes e/ou de pessoas próximas a eles, tais dados não foram encontrados em nossa amostra.

Também, conforme foi relatado na introdução do trabalho, nossa abordagem respeita um compromisso ético de tratar os dados obtidos com sensibilidade e empatia, reconhecendo a natureza emocionalmente carregada do conteúdo. Nosso compromisso é, constantemente, garantir que a análise seja conduzida com respeito às emoções e experiências dos autores. Dessa forma, evitaremos, durante os capítulos de análise, fazer conclusões invasivas, insensíveis ou genéricas, principalmente no tocante às avaliações relacionadas às emoções da voz autoral. Essa abordagem ética e empática ao longo dos capítulos de análise, garantirá que as interpretações sejam fundamentadas, sensíveis e respeitosas em relação às emoções e sentimentos expressos pelos autores das mensagens. Esse compromisso garante a manutenção do cuidado com os participantes envolvidos, mesmo que eles não estejam mais vivos.

4.2.4 Características dos gêneros envolvidos

Conforme explicamos previamente, as mensagens de adeus podem estar vinculadas a uma série de gêneros específicos, cada um deles com organização retórica, sistema de escolhas linguísticas e elementos estruturais peculiares. Nesse sentido, podemos destacar cartas e bilhetes como os principais gêneros, estatisticamente, recorridos pelos suicidas. Essas mensagens, na visão de Torres e Feinterseifer (2020), revelam o desespero e a desorientação de forma frequentemente caótica, expressa em palavras soltas. Elas constituem fragmentos de um

contexto mais amplo e, sem dúvida, mais complexo. A partir dessas observações, as cartas e bilhetes emergem como objetos de estudo significativos para as autoras supracitadas; eles oferecem uma oportunidade de entender e "escutar" os pensamentos do indivíduo no momento de sua decisão pelo suicídio. Essas mensagens, para as autoras, representam a tentativa do indivíduo de comunicar os sentimentos experimentados durante esse período de intenso sofrimento e proximidade com a morte.

Na esteira de gêneros involucrados, também merecem destaque, consoante Lima (2015), as anotações e os diários. Sendo mais abrangentes em relação à diversidade de gêneros, alguns gêneros nativos digitais também divulgam um número considerável de mensagens de adeus, tanto enquanto textos escritos, como em formatos de áudio e vídeo.

Sobre os gêneros nativos digitais, é importante ressaltar que são instrumentos de comunicação próprios do ambiente digital, inerentes à internet, e possuem uma dimensão tecnodiscursiva (GIERING; PINTO, 2021). Sendo assim, eles estão relacionados aos processos de transformação da linguagem em um ambiente tecnológico, no qual a produção de linguagem e discurso está profundamente ligada a ferramentas tecnológicas como computadores, telefones, *tablets*, *softwares*, aplicativos, *sites*, *blogs*, redes sociais e plataformas *online*.

Nesse sentido, um dos desafios encontrados pelos linguistas em relação a esses textos está na necessidade de atualizar a concepção de textualidade. Os discursos digitais, que estão intrinsecamente integrados aos ambientes *online*, não podem ser analisados apenas considerando aspectos linguísticos, culturais, sociais, políticos e éticos. Eles devem ser entendidos como composições complexas que envolvem tanto elementos linguísticos, plurissemióticos, quanto componentes tecnológicos relacionados à informática (PAVEAU, 2021).

Cada um desses gêneros traz consigo diferentes contextos e estilos de expressão, proporcionando uma variedade rica e complexa de experiências e emoções nas mensagens de adeus, que se adaptaram à agilidade do mundo moderno e hoje tomam, muitas vezes, forma de postagens em redes sociais ou aplicativos de mensagens, produções textuais que refletem, de certa forma, a efemeridade das relações – e das despedidas – na contemporaneidade.

Sendo assim, considerando que "a maioria dos gêneros tem características de fácil reconhecimento que sinalizam a espécie de texto que são" (BAZERMAN, 2005, p. 38), reconhecemos que os textos que serão analisados, sob a ótica da AVALIATIVIDADE, são representações materiais moldadas por gêneros que se realizam no âmbito psicossocial (BAZERMAN, 2005; BEZERRA, 2017). Enquanto gêneros, de acordo com Giering e Pinto (2021), eles devem ser estudados em função das condições sócio-históricas de suas produções/interpretações; dos interdiscursos com os quais dialogam; da orientação argumentativa à qual forçosamente estão relacionados. As mesmas linguistas argumentam que os gêneros digitais nativos transformam a textualidade ao permitir que leitores também sejam produtores, expandindo os enunciados originais por meio de ferramentas tecnológicas. Isso redefine o conceito de texto, que passa a incluir operações tecnodiscursivas e elementos multissemióticos, criando percursos navegacionais conectados pela interação entre linguagem e tecnologia informática.

Tendo isso em vista, observaremos, a seguir, algumas das características basilares de cada um dos gêneros através dos quais as mensagens de adeus, em nosso *corpus*, se materializam, de acordo, sobretudo, com padrões formais e linguístico-discursivos:

➥ *Carta*: estudos, como o de Pessoa (2002), localizam a carta pessoal como "mãe" de outros gêneros. Formas de estruturação como a da carta, além de organizarem o conteúdo textual, servem como base para uma série de outros gêneros com finalidades distintas. Essas categorizações não são dispositivos de comunicação historicamente definidos, mas sim modos de organização que têm limitações flexíveis. Elas são encontradas em várias culturas e períodos históricos, proporcionando uma base na qual diversas formas de interações verbais podem se desenvolver. Estas categorizações oferecem estruturas para diferentes tipos de encenações discursivas, permitindo a criação de uma ampla variedade de performances verbais. Elementos como local e data, vocativo e saudação (SILVA, 2018), hoje encontrados numa variedade de configurações textuais, são oriundos da carta.

➥ *Bilhete*: caracteriza-se por ser uma mensagem curta e informal, geralmente escrita à mão, com o propósito de comunicar algo de maneira direta e pessoal. Os bilhetes são frequentemente utilizados em situações cotidianas, como comunicações entre colegas, amigos

ou familiares. Eles podem variar em tom e conteúdo, desde bilhetes de amor românticos até bilhetes informais para lembrar alguém de fazer algo. Devido à sua natureza concisa, os bilhetes são uma forma rápida e eficaz de comunicação, muitas vezes deixados em locais específicos para que o destinatário os encontre facilmente. Bakhtin (1992), afirma que gêneros como o bilhete apresentam uma relação mais estreita com a realidade. Para Koche *et al*. (2011), o bilhete, dada sua espontaneidade, pode se derivar em outros gêneros, como o *e-mail*.

➥ *Facebook*: criado como ferramenta para facilitar a comunicação entre estudantes da Universidade de Harvard, ele foi aberto ao público em geral em 2006. Desde então, a rede social cresceu exponencialmente, introduzindo recursos como a Linha do Tempo (*Timeline*), que permite aos usuários compartilhar eventos importantes de suas vidas, e o botão "Curtir", que se tornou uma parte fundamental da interação na plataforma. Em contrapartida, o Facebook enfrenta críticas severas relacionadas à privacidade dos usuários, desinformação e manipulação política. Desconsiderando as fotos e vídeos que podem ser postados na plataforma, as publicações em formato de texto (muitas vezes conhecidas como "textões") nos chamam atenção por terem "caráter subjetivo, às vezes sem uma forma específica e que, na maioria das vezes, não têm a pretensão de provar uma verdade absoluta e científica" (GOULARTE, 2017, p. 10). Nessas publicações, o autor pode externalizar, de forma objetiva e pessoal, seus sentimentos e percepções a respeito de si e do mundo. Na maioria dos casos, o público pode opinar por meio de comentários, que originam uma espécie de debate ou discussão.

➥ *Twitter*: Diferenciando-se de outras redes sociais pela sua limitação de caracteres, inicialmente com um máximo de 140 em sua criação em 2006, posteriormente expandido para 280 caracteres, o Twitter incentiva a concisão e a objetividade nas mensagens compartilhadas. Os usuários podem postar atualizações curtas, conhecidas como *tweets*, que podem incluir texto, imagens, vídeos e *links*. A plataforma é amplamente utilizada para compartilhar notícias em tempo real, discutir eventos atuais, expressar opiniões, bem como para marketing e interações empresariais. O uso de *hashtags* (#) para categorizar e agrupar tópicos tornou-se uma característica distintiva, facilitando discussões públicas sobre temas específicos. Com sua natureza em tempo real e seu papel vital em eventos globais, essa rede desempenhou um papel fundamental na maneira como as pessoas se informam e interagem na era digital. De acordo com Freitas e Barth (2015, p. 25), os textos do Twitter têm "uma composição, um conteúdo

temático e um estilo próprios e, dessa maneira, configuram um gênero digital diferenciado, cuja característica principal é a de unificar diversas esferas sociais". Convém mencionarmos, aqui, que em 2023 a rede mudou seu nome para *X*. Porém, devido às datas dos textos analisados, essa plataforma continuará sendo chamada de Twitter no contexto deste trabalho.

4.3 DIVISÃO EM GRUPOS

A fim de dinamizar a análise, as mensagens de adeus que compõem o *corpus* foram divididas em três grandes grupos, ou macrocategorias, de acordo com a alegada causa do suicídio: Causas Sentimentais, Causas Socias e Causas patológicas. Essa abordagem permite uma análise mais focada e aprofundada dos temas e emoções específicos associados a cada contexto. A categorização das mensagens com base na causa do suicídio facilita a identificação de padrões, tendências e nuances emocionais relacionadas a cada situação, proporcionando uma compreensão mais detalhada e contextualizada das mensagens de adeus no estudo.

Entretanto, é relevante deixarmos claro que o agrupamento dos textos de acordo com determinados parâmetros se deu apenas para garantir um maior aproveitamento dos textos nos capítulos de análise, tornando-a mais produtiva. Assim, os critérios de categorização dos textos são baseados nas informações textuais e contextuais coletadas. Devido ao fato de criarmos somente três grupos para contemplar textos que atestam a morte voluntária pelos mais variados motivos, incluindo textos em que o motivo não foi suficientemente esclarecido, reconhecemos que as diretrizes para que determinado texto esteja num grupo e não em outro são puramente fundamentadas em *nossa compreensão e interpretação individual sobre os dados coletados*, da realidade explícita na superfície textual e implícita nas informações levantadas em fontes oficiais. Entendemos, portanto, que esses critérios de enquadramento podem variar de pesquisador para pesquisador ou de leitor para leitor. Veremos, a seguir algumas informações contextuais dos três grupos de mensagens.

4.3.1 Grupo 1 – Causas sentimentais

O primeiro grupo abrange as mensagens de adeus de autores que cometeram o autoextermínio por declaradas causas sentimentais. No contexto de nossa pesquisa, essas causas limitam-se às vicissitudes de relações amorosas, mas reconhecemos que outras relações também se enquadrariam nesse grupo, caso tivessem sido encontrados textos que revelassem

isso. Os seis textos desse grupo foram produzidos entre 1909 e 2020, por 4 homens e 3 mulheres. A tabela a seguir, baseado em Torres e Feinterseifer (2020), expõe grande parte das informações localizadas acerca desse grupo.

Tabela 7 – Grupo 1

Código	Autoria	Sexo	Idade	Data	Método	Gênero/Suporte
T2	Conhecida	F	NI	24/09/1909	Envenenamento	Carta
T3	Conhecida	M	NI	29/10/1919	EFT	Carta
T4	Conhecida	F	19	1931	Queimaduras	Carta
T5	Conhecida	M	43	04/12/1933	EFT	Carta
T7	Conhecida	F	27	06/01/1960	EFQ	Carta
T9	Conhecida	M	29	03/11/1996	EFT	Bilhete
T20	Conhecida	M	18	29/10/2020	NI	Facebook

Fonte: Autor (2025).

A maior parte das informações sobre a escrita e o escritor das mensagens foi localizada nos veículos nos quais os textos foram coletados. É importante mencionarmos alguns casos atípicos dentro do nosso recorte, como o do T3, escrita por uma pessoa que cometeu suicídio após uma tentativa de homicídio da suposta amante (CATELÃO, 2013). Sobre a autora do T2, que não tem a idade revelada na fonte oficial em que o texto foi coletado, sabe-se, de acordo com Catelão (*op. cit*., p. 127) que ela teria "avançada idade".

No que diz respeito ao método utilizado em cada suicídio, acreditamos, segundo Trigueiro (2015), que o instrumento para o ato suicida revela, de certa forma, as intenções do autor. Assim, a exposição dessa informação é de suma importância para a obtenção de resultados na análise da avaliação na amostra selecionada. O método utilizado para o

autoextermínio não apenas indica o nível de determinação do indivíduo, mas também pode fornecer informações sobre o estado emocional e psicológico do autor no momento da decisão, sendo, portanto, um elemento importante para a obtenção de informações que ajudam na análise das mensagens de adeus sob a ótica do Sistema de AVALIATIVIDADE.

4.3.2 Grupo 2 – Causas sociais

Este grupo envolve os textos escritos por pessoas que, alegadamente, cometeram suicídio motivadas pelo que, aqui, chamaremos de causas sociais. Sabemos que há situações em que indivíduos tiram suas vidas devido a fatores ou circunstâncias externas. Estes podem incluir pobreza extrema ou problemas financeiros, discriminação, *bullying* ou *cyberbullying*, falta de apoio social, isolamento, desemprego prolongado, violência doméstica etc. (LIMA, 2015). Em muitos casos, esses fatores sociais podem levar a uma sensação de desesperança e desamparo, o que pode ocasionar o autoaniquilamento.

Em nossa amostra, o Grupo 2 é o que tem a maior quantidade de textos. Os 10 textos aqui encaixados foram produzidos entre 1903 e 2022 pela mesma quantidade de homens e mulheres, como podemos verificar abaixo:

Tabela 8 – Grupo 2

Código	Autoria	Sexo	Idade	Data	Método	Gênero/Suporte
T1	Conhecida	M	19	11/07/1903	EFT	Carta
T6	Conhecida	M	72	23/08/1954	EFT	Carta
T8	Desconhecida	F	28	1986	EFT	Carta
T12	Conhecida	F	50	03/12/2009	Envenenamento	Carta
T13	Conhecida	F	17	10/11/2013	Enforcamento	Twitter
T14	Conhecida	F	16	19/11/2013	Enforcamento	Twitter

T16	Conhecida	F	25	27/06/2017	Asfixia	Facebook
T17	Conhecida	M	24	01/01/2019	Afogamento	Facebook
T21	Conhecida	M	NI	08/03/3021	NI	Carta
T23	Conhecida	M	NI	16/08/2022	Enforcamento	Facebook

Fonte: Autor (2025).

Além de compreenderem um período temporal mais amplo, os textos pertencentes a esse grupo também contemplam uma maior quantidade de suportes. Considerando as múltiplas conexões que um texto digital pode manter, é possível compreender que os mais variados formatos e conteúdos podem ser postados nas redes sociais na atualidade. Prova disso é o T23, que, apesar de ter sido divulgado, originalmente, no Facebook, foi escrito no bloco de notas de um celular e a postagem foi feita, então, através das imagens de *prints* de tela.

Nos textos desse grupo também podemos verificar como a extensão da mensagem se adequa ao suporte escolhido, uma vez que temos, no mesmo conjunto, cartas com várias laudas e tuítes com menos de 200 caracteres. Em relação às idades dos dois homens que não tiveram essa informação divulgada em veículos midiáticos com a credibilidade reconhecida, é possível afirmarmos que nos dois casos se tratam de pessoas jovens, de acordo com as imagens dos autores divulgadas.

4.3.3 Grupo 3 – Causas patológicas

Os textos coletados que fazem parte desse grupo contêm mensagens de adeus produzidas por indivíduos que cometeram o suicídio por causas patológicas. Referimo-nos às condições de saúde mental, doenças mentais ou distúrbios psicológicos graves. Estes podem incluir depressão severa, transtorno bipolar, esquizofrenia, transtorno de personalidade *borderline*, entre outras condições psiquiátricas.

Os seis textos que integram esse grupo foram produzidos num espaço relativamente curto de tempo – de 1998 a 2021 – por três homens e três mulheres. A informação da motivação suicida se deu, nesse contexto, a partir de informações contextuais, geralmente fornecidas por amigos ou familiares às fontes midiáticas que veicularam os textos. A seguir, veremos na tabela

abaixo informações que sintetizam o contexto de cada mensagem, dentro do que é possível revelar nessa pesquisa.

Tabela 9 – Grupo 3

Código	Autoria	Sexo	Idade	Data	Método	Gênero/Suporte
T10	Conhecida	M	42	31/03/1998	EFT	Carta
T11	Conhecida	F	36	26/03/2011	EFQ	Carta/Twitter
T15	Conhecida	M	23	31/10/2017	EFT	Facebook
T18	Conhecida	M	28	18/08/2019	NI	Facebook
T19	Conhecida	F	38	03/02/2019	NI	Facebook
T22	Conhecida	F	32	28/03/2021	NI	Carta

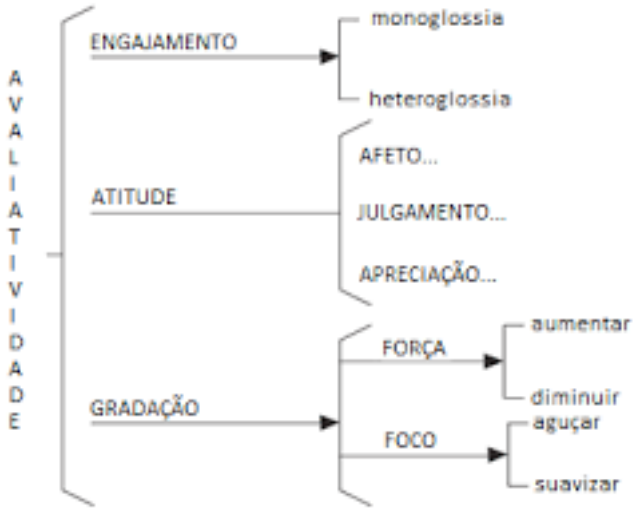
Fonte: Autor (2025).

4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A análise dos textos está, pelas razões vistas nos itens anteriores, condicionada, também, a questões contextuais. Desse modo, buscaremos, na análise, contextualizar casos específicos que tragam informações adicionais que auxiliem na compreensão dos significados relativos à AVALIATIVIDADE.

Os três subsistemas que compõem a AVALIATIVIDADE serão evidenciados nos textos de acordo com suas respectivas ocorrências, realizadas no estrato léxico-gramatical. Assim, nos próximos capítulos, veremos como se dão essas avaliações que ajudam a revelar os posicionamentos dos autores em relação a vários aspectos. A próxima imagem, nesse panorama, relembra e esquematiza o que vimos no Capítulo III:

Figura 13 - AVALIATIVIDADE



Fonte: Martin e White (2005, p. 38).

Serão trazidos como exemplos textos – ou fragmentos textuais – que comprovem determinada categoria da Atitude e do Engajamento, em detrimento de outras. Paralelamente a isso, os significados acentuados ou atenuados de acordo com a Gradação serão sinalizados nos mesmos exemplos de acordo com o esquema de cores que apresentamos no capítulo anterior.

Portanto, veremos, a partir do capítulo seguinte, como os significados da avaliação se realizam nas mensagens de adeus do grupo 1 – causas sentimentais. Os sete textos desse grupo serão analisados de acordo com as ferramentas do *Wordsmith tools* e os respectivos resultados da verificação da coexistência dos três subsistemas nos textos estarão descritos através de quadros explicativos.

4 GRUPO 1: CAUSAS SENTIMENTAIS

A partir deste capítulo, passaremos a considerar mais profundamente os documentos escolhidos, iniciando pelas causas sentimentais. Os textos que compõem esse grupo, como vimos nos capítulos anteriores, compreendem 111 anos dos séculos XX e XXI. As sete mensagens foram escritas por quatro homens e três mulheres e suas idades reveladas estão entre 18 e 43 anos. Entre os métodos utilizados para o suicídio, estão envenenamento, queimaduras, queda e três casos de morte por disparo de arma de fogo.

No tocante às causas para o autoextermínio dos autores desse grupo, em cinco dos textos a razão está explícita (T2, T3, T4, T5 e T7). Nos outros dois documentos restantes, as causas são reveladas a partir do relato de terceiros: o primeiro optou pelo suicídio por não aceitar o sucesso da noiva em sua profissão e, consequentemente, a possibilidade de perdê-la (T9), enquanto o segundo tirou sua vida, segundo os familiares, após o término de um relacionamento (T10).

Não só de amores impossíveis estão pautadas as causas informadas pelos escreventes. A autora do T7, uma jovem casada, com boa condição financeira e social, atribui a causa de seu autoaniquilamento a algumas atitudes tomadas por seu companheiro, um homem que, segundo a mensagem deixada, tinha outra mulher que a ameaçava. Os demais autores relatam, em sua maioria, nos textos, instabilidade emocional ocasionada pelo término de seus relacionamentos. A autora do T2, por exemplo, nos dá a entender que o ato suicida foi precedido por uma discussão entre o casal motivada por alguma quantia em dinheiro. Já o autor do T5 relata um caso extraconjugal de 2 anos com uma jovem que, por haver ficado noiva, opta por dar fim aos encontros secretos. Como consequência dessa infelicidade, o homem decide atirar em sua amante. O desfecho dessa história é revelado no inquérito policial encontrado no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro[9]:

> O suicida desfechou um tiro que atingiu a mão direita de AMANTE. Vendo-se ferida, correu gritando por socorro. SUICIDA, então, tentou novamente alvejá-la. Como a arma tivesse falhado e vendo que não conseguia seu desejo, sentou-se em um canteiro do jardim, concertou a arma, encostou-a sobre o peito, desfechando um tiro, caindo quase que imediatamente, morto. [...] Nos bolsos das vestes do morto encontrei uma

[9] Os nomes dos envolvidos foram omitidos e substituídos em nossa pesquisa.

> carta em que SUICIDA diz ter verdadeira paixão por AMANTE e que não poderia, jamais viver sem ela; por isso resolvera matá-la e em seguida suicidar-se (ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, T3 8a pretoria 73 1052 – 1933 – Suicídio, folha 3, *in* CATELÃO, 2013, p. 11).

O autor do T3, por sua vez, comete a morte voluntária após uma tentativa de assassinato de uma mulher. O homem diz em sua mensagem de adeus que a atitude se deu para que ela não ficasse com mais ninguém. O sentimento de amor não correspondido em casos como esse surge como resultado de um ideal romântico. Quando esse ideal não se realiza, às vezes, a pessoa considera a morte como uma maneira de escapar da sensação de imperfeição e tristeza que se instala (CATELÃO, 2013).

A tabela a seguir foi elaborada com o objetivo de expor os interlocutores das mensagens pertencentes a este grupo. Mostramos, dessa forma, se os 7 textos tinham um destinatário específico ou se dirigiam-se, de forma aberta, a qualquer pessoa que, porventura, encontrasse o texto.

Tabela 10 – Grupo 1 (Interlocutores)

Texto	Interlocutor
T2	Noivo
T3	Amigo
T4	Familiares
T5	Indefinido
T7	Companheiro
T9	Indefinido
T20	Indefinido

Fonte: Autor (2025).

Como podemos perceber, neste grupo existe uma variedade de interlocutores explícitos e marcados textualmente através de vocativos. Tais leitores vão desde um amigo, conhecedor do sofrimento do autor (CATELÃO, 2013), até um marido, que é responsabilizado pelo ato suicida (FOLHA DE SÃO PAULO, 1960). Alguns textos não têm um destinatário definido, isso

pode, de certa forma, estender a mensagem a uma maior quantidade de leitores, como é o caso do escrevente do T20, que publicou sua despedida no Facebook.

Dentre os textos escolhidos pelos suicidas, temos 5 cartas, 1 bilhete e 1 postagem em rede social. Ter essa informação em consideração é fundamental para a análise, uma vez que cada gênero evoca características específicas. As cartas, por exemplo, comuns nos textos mais antigos, do século anterior, apresentam uma maior extensão. Além disso, todas as cartas que integram esse grupo possuem vocativos, que revelam a relação entre os interlocutores e a dinâmica estabelecida entre eles (RABELO, 2019), pois "a essência das cartas pessoais está pautada na relação entre remetente e destinatário" (SILVA, 2018, p. 14). O jovem autor do T20, mesmo não utilizando um vocativo em sua postagem no Facebook, chama a publicação de "carta". Esse ato, para nós, reforça a ideia de que há, sim, traços da carta original, escrita, que sobrevivem nas mensagens hoje postadas e compartilhadas na *web*. Acreditamos, nesse contexto, que os gêneros sofrem alterações e transformações, conforme afirmado por Pessoa (2002), resultando em novos gêneros que servem aos mesmos objetivos de comunicação, devido a processos de adaptação e simplificação.

A partir das próximas páginas, passaremos a analisar de que formas os subsistemas da AVALIATIVIDADE manifestam-se nesse grupo de mensagens de adeus por causas sentimentais. A fim de dinamizar nossa análise, o presente capítulo – bem como os dois capítulos subsequentes – estão subdivididos de acordo com as categorias basilares do Sistema de AVALIATIVIDADE, a saber, Atitude, Engajamento e Gradação. Iniciaremos a investigação abordando os significados nas mensagens sob a ótica da Atitude.

5.1 ATITUDE

Sabemos que esse subsistema se refere às maneiras pelas quais os falantes ou escritores expressam suas atitudes, opiniões, sentimentos e avaliações em relação ao conteúdo do discurso. Devido ao fato de lidarmos com mensagens de adeus em distintos suportes, esse será, sem dúvidas, o subsistema com a maior quantidade de realizações em relação à avaliação, devido à, sobretudo, quantidade de significados que podem ser contemplados pela Atitude e ao próprio caráter dos textos analisados. Separamos, pois, as análises das ocorrências de acordo com a categoria da Atitude: Afeto, Julgamento e Apreciação.

5.1.1 Afeto

Apesar de lidarmos, neste grupo, com produções feitas por pessoas que cometeram o autoextermínio por motivos relacionados a paixões não correspondidas, são poucas as ocorrências verificadas de palavras relacionadas a assuntos do coração. O Afeto é considerado uma parte essencial do sistema de Atitude, que trata das emoções, dos sentimentos e dos posicionamentos adotados pelo falante em relação ao que está sendo comunicado, expressos por meio de recursos linguísticos específicos, como adjetivos, advérbios e estruturas léxico-gramaticais que permitem expressar uma ampla gama de emoções e sentimentos. Em nossa amostra, a maior parte dos sentimentos expressados nessa categoria estão no eixo negativo.

Assim, de forma mais geral, encontramos, nesse grupo, três ocorrências da palavra "paixão" (com diferentes grafias), duas ocorrências da palavra "amor" e uma correspondência ao termo "noivo" em tom afetuoso. Além desses três casos, não localizamos menções nominais aos mais diversos sentimentos que podem ser resgatados na escrita desses textos. Na categoria *felicidade/infelicidade,* podemos localizar uma quantidade maior de recursos utilizados para transmitir os sentimentos, como notamos nos fragmentos a seguir:

Exemplo 25:

> Uma verdadeira loucura motivada por uma paixão louca e cega por esta pobre e infeliz AMANTE, a quem o destino nos fez conhecer para ao fim de 2 anos terminar-mos tão tragicamente e além de a deshonrrar ainda pagou injustamente com a vida. (T5)

Podemos perceber que, no fragmento, o termo "infeliz" é usado para caracterizar a amante teoricamente assassinada, enquanto a situação em si ganha a característica realizada a partir de "tragicamente". Esse tom de fatalidade é uma das principais marcas linguísticas do texto em questão, que – teoricamente – daria conta da justificativa das mortes de dois indivíduos, dois ex-amantes.

Exemplo 26:

> Sofri um golpe tão atrás em minha vida!... que em menos de 24 horas emvelheci! (T2)

Por sua vez, o Exemplo 26 desperta curiosidade por trazer uma palavra que geralmente seria uma circunstância na estrutura sistêmico-funcional da oração (e um advérbio na terminologia gramatical tradicional) servindo como característica da situação vivida pela autora. Partimos, aqui de três hipóteses: a primeira seria a de que um “golpe atrás” seria um golpe pelas costas, um ataque sorrateiro ocasionado pela traição. Outro ponto de vista é imaginarmos que “atrás” no contexto da bagagem linguística e cultural da escrevente seria uma característica para algo atrasado ou regredido. Infelizmente, não encontramos nenhuma evidência na literatura técnica que comprove esse uso para o advérbio. Mais uma possibilidade interpretativa seria imaginarmos que a escrevente se referia a um “golpe atroz”, que denota um golpe ou ação violenta e cruel, caracterizada por sua extrema maldade ou brutalidade. A palavra "atroz" é frequentemente usada para descrever algo que é excessivamente cruel, perverso ou horrendo. Para todos os efeitos, entendemos que “atrás “é uma característica negativa que está na esfera da infelicidade. De forma análoga, outros termos relacionados à infelicidade foram elencados, juntos com suas quantidades de ocorrências, na tabela abaixo:

Tabela 11 – Infelicidade no Grupo 1

Termo	Quantidade de ocorrências no grupo
Infeliz	5
Infelizmente	2
Infelicitada	1
Desgraça	1
Desgraçada	1

Fonte: Autor (2025).

Já no campo da felicidade, como já comentamos, poucas foram as vezes em que termos dessa natureza foram achados nas mensagens de adeus. Geralmente, os termos encontrados foram empregados para ressaltar características de outras pessoas ou para descrever o escrevente numa situação anterior ao fato que desencadeou o suicídio, como faz o autor do T5, cujos excertos podem ser conferidos a seguir. Na sequência, elaboramos uma tabela com outros dos itens desse campo que encontramos em nossa amostra.

Exemplo 27:

porém a mãe d'ella criou-me um ódio que apesar de sempre falar risonha comigo, não deixava de me defamar com as pessoas de relação d'ella e dos meus (T5)

Exemplo 28:

AMANTE era de um genio alegre e muito brincalhona com todos e bem prestativa (T5)

Tabela 12 – Felicidade no Grupo 1

Termo	Quantidade de ocorrências no grupo
Alegre	2
Feliz	6
Sorridente	1
Brincalhona	1
Sorte	2

Fonte: Autor (2025).

Na categoria *segurança/insegurança*, encontramos expressões que confirmam a certeza da opção pela morte voluntária, bem como do desespero da situação gerada pelo caso amoroso.

No Exemplo 29, percebemos as formas através das quais a locutora manifesta a supracitada categoria. Primeiramente, verificamos que a escolha pelo termo "incerteza" indica o estado de insegurança vivido por ela, uma vez que essa palavra está intimamente ligada à ideia da não segurança devido à sua natureza de falta de clareza, precisão ou previsibilidade. Entendemos, nesse sentido, que, quando alguém está incerto, essa pessoa geralmente não tem convicção sobre algo, podendo sentir dúvidas ou hesitação em suas ações ou em seus pensamentos. A incerteza pode gerar um estado de desconforto ou ansiedade que pode criar uma sensação de insegurança emocional, já que não há garantia do que vai acontecer. Portanto,

compreendemos que a incerteza mencionada pela autora é relativa ao futuro de si mesma. Tal situação é confrontada, entretanto, por um momento de clareza, ou de segurança em relação às suas vontades e emoções. Esse momento é linguisticamente representado por uma oração, que sintetiza todas as razões anteriormente expostas. A partir dessa constatação, a autora parte, então, em busca da sua paz, ou segurança. É nesse momento em que ela atesta verbalmente a ação que tomará logo em seguida à escrita da mensagem.

Exemplo 29:

> Creia-me a 2 meses que vivo na emcerteza meu bom amigo! Queria illudir-me amim própria! porem cheguei ao conhecimento da verdade! e mato-me (T2)

No fragmento subsequente, vemos que a segurança se manifesta de outra forma: o desamparo emocional por meio das palavras de alguém que expressa uma dor intensa e uma sensação de desespero que levam à confirmação do autoaniquilamento. A repetição da tentativa de tirar a própria vida revela um sofrimento contínuo e um pedido de ajuda não atendido. Mesmo não estando no âmbito da segurança, mencionar que as pessoas deveriam ter mais cuidado, revela um apelo implícito por compreensão, empatia e suporte por parte dos outros, sugerindo que o autor talvez se sinta incompreendido ou negligenciado em suas lutas emocionais.

Exemplo 30:

> essa não é a primeira e nem a segunda vez que tento tirar minha própria vida, as pessoas deveriam ter mais cuidado comigo! (T20)

Dessarte, na categoria *satisfação/insatisfação*, as avaliações envolvidas fazem parte da percepção de êxito ou desapontamento do indivíduo em relação às atividades nas quais está engajado, englobando papéis tanto como alguém ativamente envolvido quanto como observador das ações (ALMEIDA, 2010). Lidando com as emoções relacionadas ao cumprimento de metas, como prazer, tédio, respeito, etc., tal categoria expõe elementos

subjetivos das vivências de cada um dos autores, englobando reflexões, emoções profundas, perspectivas pessoais ou considerações individuais sobre o que é relatado.

De acordo com Barros (2022, p. 71), essa subcategoria do Afeto está relacionada "a sentimentos como sucesso ou desapontamento (realização, contentamento, bem-estar... *x* desgosto, contrariedade, decepção...), conectada às atividades com as quais nos envolvemos". Assim, é importante salientar que o suicídio já traz uma carga de decepção, de despontamento com a própria vida e/ou com as atitudes de outras pessoas. Decepções significativas, como as desilusões sentimentais, podem desencadear uma cascata de emoções negativas, levando à desesperança. A sensação de não conseguir superar a decepção pode, nesses casos, culminar na morte voluntária. Nos exemplos abaixo, todos retirados do mesmo manuscrito, percebemos de que forma a forte desilusão amorosa fez com que a morte seja a única solução encontrada pela escritora e, de forma sequencial, podemos perceber como essa ideia é reiterada diversas vezes em sua escrita, sugerindo o estado de inquietação mental no qual ela se encontrava naquele momento. Inicialmente, ela se justifica (devo morrer); depois, ela retoma o pensamento que expressa seu objetivo e, por fim, ao mencionar o veneno em seu texto, a autora aparenta resignação.

Exemplo 31:

Mato-me porque devo morrer! (T2)

Exemplo 32:

Pensei logo em matar-me! (T2)

Exemplo 33:

vou tomallo sem fazer um queixume! (T2)

Por sua vez, a autora do T7 exibe traços de desapontamento, que, aqui, ligamos ao eixo da insatisfação. A insatisfação pode ser entendida como uma resposta adaptativa a experiências de desapontamento, indicando uma desconexão entre as expectativas e a realidade percebida. Percebemos que a escritora mantém esse sentimento relacionado à quebra de suas expectativas, talvez devido a um casamento fracassado, apesar de recente.

Exemplo 34:

Você não me entendeu. (T7)

Exemplo 35:

O meu lar foi feito em trapos. (T7)

Gurgel e Justen (2021) afirmam que o desapontamento pode se manifestar em várias áreas da vida, como relacionamentos, carreira ou realizações pessoais, e que a falta de alinhamento entre expectativas e realidade pode criar um cenário propício para a insatisfação geral. Por outro lado, o sentimento de satisfação pode indicar que as expectativas estão alinhadas às experiências, sendo acompanhada por sentimentos de contentamento, realização e felicidade. Em nosso *corpus*, tais sentimentos – ligados à satisfação – podem ser encontrados apenas em relatos de situações anteriormente vividas, o que pode ser observado nos fragmentos a seguir, retirados do Texto 5.

Exemplo 34:

perguntei algumas vezes a ella, **querida como foi que tu criastes amizade a um velho como eu?**

E a resposta era, **o amôr meu velho não escolhe idade nem tão pouco beleza!!! (T5)**[10]

De certa forma, isso sugere que a satisfação não é algo que possa ser adquirido ou compreendido em um vácuo, mas sim algo que está profundamente enraizado nas memórias e experiências passadas. Esses sentimentos podem, pois, ser observados em relatos de situações vividas, o que condiciona as escolhas linguísticas tomadas pelos suicidas.

5.1.2 Julgamento

O julgamento do comportamento humano está intrinsecamente vinculado ao processo de avaliação, no qual as pessoas fazem análises e emitam juízos de valor sobre as ações, atitudes ou decisões dos outros (SILVA, 2018). Esse tipo de avaliação é influenciado por uma série de

[10] Os grifos foram feitos pelo autor do trabalho do qual o texto foi retirado.

fatores, incluindo normas culturais, crenças pessoais, experiências passadas e contextos sociais. Quando alguém julga o comportamento de outra pessoa, está, de certo modo, realizando uma avaliação subjetiva com base em sua própria perspectiva e conjunto de valores. Isso pode resultar em uma variedade de opiniões, desde aprovação e admiração até desaprovação e crítica.

Consoante Nunes e Cabral (2013), o julgamento se realiza através de elementos lexicais, orações ou complementos, desde que eles expressem uma avaliação do comportamento humano. Como vimos no Capítulo II, esses valores são pautados nos conceitos de Estima Social – quando não há o risco de punição para os casos de desrespeito aos valores pré-estabelecidos – ou de Sanção Social – quando o desrespeito aos valores sociais implica em punição (LIMA, 2023). Em nosso *corpus*, na categorização dos dados de acordo com esses parâmetros, verificamos que o julgamento se estabelece em avaliações tanto do próprio comportamento, quanto do comportamento de outrem.

No que diz respeito às ocorrências do próprio julgamento, fica evidente que todos os escreventes se posicionam sobre o autoextermínio e compreendem, em maior ou menor escala, a gravidade de suas ações e as consequências implicadas. Na tabela a seguir, elencamos as ocorrências nas quais tais posicionamentos acerca do próprio comportamento podem ser verificados. Justificamos o autojulgamento do comportamento do autor com base nos excertos que dão sequência ao quadro:

Tabela 13 – Autojulgamento do comportamento dos autores

Código	Julgamento	Categoria	Polo
T2	Estima Social	Tenacidade	Negativo
T3	Sanção Social	Veracidade	Negativo
T4	Estima Social	Normalidade	Negativo
T5	Estima Social	Capacidade	Negativo
T7	Estima Social	Normalidade	Negativo
T9	Estima Social	Tenacidade	Negativo
T20	Estima Social	Normalidade	Negativo

Fonte: Autor (2025).

Como é possível notar mais abaixo, as avaliações no eixo do autojulgamento nas mensagens do Grupo 1 se apresentam de diferentes formas. Os autores dos textos 3, 5 e 20 recorrem à normalidade negativa ao afirmar e reiterar a infelicidade. Sobre isso, Catelão (2013, p. 135) afirma que a "imagem de si volta-se aos sentimentos, como à infelicidade, à desgraça pessoal, à obstinação. Por esses valores, é expressa a proposição argumentativa, sobretudo pela repetição constante do dever na prática da morte voluntária". O mesmo autor também considera que nesse tipo de mensagem de adeus:

> "Tem-se envolta à presunção de validade dos fatos a identificação do orador por suas condutas apresentadas, uma pessoa disposta a entregar-se à morte em razão de seus sentimentos ao outro, sentimentos estes que à medida que não são correspondidos se tornam o motivo do sofrimento, da desgraça e da infelicidade" (*op. cit.*, p. 137).

Os autores dos textos 2 e 9, sob justificativas distintas, recorrem à negação da tenacidade como base para o autojulgamento. De acordo com Martin (2004), para efetuar um julgamento da tenacidade de alguém, questionamo-nos sobre o quão confiável ou bem-disposto essa pessoa é. Dessa forma, a tenacidade é medida numa escala que vai de corajoso/heroico até covarde/irresponsável, ou vice-versa. Assim, nossos escreventes situam a si mesmos no último nível dessa escala proposta, ao enfatizar uma falta de coragem, ou concordância em prosseguir fazendo parte da sociedade. É possível afirmarmos, mediante o exposto, que a autora do T2 apresenta consciência de seu comportamento não-condizente com os parâmetros socialmente expostos e, ao assumir a falta de coragem, ela se justifica, inferiorizando-se. Por sua vez, a justificativa apresentada pelo autor do T9 enquadra-se nessa categoria porque, ao não concordar com os mencionados "critérios e valores" o autor assume uma autocondenação moral. Por conseguinte, o autor do T5 realiza um autojulgamento no eixo da capacidade, uma vez que ele admite um estado de insanidade, realizado pelo atributo "alucinado" – que pode se referir a um estado mental caracterizado por uma grave perturbação da razão e do entendimento, muitas vezes envolvendo uma perda de contato com a realidade.

O autor do T3, por conseguinte, expressa significados interpessoais que podemos associar à Sanção Social, no campo do Julgamento. Martin (2004) explica que esse conceito está relacionado a uma espécie de controle social que envolve a aplicação de recompensas ou punições sociais, para encorajar a conformidade com as normas e valores culturais aceitos e desencorajar o comportamento desviante. Portanto, notamos que o escrevente do texto em questão, ao admitir o assassinato de sua amante, traz para si mesmo a culpa de tal ato criminoso.

Mesmo assim, ele diz ter sido "obrigado" a cometer tais ações, uma vez que, em sua linha argumentativa, esse seria um preço a ser pago por tamanha paixão. Catelão (2013, p. 155) nos fornece um comentário mais detalhado a respeito desse texto:

> o homicídio apresenta-se com um caráter mais voltado à possessividade, matar para que a pessoa amada não seja de mais ninguém, e o suicídio decorrente, como dito, do amor não correspondido (amor não correspondido, portanto, homicídio seguido de suicídio). A imagem de *ethos,* portanto, volta-se a um enunciador possessivo, egoísta, apaixonado. Entre as condições de recepção do discurso, o discurso volta-se ao ato ilocucionário declarativo e assertivo/constativo (acusando os supostos culpados e firmando os fatos que desencadearam as ações), destinando-se à polícia e ao amigo.

Entre os casos nos quais o julgamento é direcionado ao comportamento de outra pessoa, por se tratar de um grupo ligado às causas sentimentais/amorosas, é óbvio considerarmos que essas avaliações são feitas para a pessoa amada. Na maioria dos casos, essa expectativa é, sim, confirmada. Entretanto, esse comportamento avaliativo não parece ser constante em textos dessa natureza, principalmente sob a visão da categoria Julgamento. A tabela abaixo condensa os resultados obtidos nessa classe.

Tabela 14 – Julgamento do comportamento de outrem

Código	Pessoa avaliada	Julgamento	Categoria	Polo
T2	Amante	Estima Social	Tenacidade	Negativo
T3	Amante	Sanção Social	Veracidade	Negativo
T4	Mãe	Estima Social	Normalidade	Negativo
T5	Amante	Estima Social	Normalidade	Positivo/Negativo
	Esposa	Estima Social	Normalidade	Positivo
T7	Marido	Estima Social	Capacidade	Negativo
T9	-	-	-	-
T20	Mãe	Estima Social	Capacidade	Negativo

Fonte: Autor (2025).

Como é possível notar, quando se trata do Julgamento de outras pessoas, nossos escreventes do grupo 1 recorrem a categorias distintas da Estima Social, principalmente na tentativa de atribuir alguma responsabilidade a essas pessoas. A situação de produção visa, em

primeiro lugar, expressar a intenção de considerar o suicídio devido à falta de reciprocidade amorosa, expressar lamento e, por último, induzir sentimentos de culpa. Isso ocorre tanto ao expressar o desejo de se entregar ao parceiro e assumir culpa pessoal quanto ao tentar provocar culpa no interlocutor, atribuindo-lhe diretamente responsabilidade pela decisão de suicídio (CATELÃO, 2013). Na sequência, encerrando essa subseção, mostraremos, a título de exemplo, trechos dos textos nos quais encontramos julgamentos com atribuição de culpa.

Exemplo 42:

Nunca me desses um único gosto (T2)

Exemplo 43:

foi para isso que ella matou o FULANO, para ficar com o cunhado (T3)

Exemplo 44:

apesar a minha mãe ter enchido a cabeça do NAMORADO se foçe outro não era para comtinuar mais o namoro com migo (T4)

Exemplo 45:

AMANTE era de um genio alegre e muito brincalhona com todos e bem prestativa (T5)

Exemplo 46:

Porém com o desprezo completo d'ella (T5)

Exemplo 47:

querida mulher exemplar (T5)

Exemplo 48:

Você não me entendeu. (T7)

Exemplo 49:

"Se nem minha mãe me quer pq alguém iria me querer" (T20)

5.1.3 Apreciação

De acordo com que já abordamos, a Apreciação – subcategoria do Sistema de Atitude – dá conta do valor de uma variedade de elementos, incluindo objetos, instituições, relacionamentos e eventos, bem como qualidades abstratas. Essa avaliação pode ser tanto positiva quanto negativa e pode incluir reações emocionais, atribuição de valor e descrição detalhada dos elementos apreciados (MARTIN; ROSE, 2003).

Em nosso *corpus*, percebemos a pouca expressão dessa categoria da Atitude. Todavia, é digna de destaque a avaliação feita pelo autor do T5, que faz uma descrição detalhada de algumas situações que circundaram o romance cujo rompimento o fez tirar a vida. Nessa descrição, o autor se posiciona avaliativamente sobre as três partes do triângulo amoroso, a saber, ele, a esposa e a amante. Os desdobramentos do relacionamento extraconjugal são detalhadamente explorados pelo suicida e, entre eles, encontramos a seguinte apreciação, já usada como ilustração no Capítulo III.

Exemplo 50:

> dava-mos sempre pequenas lembranças de pouco valôr, como sejam sabonetes escovas brilhantinas, e algumas vezes cortes de vestidos barato assim como joias (T5)

Podemos compreender que o hábito de dar presentes modestos e de pouco valor material, como sabonetes, escovas, brilhantinas e peças de vestuário baratas, assim como joias, em algumas ocasiões sugere uma falta de recursos financeiros consideráveis por parte dos envolvidos ou talvez uma ênfase em gestos simples de afeto e cuidado, independentemente do valor monetário. Isso pode indicar um desejo de demonstrar carinho e consideração por meio de presentes práticos e acessíveis. Além disso, a inclusão ocasional de joias pode indicar um esforço para, ocasionalmente, oferecer presentes mais significativos ou simbólicos, mesmo que não sejam frequentes. Dessa maneira, observamos uma forma através da qual a categoria Apreciação pode auxiliar-nos a reconstruir a narrativa contada pelo escrevente em seus detalhes, o que ajuda a identificar, no texto, os motivos revelados para a morte voluntária.

5.2 EGAJAMENTO

O subsistema de Engajamento se encarrega de posicionar a voz autoral em relação a outras vozes que podem – ou não – aparecer no discurso. Para Martin e Rose (2003), a capacidade de interagir com o que é dito foi um dos motivos que levou o linguista russo Bakhtin (1981) a refletir sobre a natureza dialógica do discurso, mesmo em textos que geralmente consideramos como monólogos. Kristeva introduziu o conceito de *Heteroglossia* ("vozes diferentes") para descrever essa ideia de múltiplas expressões em todos os tipos de discurso. Os autores utilizam *Heteroglossia* para descrever situações em que a origem de uma atitude é diferente da do escritor, e *Monoglossia* ("voz única") quando a origem é simplesmente do autor.

Nesse contexto, quando falamos em Heteroglossia, compreendemos que os discursos podem dar abertura à possibilidade de negociação de significados, ao passo que também podem fechar tal possibilidade. Na perspectiva de Vian Jr. (2023), na Monoglossia isso implica que apenas o ponto de vista do autor ou de uma única fonte é considerado ou valorizado, sem espaço para a diversidade de opiniões ou vozes alternativas. O Engajamento, então, se manifesta na falta de pluralidade de vozes ou perspectivas durante uma discussão ou intercâmbio de ideias. Nas mensagens de adeus que serão analisadas mais adiante, verificamos tanto a Monoglossia – em escala bem mais reduzida – quanto a Heteroglossia. Esta última pode ser mais bem entendida por meio da interpretação da próxima tabela, que sintetiza as principais ideias negociadas em cada texto.

Tabela 15 – Grupo 1 (Engajamento)

Código	Engajamento	Tipo	Categoria	Subcategoria
T2	Heteroglóssico	Expansão	Atribuição	Distanciamento
T3	Heteroglóssico	Contração	Ratificação	Pronunciamento
T4	Heteroglóssico	Contração	Refutação	Contraexpectativa
T5	Heteroglóssico	Contração	Ratificação	Endosso
T7	Heteroglóssico	Contração	Ratificação	Pronunciamento
T9	Heteroglóssico	Expansão	Atribuição	Distanciamento
T20	Heteroglóssico	Contração	Refutação	Negação

Fonte: Autor (2025).

Percebemos, ao menos nesse grupo, a ausência da Monoglossia. A Heteroglossia se faz presente na maior parte dos enunciados que compõem os textos analisados. Percebemos também uma grande variação entre expansão e contração dialógicas, o que é bastante justificável se tivermos em consideração a natureza dialógica dos textos analisados, uma vez que o Engajamento analisa os modos como a voz do texto se relaciona com outras vozes presentes buscando identificar diversas perspectivas interpessoais possíveis, revelando a maneira pela qual o autor se posiciona em relação às proposições apresentadas no texto, seja concordando ou discordando delas (NINIM;BARBARA, 2013). Nessa perspectiva, a seguir, apresentamos os principais pontos em que a diversidade de vozes nos discursos é reconhecida, numa pequena análise heteroglóssica de cada uma das 7 mensagens integrantes do grupo 1.

No T2, a autora se dirige diretamente ao companheiro, revelando traços de sua relação que apenas o interlocutor poderia conhecer. Um diálogo, por algumas vezes, é simulado pela escrevente, como podemos ver a seguir:

Exemplo 51:

é o este o seu único descanço neste mundo! Não é verdade? (T2)

Exemplo 52:

Como tínhamos combinado, diviamos nos cazar, athe fim do mês não é verdade? (T2)

Entendemos que, ao simular um diálogo, a autora busca criar uma ligação mais próxima e pessoal, visando envolver ativamente o destinatário na leitura. Essa abordagem tenta promover certa empatia e compreensão mútua, também estimulando a interatividade. Além disso, em sua linha argumentativa, a autora se dirige ao interlocutor argumentando que a sua incompreensão e ciúmes foram a causa do rompimento e, em consequência, de seu suicídio. Ao revelar essas razões, ela utiliza algumas estratégias argumentativas no eixo da Contração Dialógica. Uma delas é a Contraexpectativa, no campo da Refutação, marcada pelo primeiro termo destacado abaixo:

Exemplo 53:

mais prova te dey senão o teu futuro do que outra coisa e me matar repentinamente, o que te digo é o seguinte não penso mais viver (T2)

O segundo trecho destacado no excerto acima apresenta um exemplo de uma estratégia de Pronunciamento usada para persuadir o interlocutor. Essa realização linguística ocorre por meio do uso de expressões específicas (CRUZ, 2015), as quais são selecionadas para transmitir pontos de vista ou argumentos persuasivos, permitindo ao autor influenciar sutilmente o leitor de forma impactante.

Nesse texto, a autora se vale de recursos da Expansão Dialógica ao fomentar a articulação de uma variedade de pontos de vista e estimular a discussão (MOTTA-ROTH; SCHERER, 2012). Um desses recursos, ligado ao Acolhimento, é a Evidência, realizada através do verbo modal destacado na sequência:

Exemplo 54:

se eu te quero, como não havia de darte o dinheiro (T2)

Ainda no mesmo texto, podemos observar que a voz não-autoral, atribuída ao amante ou namorado, referido como "ingrato", torna-se evidente por meio de uma Atribuição por Distanciamento, recurso que separa vozes externas da voz autoral através de citações, por exemplo (LOVATO, 2009). Nesse caso, a autora assume a mínima responsabilidade pelo que está sendo dito, uma vez que não são palavras suas, e sim, palavras atribuídas a seu interlocutor:

Exemplo 55:

Adeus até quando o Imo quiser! assim me dissesses em tua carta (T2)

Ao mencionar as (possivelmente) exatas palavras de seu amado, a escrevente promove um distanciamento das ideias por ele propostas, que são a causa de sua profunda dor emocional. Assim, entendemos que, trazer ao texto as alegações de outra pessoa (CRUZ, 2015), a voz autoral atribui a esse alguém a responsabilidade pelos seus atos. É possível ver, pois, as formas pelas quais o Engajamento é usado por essa autora para atribuir culpa.

No T3 encontramos uma quantidade significativamente menor de recursos de Engajamento. Isso se deve ao seu tamanho consideravelmente menor que a maioria das mensagens coletadas e, também, ao caráter mais rudimentar da escrita do autor, marcado por constantes segmentações. Ainda assim, encontramos um exemplo que caracteriza a Expansão Dialógica, mais especificamente tratando-se de uma Atribuição por Distanciamento, na qual o autor faz questão de atribuir a outra pessoa uma ação verbal que, assim como no texto anterior, pode ser entendida como causa da morte voluntária. Também encontramos um recurso do Pronunciamento, que reforça a ideia do autor e pode, inclusive, servir como autoafirmação do ato que será praticado após o término do processo de escrita da mensagem. Entendemos que, dessa forma e por meio do Pronunciamento, alguns suicidas confirmam a decisão da morte voluntária para si mesmos, além de para com seus leitores. A seguir, veremos as duas ocorrências de Engajamento encontradas numa das mensagens.

Exemplo 55:

Por que dava con senlho para ella me largar para a juntar com outro da mesma marca de ella (T3)

Exemplo 56:

en tão eu a rezouvi matal para ella não fica com outro (T3)

A autora do T4 também optou por uma mensagem mais curta e objetiva. Despedindo-se de algumas pessoas mais próximas, ela manda algumas recomendações e saudações, evocando uma tradição da escrita de cartas pessoais, uma vez que os pedidos e recomendações fazem parte da tradição da escrita de cartas entre pessoas mais próximas, como amigos e familiares (SILVA, 2018). Por assumir o formato de uma carta pessoal, o T4 apresenta algumas características desse gênero. Uma delas é o vocativo, que revela os destinatários da mensagem: a mãe, os irmãos, as irmãs e as cunhadas. Esse vocativo mais específico nos permite entender que, mesmo que sejam feitas avaliações que envolvam outras pessoas, não é a elas que a escrevente se dirige diretamente no texto. Um exemplo dessa constatação são os fragmentos a seguir:

Exemplo 57:

se foçe outro não era para comtinuar mais o namoro com migo mais como elle é um rapais muito seriu elle e toda afamilia a tem se comportado muito bem melhor do que eu minha mãe (T4)

Exemplo 58:

nada tenho que me quechar delle apesar a minha mãe ter enchido a cabeça do NAMORADO (T4)

Aqui, ela faz uma avaliação do comportamento de uma pessoa (Julgamento) e também utiliza estratégias do Engajamento para reforçar uma ideia defendida em sua mensagem. Ao mesmo tempo em que ela justifica seu autoextermínio motivado pelos sentimentos surgidos com a ausência do namorado, ela culpabiliza a sua mãe por essa ausência. Dessa maneira, apesar de o suicídio ter sido incitado por razões amorosas, não é o namorado o responsável por esse ato, mas a mãe que incentivou a separação do casal. Dentre os textos que compõem esse grupo, esse é o único em que uma terceira pessoa é – diretamente – apontada como responsável.

Esse movimento dialógico no texto fica evidente com base no Exemplo 57, no qual vemos um elemento intensificador (muito) e um elemento da Estima Social (sério), sinalizando, assim, uma característica socialmente desejável. Entretanto, embora ele seja um rapaz "muito sério" e se comporte "muito bem", esse romance era proibido. No mesmo trecho e no exemplo subsequente a ele, as palavras em destaque configuram estratégias de Refutação, na categoria Contraexpectativa. Temos, então, uma ideia inicial – a de que o relacionamento não daria certo devido aos comentários maldosos da mãe –, mas a ideia é contrariada com a chegada de uma nova informação – o caráter exemplar no namorado. Numa outra perspectiva, poderíamos entender que o sucesso do romance devido à família e ao comportamento do rapaz poderia ser a expectativa inicial, contrariada pela outra ideia introduzida pelo comportamento da mãe. Esse jogo dialógico é esquematizado na tabela a seguir.

Tabela 16 – Contraexpectativa no T4

	Ideia anterior	Recurso coesivo	Expectativa contrariada

Possibilidade 1	não era para comtinuar mais o namoro com migo	mais	tem se comportado muito bem
Possibilidade 2	nada tenho que me quechar delle	apesar	a minha mãe ter enchido a cabeça

Fonte: Autor (2025).

Desse modo, vemos como essa expectativa contrariada, em qualquer uma das hipóteses, é o alicerce sobre o qual a argumentação da jovem vai se construindo. Assim como outros suicidas cujas mensagens integram esse grupo, a autora do T4 encara o suicídio como opção inevitável e, ao afirmar isso, utiliza uma estratégia da Confirmação de Expectativa (CRUZ, 2015), mostrando concordância com a ideia por ela apresentada:

Exemplo 59:

eu sei que morro mais morro com muita paichan (T4)

A complexa mensagem trazida no T5 compõe toda uma narrativa de um caso amoroso extraconjugal e os desdobramentos de fatos e comportamentos que culminaram com a tentativa de assassinato seguida de suicídio. O autor fornece ricamente vários detalhes e até sugere evidências da veracidade de sua versão dos fatos, como vemos a seguir:

Exemplo 60:

Para provar que não é difamação de que deshonraria, dou as seguintes provas.

De que existe na parede do lado de fora da privada duas cavidades onde eu pouzava os pés quando subia e só poderia subir com o auxilio d'ella conforme o irmão FULANO viu (T5)

Nesse fragmento, temos uma ocorrência do pronunciamento, visto em destaque. Nele, o autor tenta convencer seu interlocutor da veracidade de suas afirmações e faz isso através de uma frase que traz significados subjetivos. Esse recurso faz parte da Ratificação (MARTIN; WHITE, 2005). Ao fornecer essas provas, podemos compreender que ele procura fundamentar

com evidências tanto sua opção pelo autoaniquilamento, como sua decisão por assassinar a amante. Com tais provas, que podem ser atestadas por uma pessoa mencionada em seu discurso, o escrevente reforça seus argumentos e garante que, de fato, teve um caso amoroso com sua amante.

Ainda no mesmo texto, nos chama atenção o fato de o suicida se referir indiretamente à sua esposa. Em um dos dois momentos no texto em que ele menciona a esposa, encontramos abordagens que envolvem o Engajamento, como veremos na sequência:

Exemplo 61:

> De tudo isto o que mais remorsos eu levo é do meu baixo proceder que tive com minha mulher pois até o ultimo momento ella foi illudida na bôa fé não só por minha como pela infeliz coitada, mas de tudo isso te peço perdão não só pelo meu proceder como pelo della, pois de tudo sou eu o responsável, mas o que quer depois de ter cometido o delicto tentei algumas vezes esquecer-me d'ella, mas sentia ser impossível não só pelas saudades bem como na minha consciencia eu repudiava deixal-a assim infelicitada, e mesmo porque ella implorava-me também não abandonal-a pois ella então era louca de amor por mim. (T5)

Em sua linha argumentativa, o autor explica os motivos pelos quais não conseguiu se desvencilhar do caso extraconjugal. Concomitantemente, ele também se desculpa com a esposa por iludi-la "até o último momento". No eixo da Contração Dialógica, notamos a presença de alguns elementos no corpo do texto, o que é evidenciado pelo trecho anterior. Por meio do advérbio "não", o autor introduz outra perspectiva: a da amante teoricamente assassinada. Estando no campo da Ratificação, as duas confirmações de expectativa sinalizadas no excerto demonstram o pensionamento do autor que, dessa maneira, "fala" também em nome de sua amante ao pedir desculpas a uma esposa traída por um relacionamento amoroso que durou por dois anos. Num segundo momento no mesmo trecho, o autor assume – mais uma vez – a voz da jovem amásia ao afirmar que ela suplicava para não ser deixada, pois seria "louca de amor" pelo emissor da mensagem. O último destaque no trecho acima configura-se, então, como Expansão Dialógica, sendo um Acolhimento por Evidência realizado através de uma

circunstância, asseverando a impossibilidade – na visão do autor – de um término nesse relacionamento amoroso.

É interessante considerarmos que o autor, nesse contexto, assume o posicionamento da amante por considerar que ela será silenciada mediante o assassinato (que, reiteramos, não foi concretizado), sendo válida apenas uma única versão dos fatos. Um fato que nos chama atenção nessa narrativa é o de que, apesar de o suicida afirmar que a jovem era apaixonada por ele, em certo momento ele afirma que ela ficou noiva e deixou de procurá-lo, o que nos serve como um indício de que o relacionamento amoroso teve, sim, uma finalização:

Exemplo 62:

> Nada d'isto eu declararia se não fosse a ingratidão que ella me está fazendo não só de não me fallar como não ligando attenção a nenhum de meus sinaes d'esde o dia 26 de Novembro, e assim tenho lutado para ver se conseguia fallar ainda para resolver como iríamos viver.
>
> Porém com o desprezo completo d'ella resolvi matala d'esde o dia 29 (T5)

Temos, aqui, outro recurso de contrariedade de expectativa. A narrativa construída sugere que o redator esperava uma conciliação com sua interlocutora, o que não aconteceu e, em troca, ele recebeu seu total desprezo, o que ocasiona seu desejo pela morte dela e – consequentemente – o autoaniquilamento. Esquematizamos esse recurso da Refutação na tabela abaixo:

Tabela 17 – Contraexpectativa no T5

Ideia anterior	Recurso coesivo	Expectativa contrariada
resolver como iríamos viver.	Porém	desprezo completo d'ella

Fonte: Autor (2025).

O T7 apresenta-se substancialmente bem mais suscinto que o documento anterior. Entretanto, a autora se vale da subjetividade – através de metáforas e de recursos da léxico-gramática – para expressar seu desapontamento com o companheiro incompreensivo.

Exemplo 63:

A você deixo o remorso dêste gesto, que jamais pensei em fazer. (T7)

No fragmento, a palavra jamais é uma estratégia de Refutação, ligada à Negação. Ao escolher um elemento que significa "em momento algum", "em nenhuma circunstância" ou "nunca", a jovem senhora expressa uma negação absoluta. Isso potencializa sua atitude, que ela afirma – com certo eufemismo – que é um “gesto” que ela não cogitou tomar em hipótese alguma antes de se sentir tão incompreendida:

Exemplo 64:

Se jamais tomei uma atitude como você diz, não foi por falta de dignidade e , sim, porque gostava, inutilmente, de você. (T7)

A partir do excerto acima, podemos constatar que Contração e Expansão dialógicas podem ser usadas numa mesma sentença, a depender do sentido proposto. Num primeiro momento, a autora usa a estratégia de Atribuição por distanciamento, na qual ela se afasta da ideia expressa por seu interlocutor de que ela não tomaria atitudes. Já o segundo elemento em destaque faz parte de um Pronunciamento, no campo da Ratificação, uma vez que compreendemos que o “sim” utilizado carrega consigo uma ênfase através da qual ela tenta convencer o companheiro – e talvez a si mesma também. Esse último recurso também pode ser encontrado como modo de Engajamento no T9, como veremos agora:

Exemplo 65:

decidi por vários motivos que nao tenho razoes para continuar vivendo (T9)

Apesar de não explicitar quais seriam esses motivos, o autor do texto em questão opta for fazer uma declaração de sua decisão, o que se realiza através do processo “decidi”, objetivamente significando o nível de certeza dele. O fragmento ainda revela um estado

emocional preocupante e uma percepção de falta de razões para continuar vivendo. Ele expressa uma decisão pessoal, indicando que tomou a determinação de não encontrar mais motivos suficientes para seguir em frente. A escolha de palavras como "decidi" e "razões" sugere um processo de reflexão e deliberação sobre o assunto, que culmina com o autoextermínio.

A postagem no Facebook que integra o T20 é um pouco mais extensa que os dois textos anteriores. Nela, o autor faz uma reflexão sobre sua breve vida e sobre acontecimentos marcantes. É relevante mencionarmos que, apesar desse texto estar no grupo 1, que reúne mensagens deixadas por indivíduos que cometeram suicídio devido a causas sentimentais, em nenhum momento essa pessoa se refere – direta ou indiretamente – à ex-namorada com quem o término da relação desencadeou a crise que o levou à morte. Acreditamos que esse jovem preferiu deixar algumas informações implícitas talvez por ter publicado sua mensagem numa rede social e por saber que ela teria uma ampla divulgação. Inicialmente, já nos deparamos com alguns elementos da Contração Dialógica. Não são muito admitidas outras vozes além da voz do autor. Ele parece não dar abertura a esse tipo de diálogo e se vale de várias refutações realizadas por negações, como veremos no exemplo 66, no qual a palavra destacada, de cunho negativo, afasta qualquer possibilidade de interpretação contrária ou atribuição de causas a outras pessoas. Entendemos que ele, ao usar esse recurso, também retira a culpa da ex-namorada.

Exemplo 66:

nada foi culpa de alguém, simples foi escolha minha. (T20)

Exemplo 67:

Eu nunca tive o apoio da minha família pra nada, meu pai morreu na minha frente e não pude fazer nada (T20)

Exemplo 68:

Se nem minha mãe me quer pq alguém iria me querer (T20)

Os dois exemplos acima (66 e 67) reforçam nossa teoria de que o autor não quer culpabilizar a pessoa com se relacionou até pouco tempo antes do suicídio. Indício disso é que ele menciona a família, o pai e a mãe, esta última com uma carga de responsabilidade. Em

ambos os casos, existem refutações realizadas por negações, enfatizando que o escrevente não quer ou não pode considerar outras vozes nesse momento, o que também fica evidente com a Contraexpectativa que trazemos abaixo:

Exemplo 69:

as pessoas deveriam ter mais cuidado comigo! Mas infelizmente ninguém é igual a ninguém ! (T20)

Mais uma vez, recorremos a uma tabela explicativa para ilustrar como o Engajamento pode explicar a ideia defendida pelo autor dessa mensagem de adeus:

Tabela 18 – Contraexpactativa no T20

Ideia anterior	Recurso coesivo	Expectativa contrariada
as pessoas deveriam ter mais cuidado comigo	Mas infelizmente	ninguém é igual a ninguém

Fonte: Autor (2025).

De Acordo com Cruz (2015), a Contraexpectativa realiza-se por meio de conjunções, conectivos e advérbios. Desse modo, verificamos que há uma quebra da expectativa sinalizada com a presença da conjunção “mas”, seguida de um indicativo de circunstância (infelizmente). Logo, o autor da mensagem explica que, devido ao fato de ele já haver pensado e tentado o autoaniquilamento anteriormente, as pessoas próximas deveriam ser mais atentas. Essa expectativa se rompe através da afirmação genérica de que ninguém é igual, o que, nesse contexto, pode indicar que algumas pessoas possam lidar de forma mais atenciosa com sua dor que outras. Isso também pode indicar que o escrevente afirmou nesse ponto que não foi tratado pelas pessoas próximas da maneira como ele mesmo trataria essas pessoas.

De modo mais geral, nesse grupo, alguns pontos importantes merecem ser considerados, no tocante ao diálogo nos textos: os pedidos de perdão e as despedidas. É comum que os suicidas que optam por deixar mensagens de adeus peçam desculpas a seus interlocutores pela

atitude tomada. Rabelo (2015) argumenta que os pedidos de desculpas são bastante comuns em textos dessa natureza. Catelão (2013, p. 160), sobre essa temática, diz que:

> Isso faz pensar na preocupação que tem o suicida em revelar-se culpado por seus atos e no reconhecimento de que o suicídio seria uma fuga da boa conduta (contra-argumento), assim como demarcar-se ciente de suas ações. Esse fato traz certas atribuições também à imagem de *ethos* que é passada.

Assim, muitos são os pedidos de desculpas nas mensagens que constituem nosso *corpus*. Dentro desse grupo, esquematizamos as ocorrências realizadas por palavras como "desculpas" ou "perdão", indicando se elas se dirigiam a um leitor específico ou não.

Tabela 19 – Perdão no Grupo 1

Código	Ocorrências	Interlocutores
T2	2	Deus; companheiro
T3	1	Mãe
T4	-	-
T5	5	Amante; pai; esposa; Deus; família
T7	1	Companheiro
T9	-	-
T20	1	Indefinido

Fonte: Autor (2025).

A recorrência dos pedidos de desculpas – tanto para com os interlocutores, como para Deus – mostra-se recorrente nesses textos. De acordo com Catelão (2013), isso revela um discurso influenciado pela imagem de um *pathos* conservador, que condena o suicídio como uma conduta censurável, merecedora de perdão. Isso reflete um aspecto do conservadorismo, especificamente uma crença ligada aos valores tradicionais e à religião, presente no contra-argumento. O suicídio é caracterizado como uma fraqueza espiritual, sendo visto como uma escolha de indivíduos que cedem a medos considerados irracionais, em contraste com aqueles que são vistos como espiritualmente fortes ou ancorados por alguma crença, especialmente

religiosa. Essa concepção é uma convicção amplamente difundida na sociedade ocidental, influenciada pela ideologia de que o ser humano é vulnerável e sujeito à fraqueza da carne.

Outro ponto que nos chamou atenção são as despedidas encontradas nos documentos, que mobilizam o Engajamento por manter o diálogo com o interlocutor. Nesse sentido, de acordo com Cecchin *et al.* (2023, p. 117), "avaliações do subsistema engajamento, além de explicitarem o dialogismo que permeia a linguagem, também evidenciam a inserção de vozes diferentes da do escrevente, bem como o alinhamento ou não da voz autoral em relação a esses posicionamentos". Assim, verificamos que as ocorrências do vocábulo "adeus" (e similares) nos textos, ao fazer referência direta a um possível leitor, mobiliza recursos dialógicos. Na tabela a seguir, vemos as ocorrências das despedidas nos textos desse grupo.

Tabela 20 – Adeus no Grupo 1

Código	Ocorrências
T2	13
T3	1
T4	-
T5	-
T7	-
T9	-
T20	1

Fonte: Autor (2025).

Silva (2018, p. 63), referindo-se à tradição da escrita de correspondências pessoais, considera que "a despedida geralmente é elaborada numa constituição formulaica e conta com a identificação do escrevente". De fato, os textos 2 e 3, por serem cartas, apresentam demarcação de uma sessão de despedida, sucedida pela assinatura do remetente. A autora do texto 4 despede-se da mãe da seguinte maneira:

Exemplo 69:

a bença (T4)

Silva (2018) argumenta que expressões como essa configuram-se como “captação de benevolência”. Para Lopes (2011, p. 369), esse elemento serve “para captar a boa vontade do destinatário” e para “garantir que o contato seja mantido com eficácia”. Interessante observar que há variadas estratégias linguísticas utilizadas nessa parte que podem servir, até mesmo, para distinguir um documento de cunho particular de um documento oficial, por exemplo. A partir da saudação familiar que consiste em pedir uma “benção” aos pais, a autora mantém o contado respeitoso para com sua mãe.

5.3 GRADAÇÃO

O terceiro subsistema da AVALIATIVIDADE modifica significados dos sistemas de atitude e engajamento. Esse sistema busca mensurar, em certa medida, sentimentos, comportamentos, ações, estética das coisas ou o nível de investimento das opiniões dos falantes ou escritores nos enunciados (CECCHIN *et al*., 2023). Assim, de acordo com Martin e White (2005), as realizações no subsistema de Gradação podem ser escalonadas, variando entre polos mais ou menos abrangentes, constituídos socialmente, envolvendo avaliações positivas ou negativas (MARTIN, 1992).

Conforme abordamos anteriormente, a Gradação engloba dois grandes grupos: Força e Foco. Força lida com gradações que envolvem qualidades, processos e entidades através das categorias intensificação e quantificação. Já o Foco se encarrega de

> aspectos semânticos prototípicos que, em princípio, não são passíveis de serem graduados, porque já carregam os significados ideacionais avaliativos desejados. Assim, o foco reconstitui a gradação, podendo acentuar ou atenuar valores, ou anteposta ou posposta ao item avaliado (CECCHIN *et al*., 2023, p. 118).

Dessa forma, a Gradação age em consonância com os outros dois subsistemas, principalmente com a Atitude, sendo característica fundamental de seus significados (LIMA, 2023). A fim de dinamizar a análise, subdividimos essa seção de acordo com as categorias desse subsistema.

5.3.1 Força

A Força – que pode ser subclassificada em intensificação e quantificação – pode tanto modificar processos e qualidades, ou também pode se referir à quantidade ou à extensão de entidades (BARROS, 2023). Vian Jr. argumenta que “a língua portuguesa dispõe de diversos recursos para que possamos graduar e reforçar a nossa avaliação sobre algo, dentre eles, os

mecanismos de repetição e a utilização de prefixos e sufixos que aumentam ou diminuem a força das avaliações" (2009, p. 118). Assim, dentro do grupo 1, encontramos elementos lexicais que se aplicam às duas categorias da Força, como atestam os exemplos a seguir:

Exemplo 70:

é o este o seu único descanço neste mundo! (T2)

Exemplo 71:

para mais tarde o próprio pae dizer que não deveria eu ligar importancia ao passado (T5)

Notamos, no Exemplo 70, que a palavra "único" está no eixo da Quantificação, uma vez que se refere ao número – ou à quantidade – aplicado a determinada entidade, no caso, ao descanso mencionado pela suicida. Já o Exemplo 71 traz o modificador "mais" indicando uma extensão temporal na narrativa apresentada. A tabela a seguir traz uma contabilização das ocorrências de elementos de intensificação em cada uma das mensagens:

Tabela 21 – Intensificação Grupo 1

Código	Quantidade de ocorrências de Intensificação
T2	9
T3	-
T4	3
T5	7
T7	4
T9	1
T20	4

Fonte: Autor (2025).

Nesse sentido, notamos que os elementos da intensificação modificam significados que podem ou não ser representados por escalas gradativas. Mesmo assim, esses elementos "operam como forma de reconstruir categorias de gradação em relação ao item que é avaliado" (VIAN JR., 2009, p. 118). São dignos de nota os exemplos seguintes, que ilustram a variedade de recursos léxico-gramaticais que a Gradação pode mobilizar:

Exemplo 72:

meu bom amigo (T2)

Exemplo 73:

tenho sofrido tanto tanto que já não tenho coragem para rezistir (T2)

Compreendemos, no Exemplo 72, que o epíteto "bom" intensifica o significado de "amigo", o que transmite a ideia de alguém que é um grande amigo. Para tanto, partimos do pressuposto de que um "mau amigo", nessa conjuntura, seja inexistente. Logo, chamar alguém de "bom amigo" seria uma forma de intensificar a relação existente pelo vínculo estabelecido. O Exemplo 73 traz um recurso que Vian Jr. (2009) aponta como sendo típico da categoria Força. Ele comenta que "a repetição de um mesmo item lexical é um recurso frequentemente utilizado para intensificarmos a força de algo" (p. 118). Assim como no exemplo em que a palavra "tanto" repetida reforça a avaliação da escrevente, as repetições – bem como o uso de prefixos e sufixos – aumentam ou diminuem a força das avaliações, como é possível vermos no próximo fragmento:

Exemplo 74:

Um beijinho para todos meus sobrinhos (T2)

A palavra "beijinho", no texto, transmite intensidade principalmente através de sua forma diminutiva. O sufixo "-inho" é comumente utilizado em português para indicar diminuição ou suavização de algo. Nesse contexto, ao acrescentar o sufixo "-inho" à palavra "beijo", a autora sugere uma forma mais leve, delicada e carinhosa desse gesto de afeto. Isso

cria uma conotação de ternura e suavidade, transmitindo a ideia de que o beijo é dado de maneira gentil, amorosa e afetuosa. Assim, a forma diminutiva "beijinho", enquanto saudação na abertura de um texto, contribui para intensificar a sensação de afeto e intimidade de uma tia para com seus sobrinhos.

Por sua vez, o eixo da Quantificação nesse grupo traz alguns exemplos que podemos associar a características essenciais das entidades avaliadas. A tabela a seguir quantifica as ocorrências no contexto:

Tabela 22 – Quantificação no Grupo 1

Código	Quantidade de ocorrências de Quantificação
T2	3
T3	1
T4	2
T5	18
T7	-
T9	1
T20	8

Fonte: Autor (2025).

Martin e White (2015) observam que a maior parte das expressões quantitativas é feita usando a estratégia de isolamento, em que a graduação é realizada através da adição de um elemento amplificador à entidade graduada. Os exemplos abaixo ilustram adequadamente essa proposição:

Exemplo 75:

Lembrança para todas as minhas amigas (T4)

Exemplo 76:

Mãe se agum dia lhe ofendi me perdoa (T4)

Exemplo 77:

eu só a mato por saber que a própria mãe está espalhando a difamação de sua propria filha commigo (T5)

Exemplo 78:

Aos amigos me desculpem qualquer falta (T5)

Exemplo 79:

eu sou um duplo pecador (T5)

Exemplo 80:

decidi por vários motivos que nao tenho razoes para continuar vivendo (T9)

Exemplo 81:

Que me fizeram feliz por ao menos 1 segundo agradeço a vocês (T20)

Exemplo 82:

me perdoem pelos erros, pelos meus mil e um defeitos (T20)

A escrevente do T4, no Exemplo 75, utiliza o termo “todas” enquanto estratégia de quantificação porque indica que a lembrança é destinada a cada uma das amigas do falante, sem exceção. Ela amplifica o alcance da ação, garantindo que não haja exclusões entre o grupo de amigas. A mesma autora, no exemplo subsequente, utiliza, na expressão destacada, um recurso que pode ser visto como uma forma de contextualizar o tempo e a situação em que a ofensa ocorreu. Embora não esteja quantificando explicitamente o número de vezes em que ocorreu a ofensa, a expressão "algum dia" indica que a jovem está reconhecendo a possibilidade de que possa ter ofendido sua mãe em algum momento no passado, sem especificar quando ou com que frequência isso tenha acontecido. Portanto, essa expressão contextualiza a ofensa no tempo, reconhecendo que ela pode ter ocorrido em algum momento anterior, sem quantificar exatamente quando.

O escrevente do T5 utiliza uma quantidade relativamente grande de estratégias de quantificação, devido, sobretudo, à extensão de sua carta. O elemento lexical destacado no Exemplo 77 enfatiza a singularidade da ação mencionada. Ao dizer "só a mato", o falante está enfatizando que a razão para a ação de matar é exclusivamente o fato de que a própria mãe está difamando sua própria filha com ele. Nesse contexto, "só" destaca que essa é a única razão ou justificativa para a ação violenta proposta pelo remetente. No exemplo seguinte, as palavras em destaque amplificam o alcance do pedido de desculpas, ao usar tal expressão como forma de abranger todas as possíveis falhas que o suicida possa ter cometido. Ao se chamar de “duplo pecador” o autor quantifica e indica uma intensificação do sentimento de culpa por assassinar a mulher amada e, em seguida, matar-se.

Nos outros exemplos dessa subseção, vemos outras quantificações usadas na justificativa para o autoextermínio. No Exemplo 80, a palavra "vários" sugere uma pluralidade de razões ou circunstâncias que contribuem para essa conclusão, enfatizando a complexidade e a profundidade do sentimento expresso pelo autor. Na sequência, o Exemplo 81 enfatiza a brevidade do momento de felicidade experienciado pelo falante através de uma expressão que sugere que, mesmo que o período de felicidade tenha sido curto ou passageiro, foi significativo o suficiente para ser reconhecido e digno de gratidão. Por conseguinte, no último exemplo, a expressão "mil e um" é uma hipérbole, figura de linguagem que utiliza exagero para enfatizar a quantidade ou intensidade de algo. Nesse contexto, "mil e um defeitos" deve ser interpretado como uma maneira de enfatizar que o locutor reconhece e lamenta a existência de uma grande

quantidade de defeitos ou imperfeições. Essa hipérbole amplifica o reconhecimento dos defeitos do falante, destacando a profundidade de seu arrependimento e a sinceridade de seu pedido de perdão.

5.3.2 Foco

O Foco, em nossa abordagem, subdivide-se em acentuação e atenuação, que "oferecem recursos para graduarmos categorias semânticas prototípicas que – experiencialmente falando – em princípio não são passíveis de serem graduadas" (SOUZA, 2011, p. 200). A acentuação envolve o uso de algumas locuções que enfatizam categorias semânticas experienciais.

Exemplo 83:

Assim deliberei matal-a bem como suicidar-me pois deste modo pouparei alguns momentos de verdadeira tortura para ella pela vergonha deante da família bem como da minha (T5)

No excerto acima, o item destacado enquadra-se na categoria acentuação porque ele modifica a entidade graduada (tortura), representando-a com maior grau de legitimidade. Na tabela a seguir, veremos a quantidade de ocorrências da acentuação nos textos do grupo 1:

Tabela 23 – Acentuação no Grupo 1

Código	Quantidade de ocorrências de Acentuação
T2	1
T3	-
T4	-
T5	9
T7	1
T9	2
T20	-

Fonte: Autor (2025).

Apesar do menor quantitativo, observamos a presença de elementos dessa categoria, principalmente com o objetivo de legitimar, ou tornar os itens mais pertencentes a suas categorias experienciais (SOUZA, 2011):

Exemplo 84:

Uma verdadeira loucura motivada por uma paixão louca e cega por esta pobre e infeliz (T5)

Exemplo 85:

gozando plenamente das minhas faculdades mentais (T9)

O autor do T5, no exemplo acima, enfatiza a autenticidade ou a intensidade da loucura em questão. Essa acentuação – realizada pelo termo “verdadeira” - sugere que a loucura experimentada não é meramente figurativa ou leve, mas sim profunda e genuína. Isso reforça a ideia de que a paixão mencionada é extremamente intensa e pode estar fora do controle racional do indivíduo. Já no exemplo seguinte, ao adicionar "plenamente" como modificador de um processo, o locutor enfatiza que está desfrutando das suas faculdades mentais em sua totalidade, sem restrições ou limitações. Isso sugere que ele está experimentando um estado de lucidez e clareza mental máximo. Essa acentuação pode ser usada para contrastar com uma situação em que as faculdades mentais não estão plenamente presentes, como em casos de doença ou confusão. Portanto, "plenamente" destaca a qualidade e o grau de funcionamento das faculdades mentais do indivíduo na frase.

De modo oposto à Acentuação, os recursos da Atenuação reduzem o grau de pertencimento de um elemento à categoria experiencial representada. Sendo assim, esses recursos caracterizam algo como “menos autêntico” dentro de uma categoria (SOUZA, 2011).

Exemplo 86:

ella alem de lavar tanques de roupas e ser uma especie de negrinha da casa dos paes nem isto mesmo lhe davam e d'ahi começou haver ciumada da parte das irmãns. (T5)

No contexto desse grupo, o exemplo acima contém a única ocorrência da atenuação encontrada. Nele, a partir do termo destacado, o autor da mensagem descreve o papel da mulher mencionada como "negrinha da casa dos pais". Ao usar a expressão "uma espécie de", o autor busca suavizar ou amenizar a descrição da situação, sugerindo que a pessoa desempenha um papel semelhante ao de uma "negrinha da casa", mas não exatamente da mesma forma. Podemos interpretar essa escolha lexical como uma tentativa de minimizar a gravidade ou a conotação pejorativa da descrição, enquanto ainda transmite a ideia de que a amante é tratada de maneira injusta ou inferior na casa dos pais.

Chegando ao fim de nossa análise das mensagens das causas sentimentais, acreditamos que é relevante exibirmos uma mensagem na íntegra, demarcada com os subsistemas da AVALIATIVIDADE de acordo com o esquema de cores que propusemos (cf. Capítulo III). A partir da visualização do documento inteiro, podemos verificar a forma através da qual os subsistemas agem e interagem entre si na construção de significados interpessoais. O documento escolhido foi o T9 que, abaixo, está transcrito em sua integralidade e, entre parênteses, os elementos sistêmicos da AVALIATIVIDADE localizados. Por se tratar de um bilhete e, conforme abordamos no capítulo anterior, esse texto caracteriza-se por uma objetividade e um imediatismo maior, é possível perceber, *a priori*, uma curta extensão da mensagem:

Eu AUTOR gozando plenamente (Gradação – Foco – Acentuação) das minhas faculdades mentais decidi (Engajamento – Contração Dialógica – Ratificação - Pronunciamento) por vários (Gradação – Força – Quantificação) motivos que não (Engajamento – Contração Dialógica – Negação) tenho razoes para continuar vivendo num mundo de critérios e valores com os quais eu não concordo. (Atitude – Julgamento – Estima Social)

Não (Engajamento – Contração Dialógica – Negação) há culpados. E falo isso de livre e espontânea (Gradação – Foco – Acentuação) vontade.

De modo geral, várias manifestações da AVALIATIVIDADE foram localizadas nos textos do grupo 1. Como já era esperado, a maioria das avaliações concentrou-se no subsistema Atitude, entre as categorias Afeto e Julgamento. Isso se deve a alguns fatores, os quais topicalizamos a seguir:

- a expressão de sentimentos em relação à partida ou à despedida. Nas mensagens de adeus, isso pode se refletir nas escolhas léxico-gramaticais para transmitir os sentimentos;
- percepções sobre os relacionamentos entre as pessoas envolvidas, o que pode incluir avaliações sobre o que o relacionamento significou, bem como julgamentos sobre o comportamento passado ou a natureza do relacionamento;

- o impacto emocional vivido pelos escreventes, o que se torna mais evidente se considerarmos que alguns deles relatam já estarem mortos, como a autora do T2. Nesse sentido, então, o autoaniquilamento torna-se, para eles, um ato inevitável;
- a expressão de gratidão e/ou ressentimento que, no caso do grupo em questão, tornou mais evidentes as manifestações de ressentimento para com algumas pessoas: amantes que não correspondem aos sentimentos investidos, familiares incompreensivos, entre outros. Ainda assim, com exceção do autor do T9, que não expressou agradecimentos, todos os outros escreventes manifestaram algum sentimento de gratidão, bem como o pedido de perdão, como vimos anteriormente.

A verificação de marcas de avaliação em textos que anteveem o suicídio por causas sentimentais oferece, portanto, informações relevantes sobre as relações interpessoais e emocionais dos escreventes, bem como a importância da expressão emocional e da reconciliação que é promovida a partir dos pedidos de perdão e das despedidas. Nesse sentido, essa análise não apenas lança luz sobre as complexidades das relações humanas, como também destaca a profundidade das emoções vividas durante o processo de despedida.

5 GRUPO 2: CAUSAS SOCIAIS

Nesta seção, trataremos das mensagens de adeus produzidas por pessoas que cometeram autoextermínio devido ao que denominamos causas sociais. Dentre elas, destacam-se o sentimento de não pertencimento ao mundo e/ou à sociedade e intensas questões político-sociais que permeiam as ideologias defendidas por tais pessoas.

De acordo com o que já abordamos no primeiro capítulo, as causas sociais do suicídio envolvem fatores relacionados às dinâmicas e condições sociais em que o indivíduo está inserido, sendo amplamente discutidas, sobretudo, pela sociologia de Durkheim (1897), que identifica quatro tipos de suicídio com base em causas sociais: o egoísta, que ocorre quando o indivíduo está socialmente isolado; o altruísta, quando a pessoa se sacrifica pelo bem do grupo; o anômico, que surge em situações de desregulação social, como crises econômicas ou mudanças bruscas; e o fatalista, associado a uma opressão extrema, em que o indivíduo vê o suicídio como a única saída.

Além disso, fatores como a desigualdade social, estigmatização e a não obtenção de apoio também contribuem de forma significativa para o aumento do risco de suicídio. Isso indica que esse comportamento está profundamente enraizado em questões sociais que interagem com aspectos psicológicos e biológicos.

Os textos pertencentes a esse grupo são os que compreendem um recorte temporal mais amplo. Entre o T1, escrito em 1903, e o T23, produzido em 2022, são 119 anos refletidos nas 10 mensagens, veiculadas em 6 cartas, duas postagens no Facebook e 2 tuítes.

Apesar de apresentarmos uma grande diversidade etária, os escreventes das mensagens que compõem o Grupo 2 são, majoritariamente, pessoas bastante jovens. Trataremos, pois, de oito textos feitos por pessoas entre 16 e 32 anos, um texto feito por uma pessoa de 50 anos e outro escrito por uma pessoa de 72 anos. Dado que endossa as estimativas mundiais para o suicídio, bem como o perfil dos suicidas, de acordo com o que foi exposto no primeiro capítulo. Da mesma forma como já fizemos no capítulo anterior, também conseguimos equilibrar a quantidade de menagens distribuídas por sexo – temos 5 homens de 19, 72, e 24 anos; e 5 mulheres, de 25, 28, 50, 17, e 16 anos.

Fatores políticos são a motivação para o autoaniquilamento dos escreventes de dois dos textos desse grupo (T6 e T8, respectivamente). Sabemos, com base em informações contextuais retiradas do trabalho de Catelão (2013) que o autor do T1 esteve motivado por problemas financeiros e familiares ao decidir cometer suicídio. As seguintes informações sobre o escrevente são reveladas:

> 19 anos de idade, solteiro, brasileiro, encontrada junto à vítima entre outros pertences. A carta é dirigida a sua noiva e refere-se a sua intenção de suicídio. No inquérito consta que a vítima deu um tiro de revolver em seu ouvido direito, permanecendo em estado grave no hospital (CATELÃO, 2013, p. 163).

Por sua vez, a escrevente da T12 revela não ter problemas financeiros. Entretanto, ela alega se sentir tomada por um profundo sentimento de esgotamento social. Esse fenômeno pode ocorrer devido a um nível extremo de cansaço emocional e mental ocasionado pela sobrecarga de interações e responsabilidades sociais, o que é endossado pelas palavras da própria autora:

Exemplo 87:

Não é por falta de dinheiro, pois com o que tenho posso morar aqui, em CIDADE[11] ou no Sul. Mas acontece que não quero mais morar em lugar nenhum. Eu não quero envelhecer e sofrer. Eu vi minha mãe sofrer até a morte e não quero isso para mim. (T12)

O autor do T17 menciona, logo na abertura de sua mensagem, as razões que o levam à morte voluntária. Entre outros fatores por ele trazidos, há elementos que tornam nítidas as causas sociais que nortearam a opção do jovem.

Exemplo 88:

A vida pra mim nunca foi algo interessante, estudar, trabalhar, ter uma carreira?
uma família?
e se eu não conseguir nada disso? falhei em ser um ser humano?

[11] Lugares e/ou quaisquer informações que possam levar à identificação dos participantes também foram omitidos.

não sei, sempre me julgaram por não me importar com o futuro
eu só era a pessoa que queria que todos da rodinha dessem risada (T17)

Também merece destaque a motivação para o autoextermínio do autor do T21, que manifesta em seu texto que a opção pelo suicídio se deu por razões financeiras, ocasionadas pelas restrições impostas devido à pandemia da COVID-19. O homem, que trabalhava como feirante, menciona que não consegue pagar suas dívidas devido às medidas governamentais – como o fechamento de estabelecimentos – o que prejudicou suas vendas e sua capacidade de sustento. A crise econômica, agravada por essas decisões, parece ter gerado um sentimento de desespero e falta de alternativas, levando-a a tomar essa decisão:

Exemplo 89:

A VDD Estou Fazendo isso
Porque não estou dando pagar as dívidas por causa Gorvenador Esse Prefeito Decretou Fechamento de tudo. E N
Esta dando pra vende direito (T21)

Consoante o que fizemos na análise das causas sentimentais, na tabela abaixo apresentamos a existência – ou inexistência – de interlocutores para as mensagens das causas sociais:

Tabela 24 – Grupo 2 (Interlocutores)

Texto	Interlocutor
T1	Noiva
T6	Indefinido
T8	Indefinido
T12	Indefinido
T13	Indefinido
T14	Indefinido

T16	Pais
T17	Indefinido
T21	Mãe
T23	Indefinido

Fonte: Autor (2025).

Como é claramente visível, os autores dos textos desse grupo não apresentam, por meio de vocativos ou outros elementos textuais, a preocupação em direcionar a mensagem a um indivíduo em específico. Acreditamos que, primeiramente, por se tratar de causas sociais, há um conjunto de fatores envolvidos e uma certa necessidade de divulgação das mensagens a uma maior quantidade de leitores, ou, ao menos, a impossibilidade de um único leitor. Em segundo plano, salientamos que, havendo quatro mensagens divulgadas em redes sociais, estamos lidando com textos, de certa forma, públicos.

Mesmo quando configuradas como privadas, essas mensagens nas redes podem ser compartilhadas, copiadas ou acessadas por terceiros. Além disso, as plataformas muitas vezes coletam e armazenam essas informações, tornando-as acessíveis de maneiras inesperadas. Assim, entendemos que as mensagens nos textos identificados por T6, T8, T12, T13, T14, T17 e T23 assumem um caráter público, seja por circularem de maneira informal entre pessoas próximas, adquirindo um caráter de evento social (GERONIMO JUNIOR, 2006), seja como documentos essencialmente públicos – caso do T6 – ou assumindo o formato "carta aberta" nas redes sociais, sobre as quais falamos de modo mais detalhado no Capítulo IV.

Nas próximas páginas, examinaremos como os três subsistemas da AVALIATIVIDADE se expressam neste conjunto de mensagens de despedida motivadas por questões sociais. Começaremos a investigação focando nos significados das mensagens sob a perspectiva da Atitude.

6.1 ATITUDE

Assim como desenvolvemos no capítulo anterior, iniciamos a análise sob a ótica do subsistema de Atitude. Consideramos que a Atitude contempla boa parte das avaliações contidas nas mensagens, uma vez que ela abrange as emoções, os sentimentos e as posturas assumidas

pelo falante em relação ao conteúdo comunicado, manifestados através de recursos linguísticos específicos.

Em termos gerais, os textos desse grupo comportam mensagens elaboradas num tom mais impessoal e, em alguns casos, até formal, no qual determinadas avaliações de Atitude são reduzidas. Veremos, a seguir, algumas das expressões de afeto contidas nas mensagens.

6.1.1 Afeto

Pelo seu caráter que se aproxima da objetividade e da formalidade, as avaliações de afeto são atenuadas nas mensagens desse grupo. Estando relacionadas às emoções do autor/falante, as avaliações nesse eixo demonstram o nível de envolvimento emocional que o falante tem com o objeto, a pessoa ou a situação. Em nossa amostra, na categoria *felicidade/infelicidade*, nos chama atenção a grande disparidade entre as avaliações no eixo positivo e no negativo, fato que fica evidente através da tabela abaixo:

Tabela 25 – Felicidade/infelicidade no Grupo 2

Termo **Eixo negativo**	**Quantidade de ocorrências no grupo**	**Termo** **Eixo positivo**	**Quantidade de ocorrências no grupo**
Infeliz	2	Feliz	10
Infelizmente	2	Felizmente	2
Triste	5	-	
Tristeza	1	-	
Desgostos	1	-	
Ódio	1	-	

Fonte: Autor (2025).

Nesse grupo, verificamos que esses “assuntos do coração” (MARTIN; WHITE, 2005) estão presentes nas avaliações numa menor escala e, ainda assim, o eixo negativo predomina. Nesse viés, são relativamente comuns, em nossa amostra, avaliações como as contidas nos trechos seguintes:

Exemplo 90:

De uns 4 mezes para cá tenho sido o homem mais infeliz que exista (T1)

Exemplo 91:

Tenho sofrido mais que o suportável. (T8)

Exemplo 92:

Não chorem, não sofram, eu estou ABSOLUTAMENTE FELIZ!!! (T12)

Exemplo 93:

desculpa desculpa eu te amo muito (T13)

Nos fragmentos acima, temos amostras interessantes das avaliações nessa categoria. A observação minuciosa dessas avaliações nos ajuda revelar as razões alegadas pelos autores na construção da linha argumentativa de cada mensagem, bem como auxilia a localizar cada texto no grupo em destaque. O autor do T1 contextualiza sua interlocutora com informações temporais. Somado a isso, o atributo "infeliz" qualifica a condição emocional e psicológica do sujeito, expressando uma avaliação negativa do estado interno, indicando um sofrimento ou descontentamento. A autora do T8, dentro desse contexto específico, utiliza um grupo oracional para expressar seus sentimentos ligados à infelicidade. Ela recorre ao Processo realizado por "tenho sofrido", um Processo Mental, do subtipo da afeição. Nessa estrutura, ela mesma é o Experienciador, e o fenômeno é "mais que o suportável".

Já a autora do T12 salienta, no início de sua mensagem, uma avaliação positiva ligada à felicidade. Veremos mais adiante, ao tratar do Engajamento, que, nesse caso, há uma quebra de expectativa, uma vez que se espera num momento como o da escrita desse tipo de mensagem, um contexto melancólico ou negativo, o que não se confirma através dos elementos lexicais escolhidos, a exemplo do atributo em destaque no fragmento acima. Por fim, um grupo oracional é escolhido pela jovem autora do T13 para realizar a avaliação direcionada à sua mãe. O Processo Mental aqui usado vai além de uma simples declaração. Podemos afirmar que o "amar" aqui, precedido pelo pedido de desculpas, também é uma fórmula de despedida.

Nessa perspectiva, no eixo da *segurança/insegurança*, notamos algumas expressões de avaliação que merecem destaque. Sobre essa categoria, é importante reafirmarmos que, de acordo com Martin e White (2005), segurança e insegurança refletem nossos sentimentos de tranquilidade ou ansiedade em relação ao ambiente ao nosso redor, incluindo as pessoas com quem o compartilhamos. Em comunidades com estereótipos de gênero, como em nossas sociedades ocidentais, esses sentimentos costumam ser vinculados à "maternidade" no lar, relacionada à proteção contra o mundo exterior ou à falta dessa proteção.

No grupo 2, essas avaliações estão diretamente ligadas à ansiedade e à sensação de vulnerabilidade em relação ao ambiente externo e às pessoas ao redor. O medo, nessa perspectiva, surge quando o suicida sente que a proteção está ausente ou ameaçada, intensificando a percepção de perigo, relacionando-se à falta de controle ou segurança no ambiente, como podemos observar com base nos fragmentos na sequência:

Exemplo 94:

E tô com medo mas acho que é tchau pra sempre (T13)

Exemplo 95:

mas como eu sempre tive medo da agua

acho que é um modo interessante de terminar isso

superar o medo até o ultimo segundo kkkk (T17)

Exemplo 96:

Ele disse que tinha medo quando as pessoas compravam cordas e em seguida passou o dedo em metade da circunferência do meu pescoço pra explicar o que havia dito e riu, tive que mentir pra ele, disse que era pra um projeto doméstico, uma bosta vertical, sorte que ele acreditou. (T23)

No Exemplo 94, notamos que a jovem suicida opta pelo elemento léxico "medo" para indicar a percepção de um possível fim definitivo ("tchau pra sempre"), sugerindo que ela sente

uma falta de controle sobre a situação. Esse estado emocional evidencia um sentimento de vulnerabilidade, típico de quem está inseguro sobre o que pode acontecer. A junção do medo com a ideia de "tchau pra sempre" reforça o receio de perda ou separação irreversível, o que intensifica a sensação de insegurança.

No Exemplo 95, o "medo" representa uma avaliação, no campo da insegurança, em relação a uma entidade específica – a água. Essa avaliação sugere um sentimento constante de vulnerabilidade ou perigo associado a ela. Mais adiante, no grupo oracional "superar o medo até o último segundo", o termo “medo” também indica essa insegurança. Entretanto, há uma tentativa de enfrentar essa sensação, sugerindo um esforço para lidar com a ansiedade, ou uma afirmação irônica por parte do escrevente. Em ambos os casos, o medo reflete a avaliação negativa de uma situação percebida como ameaçadora ou desconfortável.

O Exemplo 96, por sua vez, expressa a insegurança numa avaliação de terceiros. No grupo oracional "Ele disse que tinha medo quando as pessoas compravam cordas", o termo acima destacado relaciona-se ao comportamento ou à intenção percebida de outras pessoas, no caso, do vendedor da loja de materiais de construção, onde o suicida comprou a corda utilizada no ato. Desse modo, o "medo" sugere uma sensação de ameaça ou perigo, evocada pela compra de um objeto que poderia ser associado a algo negativo ou perigoso (como o enforcamento). Essa insegurança é reforçada pelo gesto de passar o dedo na circunferência do pescoço do, então, cliente, o que simboliza uma situação de risco, intensificando o medo e a percepção de vulnerabilidade por parte do escrevente. Por sua vez, o autor encontra-se numa dupla situação de desproteção: primeiramente, mediante o ato de morte voluntária que ele está prestes a cometer e, em segundo lugar, pelo perigo de ser descoberto pelo vendedor que, no caso, poderia até recusar a venda do objeto.

A terceira categoria do Afeto – *satisfação/insatisfação* – trata de nossos sentimentos de realização ou frustração em relação às atividades nas quais estamos envolvidos, seja como participantes ou espectadores. Martin e White (2005, p. 50) dizem que, em contextos com estereótipos de gênero, esses sentimentos são associados à "paternidade" e ao aprendizado. Assim, nossas emoções são influenciadas pelo papel ativo que desempenhamos, gerando raiva, tédio ou satisfação conforme reagimos a essas atividades.

Exemplo 97:

eu sempre precisei conversar, minha cabeça nunca aguentou as loucuras que se passava por lá pensar sozinho é algo muito ruim, vc cria milhares de situações inalcançáveis (T17)

Exemplo 98:

eu sempre achei q eu era um pessoa inteligente pq eu conseguia fazer piada com qualquer assunto pensava rapido, todos diziam q eu era bom nisso (T17)

Exemplo 99:

eu estou cansado de tanta Humilhação aqui na feira

Cansei de ser muito humilhado (T21)

Exemplo 100:

Estou cansada, cansada de cabeça! (T12)

O autor do T17, nos dois exemplos acima, traz avaliações do eixo da satisfação/insatisfação, nos polos positivo e negativo. No primeiro fragmento, vemos que o rapaz descreve a experiência negativa do falante ao pensar sozinho. A insatisfação está ligada à dificuldade de lidar com seus próprios pensamentos, o que traz desconforto e angústia. Isso sugere que o autor se sente sobrecarregado mentalmente, incapaz de encontrar alívio ou soluções adequadas para as "loucuras" que passam pela sua cabeça, intensificando a sensação de isolamento e descontentamento emocional. Por conseguinte, no fragmento posterior, temos uma expressão da satisfação, uma vez que ele avalia sua inteligência com base na capacidade de fazer piadas rápidas e receber reconhecimento dos outros por isso. Assim, essa avaliação está ligada ao senso de competência, pois a rapidez de raciocínio e o *feedback* positivo alimentam a autoestima do jovem, que se sente socialmente valorizado e demonstra habilidade em algo socialmente apreciado.

O autor do T21, cujas motivações já foram expostas na abertura deste capítulo, realiza aqui uma expressão da sua insatisfação, que alcança níveis extremos. O atributo "cansado" destaca o esgotamento emocional do escrevente, que chegou ao seu limite após vivenciar situações de desrespeito e depreciação constantes. O mesmo sentimento se repete logo em seguida, realizado por um Processo Mental, no grupo oracional "Cansei de ser muito humilhado". Isso reforça o impacto negativo dessas experiências, evidenciando o sofrimento e a frustração acumulados.

Já no Exemplo 100, a autora revela um esgotamento mental e emocional. A repetição do atributo "cansada", além de ser uma estratégia de Gradação, enfatiza a profundidade do desgaste e a necessidade de alívio. Esse cansaço pode refletir uma sobrecarga de preocupações, estresse ou frustrações que a pessoa está enfrentando, sugerindo que ela chegou a um ponto de saturação em que não consegue mais lidar com a pressão ou a dor emocional.

6.1.2 Julgamento

Martin e White (2005), nos dizem que, no campo do julgamento, adentramos o campo do significado, moldando nossas atitudes em relação às pessoas e ao modo como elas se comportam e avaliando o seu caráter. Por essa razão, constatamos que todos os autores expressaram suas opiniões sobre o autoextermínio e aprovaram, em diferentes graus, a seriedade de suas ações e as consequências envolvidas. A seguir, listamos as ocorrências em que esses posicionamentos sobre o próprio comportamento podem ser observados.

Tabela 26 – Autojulgamento do comportamento dos autores no Grupo 2

Código	Julgamento	Categoria	Polo
T1	Estima Social	Normalidade	Negativo
T6	Sanção Social	Veracidade/Propriedade	Positivo
T8	Estima Social	Capacidade	Negativo
T12	Estima Social	Tenacidade	Positivo
T13	Estima Social	Normalidade	Negativo
T14	Estima Social	Capacidade	Negativo
T16	Estima Social	Capacidade	Negativo

T17	Estima Social	Capacidade	Negativo
T21	Estima Social	Capacidade	Negativo
T23	Estima Social	Tenacidade	Positivo

Fonte: Autor (2025).

Pela primeira vez na análise dos dados obtidos nas mensagens, podemos observar expressões avaliativas do Julgamento do próprio comportamento dos autores nos polos positivos, de acordo com os preceitos de Martin e White (2005). Sobre esses casos, até então inéditos em nossa amostra, falaremos mais detalhadamente abaixo e mostraremos os fragmentos das mensagens que embasam nossas observações.

Exemplo 101:

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. (T6)

Exemplo 102:

Bom, tem muito mais sobre a minha vida, isso é só para verem como não sou covarde não, fui uma guerreira, mas cansei. É preciso coragem para deixar esta vida. Saibam todos que tiverem conhecimento desse documento que não estou desistindo da vida, estou em busca de Deus. (T12)

No exemplo 101, o autor do T6, no trecho em destaque, realiza um julgamento positivo de seu comportamento. Ele avalia sua própria conduta como sendo verdadeira e consistente ao longo do tempo, afirmando que sempre defendeu o povo e, especialmente, os humildes. Ao escrever "como sempre defendi", ele reforça a continuidade e autenticidade de sua ação, sugerindo que sua postura em defesa dessas pessoas foi genuína e constante. O escrevente também avalia seu comportamento como adequado e justo, implicando que defender o povo – especialmente os humildes – é o correto do ponto de vista moral. Essa autoavaliação implica que sua ação tem um propósito nobre e apropriado, reforçando a ideia de que ele age de maneira ética e alinhada aos valores que defende. Sendo assim, ele se avalia sob a ótica da Sanção Social,

visto que, para Martin e White (2005), as avaliações nessa esfera sustentam o dever cívico e as observâncias religiosas.

Numa perspectiva semelhante, a autora do T12 nos revela que, entre seus motivos para a morte voluntária, para além da e em negação à desistência da vida, ela busca, na verdade, um encontro com Deus. A mulher descreve-se como alguém que demonstrou perseverança ao longo da vida. A oração "fui uma guerreira" sugere uma trajetória de luta, na qual a força e a resiliência foram constantes. O uso do atributo "guerreira" reforça a ideia de que ela não apenas enfrentou adversidades, mas o fez com determinação, persistindo mesmo diante de desafios. Esse termo também carrega uma conotação de uma batalha contínua, o que sugere que, até o momento de "cansar", a escrevente foi resiliente e determinada, escolhendo o melhor momento para sair do plano material “em busca de Deus”. Sobre a evocação de figuras religiosas em seu texto, é importante mencionarmos o que Camargo (2007, p. 21) nos diz a respeito do suicídio na cultura cristã:

> O cristianismo encara a vida como um tempo de prova e de merecimentos para a eternidade. Assim, o suicídio seria uma evasão, movida pela intenção de livrar-se do corpo, das tentações e do sofrimento. O mal, a dor e as adversidades são ocasiões de purificação e de solidariedade. Sofrer é um caminho ascético e ao mesmo tempo místico de elevação da alma a Deus.

Ao negar o caráter de fuga ao seu autoextermínio, a autora se posiciona contra a concepção cristã tradicional de suicídio como um gesto de evasão, propondo uma interpretação diferente. Ela, assim, vê sua decisão como um ato corajoso e consciente, uma passagem para um novo estado do ser, e não como um escape do sofrimento material.

Também é digno de nota o exemplo que veremos abaixo, retirado do T23. Nessa mensagem, o suicida também faz um julgamento positivo sobre o seu próprio comportamento, no sentido de expressar orgulho por sua autenticidade ao realizar o ato de suicídio. Ele reforça que não buscou atenção ou aprovação externa, mas seguiu sua decisão de maneira firme e decidida. Ademais, o escrevente rejeita um comportamento teatralizado, dramático ou manipulado por uma necessidade de validação social. Tais avaliações, realizadas pelo atributo e pelos processos abaixo destacados, sugerem uma postura de Tenacidade, já que o jovem revela ter sido capaz de manter sua resolução de forma constante, sem desviar ou hesitar.

Exemplo 103:

Dá pra me orgulhar também de poder ter sido um suicida autêntico, já que não fiquei ameaçando ou chamando para mim, querendo aparecer, só fui lá e fiz. (T23)

Em contrapartida, os demais autores desse grupo optam pelo polo negativo das expressões do julgamento de suas próprias ações, mostrando, diversas vezes, consciência do caráter de reprovabilidade social do suicídio. Essa diferença de perspectiva evidencia que, enquanto uns tentam reconfigurar o ato de suicídio como algo positivo ou justificável (por meio de uma visão heroica ou espiritual), outros não conseguem escapar da percepção dominante de que o autoaniquilamento é um ato condenável e moralmente negativo. Os excertos a seguir são indício dessa expressão em nossa amostra:

Exemplo 104:

Talvez eu tivesse nascido em hora errada, tempo errado. Merda! O que quer que eu faça é errado! Será que é porque eu admiro Hitler, sou anarquista, esquerdista e adepta do comunismo? (T8)

Exemplo 105:

desculpa eu n ser a filha perfeita mas eu tentei (T13)

Exemplo 106:

Não vou ser mais estorvo pra ninguém (T14)

Exemplo 107:

e até o presente momento eu fui um palhaço na vida

conquistava pessoas com piadas (T17)

A autora do T8 expressa a sensação de que suas ações estão erradas, independentemente de suas intenções ou contextos. Esse sentimento de falha constante, que também é pautado na insatisfação – pertencente ao Afeto – indica uma avaliação extremamente negativa de si mesma, no campo da Capacidade, revelando uma profunda autocrítica e um senso de frustração com

suas próprias escolhas e comportamentos. De igual modo, ao questionar-se se sua inadequação social decorre de suas posições políticas ou crenças (como admirar Hitler, ser anarquista, esquerdista e adepta do comunismo), a jovem parece estar tentando encontrar justificativas para o julgamento negativo que faz de si mesma. As referências dadas por ela simbolizam uma possível múltipla rejeição social de suas crenças e escolhas.

No T13, uma postagem no Twitter, a escrevente também demonstra sua frustração, visto que o trecho reflete um Julgamento de Capacidade em relação ao que ela acredita ser o ideal de "filha perfeita". Porém, ao mesmo tempo, ela mostra um reconhecimento de seu esforço, criando um contraponto à crítica interna que ela expressa. De forma análoga, a jovem escrevente do T14, ao escolher o atributo “estorvo” – que carrega uma conotação forte de incômodo ou fardo – expressa um sentimento de que sua presença ou suas ações estão sendo prejudiciais ou indesejadas para as pessoas próximas. Assim, ela revela, através dessa escolha lexical, que acredita que sua ausência será melhor para os outros que sua presença. Assim, ao escrever que se vê como obstáculo na vida de quem a cerca, a adolescente realiza um Julgamento negativo de Capacidade.

Um atributo também é usado pelo autor do T17 para fazer uma autocrítica. Ao se referir como sendo “um palhaço”, o suicida parece diminuir o valor de suas ações, como se tudo o que tivesse feito até então fosse superficial. A imagem do palhaço é usada, aqui, não de maneira positiva, como a de alguém que leva o riso, a alegria, mas para descrever sua vida como uma série de ações voltadas a agradar os outros, sem profundidade ou propósito verdadeiro. Assim, ele parece tecer uma crítica à frivolidade de suas interações, como se ele acreditasse que não conseguiu criar conexões genuínas, ao realizar essa avaliação negativa da Capacidade de comportamento, que foi exposto como insuficiente ou inadequado.

Nesse sentido, é importante, também, analisarmos o que os autores do Grupo 2 dizem quando avaliam o comportamento de outras pessoas mencionadas nas mensagens de adeus. Com base no que vimos na análise do Julgamento no Grupo 1, das causas sentimentais, questões importantes são reveladas sobre outras pessoas na construção das mensagens, inclusive porque tais expressões de avaliação ajudam a construir a narrativa, ou argumentação suicida, dependendo de cada caso. A tabela a seguir expõem quais das nossas mensagens contêm Julgamentos do comportamento de outras pessoas:

Tabela 27 – Julgamento do comportamento de outrem no Grupo 2

Código	Pessoa avaliada	Julgamento	Categoria	Polo
T1	Noiva	Estima Social	Tenacidade	Negativo
T6	Opositores políticos	Sanção Social	Veracidade/ Propriedade	Negativo
T8	Pai/mãe	Estima Social	Capacidade	Negativo
T12	Não especificado	Sanção Social	Propriedade	Negativo
T13	-	-	-	-
T14	-	-	-	-
T16	-	-	-	-
T17	Escola	Sanção Social	Propriedade	Negativo
T21	Políticos	Sanção Social	Propriedade	Negativo
T23	-	-	-	-

Fonte: Autor (2025).

Geralmente, quando se fala em Julgamento dentro do subsistema de Atitude, se fala sobre a avaliação do comportamento de terceiros, como veremos nos próximos parágrafos. A avaliação das próprias atitudes, apesar de ser corriqueira em nossas atividades linguísticas, é ainda estudada com menor expressão pelos sistemicistas. Nesse sentido, Ikeda (2011) nos revela que o Julgamento é uma categoria relacionada a um sentido mais técnico, no qual, por meio da linguagem, expressa-se a capacidade de criticar, elogiar, aprovar ou reprovar um determinado comportamento. Esses comportamentos incluem as ações, declarações, crenças e motivações de um indivíduo ou de um grupo. Ressaltamos que tal postura avaliativa é moldada pela cultura e pela formação social e ideológica dos envolvidos. Nesse panorama, vejamos, agora, as avaliações negativas, na categoria Julgamento, do comportamento de terceiros:

Exemplo 108:

Estou muito aborrecido e parece-me que você não me [vê] mais (T1)

Exemplo 109:

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação (T6)

Exemplo 110:

Será que é porque minha mãe nunca se casou? Porque o meu pai era um panaca perfeito? Que ódio passei a ter de tudo isto! Da vida! (T8)

Exemplo 111:

ganhei muito dinheiro e ajudei muita gente com ele. Realmente não soube administrá-lo e fui ludibriada por pessoas de má-fé várias vezes (T12)

Exemplo 112:

isso começou com 15 anos, quando me mudaram de sala no ensino medio

me colocaram numa sala com pessoas q eu nunca conversei na vida

pelo simples motivo de eu conversar com meus amigos na sala anterior

nessa nova sala eu nao falava com ngm, era zuado por muitos otarios

mas eu nunca liguei, eu sempre fui o que tinha a melhor resposta

e olha q eu tava gordo, era facil me atingir kkk

mas ai começou a ansiedade, a vontade de nao levantar.. (T17)

Exemplo 113:

Porque não estou dando pagar as dívidas por causa Gorvenador

Esse Prefeito Decretou

Fechamento de tudo. E N

Esta dando pra vende direito (T21)

De acordo com o fragmento que compõe o Exemplo 108, percebemos que o escrevente opta pelo uso do atributo "aborrecido" para revelar sua frustração em relação à noiva, indicando uma avaliação da Tenacidade da mulher. A oração "você não me [vê] mais" destaca uma sensação de distanciamento e/ou desatenção**.** O autor sente que não está mais recebendo a mesma consideração, como se a outra pessoa o tivesse ignorado ou deixado de se importar. Essa percepção de descaso é interpretada como um comportamento inadequado.

Por sua vez, no T6, o célebre autor argumenta três julgamentos ao comportamento de seus opositores políticos. Primeiramente, ao afirmar que é insultado e caluniado, ele diz ser vítima de ataques injustos. Ele destaca que, em vez de receber críticas construtivas ou enfrentamentos legítimos ("não me combatem"), as pessoas estão optando por ataques pessoais e falsidades, sugerindo um comportamento inadequado e imoral por parte dessas pessoas. Em seguida, o escrevente afirma a negação de seu direito de defesa. Isso indica uma intensificação do tom de condenação do comportamento alheio, uma vez que ele se vê impossibilitado de se defender contra as acusações. Por fim, o homem escreve "sufocar a minha voz e impedir a minha ação", sugerindo que há um esforço deliberado para impedir sua expressão e ação, o que ele interpreta como uma tentativa de anular sua influência ou participação, caracterizando um comportamento opressor e antidemocrático.

Seguindo outra perspectiva, a autora do T8, indiretamente, condena o comportamento de seus pais ao construir sua argumentação suicida. Num primeiro plano, ela tece uma crítica ao pai, que recebe o atributo de “panaca perfeito”. Santos e Carmo (2011, p. 42), nos dizem que atributos e os epítetos “acrescentam qualidades e podem ser do tipo experiencial ou atitudinal” e acrescentam que “quando se instancia esse tipo de significado, não apenas se exprimem significados objetivamente observados (tipo experiencial), mas também subjetivamente criados (tipo atitudinal)”. Assim, conseguimos localizar o atributo destinado ao pai como no eixo atitudinal, construído com base nas vivências e impressões da autora. Ao escolher esse modo de caracterizar o pai, a jovem demonstra seu desprezo por ele, indicando a insuficiência da figura paterna.

Já, ao falar sobre a mãe, a mesma autora do T8 revela uma crítica sutil ao fato de ela não ter seguido uma convenção social ou desempenhado o papel esperado. O tom questionador da jovem pode refletir uma tentativa de entender as dificuldades ou os conflitos vividos,

possivelmente culpando a situação familiar pelo seu ódio e insatisfação com a vida. Portanto, ao realizar o julgamento do comportamento parental, por meio de críticas diretas ao pai e indiretas à mãe, ela culmina num ressentimento mais amplo pela vida como um todo, influenciado, sobretudo, por essas relações familiares conflituosas.

No Exemplo 111, a escrevente realiza um julgamento de seus atos, mas também dos atos de outras pessoas. Inicialmente, ela até se concentra num polo positivo, alegando ter ajudado muitas pessoas com o dinheiro que ganhou com seu trabalho. Entretanto, num segundo momento, a mesma autora expressa sua Capacidade negativa de administrar esse dinheiro, reconhecendo que foi enganada por indivíduos de má-fé, o que reflete uma crítica ao seu próprio discernimento e administração dos bens. Como, aqui, estamos falando sobre o julgamento do comportamento de terceiros, parece-nos conveniente ressaltar que, ao descrever como foi ludibriada por essas pessoas, a autora sugere que elas agiram de maneira desonesta e com intenções maliciosas, aproveitando-se da falta de habilidade dela na administração do dinheiro. Essas pessoas são vistas como oportunistas, que manipulam e enganam para obter benefícios próprios, sem consideração pelo bem-estar alheio. O comportamento delas é retratado como antiético e moralmente condenável, já que exploraram a confiança e vulnerabilidade da autora em situações de boa-fé.

O autor do T17 avalia o comportamento de algumas pessoas – não nominalmente especificadas – em seu ambiente escolar. Contextualmente, compreendemos que tais pessoas são, inicialmente, os professores e/ou a gestão escolar, que fizeram com que ele fosse trocado de turma e, noutro momento, os colegas de sala de sua nova turma. A mudança de sala no Ensino Médio – motivada pelo fato de ele conversar com amigos na classe anterior – é o ponto de partida para experiências de isolamento e humilhação. Ao ser colocado em uma nova turma, sem laços sociais, o escrevente menciona o fato de não se comunicar com ninguém e ser alvo de *bullying* por parte de colegas, referidos de maneira depreciativa através do epíteto "otários". Esse julgamento negativo dos outros revela o impacto de suas atitudes, marcadas pelo desrespeito e insensibilidade.

Em contrapartida, o mesmo autor do T17, no exemplo acima, também traz uma autoavaliação resiliente de seu próprio comportamento – por meio de um processo e uma circunstância na estrutura oracional – destacando que, apesar das dificuldades, "nunca ligou"

para as provocações. Esse comportamento reflete dele uma tentativa de lidar com a situação de forma confiante, mesmo quando as condições, inclusive físicas – como o fato de estar acima do peso – o tornavam um alvo fácil para os agressores. No entanto, o relato do suicida também aponta para o início de uma luta interna, com o surgimento da ansiedade e a falta de motivação, o que indica que o impacto emocional dessa fase foi mais profundo do que o inicialmente sugerido.

Por último, o escrevente do T21 culpa os governantes por sua decisão pelo autoaniquilamento. Em relação às decisões de autoridades políticas, especificamente o governador e o prefeito, cujas ações são percebidas como a causa das dificuldades financeiras enfrentadas, o homem avalia a Tenacidade desses líderes. O fechamento de comércios decretado pelo prefeito é apontado como o principal motivo pelo qual o autor não consegue vender seus produtos de forma adequada, o que o impede de pagar suas dívidas.

Essa crítica realizada no exemplo revela um Julgamento de que as medidas restritivas tomadas pelo Governo frente à pandemia, estão agravando a situação financeira, gerando frustração e insatisfação. É digno de nota, nesse caso, o fato de que essa mensagem de adeus foi usada como argumento de algumas personalidades políticas, que usaram a mensagem para ilustrar o impacto negativo das decisões governamentais na vida de cidadãos comuns, apresentando-a como um exemplo dos efeitos prejudiciais das restrições na economia e na saúde mental da população. Dessa forma, a mensagem ganhou uma dimensão política, sendo instrumentalizada no debate sobre a eficácia e as consequências dessas políticas.

6.1.3 Apreciação

Consoante o que já vimos nos capítulos II e IV, quando apreciamos algo, recorremos aos significados que formam nossas avaliações sobre as coisas – especialmente em relação ao que fazemos e como nos desempenhamos – mas também em relação a fenômenos naturais –, ponderando o valor dessas coisas e como atribuí-lo (MARTIN; WHITE, 2005). De maneira geral, as apreciações podem ser divididas em três áreas: nossas **reações** às coisas (se elas chamam nossa atenção ou nos agradam), sua **composição** (equilíbrio e complexidade) e seu **valor** (inovação, autenticidade, relevância, etc.) (MARTIN; ROSE, 2003).

Assim como no Grupo 1 – causas sentimentais, a produção de avaliações de Atitude na categoria Apreciação é quase inexpressiva. Como já temos 2 grupos – ou macrocategorias – analisados, é possível afirmarmos previamente que isso representa um padrão de escrita nas mensagens de adeus: *os suicidas avaliam pessoas e seus comportamentos apenas*. A única ocorrência de Apreciação no Grupo 2 está contida no Exemplo 114, transcrito a seguir:

Exemplo 114:

e vale lembrar q BREAKING BAD melhor série

SENHOR DOS ANÉIS melhor trilogia/filme

TWISTED FATE melhor champ do lol

coloquem Losing my religion do R.E.M pra trocar, é minha musica favorita (T17)

Como é facilmente observável, o trecho revela a avaliação de apreciação de coisas através da expressão de preferências e opiniões sobre obras e experiências culturais. Ao afirmar que "BREAKING BAD é a melhor série," o autor demonstra uma forte valorização e admiração pela qualidade e impacto da obra televisiva, indicando que ela se destaca em comparação com outras produções. Da mesma forma, ao designar "SENHOR DOS ANÉIS" como a melhor trilogia cinematográfica, ele ressalta seu apreço pela narrativa, pela produção ou pelo significado da obra.

A menção de "TWISTED FATE" como o melhor campeão do jogo de batalhas *online League of Legends* (LoL**)** também reflete uma apreciação específica por esse personagem no jogo, sugerindo que ele oferece uma experiência excepcional em termos de jogabilidade ou *design*. Por fim, a inclusão da música **"**Losing my Religion", do grupo de rock norte-americano R.E.M, como sua favorita, evidencia uma conexão emocional, demonstrando que essa canção é dotada de uma sensibilidade estética que ressoa pessoalmente para o autor, sendo um elemento que pode evocar sentimentos ou memórias. Por meio dessas expressões, o autor constrói um quadro claro de suas preferências, permitindo que os leitores compreendam seu gosto e os valores que atribui a essas coisas.

O autor, inclusive, é claro em seu pedido: ele quer que executem a referida canção. Podemos imaginar que, nesse pedido, ele gostaria de que seus poucos amigos e pessoas próximas ouvissem a canção ao ler sua despedida, numa tentativa de construção de uma conexão emocional com ele. Não acreditamos, nesse contexto, que esse pedido seja relativo ao seu velório ou funeral, uma vez que a causa da morte foi afogamento em alto mar e, de acordo com o que foi abordado no Capítulo I, quando abordamos o suicídio no campo midiático, a observância do método de autoextermínio empregado diz muito sobre as intenções do indivíduo. Nessa perspectiva, ao ser tão específico em seu pedido final e, em consonância com o método escolhido, podemos acreditar que o rapaz não gostaria de ter seu corpo localizado e, por isso, não gostaria de que fosse feito um funeral. A título de esclarecimento, podemos comparar o último pedido desse autor com o pedido final feito pelo autor do T23:

Exemplo 115:

> Vou dar-lhes só mais um trabalho, meu corpo está pendurado no telhado do imóvel onde seria a minha casa, venham busca-lo antes que ele conheça a putrefação. (T23)

6.2. Engajamento

Martin e White (2005), ao conceituar Engajamento, nos dizem que esse sistema está pautado no grau em que os oradores/escritores reconhecem outros oradores/escritores anteriores e nas formas como se envolvem com eles. Assim, verifica-se se eles se apresentam como estando a favor ou contra, indecisos ou neutros em relação a esses outros oradores e suas posições de avaliação. Nas palavras de Souza (2011, p. 87), esse subsistema "compreende recursos linguísticos destinados a orquestrar vozes no texto, isto é, deixar entrar ou não, apoiar ou não o que essas outras vozes disseram, compartilhar ou não a responsabilidade pelas ideias defendidas por outros".

No Grupo 2, assim como no grupo anterior, constatamos a quase ausência do posicionamento monoglóssico no Engajamento e, a partir disso, podemos entender que as mensagens de adeus não se apresentam como uma "voz única", que oferece uma perspectiva incontestável. Ao invés disso, as vozes nos textos permitem a presença de outras opiniões ou visões, abrindo espaço para a diversidade de perspectivas ou para o diálogo com outras

posições. Nesse panorama, o posicionamento monoglóssico é, então, utilizado para afastar qualquer possibilidade de diálogo sobre o que está sendo dito, "a proposição pode ser considerada dialogisticamente inerte, uma vez que o falante/escritor pode se manifestar de forma categórica" (PIRES; DOMANSKI, 2021, p. 75), conforme observamos no fragmento a seguir:

Exemplo 116:

Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. (T6)

Em contrapartida, no posicionamento heteroglóssico observa-se uma adesão a outras vozes (BARBARA; NININ, 2013), a partir das quais o escrevente baseia seu ponto de vista e constrói sua argumentação ou percurso narrativo nas mensagens de adeus. O exemplo a seguir, retirado do mesmo texto, comprova essa teoria:

Exemplo 117:

Escolho este meio de estar sempre convosco. (T6)

Podemos observar que o autor realiza, por meio do processo mental "escolho" uma estratégia de pronunciamento, subcategoria da Ratificação no eixo da Contração Dialógica. Por meio desse processo – cujo fenômeno é "este meio de estar sempre convosco" –, o suicida confere credibilidade e validação à sua decisão, além de dar uma justificativa explícita à morte voluntária: foi um meio encontrado de estar sempre com seus possíveis leitores. De forma análoga, a autora do T12 também apresenta, na forma de um pronunciamento, um recurso do engajamento que reflete suas convicções:

Exemplo 118:

Eu não me suicidei, eu parti para junto de Deus. (T12)

A própria origem do vocábulo "adeus" remete não somente à religiosidade, mas também à morte. A palavra origina-se na expressão "a Deus vos recomendo", usada pelos padres ao conferir a extrema unção. De acordo com Kabatek (2003), expressões dessa natureza tendem à perda de elementos fonéticos e/ou sintáticos e semânticos. No caso em análise, o divino é

evocado enquanto justificativa para a despedida final, sinalizada pelo caráter definitivo do termo em questão.

Associando esse conceito ao que abordamos aqui, é importante mencionar que, no eixo do Engajamento, o uso do "adeus" permite que os locutores modulem a intensidade emocional e a carga finalizadora atribuída à palavra. Assim, pode-se permitir a abertura ou o fechamento do discurso a interpretações que incluem continuidade, reencontro ou apenas uma separação momentânea. A tabela a seguir sintetiza, pois, os principais posicionamentos negociados em cada texto.

Tabela 28 – Grupo 2 (Engajamento)

Código	Engajamento	Tipo	Categoria	Subcategoria
T1	Heteroglóssico	Contração	Ratificação	Pronunciamento
			Refutação	Negação
		Expansão	Acolhimento	Evidência
T6	Heteroglóssico	Contração	Refutação	Negação
			Ratificação	Confirmação de Exepctativa
	Monoglóssico	-	-	-
T8	Heteroglóssico	Contração	Refutação	Negação
		Expansão	Atribuição	Reconhecimento
			Acolhimento	Probabilidade
T12	Heteroglóssico	Contração	Ratificação	Pronunciamento
			Refutação	Negação
T13	Heteroglóssico	Contração	Ratificação	Pronunciamento/Endosso
T14	Heteroglóssico	Contração	Refutação	Negação
T16	Heteroglóssico	Contração	Refutação	Negação
T17	Heteroglóssico	Contração	Refutação	Negação /Contraexpectativa

			Ratificação	Pronunciamento/Endosso
T21	Heteroglóssico	Contração	Ratificação	Confirmação de Expectativa
T23	Heteroglóssico	Contração	Refutação Ratificação	Contraexpectativa/Negação Pronunciamento

Fonte: Autor (2025).

A partir do quadro acima, é possível captar as principais ideias negociadas pelos suicidas, incluindo a permissão ou não de outras vozes às mensagens produzidas. Veremos, agora, como as categorias do sistema de Engajamento se manifestam nos textos, com base nos exemplos comentados. Iniciaremos com uma das poucas ocorrências de posicionamento monoglóssico nos textos que integram esse grupo:

Exemplo 119:

valorizou-se o nosso principal produto (T6)

No fragmento acima, verificamos a Monoglossia aplicada a um enunciado que reflete a subjetividade do autor, posicionando-se – de certa forma – hegemonicamente a respeito do que é dito (SILVA, 2023). A esse respeito, Martin e White (2005) comentam que a Monoglossia subcategoriza-se em posicionamentos presumíveis – que fecham as possibilidades de negociação de significados – e assertivos – proposições que estão em comum acordo entre ambas as partes.

Nesse sentido, Vian Jr. (2011) argumenta que, observando a perspectiva das orações, percebemos que é possível fazer afirmações categóricas que não permitem questionamentos nem oferecem espaço para o diálogo. Assim, no nível da oração, isso pode ser entendido como uma afirmação monoglóssica no plano léxico-gramatical. No entanto, ao analisarmos o estrato semântico-discursivo, os significados construídos e o conjunto das afirmações no texto como um todo revelam uma estrutura. Isso quer dizer que, mesmo no campo da Monoglossia, existe, sim, abertura para a dialogia, considerando o "tecido verbal como um todo" (p. 36).

De volta ao exemplo anterior, vemos que ele contém uma posição assertiva, na qual há um comum acordo sobre o que é dito. Assim como no Exemplo 116, é apresentado um dado enquanto fato categórico e definitivo, sem deixar espaço para questionamento ou para a introdução de outras perspectivas. A valorização do produto, no exemplo, é apresentada como um fato consumado, omitindo quaisquer considerações sobre outros fatores que poderiam influenciar esse valor. Desse modo, a assertividade monoglóssica cria um efeito de certeza absoluta, reforçando a autoridade do enunciador sobre o que é dito. Na sequência, analisaremos a expressiva amostra dos casos de Heteroglossia nas vozes autorais no Grupo 2:

Exemplo 120:

não sei até quando já sei que sou demitido. (T1)

Exemplo 121:

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. (T6)

Exemplo 122:

Não posso mais continuar (T8)

Exemplo 123:

Não é por falta de dinheiro (T12)

Exemplo 124:

Não vou ser mais estorvo pra ninguém (T14)

Exemplo 125:

Não adianta fingir (T16)

Exemplo 126:

Não nos enterre em CIDADE, pelo amor de Deus (T16)

Exemplo 127:

Não foi culpa de ninguém (T17)

Exemplo 128:

não fazia literalmente nada (T17)

Exemplo 129:

não tive a intenção de parecer dramático, só estava tentando ser minucioso (T23)

Todos os exemplos acima destacam a Negação, recurso da Refutação, na Contração Dialógica. Essas manifestações vão além de negar ações ou fatos, servindo para enfatizar sentimentos, esclarecer intenções e justificar comportamentos. Nos exemplos 120 e 125, a negação indica incerteza em relação ao tempo futuro, refletindo uma dúvida sobre a duração de uma situação incerta, ou inutilidade de uma ação. Em 122, a negação expressa uma impossibilidade ou limite, indicando que o sujeito já não tem condições de prosseguir.

No Exemplo 121, a Negação é usada enquanto recurso argumentativo pelo autor. Sua repetição indica a ausência de ações diretas e justas em relação ao sujeito. Ela reforça uma queixa sobre o tratamento injusto recebido. Os processos escolhidos pelo suicida revelam uma oposição entre o que seria um tratamento direto e justo e o que ocorre em sua realidade: insultos, calúnias e a negação da defesa. Desse modo, ele deliberadamente se coloca em uma posição vulnerável, sendo que, ao invés de ser confrontado de maneira transparente, é alvo de ataques indiretos e injustiças, sem possibilidade de se justificar ou se proteger. Esse uso da negação, ao descrever o que não ocorre e contrastar com o que realmente acontece, reforça a sensação de impotência e insatisfação.

A autora do T12, no Exemplo 123, usa a Negação como recurso que ajuda a revelar o motivo por trás da morte voluntária. Ela elimina uma possível razão ou causa, esclarecendo que a motivação para determinada situação não é financeira. Ao negar a hipótese de uma causa financeira, a autora exclui uma motivação esperada ou típica, gerando curiosidade e levando o interlocutor a se questionar sobre as razões reais por trás da situação. Eliminando uma explicação de certa forma óbvia para o autoextermínio, abre-se um espaço para interpretação

ou indagação. O enunciado provoca uma reflexão no leitor, preparando-o para a revelação de uma razão mais complexa, o que culmina em incentivar o interlocutor a considerar camadas menos evidentes do problema relatado pela suicida.

A afirmação curta, porém contundente feita pela escrevente do T14 é uma demonstração de Engajamento, pois sinaliza um forte desejo de não mais ser um peso para os outros. Uma das possibilidades de interpretação nesse caso é a intenção de gerar empatia no interlocutor, captando uma resposta de solidariedade ao revelar a frustração e o cansaço da jovem em relação ao impacto que ela acredita ter nas pessoas ao seu redor. Já no Exemplo 126, a Negação sintetiza um apelo enfatizado pela expressão "pelo amor de Deus". O desejo de não ser enterrada na cidade onde foi criada sugere uma aversão ou resistência a tal lugar, podendo indicar sentimentos de dor ou rejeição em relação ao contexto associado ao local. Podemos entender que tal expressão é uma tentativa de envolver os interlocutores – pais da suicida – de forma mais profunda, transmitindo o desespero e a necessidade de ter seu pedido acatado.

Os três últimos exemplos desse bloco trazem a Negação como recurso que busca engajar o interlocutor por meio de justificativas e explicações que isentam o sujeito de culpa ou corrigem possíveis mal-entendidos. No Exemplo 127, o escrevente expõe a ausência de culpa, isentando todas as partes envolvidas de alguma responsabilidade. Isso contribui para a promoção de uma atmosfera de compreensão, evitando julgamentos desnecessários, do ponto de vista da voz autoral.

No Exemplo 128, o termo “literalmente” ajuda a estabelecer a sensação de inércia pretendida pelo autor; isso indica certa passividade por parte dele, uma vez que o enunciado se trata da situação do próprio autor em meio às adversidades. Por fim, no último exemplo, a negação funciona como uma defesa ou esclarecimento. O jovem suicida busca corrigir interpretações equivocadas de suas ações, enfatizando que a intenção real era ser detalhista, e não dramático. Essa expressão engaja o interlocutor ao pedir que este reconsidere sua perspectiva, promovendo um entendimento mais preciso das motivações do autor.

Exemplo 130:

na moral, espero reencarnar na barriga da anitta

vou crescer burro, mas num belo corpo (T17)

Exemplo 131:

Muito embora eu tenha consciência
de que não se explica um suicida e um suicida tão pouco pode se explicar, eu vou tentar fazer o meu melhor (T23)

Exemplo 132:

Antes, no entanto, vou pedir que me perdoem (T23)

Nos três exemplos anteriores, verificamos o recurso da Contraexpectativa, que, de acordo com Martin e White (2005), consiste no uso de termos específicos – como conjunções/locuções conjuntivas ou advérbios (CRUZ, 2015) – através dos quais é possível ajustar as expectativas do leitor, contrariando as previsões que ele possa realizar sobre o discurso a ser desenvolvido. Ainda de acordo com Cruz, tal recurso pode se assemelhar bastante à Negação. Entretanto, a Contraexpectativa sempre se desenrolará na polaridade negativa.

No trecho que compõe o Exemplo 130, o recurso da Contraexpectativa é usado para gerar humor e surpresa. A primeira parte cria uma expectativa de *glamour* ao desejar reencarnar "na barriga da Anitta". No entanto, a segunda parte quebra essa ideia ao declarar que "vou crescer burro, mas num belo corpo." A conjunção destacada no exemplo introduz um contraste que desafia a visão idealizada de fama e beleza, sugerindo de forma irônica que a aparência física pode vir às custas da inteligência.

De forma análoga, no Exemplo 131, podemos compreender que o termo em destaque é utilizado para envolver o leitor. Embora o narrador reconheça a impossibilidade de explicar um suicida ou o ato de suicídio em si, ele contradiz essa afirmação ao declarar que vai tentar fazer o [seu] melhor para explicar. Essa introdução gera uma expectativa de que a tarefa seja inatingível, o que torna o esforço do narrador algo ousado e intrigante. No caso, a Contraexpectativa ajuda a criar uma conexão emocional, convidando o leitor a acompanhar essa tentativa, apesar da aparente impossibilidade de sucesso.

Já no Exemplo 132, a expressão em destaque ajuda na construção de uma Contraexpectativa, indicando uma pausa reflexiva antes de o autor continuar sua linha argumentativa. Esse conectivo sugere que o escrevente está ciente de possíveis julgamentos e sentimentos que suas palavras podem provocar. No entanto, apesar disso, o suicida segue com o pedido de perdão. Esse tipo de construção linguística está no eixo do Engajamento, pois demonstra uma atitude de humildade e antecipação de possíveis reações do leitor, o que torna o discurso mais introspectivo e próximo porque convida o interlocutor a refletir sobre o que será dito na sequência.

Exemplo 133:

Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade (T6)

Exemplo 134:

eu sei que errei muito nessa vida (T21)

Nos fragmentos acima, trazemos exemplos que comprovam a Confirmação de Expectativa, categoria da Ratificação, no campo da Contração Dialógica. Esse item se realiza no subsistema de Engajamento à medida que ocorre quando o autor reconhece e aceita uma expectativa que já existe no discurso ou no consciente do interlocutor. Diferente da Contraexpectativa, que surpreende ou contraria o que o leitor/espectador esperava, a Confirmação de Expectativa age reafirmando algo que o interlocutor já poderia prever ou imaginar. Nesse nível da Ratificação, é possível validar certas crenças, normas ou pressupostos e proporcionar uma atmosfera de familiaridade e aceitação do ponto de vista compartilhado.

No Exemplo 133, a formulação do enunciado apoia uma imagem de paz e aceitação diante da morte voluntária. Com base nesse trecho, podemos inferir o que o leitor pode já esperar em um contexto de despedida ou reflexão final sobre a vida. O termo "serenamente", em destaque no fragmento, reforça uma expectativa comum sobre a morte sendo enfrentada com calma e aceitação, sem medo ou desespero. Dessarte, o trecho ratifica uma visão mais tranquila e espiritual da passagem para a eternidade, o que alinha a narrativa com a expectativa de dignidade e paz em um momento de despedida final.

Outra Confirmação de Expectativa pode ser observada no trecho do T21 que integra o Exemplo 134. Nele, o suicida admite suas falhas de forma direta, algo que o interlocutor – mãe do escrevente – talvez já poderia prever em um contexto de reflexão ou arrependimento. Ao reconhecer seus erros, o autor confirma uma expectativa comum de autorreflexão e arrependimento ao final de um ciclo. Essa declaração gera uma conexão emocional com o leitor, que pode compartilhar ou compreender esse sentimento expresso através das escolhas lexicais do autor.

Exemplo 135:

Leva-me a este acto de desespero (T1)

Exemplo 136:

Venho despedir-me (T1)

Exemplo 137:

Fiquem cientes de que não bebo e não uso drogas, decidi que já fiz tudo que podia fazer nessa vida. (T12)

Exemplo 138:

É daqui a pouco que tudo acaba. (T13)

Exemplo 139:

foi assim que eu sai da escola. (T17)

Exemplo 140:

não tive a intenção de parecer dramático, só estava tentando ser minucioso (T23)

De acordo com Cruz (2015, p. 311), o Pronunciamento é um recurso que "abrange enunciados que envolvem ênfase ou intervenção/interpolação explícita". Assim, quando o autor discorda, ele se posiciona diretamente contra a perspectiva do outro; já ao proclamar, a negação é expressa de forma indireta. No T1, o processo em destaque no Exemplo 135 realiza essa

manifestação de concordância. Através do processo, o escrevente se vê influenciado por algo maior que ele, o que pode denotar passividade ou falta de controle sobre as próprias ações. Esse recurso gramatical reforça a intensidade do estado de desespero do escrevente e pode sugerir que ele está à mercê de emoções ou forças inevitáveis, alinhando-se com a expectativa de um momento de angústia ou aflição profunda esperadas de um suicida.

Na mesma perspectiva, no grupo oracional que forma o Exemplo 136, o autor estabelece um ato de comunicação que implica um fechamento ou um adeus, cumprindo a expectativa de uma fala final, geralmente associada a um momento de transição, como uma partida ou o fim de um ciclo. Esse pronunciamento é conciso e solene, reforçando o tom de despedida de maneira direta e definitiva.

Ao afirmar o que está transcrito no Exemplo 137, a pronunciante faz uma afirmação assertiva, que parece específica a possíveis interpretações sobre sua decisão: alegando não consumir álcool e drogas, ela antecipa e nega qualquer suposição de que sua decisão seja influenciada por esses fatores, o que ratifica sua sobriedade e responsabilidade sobre suas decisões. O grupo oracional “decidi que já fiz tudo o que poderia fazer nessa vida” demonstra um senso de completude e finalização, o que pode indicar alguma consciência.

A jovem escrevente do T13 realiza, no Exemplo 138, um Pronunciamento que transmite uma sensação de iminência e urgência. A circunstância "daqui a pouco" indica que o final está muito próximo, mas ainda não chegou. Esse tom de antecipação pode colocar a voz autoral em uma posição de consciência sobre o término iminente, o que pode provocar uma mistura de expectativa e resignação. Já no T17, o escrevente manifesta um tom de rememoração, ao relatar suas memórias. Isso auxilia a reforçar o sentido de despedida porque indica que o rapaz já havia feito transições e passado por traumas anteriores. A expressão trazida no Exemplo 139 cria uma conexão emocional ao destacar uma experiência pessoal que ecoa no momento do relato.

No Exemplo 140, o suicida revela uma tentativa de justificativa e defesa. Ao se explicar negando a intenção de ser dramático, ele indica uma preocupação com a possível interpretação do leitor. Esse ato de justificativa é seguido por uma afirmação que enfatiza o verdadeiro propósito: "só estava tentando ser minucioso".

Exemplo 141:

acho que é tchau pra sempre (T13)

Exemplo 142:

odeio politicamente correto, eu sempre achei q seria um cara do stand-up (T17)

Os fragmentos acima trazem exemplos do Endosso, categoria que, consoante Ninin (2013, p. 133), "caracterizam uma responsabilidade assumida parcialmente pelo falante/escritor, sendo sua voz uma dentre outras presentes no enunciado". O processo verbal destacado atua como atenuante. Ao expressar incerteza, a enunciadora sugere uma suposição pessoal, baseada em seus medos e incertezas. Esse endosso pode suavizar a afirmação feita, o que pode evitar um posicionamento assertivo e definitivo, deixando a possibilidade de abertura para interpretação dos leitores, seguidores da moça na rede social.

O escrevente do T17 utiliza, no Exemplo 142, uma estratégia de Endosso para criar uma conexão com o receptor e reafirmar sua identidade. Ao declarar o desagrado pelo politicamente correto, o enunciador assume uma postura crítica e transgressora, que pode se alinhar ao perfil típico de humoristas de *stand-up*, conhecidos por desafiar normas e explorar temas polêmicos. O processo mental destacado – juntamente com o recurso de Gradação também destacado – ajudam a suavizar essa postura, introduzindo uma reflexão pessoal em tom confessional. Nos próximos parágrafos, veremos alguns recursos da Expansão Dialógica nas mensagens de adeus do grupo 02.

Exemplo 143:

Talvez eu tivesse nascido em hora errada, tempo errado (T8)

Assim como nos diz Cruz (2015), a probabilidade pode se manifestar através de um elemento modal, que vemos em destaque no exemplo acima. O modalizador em questão é usado pela autora para expressar uma dúvida, algo que abre espaço para múltiplas interpretações. Nessa perspectiva, a incerteza proposta pelo elemento pode convidar o leitor a refletir sobre essa possibilidade junto com a autora. Ao invés de declarar algo como uma verdade absoluta, o uso de uma probabilidade permite que o interlocutor não se envolva em questionamentos e

explore as razões ou implicações dessa possível inadequação à época de nascimento da escrevente.

Exemplo 144:

abandonei o serviço pois não abandonei- o tal simplesmente pedi 4 horas de licença (T1)

Acima, vemos um exemplo do recurso da Evidência, subcategoria do Acolhimento que se fundamenta em enunciados que refletem a subjetividade do falante, sendo expressos por diversas locuções que indicam modalidade (VIAN JR. 2010). Dessa forma, o falante é capaz de refletir e, de certo modo, legitimar diferentes pontos de vista, mostrando solidariedade em relação a eles. No excerto, o termo destacado enfatiza a ação de pedir licença laboral como algo natural e sem maiores implicações, em oposição a um abandono de serviço. O locutor busca fundamentar sua ação e suavizar qualquer interpretação negativa, envolvendo a interlocutora em uma visão mais abrangente e razoável do que realmente ocorreu. Ao minimizar a ação, o elemento em destaque induz a destinatária da mensagem a interpretar o pedido de licença como algo justificável. É relevante pontuarmos que, como veremos mais adiante, o mesmo recurso também pode ser enquadrado no eixo da Gradação.

Exemplo 145:

Acreditem, por favor. (T8)

Exemplo 146:

Não tentem me salvar, pois outras oportunidades surgirão. (T8)

Assim como na Evidência, o Reconhecimento – subcategoria do Acolhimento – é o recurso por meio do qual o enunciador pode refletir e, de certo modo, validar diferentes pontos de vista, demonstrando solidariedade em relação a eles. Dessa forma, ele pode prestar ao interlocutor o papel de um sujeito cujo posicionamento não está totalmente alinhado ao seu próprio. No Exemplo 145, o elemento em destaque sugere uma postura de solicitação, o que implica que a autora verifica a autonomia do interlocutor em acreditar ou não. Este pedido reforça a intenção de envolver o outro de maneira cuidadosa, validando o poder de decisão do

interlocutor e demonstrando consideração pelo ponto de vista dele em meio a linha argumentativa adotada pela escrevente. No trecho subsequente, a autora parece estar ciente do interesse do leitor – ou leitores – em ajudar e, ao mesmo tempo, busca convencê-lo de que, se não for nessa ocasião, o suicídio será concretizado em outra. Esse enunciado demonstra um reconhecimento da solidariedade e de um possível desejo de ajuda do interlocutor, ao mesmo tempo em que ameniza essa solidariedade, já que a ação não é necessária e o futuro ainda reserva alternativas.

6.3 GRADAÇÃO

De acordo com o que já abordamos nos capítulos II e IV, atuando diretamente na Atitude e no Engajamento, a Gradação produz eixos de escalas de intensidade/quantidade (Força) e de prototipicalidade (Foco) (SILVEIRA, 2012). Martin e White (2005) afirmam que Atitude e Engajamento são domínios de Gradação que variam conforme a natureza dos significados.

6.3.1 Força

Conforme o que já vimos anteriormente, a quantificação se aplica a entidades, e não a qualidades ou processos (MARTIN; WHITE, 2005). Esse tipo de avaliação oferece uma medição aproximada de quantidade e uma medição aproximada da presença ou massa de entidades, considerando características como tamanho, peso, distribuição ou profundidade. Já a intensificação, de acordo com Cruz (2012), atua sobre qualidades, processos e/ou indicadores de probabilidade, frequência, inclinação e obrigação.

Em nossa amostra, poucas foram as ocorrências da quantificação, essencialmente atreladas ao subsistema atitude. Os exemplos abaixo sintetizam essas ocorrências.

Exemplo 147:

Uma grande e gigantesca droga! (T8)

Exemplo 148:

em 2018 eu disse a palavra amor muito poucas vezes, 90% pros meus 2 amigos (T17)

O Exemplo 147 traz uma declaração da escrevente do T8 na qual realiza-se uma avaliação sobre os percalços de sua vida. No excerto, é possível identificar que uma

manifestação de Gradação, na categoria força (quantificação) é construída através do uso intensificado dos epítetos grande e gigantesca, que indicam tamanho ou importância de forma imprecisa, o que justifica nossa classificação como pertencente a esse subgrupo da Gradação. Todavia, "gigantesca" intensifica ainda mais o sentido de "grande", reforçando o impacto emocional da expressão. Essa escolha lexical amplifica o descontentamento da suicida, dando a ideia de que a "droga" mencionada é negativa além do esperado, convertendo-se em algo decepcionante para ela.

Na sequência, no Exemplo 148, verificamos que a Gradação por quantificação se manifesta na escolha dos termos em destaque. Seu uso quantifica, de forma imprecisa, e limita o uso do termo "amor". Essa avaliação pode reforçar a ideia de que o termo foi dito de forma extremamente restrita, especificando que quase todo o uso da palavra foi direcionado ao grupo muito seleto dos amigos do jovem. Desse modo, o autor enfatiza a raridade e exclusividade com que expressou a palavra supracitada, revelando uma introspecção sobre suas relações interpessoais.

Nessa perspectiva, a intensificação, de acordo com Barros (2022, p. 78) “aponta para qualidades e processos”. Desse modo, em nossa amostra, essa subcategoria aparece, na maioria das ocorrências, modificando qualidades relacionadas a outras pessoas, como vemos nos exemplos abaixo:

Exemplo 149:

FULANO, um grande amigo que em muitos aspectos serviu como um pai (T23)

Exemplo 150:

De uns 4 mezes para cá tenho sido o homem mais infeliz que exista (T1)

Exemplo 151:

A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. (T6)

Exemplo 152:

Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. (T6)

Exemplo 153:

Tenho sofrido mais que o suportável (T8)

No Exemplo 149, podemos verificar, além do elemento “grande” – que intensifica os laços de afeto entre os participantes – que, na construção gradativa entre "amigo" e "pai", duas categorias relacionadas com níveis distintos de proximidade e envolvimento emocional, a expressão "em muitos aspectos" introduz uma nova comparação com "pai", ampliando ainda mais o valor da relação, como se fosse uma extensão de "amigo". Podemos compreender que esse nível de comparação leva o interlocutor a raciocinar que, embora a pessoa avaliada não ocupe literalmente o papel de pai, ele cumpre funções ou demonstra sentimentos típicos ligados à figura paterna. Dentre tais sentimentos, podemos destacar proteção e postura exemplar, que geralmente estão associadas à figura paterna.

Em seguida, vemos que, no Exemplo 150, o escrevente utiliza o termo em destaque como intensificador do sofrimento, alcançando o nível máximo. Assim, ele pode dar a impressão de sentir-se absolutamente único em sua infelicidade. Seguindo um raciocínio semelhante, o escritor do T6, no Exemplo 151, sugere que os obstáculos enfrentados foram tão severos que levaram a um ponto de desespero. Essa expressão ajuda a intensificar a dificuldade enfrentada pela Eletrobrás, quase como se essa organização se personificasse e houvesse experimentado uma angústia humana.

O mesmo autor, no Exemplo 152, ao escolher os elementos destacados acima, constrói uma ampliação da ideia de sacrifícios e permanência, atribuindo peso e longevidade ao ato. Trata-se de uma construção quase que poética, que sugere resistência absoluta e perseverança, intensificando o compromisso do escrevente com a causa, que perdurará até após sua morte.

A escrevente do T8, por sua vez, ao optar pelo elemento de Gradação “mais que o suportável" indica que o sofrimento está além dos limites normais de resistência, intensificando a dor do locutor e dando a entender que ele não está mais no limite de sua capacidade de lidar com o sofrimento.

Exemplo 154:

Não chorem, não sofram, eu estou ABSOLUTAMENTE FELIZ!!! (T12)

Exemplo 156:

ganhei muito dinheiro e ajudei muita gente com ele. (T12)

Exemplo 157:

o pai ganhava mt dinheiro, casa topper, eu nao tinha nada (T17)

Exemplo 158:

eu estou cansado de tanta Humilhação aqui na feira **(T21)**

Numa perspectiva diferente das que vimos até aqui, quem escreveu o T12 constrói uma imagem de felicidade ao desafiar uma possível expectativa de tristeza e sofrimento. A utilização da palavra destacada intensifica o sentimento expresso pela escrevente, eliminando qualquer possibilidade de incertezas. No fragmento subsequente, a repetição do termo que está destacado enfatiza tanto a quantidade de dinheiro ganha, quanto o número de pessoas ajudadas, ampliando o impacto das ações da autora. Na avaliação realizada, essa intensificação cria uma percepção positiva das realizações dela, destacando a relevância das conquistas e dos benefícios gerados por intermédio de sua atuação profissional.

No Exemplo 157, o autor do T17 cria uma atmosfera de contraste, ressaltando a disparidade entre a situação financeira do seu sogro e a falta de posse ou recursos dele mesmo. A expressão “mt dinheiro” intensifica a ideia de abundância, enquanto “eu não tinha nada” enfatiza a ausência total de bens ou apoio. Assim, o escritor ajuda a acentuar a desigualdade entre as condições dos dois participantes mencionados, o que pode evocar sentimentos de frustração ou exclusão.

Por fim, o Exemplo 158 contém um elemento que intensifica o sentimento de humilhação experimentado pelo locutor. Esse termo sugere uma quantidade exagerada de sofrimento ou experiências negativas, reforçando o impacto emocional que essa situação

causou no homem, a ponto dele se sentir “cansado”, o que é apontado como uma causa para a morte voluntária.

6.3.2 Foco

De acordo com Silva (2015), o recurso Foco abrange o aumento, a diminuição, o afinamento ou a suavização da Atitude e/ou do Engajamento. Desse modo, para o pesquisador (p. 368), “um mesmo recurso de significação pode contribuir para a construção de avaliações diferentes”, dada a proximidade de características comuns para as categorias estabelecidas. Nesse panorama, identifica-se que, no Foco, a Gradação se aplica a categorias baseadas na experiência e não pode ser medida em termos de quantidade ou intensidade, já que essa categoria se baseia no princípio da prototipicalidade, como veremos a seguir:

Exemplo 159:

simplesmente pedi 4 horas de licença (T1)

Exemplo 160:

a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia (T6)

Exemplo 161:

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão

constante, incessante (T6)

Exemplo 162:

Aos meus fãs verdadeiros, aos jornalistas imparciais

A todos os sites dignos que acompanharam a minha vida, SUCESSO!!! (T12)

Exemplo 163:

eu nunca dei bom dia pra ninguém, eu acho... pq eu nunca tive um dia completamente bom. (T17)

O uso de “simplesmente” no T1 exemplifica com precisão o recurso do Foco, na Gradação. Através dele, o suicida faz uso de um atenuador que diminui a gravidade e/ou importância do pedido de folga no trabalho durante quatro horas. Tal recurso indicativo de circunstância gera um efeito de naturalidade, suavizando o que poderia ser interpretado como um pedido relevante.

Já em T6, o escrevente recorre, em duas ocasiões, ao Foco para acentuar as ideias transmitidas. No Exemplo 160, ele intensifica o impacto da pressão sofrida pela economia através de um termo que, de certo modo, cria um efeito de gravidade à experiência. De maneira similar, no Exemplo 161, ele intensifica a persistência e a continuidade da ação, por meio de uma gradação temporal. Além disso, os epítetos “constante” e “incessante” reforçam essa imagem de luta contínua, elevando a prototipicalidade da resistência.

A escritora do T12 faz, no Exemplo 162, intensificações que se manifestam em momentos específicos de seu texto, nos quais ela talvez espere captar respostas de solidariedade. O epíteto “verdadeiros” funciona como um intensificador que atribui autenticidade e lealdade, enfatizando a proximidade ou veracidade desses fãs em relação à locutora. Nesse sentido, dizer que periodistas e veículos de mídia são “imparciais” e “dignos” destacam uma visão idealizada deles – reforçando os valores que para ela seriam importantes – , mas sem necessariamente intensificar em termos de quantidade.

No Exemplo 163, a escrevente faz uso do epíteto “perfeita” com o possível intuito de estabelecer uma expectativa elevada, com uma carga prototípica ideal, que a suicida reconhece não ter alcançado. Essa autocrítica gera um efeito de atenuação no discurso (MARTIN; WHITE, 2005), pois, ao reconhecer a “imperfeição”, a jovem suaviza a autocrítica. Em 163, por fim, “completamente” atua como um intensificador que reforça a ideia de perfeição em relação ao elemento modificado. Nesse caso, o seu uso gradua o nível da experiência no sentido da expressão à qual ele se relaciona, trazendo a ideia de um dia ideal que nunca foi atingido.

Destarte, é importante ressaltar que, no grupo 2, os recursos linguísticos da Gradação, são usados para, sobretudo, reforçar ou suavizar significados, conferindo uma carga atitudinal ao discurso. Os termos escolhidos operam na construção de protótipos, realçando qualidades e/ou exacerbando emoções. Entretanto, outros termos atuam como “*hedges*” (cf. LAKOFF, 1973), ou seja, elementos que reduzem a força das afirmações, promovendo uma leitura mais

cautelosa ou sutil. Esses recursos de gradação são fundamentais para o efeito retórico, pois permitem ao autor expressar suas percepções e emoções de forma mais complexa, ajustando o impacto das ideias e emoções transmitidas ao leitor.

No que diz respeito aos outros subsistemas da AVALIATIVIDADE, é notório que, na Atitude, os recursos léxico-gramaticais são usados, no extrato do discurso, para, sobretudo, revelar motivos, construir justificativas e expor relações interpessoais. Diferentemente do grupo de mensagens anterior, no grupo 2, merece destaque a categoria Julgamento porque, através dela, os escreventes manifestam avaliações sobre entidades, instituições e podem evidenciar suas inclinações político-ideológicas – casos dos escreventes do T6, T8 e T17. Também através do Julgamento é possível notar em que medida fatores como o sentimento de não pertencimento ao mundo ou de desistência de tudo influenciam na opção pela morte voluntária e nas escolhas linguísticas feitas pelos indivíduos. Desse modo, podemos dizer que esse grupo tem como característica basilar as distintas manifestações do Julgamento.

Ademais, no campo do Engajamento, percebemos que esse subsistema, dentro do grupo 2, está pautado nas relações construídas com base na Heteroglossia, no eixo da Contração Dialógica. As diversas estratégias utilizadas nesse sistema evidenciam o posicionamento autoral em relação às respostas de solidariedade que cada escrevente deseja obter de seu leitor: seja ele um interlocutor específico, nominalmente identificado, seja um interlocutor genérico, como no caso de mensagens em suportes virtuais. A seguir, veremos os três subsistemas em funcionamento concomitante no T8:

> Não posso mais continuar (Engajamento – Contração Dialógica – Refutação – Negação)! Chega (Engajamento – Contração Dialógica – Ratificação – Pronunciamento)! É o fim da trilha! Acreditem, por favor (Engajamento – Expansão Dialógica – Atribuição – Reconhecimento). Tenho sofrido mais que o suportável (Atitude – Afeto – Infelicidade) (Gradação – Força – Quantificação). Tudo deu errado em minha vida. Talvez eu tivesse nascido em hora errada, tempo errado (Engajamento – Expansão Dialógica – Entretenimento – Probabilidade). Merda! O que quer que eu faça é errado (Atitude – Julgamento – Estima Social)! Será que é porque eu admiro Hitler, sou anarquista, esquerdista e adepta do comunismo? Será que é porque minha mãe nunca se casou (Atitude – Julgamento – Estima Social)? Porque o meu

pai era um panaca perfeito (Gradação – Força – Intensificação) Que ódio passei a ter de tudo isto (Atitude – Afeto – Infelicidade)! Da vida! Uma grande e gigantesca (Gradação – Força – Quantificação) droga! Meu Deus ou devo chamar pelo Diabo? Quem me ajudaria? Uma criatura como eu, jovem, fria, inteligente, mas que em nada deu certo (Atitude – Julgamento – Estima Social). Coloquem todas as cartas no correio lacradas como estão, isto aliviará algumas (Gradação – Força – Quantificação) pessoas da culpa (Engajamento – Expansão Dialógica – Atribuição – Reconhecimento). Não é culpa de ninguém, mas do sistema. O sistema mata! Não tentem me salvar, pois outras oportunidades surgirão (Engajamento – Expansão Dialógica – Atribuição – Reconhecimento).

Assim, podemos sintetizar as avaliações realizadas nessa seção com base nas constatações seguintes:

- ✓ Os recursos léxico-gramaticais na Atitude expressam motivos, justificativas e relações interpessoais no discurso;
- ✓ Destaque para o Julgamento no grupo 2. Avaliações de entidades e instituições refletem inclinações político-ideológicas dos escreventes;
- ✓ A influência de sentimentos de não pertencimento ou desistência influenciam as escolhas linguísticas no extrato do discurso, bem como a opção pela morte voluntária.
- ✓ As relações no grupo 2 se baseiam na Heteroglossia e na Contração Dialógica, evidenciando o posicionamento autoral e as respostas de solidariedade esperadas do leitor.

No próximo capítulo, por fim, exploraremos as formas através das quais a AVALIATIVIDADE é realizada no terceiro – e último – grupo de mensagens: o que trata de causas patológicas.

6 GRUPO 3: CAUSAS PATOLÓGICAS

Em nosso último capítulo, abordaremos seis textos, produzidos entre 1998 e 2021, nos quais a causa alegada ao suicídio diz respeito a fatores predisponentes ou precipitantes relacionados a condições de saúde, sejam elas de ordem física ou mental. Assim, convém relembrarmos que os critérios adotados para adequação dos textos nas categorias não são estáticos. Isso significa reconhecer que, num mesmo texto, podem ocorrer elementos avaliativos que o relacione a mais de um grupo sem que, necessariamente, esse texto se enquadre nas três categorias.

Afirmar que todos os suicídios são resultantes de doença mental é uma falácia. Sonnenreich e Bassit (1979) dizem que a doença mental limita o indivíduo para agir. Ele, desse modo, perde a liberdade de escolha. Os mesmos autores asseveram que "no suicídio patológico, a morte não configura uma escolha deliberada, mas é a ação norteada pela doença". Entretanto, é razoável afirmarmos que nem todos os suicidas são doentes mentais, conforme abordamos no Capítulo I, no qual o suicídio foi exposto enquanto fenômeno, também, da área da Saúde Pública.

Ademais, fatores físicos podem influenciar a escolha pela morte voluntária. A presença de doenças físicas, por si só, não eleva diretamente o risco de suicídio, mas funciona como um elemento que pode desencadear fatores psicológicos, tais como a sensação de desesperança, a percepção de falta de propósito na vida e a perda de papéis/funções sociais, além de intensificar transtornos psiquiátricos já existentes (LEVENSON; BOSTWICK, 2005).

Nesse panorama, os escreventes desse grupo – três homens e três mulheres entre 23 e 42 anos – recorrem a diversos suportes para registrar suas últimas palavras. São três cartas escritas em suportes físicos, três mensagens no Facebook e uma mensagem no Twitter, deixada pela escrevente do T11 que, nessa perspectiva, redige sua mensagem em dois volumes.

Essas pessoas, em termos mais gerais, relatam em seus textos a falta de perspectivas. Os autores descrevem sentimentos de desesperança, solidão, culpa e de uma dor insuportável como principais desencadeadores de suas decisões. Na maioria das mensagens – T11, T15, T18 e T22 –, transtornos mentais, como depressão, ansiedade, e traumas emocionais são textualmente

mencionados, sejam como o cerne do sofrimento ou como fatores secundários, intensificados por questões externas como alcoolismo, dificuldades familiares ou perda de pessoas amadas.

Além disso, a incapacidade de encontrar um alívio para a dor emocional é um tema recorrente nessas mensagens. Alguns relatos destacam como o estigma e a falta de compreensão sobre a saúde mental agravam o isolamento, enquanto outros evidenciam como o peso dos conflitos internos, muitas vezes associados a sentimentos de inadequação, fracasso ou vexame, torna o sofrimento ainda mais insustentável.

Apresentamos, agora, uma tabela com os interlocutores de cada uma das seis mensagens. A fim de facilitar a compreensão dos traços avaliativos nos textos, entendemos que nos auxilia a informação sobre o fato de haver ou não um leitor específico para cada mensagem:

Tabela 29 – Grupo 2 (Interlocutores)

Texto	Interlocutor
T10	Primo
T11	Indefinido
T15	Indefinido
T18	Indefinido
T19	Indefinido
T22	Indefinido

Fonte: Autor (2025).

O fato de a grande maioria desses textos não apresentar um interlocutor definido nos revela, em certa medida, a profundidade do isolamento socioemocional vivenciado pelos autores. Tal ausência de direcionamento textualmente explícito pode indicar uma dificuldade em identificar alguém capaz de compreender plenamente a intensidade do sofrimento ou de fornecer acolhimento de forma eficaz. Podemos usar como contraste o fato de o escrevente do T10 direcionar-se diretamente ao primo – adicionando um elemento avaliativo do eixo do Afeto – em quem ele deposita confiança:

Exemplo 164:

Ao querido primo (T10)

Esse vazio comunicativo na maioria dos textos também reflete a sensação de desconexão e solidão, elementos que são comuns em contextos de sofrimento mental extremo. Ademais, podemos compreender a escolha de deixar as mensagens com interlocutor em aberto como analogia a um apelo geral à compreensão ou à memória coletiva, principalmente em se tratando de textos nativos digitais, que por sua essência, já apresentam esse caráter de publicidade.

7.1 ATITUDE

Não diferentemente dos dois subgrupos anteriores, no grupo 3 a maior quantidade de termos avaliativos está concentrada na Atitude, com ênfase no Afeto, como é possível observar na próxima subseção.

7.1.1 Afeto

Na categoria *felicidade/infelicidade*, notamos uma parte significativa das amostras de avaliação no *corpus*. Nesse sentido, convém ressaltar que tais aspectos constituem uma característica basilar da escrita de mensagens de adeus, que, conforme afirmamos anteriormente, possuem uma carga emocional grande.

Exemplo 165:

Tenho mulher e três filhos, os quais amo, e levam meu nome (T10)

Exemplo 166:

Tenho uma excelente esposa. Trabalhadora, dedicada, vibrante. (T10)

Exemplo 167:

Três filhos muito bons, cada um com suas particularidades. (T10)

Exemplo 168:

São pessoas maravilhosas que me amam muito. E eu também sempre amarei vocês (T18)

Exemplo 169:

E quero que se lembrem sempre de mim pelos sorrisos, pelas brincadeiras. (T18)

Exemplo 170:

Família eu amo vocês. (T22)

Nos fragmentos dos exemplos 165, 166 e 167, os elementos avaliativos de felicidade estão ligados a projeções de afeto e reconhecimento positivo em relação aos vínculos familiares do escrevente. Além de reconhecer que ama sua família, o autor evidencia orgulho por ela, especialmente ao destacar qualidades de sua esposa – característica, também, do Julgamento – e que seus filhos carregam seu nome, enquanto sinal de continuidade e legado. Temos aqui uma avaliação positiva que evidencia que ele valoriza esses relacionamentos.

O fragmento do Exemplo 168 traz um forte elemento avaliativo que é evidenciado pela reciprocidade do amor entre o autor e sua família. O reconhecimento de que é amado e a reafirmação de que sempre amará os outros demonstram, nesse contexto, gratidão e apreço pelas relações afetivas, apesar do contexto de despedida. Em 169, temos um desejo do autor de ser lembrado de forma positiva, pelos momentos felizes que proporcionou ou que vivenciou com pessoas queridas. Há, aqui, um elemento que reforça a valorização das interações alegres e que foram construídas, o que reflete um esforço para perpetuar uma imagem de felicidade, mesmo diante de um momento de dor e ruptura.

Por conseguinte, o Exemplo 170 traz a simplicidade e a força de uma oração que carrega um elemento profundo avaliativo de felicidade, por expressar o amor incondicional pela família. Esse amor, materializado na forma de um Processo Mental, é apresentado como algo fundamental e que, mesmo no contexto de sofrimento extremo, permanece central e imutável para o autor. Veremos, abaixo, algumas avaliações relacionadas ao eixo da infelicidade:

Exemplo 171:

Viver sem meus dois filhos e sem o amor da minha vida me dilacera por inteiro. (T11)

Exemplo 172:

Estou sofrendo mais agora do que quando sofri o acidente de carro. (T11)

Exemplo 173:

Aos que me amam, perdoem se minha atitude parecer egoísta. (T15)

Exemplo 174:

Eu amo vocês, e tenham certeza de que qualquer lugar que eu for é melhor que esse inferno que eu vivo. (T15)

A autora do T11 expressa uma dor profunda, associada à ausência de pessoas fundamentais em sua vida: os filhos e, sobretudo, o amor perdido. O processo "dilacera", no Exemplo 171, intensifica essa ideia de sofrimento emocional extremo, enfatizando que essas perdas são vistas como insuportáveis e geradoras de uma sensação de vazio irreparável. Ela demonstra, então, que sua infelicidade está diretamente relacionada à desconexão desses laços afetivos. Inclusive, ao comparar a dor emocional atual com uma experiência física dolorosa do passado, no Exemplo 172, ela conclui que o sofrimento atual é mais intenso. Essa comparação evidencia o alcance do sofrimento psíquico, reforçando a ideia de que a dor emocional pode ser tão ou mais devastadora que a física.

Na sequência, o autor do T15 expressa ter consciência de que sua decisão final pode ser vista como egoísta pelos que o amam. O pedido de perdão reflete um conflito interno: enquanto o autor vê o ato como uma forma de escapar do sofrimento insuportável, reconhece o impacto negativo que isso pode causar nas pessoas próximas. Essa relação dicotômica intensifica a infelicidade, uma vez que ele se preocupa por ferir aqueles que ainda se importam com ele.

Combinando a expressão de afeto com uma descrição clara do nível extremo de infelicidade vivida, o autor do Exemplo 174 faz uso do termo "inferno", simbolizando o tormento e a insustentabilidade de sua existência atual. Mesmo declarando amor aos outros, ele

deixa evidente que considera que a única solução para seu sofrimento é o autoaniquilamento, reforçando a gravidade de sua infelicidade e desespero.

Exemplo 175:

Mãe, irmãos, pai, vocês foram exemplos de superação na minha vida. (T22)

Exemplo 176:

Pessoas que achei que estavam do meu lado apesar de tudo me abandonaram por coisas banais. (T15)

Na categoria *segurança/insegurança*, foi possível encontrar os dois exemplos transcritos acima que ilustram esse tipo de avaliação. No Exemplo 175, a segurança é manifestada através do atributo destacado, que indica esse sentimento em relação aos valores que o autor aprendeu e ao apoio que recebeu durante sua trajetória. Todavia, um sentimento oposto é observável no fragmento que compõe o Exemplo 176. O escrevente relata uma quebra de confiança e sentimento de abandono por pessoas próximas. Esse relato ajuda a intensificar a insegurança emocional do autor, agravando o sentimento de rejeição e solidão.

Exemplo 177:

Conselho do meu pai (pedido): atenda os pobres e assim o fiz, com esmero e dedicação, muitos salvei, outros diagnostiquei. (T10)

Exemplo 178:

Tenho raiva sem motivos, e uma dor no peito que não passa. (T22)

No campo *satisfação/insatisfação*, encontramos as duas ocorrências acima. O Exemplo 177 trata do cumprimento dos conselhos do pai do autor ao exercer a medicina com dedicação, ajudando outras pessoas. O suicida expressa satisfação em cumprir o conselho do pai, evidenciando um sentimento de realização e orgulho. Ao relatar que exerceu seu ofício com "esmero e dedicação", ele enfatiza a valorização de sua trajetória na medicina e o impacto

positivo que teve na vida das pessoas. Há um tom de reconhecimento da própria capacidade e competência, especialmente ao mencionar os resultados de seu labor (“muitos salvei, outros diagnostiquei.”). Isso reflete não apenas a satisfação pessoal, mas também uma tentativa de justificar suas ações como alinhadas a valores transmitidos pelo pai.

O Exemplo 178 traz uma avaliação que expressa uma profunda insatisfação ligada a sentimentos de dor física e emocional. A "raiva sem motivos" pode se referir a uma sensação de desconexão ou incompreensão sobre as próprias emoções, enquanto "uma dor no peito que não passa" pode representar um sofrimento persistente e insuportável. Ambas as expressões refletem uma experiência de insatisfação generalizada com a própria condição, reforçando um estado de angústia constante e sem alívio, o que pode contribuir para a desesperança do autor.

7.1.2 Julgamento

Iniciaremos essa subseção, assim como nos capítulos IV e V, sintetizando – através de uma tabela – as principais expressões de avaliação do comportamento humano nos textos de acordo com os parâmetros de Sanção Social e Estima Social. Devido à pouca quantidade de textos nesse grupo, bem como à extensão dos textos integrantes, incluímos numa só tabela as ocorrências do julgamento do comportamento dos autores e do comportamento de outros indivíduos:

Tabela 30 – Julgamento no Grupo 3

Código	Julgamento	Categoria	Polo
T10	Sanção Social	Veracidade	Negativo
T11	Sanção Social	Veracidade	Negativo
T15	Sanção Social	Veracidade	Negativo
T18	Sanção Social	Veracidade	Negativo
T19	Estima Social	Normalidade	Negativo
T22	Estima Social	Normalidade	Negativo

Fonte: Autor (2025).

Desse modo, de acordo com os fragmentos abaixo, notamos que a expressão do Julgamentos no grupo 3 está relacionada tanto à veracidade dos comportamentos (se são

realmente morais ou adequados à norma) quanto à avaliação do impacto emocional e capacidade de superação diante de situações da vida:

Exemplo 179:

Alguém me sacaneou. (T10)

Exemplo 180:

De todos os homens que passaram por mim quem me fez mais mal foi, sem dúvida alguma, o EX-MARIDO, pai da filha com quem nem mais contato pude ter, e quem mais me fez bem, em vida, foi o NAMORADO. (T12)

Exemplo 181:

fui pra cima dos meus problemas com todas as minhas forças (T15)

Exemplo 182:

amigos que me julgaram de louco (T15)

Exemplo 183:

Agradeço imensamente ao carinho e atenção de minha mãe e meu irmão. (T18)

Exemplo 184:

Foram 9 anos na Polícia Militar e eu vos digo, caros amigos: cuidem-se! A polícia é super estressante e, como no meu caso, pode ser fatal. (T18)

Exemplo 185:

Perdão por não aguentar, meus filhos. (T19)

Exemplo 186:

AMIGA você foi uma amiga que foi capaz de falar tudo ou quase tudo na minha vida. (T22)

Ao alegar ter sido sacaneado por alguém, o autor do T10 realiza um Julgamento de acordo com os parâmetros de Sanção Social, criticando uma ação que infringiu normas sociais de respeito. Apesar de pouco explicado no corpo do texto, essa ação cometida e o vexame por ela acarretado são tidos como causa para o autoaniquilamento dele. No Exemplo 180, a autora do T11 centraliza duas avaliações, em polos distintos, sobre dois homens que passaram por sua vida: o ex-marido, responsável por parte de sua dor emocional e por tê-la afastado de sua filha; e o namorado, também vítima de suicídio, o qual ela reconhece que lhe fez bem.

No Exemplo 181, por sua vez, o autor revela um reconhecimento de seu próprio esforço e de sua dedicação em se predispor a enfrentar seus problemas. Esse relato configura-se, pois, enquanto avaliação positiva do Julgamento do comportamento do próprio autor na perspectiva da Estima Social, pois, apesar de se dar por vencido pelas adversidades, mostrou-se, em algum momento, disposto a combatê-las. De modo contrário, o mesmo autor, no excerto seguinte, avalia negativamente os amigos que o consideraram louco. Ao reprovar tais amigos em relação ao comportamento dele, julgando-o como insano, podemos, em certa medida, enquadrar esse Julgamento como pertencente à esfera da Sanção Social, uma vez que reconhecemos que qualquer intento de menosprezar, diminuir ou negligenciar questões psíquicas e de saúde mental de um indivíduo só piora a sua situação e é um ato socialmente reprovável.

O autor do Exemplo 182 realiza um Julgamento positivo, pautado na Estima Social, relacionado à gratidão e à valorização de figuras familiares importantes. Ele faz, assim, uma reflexão positiva sobre o apoio e amor recebidos da mãe e do irmão. No Exemplo 184, entretanto, o autor do T18 realiza uma reflexão negativa sobre sua experiência profissional: ao destacar os riscos e o estresse imbricados ao trabalho na Polícia Militar, o jovem tece uma crítica ao sistema policial e às condições de trabalho, que podem ser perigosas e prejudiciais para os envolvidos. Assim, essa organização pública estadual personifica-se como alvo do comentário do autor, que salienta o poder destrutivo que essa experiência teve em sua vida.

Um julgamento negativo do próprio comportamento é feito pela autora do T19. A mulher – relatando a própria incapacidade de resistir à pressão emocional, com Foco no sofrimento

pessoal – expressa um sentimento de culpa e insatisfação consigo mesma por não ter sido forte o suficiente para os próprios filhos. Por último, a autora do T22, faz uma avaliação positiva do comportamento da amiga, reconhecendo-a como alguém confiável e que a ajudou por meio de conversas. Ao valorizar a amizade e o apoio emocional oferecido por uma pessoa próxima, a escrevente realiza um Julgamento no eixo da Estima Social.

Na amostra integrante do grupo 3, não foram encontradas ocorrências de avaliação de elementos do ponto de vista estético. Por essa razão, a Apreciação não será abordada neste capítulo, uma vez que as avaliações nesse grupo estão centradas, principalmente, em relações interpessoais, sentimentos pessoais e julgamentos sobre ações ou comportamentos, sem menção à aparência, beleza ou estética de objetos, lugares ou objetos. Dessa forma, seguimos, então, com a análise do Engajamento.

7.2 ENGAJAMENTO

A respeito do sistema de Engajamento, Silva e Griffo (2024) consideram que, na perspectiva bakhtiniana, todo texto surge do encontro de múltiplas vozes, sendo inerentemente dialógico. Entretanto, a polifonia é um fenômeno em que, dentro de um mesmo texto, são manifestadas "vozes" que expressam diferentes perspectivas ou pontos de vista, com os quais o locutor pode ou não concordar. Nesse sentido, consideramos que existem gêneros dialógicos que podem ser monofônicos ou polifônicos.

Nesse panorama, as mensagens de adeus são predominantemente polifônicas, uma vez que apresentam vozes que possibilitam a inclusão de outras opiniões ou perspectivas, promovendo um espaço para o diálogo e a diversidade de pontos de vista. Destarte, o posicionamento monoglóssico nas mensagens em que ele foi notado é empregado majoritariamente para eliminar qualquer abertura ao diálogo. No contexto específico do grupo 3, veremos, na tabela a seguir, as principais manifestações de posicionamento negociadas nas mensagens:

Tabela 31 – Grupo 3 (Engajamento)

Código	Engajamento	Tipo	Categoria	Subcategoria
T10	Heteroglóssico	Contração	Refutação	Negação/Contraexpectativa

		Expansão	Ratificação Atribuição	Endosso Reconhecimento
T11	Heteroglóssico	Contração	Refutação	Negação/Contraexpectativa
T15	Heteroglóssico	Contração	Refutação Ratificação	Negação/Contraexpectativa Confirmação de Expectativa
T18	Heteroglóssico	Expansão Contração	Acolhimento Refutação	Evidência Negação/Contraexpectativa
T19	Heteroglóssico	Contração	Ratificação Refutação	Pronunciamento Negação
T22	Heteroglóssico	Contração	Ratificação Refutação	Pronunciamento Contraexpectativa

Fonte: Autor (2025).

Nos fragmentos a seguir, organizados por subcategoria da Heteroglossia (Contração ou Expansão Dialógica), veremos os principais recursos através dos quais as vozes autoriais posicionam-se, estabelecendo relações semânticas:

Exemplo 187:

Por outro lado existe todo esse processo desgastante da minha mãe que tanto me protegeu, que me deu a vida (T10)

Exemplo 188:

Conheci os EUA, Europa e parte da América do Sul graças ao meu querido pai. Hoje não consigo viajar para Santo Antonio

Exemplo 189:

Um abraço a todos e não me critiquem, e sim me entendam. (T10)

A expressão destacada no Exemplo 187 marca explicitamente a Contraexpectativa, revelando uma mudança na perspectiva emocional. Enquanto a expectativa seria de harmonia ou gratidão irrestrita, o posicionamento autoral introduz uma tensão ao reconhecer que, apesar de todo o cuidado e proteção da mãe, há também uma experiência atual que é emocionalmente ou fisicamente exaustiva.

No Exemplo 188, o trecho apresenta uma clara Contraexpectativa ao contrastar dois contextos relacionados à mobilidade. O suicida menciona inicialmente uma vivência positiva e privilegiada, que evoca experiências de viagens internacionais e acesso a recursos. Contudo, essa imagem é contrastada com a afirmação subsequente, que demonstra uma limitação atual inesperada, considerando o contexto anterior. Tal oposição evidencia uma mudança drástica nas condições do escrevente, sugerindo uma reflexão sobre perda, dificuldades ou mudanças na realidade pessoal, financeira ou emocional.

Já no Exemplo 189, a Contraexpectativa marcada pelo termo conectivo em destaque sugere que, enquanto críticas podem ser uma resposta esperada diante de determinadas situações ou ações, o autor pede explicitamente que essa reação seja substituída pela tentativa de entendimento, num apelo que evidencia vulnerabilidade e necessidade de validação emocional, dando a entender que ele se encontra em um estado de sensibilidade e busca por acolhimento, ao invés de julgamento. Outras ocorrências de Contraexpectativa podem ser verificadas na sequência:

Exemplo 190:

lembro do corpo do Gilberto no meio da rua mas, os olhos estavam abertos e eu achei que ele pudesse me ouvir (T11)

Exemplo 191:

O que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia (T15)

Exemplo 192:

Deus, só o Senhor sabe que eu assumi minhas transgressões e mudei, porém essa misericórdia que o Senhor promete na sua palavra não se cumpriu, não sei se pq eu não aguardei mais ou era pra isso que vou fazer acontecer (T15)

Exemplo 193:

Aos que me amam me perdoem se minha atitude pareça egoísta mas é a única forma que eu tive de encontrar saída para os meus problemas (T15)

Exemplo 194:

Filho, você foi o meu motivo de continuar lutando até hoje, mas não estou dando conta (T22)

Exemplo 195:

tenho raiva sem motivos, e uma dor no peito que não passa, insônia inconstante, já cheguei a tomar 8 comprimidos de Clonazepam 0,2 mg e mesmo assim não resolveu. (T22)

Exemplo 196:

Família eu amo vocês, mais não consigo mais. (T22)

A autora do T12 revela uma memória traumática, marcada por uma tentativa de conexão emocional e esperança, diante de uma situação de perda irreversível. A conjunção adversativa em destaque introduz uma Contraexpectativa, contrastando o cenário trágico da morte com a percepção subjetiva da narradora, que atribui uma possibilidade de comunicação ao olhar inerte. Essa oposição intensifica o impacto emocional da cena relatada, evidenciando o estado de

negação ou a dificuldade em aceitar a realidade da perda. A construção também dá a entender a necessidade de manter um vínculo, mesmo diante do fim, como uma forma de lidar com a dor e o choque.

No T15, o autor usa uma conjunção para marcar oposições de ideias: no Exemplo 191, ele faz uma conexão com uma citação bíblica, revelando um contraste didático, com uma lição de moral. Assim, ele contrapõe as consequências negativas de encobrir transgressões à recompensa positiva de confessá-las e abandoná-las; no Exemplo 192, a conjunção "porém" marca a tensão entre o esforço de mudança (assumir as transgressões) e a ausência da promessa divina esperada (a misericórdia), expondo a frustração e o questionamento do narrador em relação a suas expectativas religiosas; por sua vez, no Exemplo 193 vemos uma oposição entre a percepção de egoísmo e o senso de necessidade pessoal para resolver os próprios problemas. O contraste, então, busca justificar a atitude do escrevente, apelando à compreensão do leitor.

De modo análogo, a autora do T22 recorre à Contraexpectativa em alguns pontos de sua mensagem. No Exemplo 194, o elemento destacado apresenta um conflito emocional que envolve o amor e a motivação gerados pelo filho, que contrastam com a incapacidade dela de suportar os desafios que enfrenta. No Exemplo 195, as palavras em destaque funcionam como uma conjunção adversativa explícita, que evidenciam a tentativa de alívio por meio da medicação, que se revela ineficaz, aumentando a sensação de impotência e sofrimento. No último exemplo do bloco, o elemento cria um contraste direto entre o amor declarado e a incapacidade de continuar lidando com a situação vivida, evidenciando o conflito interno entre afeto e desespero. Na sequência, veremos alguns excertos que evidenciam o recurso da Negação, que também está na categoria Refutação, da Contração Dialógica:

Exemplo 197:

Não aguento mais viver, ou melhor, sobreviver. (T11)

Exemplo 198:

eu não tenho mais paz (T11)

Exemplo 199:

NINGUÉM TEM CULPA DE NADA! (T18)

Exemplo 200:

Perdão por não aguentar, meus filhos. (T19)

Nos trechos acima, vemos como a negação desempenha um papel fundamental como estratégia de Engajamento ao enfatizar estados emocionais, reforçar pontos de vista e criar uma interação indireta com o destinatário. No Exemplo 197, a intensidade do sofrimento e a exaustão emocional da narradora estabelecem uma clara diferenciação entre viver e sobreviver. Essa oposição gerada cria um contraste marcante que convida o leitor a refletir sobre a precariedade e o vazio existencial descritos por ela. No T11, a Negação acima transcrita reforça a ausência de um estado desejável: a paz. A escolha feita pela autora para estruturar sua mensagem intensifica o impacto emocional, transmitindo o desamparo dela de maneira contundente.

No exemplo extraído do T18, a negação em tom absoluto – realizada através dos termos "ninguém" e "nada" – associada ao uso do recurso da caixa alta no corpo do texto, dá ênfase e urgência à mensagem. Esse uso funciona como uma tentativa de aliviar possíveis sentimentos de culpa nos destinatários, ao mesmo tempo em que engaja o leitor ao declarar explicitamente a ausência de responsáveis pela situação.

A autora do T19, por sua vez, comunica uma sensação de limite emocional ou físico. Aqui, a Negação é utilizada de forma a criar empatia e justificar a atitude dela, especialmente ao direcionar o pedido de perdão aos filhos, reforçando um apelo emocional. Assim, vemos que a Negação, no grupo 3, pode funcionar como subterfúgio para intensificar a ideia de sofrimento transmitida e afastar o leitor da sensação de culpa, servindo assim como um autêntico recurso de Engajamento.

Exemplo 201:

Acho que é isto. Quero que vocês entendam a minha posição. (T10)

No excerto acima, percebemos uma estratégia de Endosso, categoria da Ratificação, ainda dentro do campo da Contração Dialógica. A oração destacada sugere uma conclusão reflexiva, como se o autor estivesse ponderando suas ideias e reafirmando o que considera

relevante. A oração subsequente reforça essa validação ao solicitar empatia e compreensão, orientando o interlocutor a aceitar e legitimar o ponto de vista apresentado. Desse modo, o escrevente busca validar sua própria perspectiva, dentre outras possíveis.

Exemplo 202:

De todos os homens que passaram por mim quem me fez mais mal foi, sem dúvida alguma, o EX (T11)

A autora do T11, no trecho acima, recorre à Confirmação de Expectativa para consolidar a ideia que já poderia ser presente ou inferida pelo leitor. Simultaneamente a isso, tal recurso auxilia no alinhamento do discurso da suicida com as suposições que o público poderia criar com base em experiências comuns ou em estereótipos relacionados a ex-parceiros, principalmente em se tratando de pessoas públicas, cujas narrativas já são parcialmente conhecidas. Nesse caso, a afirmação transcrita no Exemplo 202 atende à possível antecipação do leitor sobre o impacto negativo de uma figura específica. Ademais, a escolha da expressão realçada funciona como um marcador de certeza, reforçando que a expectativa de que essa pessoa teria causado sofrimento não é apenas válida, como é confirmada de forma enfática.

Exemplo 203:

O que eu tenho a falar é que nunca julguem uma pessoa depressiva e/ou uma pessoa com tendências suicidas (T15)

Exemplo 204:

aqui fica o meu adeus aqueles que gostaram de mim genuinamente, (T15)

Exemplo 205:

Foram 9 anos na Polícia Militar e eu vos digo, caros amigos: cuidem-se! (T18)

Exemplo 206:

Para meus familiares: doem meus órgãos. Ajudem quem realmente precisa. (T18)

Exemplo 207:

Marielle me uno a ti. (T19)

Exemplo 208:

sei que o vou fazer não tem perdão. (T22)

Exemplo 209:

Famílias quero dizer que amei vocês mais que tudo na minha vida, (T22)

Os exemplos acima trazem diversos meios pelos quais foi usada a estratégia do Pronunciamento, na qual o enunciador se posiciona diretamente perante seu interlocutor – muitas vezes de maneira intensa e emocional – transmitindo uma mensagem que busca criar um impacto ou alertar sobre uma situação específica. No Exemplo 203, temos um apelo à empatia, transmitido enquanto advertência pessoal, na qual o suicida parece estar se dirigindo de maneira direta a uma audiência mais ampla, alertando para o perigo de julgar pessoas em situações de vulnerabilidade psicológica (SANTOS *et. al*., 2020). O uso da estratégia do Pronunciamento, aqui, confere um tom de urgência e apelo à empatia. No Exemplo 204, notamos um exemplo clássico de despedida emotiva realizada por meio de um Pronunciamento que comunica sentimentos profundos e pessoais. A estratégia é usada para expressar a separação de uma forma intensa, com um Foco naqueles que realmente se importaram com o autor.

No trecho trazido no Exemplo 205, vemos a estratégia do Pronunciamento sendo usada para criar uma conexão com os leitores, utilizando a experiência do enunciador como uma forma de autoridade – validada pela experiência de vários anos – ao dar conselhos. O uso do vocativo ("caros amigos") reforça a ideia de uma preocupação sincera e direta com os interlocutores. No exemplo seguinte, o Pronunciamento é feito de maneira direta, com um pedido altruísta.

No T19, a escrevente se conecta clara e diretamente ao ícone evocado pelo nome de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro covardemente assassinada em 2018. Nesse ato simbólico que pode representar solidariedade – ou até mesmo sororidade –, a autora faz uso do

Pronunciamento implícito marcando a união e a identificação com a causa e/ou a memória da líder política.

Já no T22, a autora nos dá um exemplo de Pronunciamento introspectivo e autocrítico. No Exemplo 208, é assumida a responsabilidade de suas ações. O discurso é utilizado para reconhecer a gravidade de seus atos e a impossibilidade de perdão. Já no último exemplo dessa sequência, a mesma jovem deixa uma última declaração de afeto, buscando transmitir um amor incondicional e profundo, com um tom de despedida, que expressa sinceridade e emoção.

Exemplo 210:

Alguém me sacaneou. (T10)

Exemplo 211:

A polícia é super estressante e, como no meu caso, pode ser fatal. (T18)

Os dois exemplos acima são os únicos pertencentes à Expansão Dialógica, que ocorre quando são admitidas outras vozes/opiniões em alternância (MARTIN; WHITE, 2005). No T10, o enunciador o faz de maneira implícita. Todavia, é possível perceber o Engajamento do enunciador com o interlocutor de forma a abrir espaço para uma reação ou interação. O fragmento pode, então, ser entendido como um enunciado que busca Reconhecimento, um convite para que o interlocutor compreenda e valide a situação emocional do enunciador. A Expansão Dialógica ocorre, aqui, na medida em que o escrevente se coloca em uma posição de vulnerabilidade ao expressar uma experiência negativa.

No Exemplo 211, temos uma ocorrência do Acolhimento**,** na qual há uma fundamentação do enunciado focada na subjetividade do locutor. No caso em questão, ela se manifesta por meio da Evidência. Embora o autor esteja apresentando uma afirmação sobre os perigos de sua profissão, ele opta por usar uma forma que indica uma possibilidade, e não uma certeza absoluta. Através do uso do termo em destaque, o enunciador pode estar não apenas deixando a afirmação menos dogmática, como também destacando que, apesar de o estresse ser uma característica basilar do trabalho policial, as consequências podem, de fato, ser extremas, como no seu caso.

Ainda que de modo discreto, podemos observar alguns pedidos de desculpas – 5 no total – e alguns interlocutores específicos para eles. Os pedidos de perdão são direcionados a Deus (T15), aos filhos (T19) e "aos que ficam" (T15, T18 e T22). Nesses casos, notamos que o locutor está constantemente buscando estabelecer uma conexão emocional com seus interlocutores, numa tentativa, talvez, de obter um reconhecimento do outro. O Engajamento, nesse contexto, vai além de uma comunicação racional, sendo um esforço claro para envolver o interlocutor nas emoções e vivências do enunciador e nas formas de aceitação da situação vivida e da escolha pelo autoextermínio.

Destarte, o Engajamento – realizado no grupo 3 por meio de Negação, Contraexpectativa, Pronunciamento, Confirmação de Expectativa, Endosso, Evidência e Reconhecimento – ajuda a revelar de que maneira os locutores expressam suas ideias, sentimentos e experiências. Desse modo, é criada uma ligação com o interlocutor, que pode estimular respostas, compreensão e até alguma ação. O Engajamento, em suma, não se limita apenas à transmissão de uma mensagem, mas envolve também a ativação de um processo dialógico, no qual o enunciador cria a expectativa de que o interlocutor participe de alguma forma.

7.3 GRADAÇÃO

Consoante Barros (2022), as avaliações realizadas na Gradação são baseadas em outras opções que também poderiam ser escolhidas, com a seleção feita estando fortemente relacionada às percepções dos interlocutores sobre o objeto, os fenômenos, bem como sobre sentimentos e posições, refletindo julgamentos. O potencial para a criação de hierarquias graduáveis está vinculado aos ajustes feitos pelos produtores textuais, no que diz respeito à intensidade e ao grau, dependendo do que é expresso linguisticamente.

7.3.1 Força

Como vimos anteriormente, na Força existem dois movimentos basilares: a Intensificação refere-se à atribuição de qualidades e à descrição de processos, enquanto a Quantificação está relacionada à medição em termos de quantidade ou extensão, abrangendo aspectos como peso, força, tamanho e número. No entanto, essa quantificação pode apresentar algum grau de imprecisão, sendo aplicada a entidades específicas (MARTIN; WHITE, 2005).

Exemplo 212:

existe todo esse processo desgastante da minha mãe que tanto me protegeu, que me deu a vida (T10)

Exemplo 213:

Tenho uma excelente esposa. Trabalhadora, dedicada, vibrante. Três filhos muito bons (T10)

Exemplo 214:

Um agradecimento especial também ao FULANO (T10)

Exemplo 215:

Viver sem o NAMORADO é pra mim uma sobrevida desumana. (T11)

Exemplo 216:

De todos os homens que passaram por mim quem me fez mais mal foi, sem dúvida alguma, o EX, pai da filha com quem nem mais contato pude ter, e quem mais me fez bem, em vida, foi o NAMORADO. (T11)

Exemplo 217:

estou ficando cada dia mais magra (T11)

Exemplo 218:

a cena da morte do meu amor me atropela constantemente (T11)

No T10, o autor intensifica alguns processos e algumas qualidades, ressaltando seus sentimentos e valores que defende em toda a sua mensagem. No Exemplo 212, a Intensificação ocorre tanto no termo "desgastante" – que sublinha o impacto emocional e físico do processo ocorrido, quanto no uso de "tanto", que reforça o grau de proteção da mãe, destacando seu papel e sua dedicação. Já no exemplo seguinte, o mesmo escrevente, no termo em realce, intensifica uma qualidade atribuída à esposa, marcando-a como exemplar, e acentua as qualidades dos filhos, de maneira genérica. Na mesma mensagem, ele ainda intensifica um agradecimento direcionado a alguém, o que atribui singularidade e valor à ação de agradecer.

Por sua vez, a autora do T11 intensifica, no Exemplo 215, um atributo que destaca o sofrimento extremo que ela está vivenciando, conectando-a a uma experiência de dor além do que seria suportável. No fragmento seguinte, os comportamentos de duas pessoas são avaliados. De tal maneira, ela estabelece um paralelo entre as relações amorosas que viveu. O contraste entre esses dois homens – um que lhe fez bem e outro que lhe fez mal – reforça as hierarquias de impacto emocional atribuídas às relações mencionadas.

No Exemplo 217, ela nos revela um processo contínuo e agravante, realizado através do grupo de palavras em destaque, que modificam uma característica negativa relacionada ao seu estado de saúde. No Exemplo 218, a locutora reforça a recorrência e intensidade da sensação experienciada – realizada por um processo, ampliando o efeito emocional desta. A escolha do processo “atropelada” pode dramatizar a força com que a lembrança a impacta.

Exemplo 219:

me abandonaram por coisas banais quando mais precisei (T15)

Exemplo 220:

Estou cansado de mim mesmo, de fazer bobagens, de beber demais (T18)

Exemplo 221:

E eu também sempre amarei vocês. (T18)

O autor do T15, ao afirmar que se sentiu abandonado por pessoas próximas, revela uma disparidade entre a gravidade do abandono e a trivialidade das razões (não) mencionadas. Nessa perspectiva, a Intensificação enfatiza o momento crítico do abandono, adicionando peso emocional à situação.

No T18, o escrevente faz uma autocrítica, dando a entender que seu maior algoz é ele mesmo. O processo "beber" é, então, intensificado para sublinhar o excesso, enfatizando o caráter extremo e problemático do alcoolismo em sua vida. Já nas últimas linhas de sua mensagem, o uso do elemento realçado acima intensifica a durabilidade e a constância do sentimento de amor, destacando-o como um compromisso que perdurará, talvez, até após a existência do autor.

Exemplo 222:

Meu amor será eterno por todos vocês (T19)

Exemplo 223:

Eu te amo demais. (T22)

A escrevente do T19, em suas poucas palavras, intensifica o sentimento de amor, destacando sua durabilidade infinita e incondicional. De forma similar, a autora do T22 intensifica o processo, destacando o amor como algo que transcende a medida habitual. Essas intensificações do processo "amar" ou de termos relacionados ao amor podem reforçar a importância dos interlocutores. Ao intensificar o amor, os autores talvez busquem assegurar que seus sentimentos sejam percebidos como sinceros, absolutos e imensuráveis. A seguir, veremos alguns excertos que destacam a quantificação:

Exemplo 224:

Conselho do meu pai (pedido) atenda os pobres e assim o fiz, com esmero e dedicação, muitos salvei, outros diagnostiquei (T10)

Exemplo 225:

fui pra cima dos meus problemas com todas as minhas forças (T15)

Exemplo 226:

só tive mais problemas .. (T15)

Exemplo 227:

tudo foi contrário a minha progressão em todas as áreas da minha vida (T15)

O escrevente do T10, ao relatar sua carreira enquanto médico, alega ter salvado a vida e diagnosticado várias pessoas. Mesmo com imprecisão, podemos compreender que se trata de centenas de pessoas. Assim, o primeiro termo em destaque no Exemplo 224 quantifica as pessoas salvas por ele, enfatizando o impacto e a amplitude das ações do autor. Em paralelo, o segundo elemento realçado indica uma divisão clara entre os grupos atendidos, reforçando a variedade e a extensão do esforço por ele empreendido.

No T15, vemos outra manifestação da Quantificação. O autor indica, através do elemento destacado no Exemplo 225, o uso completo e absoluto de suas energias e de sua determinação. Entretanto, no exemplo subsequente, ele aponta para um aumento contínuo de dificuldades, o que destaca a progressão negativa da situação vivenciada. Por fim, o termo "tudo" quantifica a totalidade dos elementos que se opuseram ao seu progresso, o que pode indicar que nenhuma parte da vida do enunciador permaneceu imune às dificuldades. Somado a isso, o uso da expressão "todas as áreas da minha vida" amplia o escopo do impacto negativo, sugerindo um efeito abrangente e reforçando o tom de desesperança que a mensagem deixa.

7.3.2 Foco

Para Souza (2010), o Foco proporciona mecanismos que permitem atribuir Gradação a categorias semânticas prototípicas que, à primeira vista, não pareceriam passíveis de variação em termos de intensidade ou quantidade. Assim, lidamos com uma categoria que se realiza produzindo significados que extrapolam os limites binários tradicionais da significação, introduzindo variantes em elementos semânticos tidos como rígidos.

Exemplo 228:

Não posso submeter-me a vexames, por pura sacanagem. (T10)

Exemplo 229:

Três filhos muito bons, cada um com suas particularidades. (T10)

Exemplo 230:

De todos os homens que passaram por mim quem me fez mais mal foi, sem dúvida alguma, o EX, pai da filha com quem nem mais contato pude ter, e quem mais me fez bem, em vida, foi o Gilberto. (T11)

Exemplo 231:

Minha cabeça não consegue pesar menos que 10 toneladas (T11)

Nos exemplos acima, podemos observar que o Foco se manifesta como recurso para enfatizar a intensidade ou a magnitude das situações e emoções descritas. No Exemplo 228, o uso do elemento lexical destacado funciona como uma forma de intensificação que focaliza a gravidade ou a motivação por trás de uma ação, implicitamente mencionada. Seu uso, aqui, amplifica a ideia de que a situação é completamente injustificada, enfatizando a intensidade da indignação do autor.

Nesse sentido, o mesmo autor, no excerto seguinte, faz uso de uma forma de Gradação que eleva a qualidade dos filhos, atribuindo-lhes uma característica positiva. Essa Gradação destaca a ideia de que não se trata apenas de bons filhos, mas de filhos com valores notáveis e individuais, apesar de não especificados.

A autora do T11 faz uso de uma forma de enfoque que destaca a impossibilidade de manter qualquer vínculo com a pessoa mencionada, no caso, com a filha. Essa expressão funciona como um recurso para intensificar a sensação de perda, de ruptura ou de limitação nas possibilidades de comunicação, conferindo um tom de frustração à situação. Desse modo, ela intensifica a distância emocional e física que se estabeleceu com a filha por causa do ex-companheiro e acentuando a gravidade da perda e o sofrimento associado a esse distanciamento.

No fragmento seguinte, a mesma autora, por meio da expressão enfatizada, constrói uma hipérbole que visa graduar o peso emocional e mental que ela sente. A ideia de "10 toneladas" é uma medida extrema, e a impossibilidade de sua redução (como sugerido por "não consegue pesar menos") intensifica a sensação de sobrecarga e sofrimento, dando um Foco dramático, assim, à gravidade da situação vivenciada.

Exemplo 232:

tenham certeza que qualquer lugar que eu for é melhor que esse inferno que eu vivo (T15)

Exemplo 233:

Ajudem quem realmente precisa. (T18)

Exemplo 234:

tenho raiva sem motivos, e uma dor no peito que não passa, insônia inconstante (T22)

Exemplo 235:

Vou resumir aqui cada pessoa que passou na minha vida teve seu papel, uns bons outros nem tanto. (T22)

No Exemplo 232, o uso da palavra em destaque chama a atenção para a extrema negatividade da experiência do locutor. Ao dizer que "qualquer lugar que eu for" seria melhor, o Foco está não apenas na situação de sofrimento, mas também no contraste entre a dor vivida e a possibilidade de uma realidade diferente, por mais simples que seja. O recurso do Foco aqui ajuda a construir a ideia de um sofrimento intolerável. De maneira parecida, no Exemplo 233, o autor usa o termo realçado, que tem a função de focar a atenção na genuinidade da necessidade. Ao incluir esse elemento, o autor quer destacar que a ajuda oriunda da doação de seus órgãos deve ser realizada.

Por sua vez, a autora do T22 elabora alguns relatos nos quais é possível encontrarmos o Foco na Gradação. As palavras em realce no Exemplo 234 chamam a atenção para a natureza

persistente e inexplicável da raiva e da dor que ela está experienciando. O uso do "não passa" intensifica a sensação de que a dor não tem fim, mantendo o leitor focado na imobilidade e continuidade do sofrimento. Além disso, "insônia inconstante" foca na irregularidade e no impacto dessa condição.

Além disso, a distinção entre "bons" e "nem tanto" (Exemplo 235) foca nos diferentes tipos de impacto que distintas pessoas tiveram em sua vida. Ao enfatizar essa divisão, a suicida direciona a atenção para o valor e a contribuição de cada pessoa, sem tornar a avaliação de todos as relações uniforme ou absoluta.

O Foco nos sentimentos de dor e, nas necessidades genuínas e nas distorções nas relações pessoais ajuda, portanto, a intensificar o impacto do relato e a envolver os leitores. Ele pode, pois, ser um mecanismo de comunicação, pois direciona a atenção para o que se deseja que o receptor compreenda com mais clareza, gerando as respostas de solidariedade almejadas.

Em termos gerais, devido à curta extensão das mensagens, alguns recursos léxico-gramaticais encontrados com mais facilidades nos grupos 1 e 2 não foram encontrados no grupo 3. Outros elementos foram localizados em proporções significativamente menores, se comparados aos outros grupos. A proporção reduzida de certos elementos nos textos do grupo 3 reflete não apenas as escolhas estilísticas, mas também as restrições impostas pelo formato breve, em comparação com os textos mais longos e complexos dos outros grupos.

Assim, como foi possível perceber, as avaliações no campo da Atitude foram as mais expressivas na análise. Entretanto, o Engajamento também se mostra presente de maneira significativa, de acordo com a multiplicidade de interlocutores e de situações descritas. As causas patológicas se sobressaem, pois, na amostra analisada. Nos exemplos 217 e 234 é possível notar que as expressões relatadas são, na verdade, sintomas físicos e emocionais que contextualizam o sofrimento enquanto determinante das situações vivenciadas. Já narrativas como a do T15 evidenciam o sofrimento emocional como ponto central.

Todos os textos apresentam, em certa medida, apelos ao entendimento e à empatia, em maior ou menor grau. Os escreventes, em sua maioria, pretendem, nessa perspectiva, para além

de um perdão ou da formalização de uma despedida, alcançar certa empatia por parte dos leitores.

Finalizando essa última seção, segue um dos textos integrantes desse grupo – o escolhido foi o T9 – demarcado com elementos analisados à luz dos três subsistemas da AVALIATIVIDADE.

Ao querido (Atitude – afeto – felicidade) primo

Quero te agradecer pelo esforço neste caso de CIDADE. Quero também que você entenda a minha posição. Não posso submeter-me a vexames, por pura (Gradação – Foco) sacanagem.

Alguém me sacaneou (Atitude – Julgamento – Sanção Social). Tenho mulher e três filhos, os quais amo, e levam meu nome (Atitude – afeto – felicidade). E não dá! Por outro lado (Engajamento – Contração Dialógica – Contraexpectativa) existe todo esse processo desgastante) da minha mãe que tanto (Gradação – Força – Intensificação) me protegeu, que me deu a vida, e que também [...]

Conselho do meu pai (pedido) atenda os pobres e assim o fiz, com esmero e dedicação (Atitude – Afeto – satisfação), muitos salvei, outros (Gradação – Força – Quantificação) diagnostiquei, mas nunca eu os maltratei. Conheci os EUA, Europa e parte da América do Sul graças ao meu querido pai. Hoje não consigo viajar para Santo Antonio . (Engajamento – Contração Dialógica – Contraexpectativa) Tenho uma excelente Gradação – Força – Intensificação) esposa. Trabalhadora, dedicada, vibrante (Atitude – afeto – felicidade; Julgamento – Estima Social). Três filhos muito bons Atitude – afeto – felicidade; Julgamento – Estima Social), cada um

com suas particularidades (Gradação – Foco). O menino vai para sua área (Direito), gostaria se ele conseguir ser aprovado no vestibular que você o encaminhasse, [...]

Um agradecimento especial Gradação – Força – Intensificação) também ao FULANO, TIO e TIA. Acho que é isto (Engajamento – Contração Dialógica – Ratificação – Endosso). Quero que vocês entendam a minha posição. Um abraço a todos e não me critiquem, e sim (Engajamento – Contração Dialógica – Contraexpectativa) me entendam.

Por fim, elencamos, na sequência, algumas das características avaliativas marcantes desse conjunto de textos:

- Pela primeira vez, em nosso *corpus*, nos deparamos com suicidas que, em sua grande maioria (com exceção do T10), descrevem com exatidão sintomas físicos e psíquicos. Isso nos demandou uma atenção diferenciada durante o processo de análise e interpretação dos dados;

- Por estarmos tratando de mensagens escritas por suicidas em alegadas razões patológicas, o impacto emocional experimentado pelos escreventes torna-se particularmente evidente quando alguns deles mencionam sentir-se como se já estivessem mortos ou num processo de autodegradação, como exemplificado pela autora do T11;

- Além da descrição de seus estados de saúde, o que talvez possa ser associado a quadros severos de depressão e/ou outros transtornos mentais, alguns dos nossos escreventes deixaram um alerta: sobre questões de trabalho, associadas a vícios que podem agravar o quadro clínico (T18) e sobre os perigos de negligenciar alguém próximo com tendências suicidas (T15). Sobre isso, trataremos de modo mais minucioso na última seção deste trabalho;

- Nessa perspectiva, a morte voluntária, assim como em textos dos grupos anteriores, parece ser a única solução viável, uma vez que há, sobretudo, questões físicas dadas como impedimento à continuidade da vida;

- Somente é feita uma alusão à figura divina e essa menção ocorre no T15. Ainda assim, essa figura é, de certa forma, culpabilizada por não ter cumprido a promessa com o autor. Em contraste com as menções a Deus feitas nas mensagens dos grupos 1 e 2, uma possibilidade de interpretação para essa ausência seria, de fato, os sintomas físicos e o estado de profundo sofrimento que, talvez, tenha minado a fé dos escreventes, o que se reflete nessa escrita final;

- Os escreventes do grupo 3 também pedem perdão poucas vezes, em comparação aos outros grupos. Aqui, nos parece que a busca de certa solidariedade por parte dos interlocutores se converte na preocupação principal dos suicidas;
- Há, também, um menor esforço linguístico e discursivo dos locutores em descrever situações, caracterizar elementos e definir sensações. Como é perceptível na análise, a extensão dos textos é menor e a argumentação é limitada, o que retira a categoria Apreciação dessa amostra. Exemplos disso são o T10, no qual o autor diz ter sido "sacaneado", mas não fornece mais detalhes ao interlocutor sobre o que aconteceu e como ele se sente em relação a isso; e o T22, cuja autora afirma que vai resumir as pessoas importantes que passaram por sua vida e acaba não o fazendo.

Nas próximas páginas, veremos, como finalização, um resumo das principais características avaliativas realizadas em itens léxico-gramaticais das mensagens componentes de cada grupo. Ademais, discutiremos os resultados dessa multifacetada pesquisa e sobre suas contribuições. Lançaremos, portanto, um olhar para possíveis caminhos de estudos futuros com base nas lacunas e questões emergentes que este trabalho não abrangeu.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim da análise dos dados selecionados, o saldo, felizmente, é de mais respostas que lacunas investigativas. Acreditamos, portanto, que a escolha dos 23 textos que compuseram nosso *corpus* foi, sem dúvida, satisfatória em termos de interpretação de dados. A análise detalhada das mensagens permitiu a identificação de nuances avaliativas que reafirmaram a relevância dos textos selecionados para compreender as dinâmicas discursivas e os fatores contextuais que moldam as escolhas léxico-gramaticais dos autores.

Nesse sentido, podemos afirmar que o objetivo geral de nosso trabalho – *compreender como os escreventes estruturam textualmente as mensagens de adeus por meio da mobilização de recursos léxico-gramaticais avaliativos* – foi cumprido com êxito. Identificamos e analisamos, nos capítulos V, VI e VII, os principais recursos léxico-gramaticais usados pelos escreventes das mensagens. Vimos os processos, as circunstâncias, os epítetos, os atributos e as orações que expressam avaliações sobre a situação, os envolvidos ou o momento da despedida.

Além disso, a investigação sobre de que formar tais recursos são mobilizados textualmente revelou que os escreventes apresentam, em maior ou menor escala, uma organização do conteúdo textual. Nessa organização, as escolhas linguísticas enfatizam o propósito comunicativo de cada mensagem, pautado em relações mais afetuosas ou mais formais. Vimos também que esses recursos não são usados meramente como decorativos nos textos. Na verdade, eles foram usados para conferir uma carga emocional e para produzir significados interpessoais, impactando o interlocutor de forma específica. Esse fator reflete uma compreensão profunda da relação entre escolha lexical e efeitos emocionais e/ou interpretativos na comunicação escrita.

Em relação ao objetivo específico (a) – *identificar quais são os elementos avaliativos presentes nos textos e o que esses elementos indicam* –, realizamos uma análise detalhada dos textos em busca desses elementos. A partir dessa análise, conseguimos identificar de maneira clara os elementos linguísticos que carregam juízos de valor e avaliam a situação ou as pessoas envolvidas nas mensagens. Esses recursos foram classificados e analisados de acordo com a sua natureza e função. Explicamos, nesse contexto, o que esses recursos indicam sobre a relação entre os participantes da situação comunicativa, o teor da despedida e o contexto sociocultural das mensagens. A fim de exemplificação, mencionamos o T5, que apresenta uma linha argumentativa que recorre à narração de fatos para justificar a opção pela morte voluntária. A análise detalhada descrita no objetivo específico (a) materializa-se na leitura do T5 ao identificar como os recursos narrativos e linguísticos são empregados para gerar avaliação e manutenção de um posicionamento.

Esse processo também analisou o contexto sociocultural no qual as mensagens foram produzidas, buscando compreender como os valores, as opiniões e as práticas sociais dos

envolvidos influenciam na escolha dos elementos avaliativos. Assim, conseguimos obter uma visão mais aprofundada sobre como os textos refletem as dinâmicas interpessoais e os aspectos culturais que moldam a comunicação.

Nosso objetivo específico (b) – *examinar as principais avaliações realizadas nos textos e como elas são realizadas linguisticamente a partir do viés linguístico-discursivo e semântico do Sistema de AVALIATIVIDADE, oriundo da Linguística Sistêmico-Funcional* – também foi alcançado. Nos capítulos V, VI e VII, fizemos uma extensa análise das principais ocorrências de avaliações, nos três subsistemas da AVALIATIVIDADE, enriquecida com tabelas e exemplificações. Os grupos de análise foram, então, examinados dentro de duas peculiaridades, das quais salientamos quase todas as informações contextuais às quais tivemos acesso.

Nessa perspectiva, podemos afirmar, com convicção, que, neste trabalho, foi possível observar o Sistema de AVALIATIVIDADE em seu pleno funcionamento nos 23 textos analisados. A análise permitiu identificar, classificar e interpretar os diferentes recursos avaliativos utilizados pelos escreventes, revelando como esses elementos linguísticos tornam-se relevantes para a construção de significados, posicionamentos e relações interpessoais nos textos. Tais recursos evidenciam os interesses comunicativos e as estratégias persuasivas, além de refletirem aspectos socioculturais que contextualizam a produção textual. O estudo também possibilitou compreender como esses mecanismos podem influenciar a interpretação do leitor, orientando suas emoções, opiniões e percepções sobre esse tema tão multifacetado. Dessa forma, os resultados reforçam a importância da AVALIATIVIDADE como ferramenta fundamental para análises linguísticas e discursivas mais aprofundadas.

No tocante ao objetivo específico (c) – *Interpretar os recursos léxico-gramaticais utilizados pelos escreventes das mensagens de adeus, tendo em vista as redes de escolhas que cada escrevente dispõe e suas relações com a motivação suicida* –, nossa análise aprofundou-se sobre a compreensão de como as escolhas linguísticas refletem o interesse e os estados emocionais dos autores. Por meio do estudo dos padrões de linguagem, foi possível observar como os escreventes estruturam suas mensagens para expressar sentimentos como dor, despedida, renúncia ou até mesmo apelos por compreensão.

Esses recursos léxico-gramaticais foram explorados à luz de suas implicações discursivas e psicológicas, revelando como cada escolha carrega traços de singularidade e,

também, aspectos compartilhados culturalmente. Nesse panorama, a análise nos permitiu observar que essas mensagens, em sua maioria, em nosso *corpus*, possuem uma construção argumentativa que, de certa forma, é planejada. Podemos afirmar que os escreventes dizem em seus textos nada além do que eles gostariam que fosse dito, da maneira que eles gostariam. Prova disso é a atribuição de culpa, que, em nossa análise, estava explícita nas mensagens dos autores que optaram por esse elemento. Outros autores deixaram explícito que essa culpa não deveria ser atribuída a ninguém. A subjetividade da organização retórica dá-se, nessa perspectiva, de acordo com o que cada autor quer deixar registrado para quem lê.

Assim, a investigação das redes de escolhas linguísticas não apenas enriqueceu a interpretação dos textos, mas também contribuiu para compreender as complexas relações entre linguagem, subjetividade e contexto sociocultural na prática do suicídio e na escrita de mensagens de adeus. Por meio dessa análise, foi possível identificar como os recursos linguísticos escolhidos pelos autores refletem estados emocionais, interesses comunicativos e condições socioculturais em que estão inseridos.

Outrossim, o estudo revelou, em certa medida, a maneira através da qual esses textos desempenham um papel duplo: ao mesmo tempo que funcionam como expressão individual de sentimentos e vivências, também se situam como produtos de discursos e práticas sociais que moldam a experiência humana. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais profunda dos textos em si e dos mecanismos socioculturais que influenciam sua produção e recepção.

Dessa forma, alinhados com os vários vieses analíticos do suicídio enquanto fenômeno de múltiplas ordens, como vimos no Capítulo II, efetivamos a análise das mensagens de adeus, cuidadosamente organizadas em grupos distintos com base nas alegadas razões para o ato suicida, conforme detalhado no Capítulo IV. Essa organização nos permitiu realizar uma abordagem mais sistemática e aprofundada, proporcionando uma visão clara das diferentes motivações subjacentes e das nuances presentes nesses textos. Para sustentar o tratamento e a categorização dos dados coletados, utilizamos como ferramenta teórica as categorias inerentes aos três subsistemas de Avaliação – Atitude, Engajamento e Gradação – cujas bases foram examinadas de maneira aprofundada no Capítulo III.

Essa estrutura analítica baseou-se em uma abordagem interdisciplinar, na qual buscamos conectar linguística, subjetividade e contexto sociocultural, utilizando o arcabouço teórico da

AVALIATIVIDADE para examinar as mensagens de adeus. Nossos parâmetros de análise não apenas nos auxiliaram na classificação dos dados, mas também ofereceu uma perspectiva robusta para compreender como as escolhas linguísticas refletem os estados emocionais e os contextos socioculturais em que essas mensagens foram produzidas, reafirmando a importância de uma abordagem interdisciplinar que, em nosso caso, uniu diversas vertentes teóricas sobre o suicídio, categorias da AVALIATIVIDADE e uma articulação com a perspectiva sociocultural.

Vimos, na análise do *Grupo 1 – causas sentimentais* –, que essas mensagens podem destacar relações interpessoais como eixo central, no qual a linguagem utilizada expõe tanto o sofrimento subjetivo quanto a tentativa de explicação do ato para os destinatários. Sentimentos de dor, exclusão, abandono e frustração podem estar associados à desilusão amorosa nesse contexto. O suicídio é, então, representado nesse caso a partir da percepção do amor moldada a eventos de ruptura que se materializam nas mensagens, que, por sua vez, se alinham às escolhas linguísticas feitas com finalidades específicas.

Tais eventos de ruptura atuam como gatilhos emocionais (LINEHAN, 2006), que podem transmitir impressões nas escolhas linguísticas dos autores, cuidadosamente elaboradas para cumprir finalidades específicas, como justificar o ato (T2; T3), aliviar a culpa de terceiros (T9), pedir perdão pelo ato cometido (T4) ou desenvolver uma sofisticada narrativa (T5). A linguagem empregada, nesse sentido, não apenas comunica a dor sentida, mas também busca dar sentido à decisão tomada, utilizando recursos discursivos que revelam a vulnerabilidade dos escreventes.

Assim, essas mensagens no Grupo 1 tornam-se um espaço em que a subjetividade e o contexto sociocultural convergem, materializando significados que transcendem o indivíduo e dialogam com expectativas sociais, normas culturais e valores associados ao amor e à perda. Podemos observar que o eixo discursivo dessas sete mensagens reside na frustração. Esse sentimento advém das mais diversas causas relacionadas ao término de um relacionamento amoroso: um desentendimento conjugal (T2), uma traição (T3), o fato de a mãe da autora ser contra o relacionamento (T4), o término de uma relação extraconjugal (T5), a infelicidade num lar desfeito (T7), a não aceitação do êxito profissional da parceira (T9) e o fim de um namoro (T20).

Assim, as escolhas feitas por esses suicidas refletem-se em elementos da léxico-gramática que traduzem a multiplicidades de sensações experienciadas. Nos termos da AVALIATIVIDADE, dentro da Atitude, foram as categorias do Afeto que tiveram uma maior expressão, trazendo elementos de insatisfação e de infelicidade, mas também de felicidade ao rememorar bons momentos na companhia da pessoa amada.

Em relação ao Julgamento do comportamento do outro, nesse grupo temos uma grande quantidade de atribuição de culpa. Não apenas ex-companheiros, mas também pessoas externas a essas relações amorosas recebem a carga de culpa, talvez com a intensão de gerar certo "remorso", como deixou registrado a escrevente do T7. Curiosamente, nesse grupo também é possível notar que dois dos nossos autores (T4 e T20, respectivamente), atribuem essa culpa às suas mães. Essa atribuição pode simbolizar uma relação conflituosa dentro do núcleo familiar, no qual as figuras maternas – tradicionalmente associadas ao cuidado e ao suporte afetivo – são vistas como responsáveis pelo sofrimento ou pela falta de acolhimento.

No Engajamento, notamos, nesse grupo, a presença de captações de benevolência, enquanto estratégia discursiva utilizada para criar empatia, conquistar a simpatia dos destinatários e facilitar a acessibilidade da mensagem. Essa característica, comum em cartas e em mensagens pessoais, reforça vínculos afetivos e minimiza a gravidade envolvida na situação comunicativa. Na mesma perspectiva, os pedidos de desculpas – expressivos nesse grupo – nos revelam, dentre outros fatores, o reconhecimento de falhas, a negação de justificativas defensivas e o reconhecimento da gravidade da atitude tomada.

Assim, podemos concluir que os recursos do Engajamento, nesse grupo, nos eixos da Contração e da Expansão Dialógica, desenvolvem-se para o reconhecimento do posicionamento da voz autoral – em meio à argumentação suicida –, projetando-se em negação ou reconhecimento de outras perspectivas. Essa construção demonstra um movimento consciente e cuidadosamente articulado, na qual o autor se apropria de estratégias discursivas para lidar com a complexidade emocional e ética do tema.

A ciência da gravidade e do peso que o suicídio carrega emerge não apenas como um pano de fundo, mas como um elemento central que orienta a escolha de palavras, a estruturação dos argumentos e a maneira como uma narrativa dialoga com potenciais interlocutores. Nesse sentido, observa-se também uma cuidadosa articulação entre a responsabilização e a tentativa de isenção de culpa de terceiros, refletindo uma dualidade própria do dilema interno vivido pela

voz autoral. O relato dos fatos, repleto de nuances e marcado pela sensibilidade, parece não apenas descrever, mas buscar construir um espaço de compreensão, no qual o suicídio é apresentado como resultado de um processo que desafia o leitor a considerar as camadas de significados e as interações sociais, emocionais e psicológicas que conduzem ao autoextermínio.

Os recursos da Gradação foram usados – especialmente – para auxiliar na construção de significados relacionados às avaliações do subsistema de Atitude. Nesse processo, a Gradação esteve presente em suas duas variantes, Força e Foco, indicando sentimentos, características, comparações e fatos que puderam ser intensificados e/ou atenuados, estendidos ou inferiorizados, de acordo com a ideia que cada autor pretendeu transmitir.

O *Grupo 2 – causas sociais* foi, talvez, o mais diversificado dos três grupos criados para análise de dados. Essa diversidade foi percebida em diversos fatores contextuais envolvendo os suicidas: idades, formações acadêmicas, períodos em que viveram, histórias de vida e suporte através do qual foram registradas suas últimas palavras.

Nesse ponto, convém reconhecermos que encaixar numa categoria as "causas sociais" para a morte voluntária se converteu, para nós, numa tarefa árdua. Algumas das causas para o suicídio não estavam suficientemente objetivas no corpo dos textos, a exemplo do T1, T14 e T16 e, para isso, recorremos exaustivamente a todas as informações extratextuais às quais tivemos acesso, o que, infelizmente, ainda foi pouco. Nesse sentido, gostaríamos de ter nos debruçado sobre mais informações da vida dos envolvidos, buscando preencher mais lacunas que talvez nos levassem a outro tipo de classificação dentro das causas sociais.

Em meio a essa amplitude de causas, reconhecemos, portanto, que as causas sociais englobam o sentimento de exclusão em relação ao mundo e à sociedade, aliado a questões político-sociais profundamente enraizadas nas ideologias defendidas pelos autores. Isso reflete uma desconexão que vai além da esfera individual, atingindo dimensões coletivas e estruturais. A percepção de não pertencimento, nesse contexto, não é apenas uma experiência subjetiva, mas vinculada a desigualdades sociais, preconceitos sistêmicos e exclusões que se manifestam nas mais diversas esferas da vida cotidiana.

Destarte, essas causas englobam desde o alegado apoio à causa nazista (T8), até uma intensa vontade de não mais existir, de não levar uma vida cotidiana ou, como disse a autora do T12: "*pensar, pagar contas, resolver problemas*". São motivações suicidas que destacam uma

insatisfação com o mundo atual, seja pela adesão ao radicalismo ideológico ou pela queda das responsabilidades e dos problemas que caracterizam a vida moderna.

Assim, mais uma vez, no subsistema de Atitude, o Afeto toma a maior parte das avaliações. Esse subsistema reforça a dimensão pessoal dos argumentos suicidas, destacando o impacto das questões sociais, culturais e psicológicas sobre a percepção de pertencimento, propósito e existência. Essas avaliações não apenas ilustram a insatisfação, mas também configuram um diálogo interno e externo que busca sentido em meio a um contexto de desesperança.

A predominância do Afeto também demonstra como o discurso se estrutura em torno de sentimentos intensos e dicotômicos, que frequentemente indicam uma tentativa de manifestação e negligência. Essa perspectiva reforça o papel central das emoções na construção do significado e no impacto das mensagens, estabelecendo um vínculo entre as motivações subjetivas e o contexto sociopolítico que as influencia. Assim, no extrato do discurso, notamos que essas avaliações não refletem apenas uma insatisfação com o mundo atual, mas também configuram um espaço de análise crítica, no qual as dimensões emocionais e ideológicas se entrelaçam para revelar os dilemas humanos em suas formas mais profundas.

Pela primeira vez na análise das mensagens coletadas, identificamos expressões avaliativas que se enquadraram no subsistema de Julgamento direcionado ao próprio comportamento dos autores, com ênfase nos polos positivos, conforme os preceitos de Martin e White (2005). Esse aspecto destaca uma autocrítica favorável e a autoafirmação por parte dos escreventes, o que merece atenção. Entre os exemplos observados, sobressaem o T6 e o T12. No caso do T6, o autor declara que sua escrita é o único formato disponível para defender-se de acusações políticas feitas contra ele, revelando uma tentativa de explicação e validando suas ações diante das situações apresentadas. Já no T12, a autora demonstra uma postura de conformidade com a decisão tomada, revelando-se serena e "em busca de Deus", expressando confiança de que encontrará o conforto espiritual de que necessita.

Esses exemplos salientam uma perspectiva menos comum nas mensagens, em que os autores não apenas justificam as suas escolhas, mas também procuram legitimá-las com base em valores pessoais ou superiores. O autor do T6, ao utilizar a escrita como ferramenta de defesa, atribuiu-lhe as mesmas características de integridade e justiça, enquanto a escritora do T12 manifesta uma flexibilidade do destino como parte de um propósito maior, mostrando

confiança em sua conexão espiritual e em um julgamento divino positivo. Essas manifestações positivas de julgamento sugerem uma busca de validação interna ou externa, que transcende a simples expressão de sentimentos. Em ambos os casos, há uma tentativa de reconciliação das ações próprias com um sistema de valores, seja por meio da luta contra reivindicações externas ou pela busca de redenção espiritual. Tal dinâmica ilustra a complexidade emocional e ideológica das mensagens, nas quais os autores, mesmo diante de decisões extremas, buscam construir um sentido de moralidade ou propósito que legitima suas escolhas.

Como mais expressiva ocorrência da Apreciação em nossa amostra, o T17 traz referências culturais para expressar as preferências estéticas e valores pessoais do autor, evidenciando uma forte admiração pela qualidade narrativa, composicional e emocional dessas obras. Essas escolhas são indicativas de seu gosto, mas, além disso, constroem uma narrativa que conecta sua despedida a elementos culturais que ele considera importantes. O pedido específico para que uma música seja realizada reflete um desejo de criar uma conexão emocional com aqueles que leriam sua mensagem, indicando um ato simbólico que transcende o momento da despedida. Considerando o método escolhido para sua partida, é possível inferir que tal pedido não está relacionado a rituais tradicionais, mas sim a uma experiência reflexiva e íntima, destinada a reforçar o impacto de sua mensagem final.

No Grupo 2, percebemos uma quase total ausência do posicionamento monoglóssico no sistema de Engajamento. Essa característica permite interpretar que as mensagens de adeus não se estruturam como uma "voz única" e inflexível, que busca oferecer uma visão indiscutível. Pelo contrário, os textos analisados apresentam uma abertura ao diálogo implícito, possibilitando a presença de outras opiniões, interpretações ou perspectivas. Essa característica dialógica torna os discursos mais inclusivos, favorecendo um espaço no qual múltiplas visões podem coexistir, mesmo que de forma indireta, nas mensagens analisadas.

Nesse contexto, o uso limitado do posicionamento monoglóssico adquire um significado relevante. Quando os textos recorrem a esse tipo de construção, eles procuram fechar qualquer possibilidade de diálogo ou questionamento sobre as ideias apresentadas. No entanto, a predominância da Heteroglossia nas mensagens sugere que os autores frequentemente optam por um discurso mais aberto e reflexivo, permitindo a interlocução com outras posições, mesmo que implicitamente. Essa escolha revela a complexidade das narrativas, marcadas por uma

tentativa de dialogar com valores, crenças ou interpretações que transcendem o discurso individual.

Atuando essencialmente na Atitude, a Gradação é usada pelos autores para amplificar sentimentos, emoções e julgamentos, atribuindo maior peso às avaliações realizadas. Seja na expressão de afeto, ao intensificar dores, seja no julgamento moral de si mesmos ou de outros, a Gradação permite construir um tom mais enfático e envolvente. Esse mecanismo é, então, usado para reforçar o impacto emocional das mensagens, evidenciando a profundidade e a complexidade das avaliações realizadas e ressaltando as dimensões subjetivas presentes nas mensagens.

O *Grupo 3 – causas patológicas* traz mensagens de adeus de pessoas nas quais nós pudemos, textual ou contextualmente, identificar traços de problemas de saúde física e/ou mental. Reconhecemos que a doença mental pode limitar a capacidade do indivíduo de tomar decisões, fazendo do suicídio patológico uma ação influenciada pela condição, e não uma escolha deliberada, consoante Sonnenreich e Bassit (1979).

Contudo, nem todos os suicidas são diagnosticados com transtornos mentais. Além disso, doenças físicas, apesar de não elevarem diretamente o risco de suicídio, podem desencadear fatores psicológicos, agravando transtornos preexistentes. Nas mensagens analisadas no Capítulo VII, então, sentimentos de solidão, culpa e dor insuportável aparecem como gatilhos principais, frequentemente associados a transtornos como depressão e ansiedade. Temas como o isolamento causado pelo estigma e o peso de conflitos internos, ligados à sensação de inadequação ou fracasso, evidenciam a dificuldade de lidar com a dor emocional e a busca frustrada por alívio.

Em relação à Atitude, a infelicidade, como componente do subsistema de Afeto, aparece mais nesse subgrupo por se manifestar de forma intensa e recorrente nas mensagens, evidenciando sentimentos de tristeza profunda, solidão e desesperança. Esses estados emocionais não apenas refletem o sofrimento interno dos autores, mas também são usados para justificar suas decisões, como a de não querer mais viver sem determinada companhia (T11), a da desistência de tudo após múltiplas frustrações (T15) e a de reconhecer que a morte voluntária é o único alívio para dores físicas e emocionais (T11 e T22). A infelicidade, nesse contexto, vai

além de uma emoção isolada; ela permeia as narrativas como um eixo central, funcionando como um elemento estruturante que reforça o tom melancólico e a gravidade das avaliações presentes nos textos.

Nesse panorama, o Julgamento destaca-se nesse subgrupo ao revelar avaliações que oscilam entre autocrítica e crítica externa. No julgamento de si, observa-se a admissão de falhas, arrependimentos e sentimentos de culpa, no eixo da incapacidade. Por outro lado, o julgamento dos outros aparece em avaliações que atribuem responsabilidade a terceiros, como familiares, amigos ou à sociedade, que, a exemplo do que é contado pelo autor do T15, podem julgar alguém nessas condições ao invés de oferecer algum apoio. Essas manifestações revelam como o comportamento, tanto individual quanto alheio, é avaliado de forma ética e moral, sendo utilizado para justificar ou contextualizar as decisões expressas nas mensagens.

O Engajamento, nesse contexto, evidencia-se por meio de estratégias como Negação, Contraexpectativa, Pronunciamento, Confirmação de Expectativa, Endosso, Evidência e Reconhecimento, que ajudam a moldar a forma como os locutores articulam suas ideias, seus sentimentos e suas experiências. Ao utilizarem essas categorias, os enunciadores não apenas comunicam sua perspectiva, mas também criam uma conexão dialógica com o interlocutor.

Para exemplificar a afirmação anterior, a Negação aparece para refutar qualquer possibilidade contrária à morte voluntária (T11; T19) e para eximir algumas pessoas da culpa (T18), enquanto a Confirmação de Expectativa e o Endosso reforçam a legitimidade das suas emoções ou decisões (T10; T11). Já o uso de Evidência e Reconhecimento (T18; T22) valida as experiências narradas, convidando o leitor a reconhecer a veracidade do discurso. Esse processo revela que as mensagens não são apenas desabafos, mas sim convites implícitos ao diálogo, mesmo que o destinatário nunca venha a responder diretamente. Entretanto, dadas as circunstâncias, parece-nos que os escreventes não mais esperam por uma reversão desse quadro, mas sim por uma resposta de solidariedade. Assim, o Engajamento transcende a mera transmissão de informações e ativa uma interação potencial, criando espaço para que os interlocutores possam refletir e tentar compreender o que é compartilhado.

Por fim, a Gradação, nesse grupo de mensagens, desempenha um papel essencial na intensificação dos significados relacionados ao subsistema de Atitude. Por meio de construções

que variam entre o aumento ou a diminuição da intensidade emocional, os enunciadores enfatizam o peso de suas experiências, destacando sentimentos como dor, desesperança e frustração de maneira gradativa.

Algumas considerações finais devem, portanto, ser feitas sobre o desempenho da análise da AVALIATIVIDADE nos três grupos, especialmente no que diz respeito à maneira como os subsistemas da Atitude, do Engajamento e da Graduação contribuíram para desvendar nuances importantes nos textos analisados:

- Apesar de receberem o nome de mensagens de adeus, nem todas as mensagens possuem um "adeus", de fato, explícito. Mensagens como o T14 e o T19, por sua extensão e suporte de divulgação, não recebem elementos tradicionais de despedida. Ainda assim, através do teor do texto e das avaliações realizadas, podemos enquadrá-las nessa esfera, acrescentando a multiplicidade de elementos que um texto nativo digital pode ganhar;

- As particularidades de cada texto os tornam únicos dentro desse grande grupo. Ainda assim, há elementos que têm uma maior recorrência dentro das mensagens de adeus analisadas, tais como a atribuição/o retiramento de culpa do interlocutor e um motivo que, em maior ou menor escala de detalhes, aparece textualmente;

- Com base em nossa amostra, entendemos que as mensagens de adeus são predominantemente polifônicas. Sendo assim, a Heteroglossia enquanto recurso discursivo, manifesta-se de forma expressiva nesses textos, evidenciando a presença de múltiplas vozes e perspectivas que dialogam entre si;

- As categorias que foram analisadas nos capítulos V, VI e VII são, exclusivamente, da AVALIATIVIDADE, estabelecidas pelos subsistemas que a compõem. Ressaltamos que essas categorias se realizam a partir de elementos léxico-gramaticais, mas, em nenhum momento, foi nosso objetivo examinar o comportamento de determinados elementos, como processos, no extrato discursivo.

8.1 E AGORA, O QUE FAZER?

Após passarmos tantos anos e tantas páginas nos debruçando e escrevendo sobre o complexo fenômeno do suicídio, é possível perceber a tensão entre compreendê-lo como um fenômeno que envolve aspectos psicológicos, sociais e culturais, e a necessidade urgente de políticas de prevenção que tratem não apenas as causas, mas também os fatores de risco que podem levar ao ato. O estudo do suicídio ajuda-nos a entender as facetas desse comportamento, a importância de um diagnóstico preciso e a identificação de sinais precoces. O debate sobre sua prevenção exige ações concretas que sinalizam que o desafio não está apenas em explicar, mas também em intervir de maneira eficaz para reduzir a incidência do suicídio.

Em entrevista ao *podcast O assunto*, do G1, Pedro Pan, do Instituto Abra sua Mente, fala sobre os sobreviventes enlutados. Nessa perspectiva, cada suicídio produz várias vítimas. Familiares, amigos e até a comunidade em geral podem sofrer um luto complexo, marcado pela culpa, pelo estigma e pelo silêncio que muitas vezes cercam o tema. Esses sobreviventes enlutados podem passar por um processo doloroso de reconstrução emocional, enfrentando sentimentos de impotência, questionamento e, muitas vezes, dificuldade de buscar ajuda devido ao estigma relacionado ao suicídio.

Trigueiro (2020, p. 31) ressalta que dados estatísticos, como os da Fiocruz Bahia que atestam que a maioria dos suicídios ocorre entre pessoas jovens e que a autolesão ocorre entre pessoas entre 10 e 24 anos – “não expressam com a devida precisão a realidade dos fatos”. Os números podem não refletir adequadamente a diversidade de fatores que influenciam esses comportamentos, como questões emocionais, sociais, culturais e contextuais. Além disso, a subnotificação e a dificuldade em classificar com precisão as causas de morte em muitos casos podem resultar em uma visão distorcida da realidade.

Nesse contexto, as mensagens de adeus enquadram-se como manifestações simbólicas que podem revelar as complexidades emocionais e sociais envolvidas no suicídio, ao mesmo tempo em que reforçam a necessidade de abordagens mais humanas e integradas para compreender e prevenir o fenômeno. Elas são testemunhos importantes do sofrimento psicológico, das relações interpessoais e dos fatores que culminaram no autoaniquilamento.

Nossa pesquisa mostrou que esses documentos podem oferecer pistas sobre os fatores desencadeantes do suicídio, para além das causas sentimentais, patológicas e sociais. Há mais fatores envolvidos na motivação suicida que nossa pesquisa não conseguiu contemplar. Entretanto, elas também podem alimentar sentimentos de culpa ou arrependimento entre aqueles que as recebem – os já mencionados sobreviventes.

A simples existência dessas mensagens, em tão grande quantidade, reforça a necessidade de ações preventivas que vão além da identificação de fatores de risco e sinais de alerta. Assim, promover um diálogo aberto sobre saúde mental é fulcral, bem como construir redes de apoio emocional e combater o estigma em torno do suicídio, para que as pessoas se sintam acolhidas e possam expressar seu sofrimento antes que ele se torne insuportável, como vimos na grande maioria dos 23 textos analisados.

Por essas razões, acreditamos e defendemos que é muito importante promover um debate franco sobre essa temática. As mídias desempenham um papel essencial nessa missão, uma vez que elas podem disseminar informações corretas e acessíveis e promover um diálogo aberto sobre saúde mental. Contudo, "na maioria absoluta dos veículos de comunicação, prevalece o entendimento de que as notícias sobre suicídio podem precipitar a ocorrência de novos casos" (TRIGUEIRO, 2020, p. 40). Assim, pouco é comentado na mídia a esse respeito.

Por isso, torna-se indispensável um equilíbrio na abordagem midiática sobre o suicídio. É preciso superar o silêncio em torno do tema, sem, no entanto, desconsiderar as diretrizes éticas e técnicas que visam prevenir possíveis efeitos negativos. A disseminação de informações de maneira responsável, com a inclusão de relatos de superação e a apresentação de canais de apoio e prevenção, pode contribuir para reduzir o estigma e encorajar aqueles que precisam de ajuda a buscarem suporte.

Compreendemos, nessa perspectiva que espaços como as redes sociais devem se apresentar como espaços de escuta e não de julgamento para essas pessoas. Para que isso seja efetivado, é necessário que haja um esforço coletivo para promover uma cultura digital mais acolhedora e respeitosa. Isso inclui a criação de campanhas educativas que estimulem a empatia e a compreensão das vivências alheias, bem como a moderação ativa contra os discursos de ódio e os comentários prejudiciais, uma vez que o *cyberbullying* é tido como uma das causas

para o suicídio, bem como situações de exposição indesejada nas redes, como o caso das jovens autoras do T13 e do T14.

Outro fator que deve ser levado em consideração são fatores sociais de risco para a morte voluntária. Vimos, em nossa análise, que dois dos escreventes de nossas mensagens de adeus (T15 e T18, respectivamente), foram funcionários da Polícia Militar. Isso nos chama atenção para um dado alarmante: a taxa de suicídio entre policiais civis e militares foi oito vezes maior do que na população geral, tornando-se a principal causa de morte entre esses profissionais, superando mortes em confrontos durante serviço ou folga (LIMA; BARROS, 2024)[12]. A sobrecarga de trabalho, a exposição contínua à violência, baixos salários e condições precárias de trabalho são fatores apontados como responsáveis por número assustador.

Além dos policiais, há diversos fatores sociais que representam "fatores de risco" para o suicídio, afetando diferentes grupos populacionais. Esses fatores são frequentemente relacionados a desigualdades, exclusão social e dificuldades econômicas, agravados por condições de vulnerabilidade. Com base nas análises feitas neste trabalho e em pesquisas prévias à realização desta, podemos compreender que grupos específicos – como adolescentes e idosos – e pessoas que vivenciaram situações de violência e discriminação podem desencadear pensamentos suicidas, bem como pessoas que passaram por experiências de desemprego ou precariedade financeira, término recente de relação amorosa e isolamento social.

Entendemos que este trabalho, por ser de divulgação científica, é, sim, um meio através do qual esse assunto é levado ao debate. Essa discussão, nas muitas páginas anteriores, alcançou o plano da linguística na perspectiva sistemicista. Entendemos que vários desdobramentos podem ser vislumbrados, contemplando outras áreas dos estudos da linguagem e, consequentemente, outras áreas da ciência. Além de uma riquíssima fonte de dados para análise linguística, as mensagens de adeus constituem uma materialização de um processo, muitas vezes lento e desgastante, de incertezas, de experiências frustradas, de angústias e de inquietações vividas por esses indivíduos.

[12] https://veja.abril.com.br/brasil/casos-de-suicidio-entre-policiais-disparam-no-brasil-e-acendem-alerta. Acesso em 23/11/2024

Então, sabendo que boa parte dos suicídios não são súbitos, entendemos que há formas de evitá-los. Nossos escreventes nos contaram processos angustiantes que levaram algum tempo, em maiores ou menores proporções, até a concretização trágica do ato suicida. Com isso, queremos dizer que essas pessoas dão sinais. Esses sinais, reflexos do sofrimento experienciado, podem incluir mudanças comportamentais ou falas que indicam intenção ou ideação suicida. O reconhecimento desses sinais é essencial para a prevenção, permitindo intervenções que podem salvar vidas.

Assim, levando esta pesquisa para além do âmbito acadêmico, faz-se cada vez mais relevante saber reconhecer esses sinais nas pessoas ao nosso redor, nos nossos familiares, nos amigos, nos vizinhos, nos nossos alunos e nos colegas de trabalho e de classe. Levemos, portanto, essa perspectiva ao nosso cotidiano, fortalecendo nossa empatia e construindo ambientes mais acolhedores. Somente com o fortalecimento de comunidades mais solidárias, as angústias e os sentimentos conflitantes poderão ser mais ouvidos em vida, e não somente em mensagens de quem não pode mais nos ouvir.

A vida é bela, só nos resta viver. (Ângela Ro Ro)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A. S. D. P. **Comentários em blogs de professores de inglês: uma análise do sistema de AVALIATIVIDADE**. DELTA (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada). PUCSP (Impresso), v. 34, 2018, p. 122-204.

_____. **Os recursos léxico-gramaticais de atitude no discurso de dois professores universitário**s. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) PUCSP, 2008.

ALMEIDA, F. A. S. D. P.; Vian JR., O. **Estudos em AVALIATIVIDADE no Brasil**: panorama 2005-2017. Signótica, v. 30, n. 2, abr./jun. Goiânia: 2018, p. 273-295.

ALMEIDA, F. M. **O suicídio**: contribuições de Émile Durkheim e Karl Marx para a compreensão desse fenômeno na contemporaneidade. AURORA (UNESP, MARÍLIA), v. 11, 2018, p. 119-138.

ANDRÉ, W. **Sobre o conceito de suicídio**. Estação Literária, v. 20, 2017, p. 154-174.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf. Acesso em: 19/07/19.

ASSIS, F. A. **Gêneros textuais nos livros didáticos de Geografia**. Dissertação (mestrado) — Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília: 2017, p. 37.

AZEVEDO, M. K.; MELLO NETO, G. A. R. **O Desenvolvimento do Conceito de Pulsão de Morte na Obra de Freud**. Subjetividades, v. 15, 2016, p. 67.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.

BARBAGLI, M. **O suicídio no oriente e no ocidente** (tradução de Frederico Carotti). Petrópolis: Vozes, 2019, p.8-407.

BARBOSA, B. A.; TEIXEIRA, F. A. F. C. **Perfil Epidemiológico e Psicossocial do suicídio no Brasil**. RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT, v. 10, p. e32410515097, 2021, p. 5.

BARBOSA, M. R. S. A. **Conte uma história**: um estudo de gênero na escola sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2009, p. 187.

BARROS, A. C. A. **Quando se fala de ser mulher, de quem se está falando?** Uma análise sob a ótica da AVALIATIVIDADE. Tese (Doutorado em Linguística). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2022, p. 212.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. Tradução: Benedito Gomes Bezerra. 1. ed. são Paulo: Parábola, 2013, p. 48-52.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, Tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005, p.38.

BELÉM. K. J. B. **A aceitação da carta suicida como modalidade de testamento particular**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Instituto Brasileiro de Ensino, desenvolvimento e Pesquisa. Brasília: 2017, p. 66.

BERTOLOTE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção** (recurso eletrônico / Jose Mánoel Bertolate: Apresentação Diego De Lima, 2017.

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BORBA, L. O.; FERREIRA, A. C. Z; CAPISTRANO, F. C.; KALINKE, L. P.; MAFTUM, M. A; MAFTUM, G. J. **Fatores associados à tentativa de suicídio por pessoas com transtorno mental.** REME. Revista Mineira de Enfermagem, v. 24, 2020, p. e-1284.

BORGES, J. L. **Ficções**. Tradução Carlos Nejar. 1. ed. Porto Alegre: Abril Cultural, 1972, p. 166.

BOTEGA, N. J. **Comportamento suicida**: epidemiologia. Psicologia USP [online]. 2014, v. 25, n. 3, p. 231 -236.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. *In*: SEBEOK, T. A. **Style in Language**. Massachusetts: Ed. MIT Press, 1960, p. 253-276.

BRUNHARI, M. V.; DARRIBA, V. A. **Não te matarás**: suicídio, prevenção e psicanálise. Estudos de Psicanálise (Impresso), v. n.34, 2010, p. 63-70.

BTESHE, M. **O suicídio na mídia**: reflexões para o cuidado em saúde mental. RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, v. 12, 2018, p. 252-257.

BUTLER, J. **Bodies that matter:** on the discursive limits of sex. New York: Routledge, 1993.

CAMARGO, I. B. Suicídio e Ética. *In*: ALVES, L. C. A. (org.). **Ética e Psiquiatria**. São Paulo: Conselho Regional de Medicina de São Paulo, 2007, p. 12-147.

CATELÃO, E. M. **Quando se perde o sentido da vida**: valores em textos de suicidas. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, v. ago., 2019, p. 47-67.

CATELÃO, E. M. **Revelando motivos: a argumentação de suicidas sob as perspectivas retóricas e textual-disvursivas**. Tese (Doutorado em Linguística). UFPR. 2013, p.25-163.

CECCHIN, A. S.; GERHARDT, C. C.; KHUN, M. I. B. Sistema discursivo de AVALIATIVIDADE. *In*: FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução aos sistemas discursivos em linguística sistêmico-funcional** [recurso eletrônico]. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, PPGL, 2023, p. 117.

CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. P. Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 10.

CHURTON, T. **O beijo da morte**. São Paulo: Madras, 2009, p. 110.

CRUZ, O. M. S. S. **Contração ou expansão?** Posicionamentos em pareceres de revista científica sob a perspectiva sistêmico-funcional. Letras, Santa Maria, v. 25, n. 50, jan./jun., 2015, p. 106-332.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo** – Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DURKHEIM, E. **O Suicídio**: Estudo Sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London: Pinter Publishers Ltd., 1994

EHRMAN, B. D. **Quem Jesus foi**: Quem Jesus não foi? Mais revelações inéditas sobre as contradições bíblicas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010, p. 60-61.

FALK, P. F. **Suicídio e medicina**: o suicídio visto pelo saber médico durante a década de 1920. ***Saeculum*** (UFPB), v. 31: 2014, p. 169-187.

FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética do Jornalismo Brasileiro**. Disponível em: http://portalimprensa.uol.com.br/revista/edicao_mes.asp?idEdicao=3&idMateriaRevista=33. Acesso em 26 de junho de 2022.

FERREIRA, R. S.; MARTIN, I. S.; ZANETTI, A.C.G.; VEDANA, K.G.G. N**otícias sobre suicídio veiculadas em jornal Brasileiro**. Ciência & Saúde Coletiva, v. Internet, p. 01, 2019.

FREITAS, E. C.; BARTH, P. A. **Gênero ou Suporte?** O Entrelaçamento de Gêneros no Twitter. Revista (Con) Textos Linguísticos (UFES), v. 9, 2015, p. 08-26.

FREITAS, K. N. **Por que matar-se**? "cartas de despedida" de suicidas à luz da psicanálise. Trabalho de Conclusão de Curso, UFCG. Campina Grande, PB: 2018, p.14-39.

FREUD, S. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. *In*: FREUD, S. Volume XI. **Obras Completas**. (Obra originalmente publicada em 1910). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 24-25.

FUZER, C. **Realizações Linguísticas e Instanciação de Gêneros na Perspectiva Sistêmico-funcional**. DELTA (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), v. 34, 2018, p. 269-304.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução aos sistemas discursivos em linguística sistêmico-funcional [recurso eletrônico**. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, PPGL, 2023, p. 26-120.

GERCHMANN, A.; ANTUNES, C. A. **O suicídio na era do espetáculo: a respeito dos massacres nas escolas.** *Rev. bras. psicanálise* [*online*], vol.53, n.4, 2019, p.103-116.

GERMANO, M. S. P. **O sistema de transitividade de Halliday**: aplicação a "I Spy" de Graham Greene. Revista de Letras, n. 19 – jan./dez, 1997, p. 68-76.

GERONIMO JUNIOR, C. T. **Epitáfios de papéis ou suicídio como mensagem**. Um Estudo de cartas de suicídios em Ponta Grossa 1971-1985. 2006. 35f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2006, p. 13.

GIERING, M. E.; PINTO, R. **Discurso digital nativo e a noção de textualidade**. (CON)TEXTOS LINGUÍSTICOS, v. 15, 2021, p. 30-47.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa**: Tipos Fundamentais. ERA – Revista de Administração de Empresas, mai/jun, v. 35. São Paulo: 1995, p. 20-29.

GOETHE, J. W. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Editora Abril, 2010.

GOMES, V. S. **Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos**: da forma ao sentido. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

GONÇALVES RAMOS, A. **As (diferentes) funções da linguagem**: contribuições de Jakobson e Vygotsky. Revista Memento, v. 4, 2013, p. 01-14.

GOULARTE, B. S. P. **Textão do Facebook:** Análise de uma nova modalidade textual. Monografia. Brasília: UnB, 2017, p. 10.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: uma introdução à linguística sistémico-funcional. Rio de Janeiro: Matraga, v.16, n. 24, jan/jun, 2009, p. 14-15.

GURGEL, C; JUSTEN, A. **Estado de bem-estar social no Brasil: uma revisão ou a crise e o fim do "espírito" de Dunquerque**. Cad. EBAPE.BR, v. 19, nº 3, jul/set. Rio de Janeiro: 2021.

HALLIDAY, M. A. K. & MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. 3rd. edition, London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to funcional gramar**. London: Edward Arnold, 1985.

_____. **Language as social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HARTMANN, I. A. Regulação da internet e novos desafios da proteção de direitos constitucionais: o caso do *revenge porn*. **Revista de Informação Legislativa**: RIL, v. 55, n. 219, p. 13-26, jul./set. 2018. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/55/219/ril_v55_n219_p13>.

HWANG, E.; Kovács, M. J. **Suicídio por contágio e o papel das mídias de comunicação em massa**. Revista M: estudos sobre a morte, os mortos e o morrer, v. 4, 2019, p. 77-100.

IKEDA, S. N. O julgamento na argumentação de um editorial. *In*: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A de. ALMEIDA, F. S. D. P. (org.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 167-188.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. *In*: LOBO, T; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs.) **Para a história do português brasileiro** (Tomo II). Salvador: EDUFBA, 2006.

KANT, Immanuel. **A Metafísica dos Costumes** [1797]. Trad. bras. Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2008.

KHUN, M. I. B. **Gêneros da família de reações a texto em uma coleção de livros didáticos de língua portuguesa**: estudo na perspectiva sistêmico-funcional da linguagem. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria: 2020, p. 193.

KOCHE, V. S.; BOFF, O. M, B.; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual**: gêneros textuais do argumentar e expor. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LA TAILLE, Y. de. **Moral e ética**: uma leitura psicológica. Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB. Impresso), v. 26, 2010, p. 105-114.

LABOV, W. Building on empirical foundations. *In*: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). Perspectives on historical linguistics. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1982. *In*: MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da língua(s).** Linguística (Porto), v. 3, 2008, p. 39-53.

_____. **Language in the Inner City**. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Principles of Linguistic Change**. Internal Factors. Cambridge, Massachusetts/Oxford: Blackwell Publishers, v. 1, 1994.

LACAN, J. **Le séminaire***: Livre 10: L'angoisse*. Paris: Seuil. (Originalmente publicado em 1962-1963), 2004.

LEVENSON JL, BOSTWICK JM. Suicidality in the medically ill. **Primary Psychiatry**. 2005 Mar 1;12(3):16-18.

LIBÓRIO, A. S.; CUNHA, S. A. **Suicídio e psicologia existencial**. Disponível em https://fsssacramento.br/arquivos/trabalhos/psi/tcc2.pdf. Acesso em 08 de agosto de 2023.

LIMA-LOPES, R. E.; VIAN JR., O.; VIAN JR., O. Resenha do livro **The language of evaluation - appraisal in English**. Revista DELTA, vol. 23, no. 2. São Paulo: EDUC - Editora PUCSP, 2007, p. 371-381.

LIMA, F. O. A. **Achei que a hora era essa**: O suicídio nas cartas de adeus (ISSN: 1807-6971). Fenix: Revista de História e Estudos Culturais, v. 12, p. 1, 2015, p. 4-12.

LIMA, I. L. O. **Análise de tweets à luz do Subsistema de Atitude** - Mulheres e contracepção. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023, p. 36-40.

LINDE, C. Evaluation as linguistic structure and social practice. *In*: B.L. Gunnarsson, P. Linell & B. Nordberg (Eds.). **The Construction of Professional Discourse**. London: Longman, 1997.

LOPES, C. R. S. **Tradição Discursiva e Mudança no Sistema de Tratamento**: definindo perfis comportamentais no início do século XX em cartas do RJ. Revista Alfa. São Paulo, 55 (2): 2011, p. 361-392.

LOPES, F. H. **Suicídio e saber médico**. Estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

LOVATO, C. S. **Avaliação na linguagem**: configuração e função do subsistema de engajamento em notícias de popularização científica. Cadernos do IL, n. 38. Porto Alegre: 2009, p. 155-165.

MAAR, ALEXANDER. **'É para o seu próprio bem'**: a dimensão ética das ferramentas de detecção de risco de suicídio e da intervenção paternalista. GRIOT, v. 22, 2022, p. 95-116.

MAIA, A.C. **O suicídio na perspectiva psicanalítica**. Disponível em: https://blog.psicologiaviva.com.br/suicidio-na-perspectiva-psicanalitica/ acesso em 12 de julho de 2023.

MARCUZZO, P.; RADUNZ, A. P. **Análise Crítica de Gênero**: uma análise de um teste de proficiência em inglês como língua estrangeira. Fórum Linguístico, v. 16, 2019, p. 3642-3654.

MARTELOTTA, M. & KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: FURTADO da CUNHA, M. et al. (Org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. SP: Parábola. 2015, p. 11-20.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse - Meaning beyond the clause**. London and New York: Continuum, 2003, p.22-54.

MARTIN, J. R. Analysing Genre: Functional Parameters. In: CHRISTIE, F., MARTIN, J. R. (orgs.) **Genre and Instituitions**: Social Processes in the Workplace and School. London: Cassell, 1997, p.

_____. **English text – System and structure**. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R.R. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005, p 31-50.

MARTINS, F. S. B. **Suicídio**: a epidemia calada. Org. de Maria Cristina Stefano. São Paulo: Ofício das Palavras, 2014.

MARX, K. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MATTOS E SILVA, R. V. **Para a história do português brasileiro**. Primeiros estudos, v. 1.2005. Sâo Paulo: Humanitas, 2001, p.13-67.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico**. Vol. 52, n. 53: Mortalidade por Suicídio e Notificações de Lesões Autoprovocadas no Brasil. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrai-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletm_epidemiologico_svs-33_final.pdf/view. Acesso em 29 de agosto de 2002.

MIRANDA, M. V.; OLIVEIRA, A. L. A. M. **O uso de processos existenciais no domínio acadêmico**: uma análise com base em corpus de artigos científicos. Revista do GEL, v. 17, n. 1, 2020, p. 160-188.

MOSSÉ, C. **Atenas**: A História de uma Democracia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

MOTTA-ROTCH, D. SCHERER, A. S. **Expansão e contração dialógica na mídia**: intertextualidade entre ciência, educação e jornalismo. D.E.L.T.A., 28. Especial: 2012, p. 639-672.

MUNIZ DA SILVA, E. C. **Ciclo de aprendizagem baseado em gêneros**. Linguagem. Estudos e pesquisas (UFG), v. 19, 2015, p.19-36.

MURAD, C. R. R. O. **O Funcionalismo e o Gerativismo**: principais características e expoentes. Nucleus (Ituverava), v. 8, 2011, p. 345-352.

NETO SOBRINHO, P. S. **A traição de Judas: uma história mal contada. 2004.** disponível em: http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5- assuntos-biblicos/102-a-traio-de-judas-uma-histriamal-contada-livro-v50. Acesso em: 01 fev. 2021.

NEVES, M. H. M. A oração e o texto: em vista os suportes teóricos de análise. *In*: CUNHA, M. A. F., org. A **Gramática da oração**: diferentes olhares. Natal: EDUFRN, 2015, p. 15-42.

NININ, M. O. F.; BARBARA, L. **Engajamento na perspectiva linguística sistêmicofuncional em trabalhos de conclusão de curso de Letras**. Revista Trabalhos em Linguística Aplicada, n. 51.1, jan/jun. Campinas: 2013, p. 127-146.

NUNES, G. G.; CABRAL, S. R. S. **Julgamento como categoria avaliativa**: o desempenho de Dilma Rousseff em foco. (Con)textos Linguísticos, v. 7, 2013, p. 81-96.

OCHS, E. **Language has a heart**. Text - Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse. Mouton de Gruyter Publishers. 1989.

OLIVEIRA, D. M. O **Sistema de AVALIATIVIDADE**: aspectos teóricos e práticos. Revista Fórum Identidades, v. 15, n. 15, jan/jun. São Cristóvão: 2014, p. 245.

OLIVEIRA, T. P; HIRATA-VALE, F. B. M. **A condicionalidade como zona conceitual**. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 33, 2017, p. 291-313.

PAGANO. A. S. **Modelagem da linguagem e do contexto na teoria sistêmico-funcional**. REVISTA DA ABRALIN, v. 19, 2020, p. 25-49.

PAPA, S. M. B. I. **O professor reflexivo em processo de mudança na sala de aula de língua estrangeira**: caminhos para a autoemancipação e transformação social. Tese (Doutorado em

Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2005.

PATCHIKI, L. **Últimas palavras...** A carta de suicídio como fonte histórica. Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente. UDESC. Florianópolis: 2014, p. 9-14.

PAVEAU, M. A.; SAFARTI, G. E. **As grandes teorias da lingüística**: da gramática comparada à pragmática. Tradução de M. R. Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PESSOA, Marlos de Barros. Da carta a outros gêneros textuais. *In*: LAMOGLIA, Maria Eugênia & CALLOU, Dinah *et. al*. (Orgs.). **Para a história do Português brasileiro. Notícias de corpora e outros estudos** – vol. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2002, 197-205.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates, Eutífron, Críton**. Tradução de André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2008.

POYNTON, C. **Language and Gender**: Making the Difference. Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1985.

PUENTE, F. R. O suicídio e a filosofia. *In*: _____ (org). **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, pp. 9-60.

RABELO, E. A. **A morte de si por escrito**: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo. São Paulo: 2019, p. 221.

ROUSSEAU, J.J. **Ouvres complètes**. Tomo I, II, III, IV e V. Paris, Bibliothèque de la Pléiade, 1959-1995.

_____. **Júlia ou A Nova Heloísa**. Campinas: Hucitec, 1994.

RO RO, Ângela. **Só nos resta viver**. Rio de Janeiro: Universal Music Ltda., 1980, 3:21 min.

SACH, Alan. Não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje. **Um Mês para Viver**. Ago./2009. Disponível em: https://30diasparaviver.wordpress.com/2009/08/17/nao-deixe-para-amanha-o-que-voce-pode-fazer-hoje-ec-09-10/. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

SANTOS, U. C. L.; LIMA, A. C. S.; MACEDO, J. N.; BIAZUSSI, H. M. **Vulnerabilidade psicológica e transtorno de ansiedade generalizada**: do diagnóstico ao tratamento de ansiedade generalizada. **JNT** - Facit Business and Technology Journal, v. 2, 2020, p. 104.

SANTOS, A. L; CARMO, C. M. **Epítetos e atributos em superpoderosas:** uma abordagem sistêmico-funcional à luz do Sistema de Avaliatividade. Revista Prolíngua, v. 6, n. 2, jan./jun. 2011, p. 38-51.

SANTOS, M. A.; MUNIZ, M. I. A.; MARQUESI, R. A. **Marcas linguística em cartas de sujeito suicidas: significações e subjetividade**s. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português e Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2015, p. 47-169.

SANTOS, Z. B. A linguística sistêmico-funcional: algumas considerações. **Só Letras** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ. Rio de Janeiro, volume 2, n. 28, jul./dez, 2014, p. 164-181.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SHNEIDMAN, Edwin. **Autopsy of a suicidal mind**. New York: Oxford University Press, 2004, p. 12.

SILVA, H. S.; GRIFFO, M. R. A. **"Não é hora para aventuras"**: análise de um editorial sob o viés do Sistema de AVALIATIVIDADE em seus subsistemas de Atitude e Engajamento. Palimpsesto, Rio de Janeiro, v. 23, n. 44, jan/abr, 2024, p. 121-143.

SILVA, A. G. **Cartas de Amor Pernambucanas da primeira metade do século XX**: uma análise do subgênero. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 5, n. 2, 2017, p. 199-215.

_____. **Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas do século XX**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2018, p. 14-64.

SILVA, A. G.; GOMES, V. S. **Correspondências entre amigos pernambucanos da primeira metade do século XX**: tradição discursiva e ensino**.** Revista do Gelne, v. 18. Recife: 2017, p. 80-104.

SILVA, R. R. **A representação do suicídio na série 13 Reasons Why**: uma abordagem da Análise Crítica do Discurso. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2023. 137 p.

SONNENREICH, C., BASSIT, W. **O conceito de Psicopatologia**. São Paulo: Editora Manole, 1979.

SOUZA, K. P. F. **A Atuação da Metafunção Textual nas Cláusulas Relativas Apositivas Desgarradas**. (CON)TEXTOS LINGUÍSTICOS, v. 14, 2020, p. 412-432.

STERN, J. **Terror em nome de Deus**: por que os militantes religiosos matam. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

TEIXEIRA, R. R. **Três fórmulas para compreender "O suicídio" de Durkheim**. Interface. Comunicação, Saúde e Educação, Botucatu (SP), v. 6, n.11, 2002, p. 143-152.

TORRES, T. B. M.; FENSTERSEIFER, Liza. **O ÚLTIMO POST**: Cartas de suicídio publicadas no Facebook. PISTA: periódico interdisciplinar, v. 2, 2020, p. 147-167.

TRAVASSOS, Tarcisia; FERREIRA, Priscilla Elizabeth Silva Costa. Cartas particulares: história das pessoas, da sociedade e da linguagem. *In*: GOMES, Valéria Severina; SOARES, Thiago Nunes (Org.). **Identidade e Memória em Manuscritos e Impressos pernambucanos:** língua, história e cultura através de textos. 1ed. Recife: CEPE, 2012 (v. 1).

VARNIK, P.; SISASK, M..; VARNIK, A.; ARENSMAN, E.; VAN AUDENHOVE, C.; VAN DER FELTZ-CORNELIS, C., & HEGERL, U. **Validity of suicide statistics in Europe in relation to undetermined deaths**: Developing the 2–20 benchmark. Injury Prevention, 18(5), 2012, p. 321–5.

VIAN JR., O. **AVALIATIVIDADE, engajamento e valoração**. DELTA (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), v. 28, n. 1. São Paulo: 2012, p. 105.

_____. **Estruturas potenciais de gêneros na análise textual e no ensino de línguas**. Linguagem em (Dis)curso, v. 9, n. 2, mai/ago. Palhoça: 2009, p. 387-410. _____. Como se faz pesquisa em linguísitica sistêmico-funcional. *In*: Adair Vieira Gonçalves; Marcos Lúcio de Souza Góis. (Org.). **Trabalhando com linguística no Brasil**. 1ed.Campinas: Pontes, 2023, v. 1, p. 489-510.

WERLANG, B. S. G.; PARANHOS, M. E. **Identificación del potencial suicida en adolescentes de 13 a 19 años.** Revista Argentina de Clínica Psicológica, v. XXI, 2012, p. 281-289.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2014). **Country reports and charts available**. Recuperado de www.who.int/mental_ health/prevention/suicide/country_reports/en/ index. html.

XAVIER, C. **A linguagem tabu em contexto**: um estudo exploratório da linguagem tabu do ponto de vista das variáveis do registro. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 21, n. 1, 2021, p. 107-132.

ANEXO I: GRUPO 1 – CAUSAS SENTIMENTAIS

T2A

Imo NOIVO

Digo-lhe adeus para sempre! Sou a mulher mais desgraçada que piza o sollo criado por Deus; e devo morrer! quando receber esta carta! Eu já não existo! Mato-me porque devo morrer! este o seu único descanço neste mundo! Não é verdade? Ousa-me Imo NOIVO! Sofri um golpe tão atrás em minha vida!... que em menos de 24 horas emvelheci! Que pareço-me já um cadáver! Pensei logo em matar-me!.. quando estive escrevendo, já tenho em meu poder o veneno que devo tomar, E vou tomallo sem fazer um queixume! Meu Deus me perdoe!

Porem tenho sofrido tanto tanto que jáo não tenho coragem para rezistir!

Imo peço-lhe que não me odeia, me fez a mulher mais desgraçada que vive neste mundo! para que me queria emganar! nada mais lhe digo! o que eziste no meu quarto é seu! em sua malla seja [ilegível bem]! Junto a esta carta vai um papel que servirá para prova se opores do que está no quarto, e vai a carta dos trastes! Imo João o golpe que sofri é mortal! Adeus para sempre! Creia-me a 2 meses que vivo na emcerteza meu bom amigo! Queria illudir-me amim própria! porem cheguei ao conhecimento da verdade! e mato-me sou uma desgraçada! Adeus meu bom amigo! Adeus para sempre Adeus

Sempre a mesma J. N.

T2B

Dois de setembro 1909 as 12 horas da noite meia noite

NOIVO
Nunca fiz mau juízo de ti, mas hoje vi qual o motivo porque tivesse esse escesso e sahisses sem me dar tempo de nada! Oh meu Deus, estou morta tu me matasses! eu tenho o dinheiro, é teu já te disse sahistes como um santo o meu João, cada vez vejo o núcleo que me serca, o que me matou o Ciúme! Era toda minha demora – Morro – Morro nem me animo a te pedir nada em meu favor. Oh'NOIVO depois de estarmos ajustando o nosso cazamento! mais prova te dey senão o teu futuro do que outra coisa e me matar repentinamente, o que te digo é o seguinte não penso mais viver; porem pensa melhor meu João, vi o que fazes; se é saudade ou a tua sorte de cazar-mos, eu morro porque devo morrer: oh se odio matasse eu quando sahistes, eu cahiria fulminada. Adeus até quando o Imo quiser! assim me dissesses em tua carta: Adeus os meus dias estão contados, o dinheiro está as tuas es devo todo elle, me manda vós dizer o que devo fazer: isto se athe amanhán a noite: Domingo.. Adeus Como tínhamos combinado, diviamos nos cazar, athe fim do mês não é verdade? queres tudo depreça. **Documento 2 verso**

NOIVO
Nunca me desses um único gosto: e eu suportava! acabasses de me matar! a minha dor maior do que todos os tormentos que ezistem no mundo! Viestes hoje aqui para me acabares de matar! se eu te quero, como não havia de darte o dinheiro. Adeus Adeus para sempre Segunda-feira receberás ahi um volume, e uma carta donde deves ir receber o dinheiro que tinha reservado para ti. NOIVO morro: mesmo abandonada por ti que dolorozo momento, meu Deus! não se [ilegível]. Adeus para sempre és muito

ingrato em minha carta emcontrarás as declarações dondi deves procurar o que é teu Adeus seja feliz tudo

Adeus

Escrito ao lado da carta

Hoje tínhamos marcado o nosso cazamento, e como foi isto meu Deus. o ciúme cauza de Adeus

T3

Rio 29/10/1919

A AMIGO.

Meu amigo e à Policia do Distrito federal AUTOR si elle este a sasinato foi ou unnica culpada e FULANA morador, à Rua Pito de Azevedo n. 25 Por que dava con senlho para ella me largar para a juntar com outro da mesma marca de ella ella já matou co migo com um tiro.

ella é uma lêoa filha de pais ajuntas com o cunhado foi para isso que ella matou o FULANO, para ficar com o cunhado e meterio eu fique zangado con VÍTIMA de fazer ella tendo minha miga q-mais en-tão que já em hora posa ajuntar com outro en tão eu a rezouvi matal para ella não fica com outro para ficar para eu sempre por nu mesmo estante ficar sabendo a mãe de ella O FULANO2 e também e [ilegível] pela morte [ilegível] mas en-tão tudo também da que eu fui a sacino foi au brigado para saber que a pachau so paga com um tipo por que ella foi faleo comei meu di é agora que andas como outro. VÍTIMA

AUTOR Adeus mundo!

T4

Um beijinho para todos meus sobrinhos Mãe Irmaes e Irmões e cunhadas

Saudades de todos mais muito sentida com todos menos do meu amado NAMORADO nada tenho que me quechar delle apesar a minha mãe ter enchido a cabeça do NAMORADO se foçe outro não era para comtinuar mais o namoro com migo mais como elle é um rapais muito seriu elle e toda afamilia a tem se comportado muito bem melhor do que eu minha mãe eu sei que morro mais morro com muita paichan de arenho e muitas saudades decho do NAMORADO mais não pude conter se não fazer isto

FULANA ter feito o que féis com migo dona FULANA 2 nada / até o dia de hoje

não tenho que dizer da senhora FULANA 3 muitas lembrança se eu não ver mais voçeis e sem as crianças S. chuga muitas saudades meu padrinho me abemçoa

Lembranças paras todas as minhas amigas Eu não me jogo da janela não eu [megia me] AUTORA

Mãe se agun dia lhe ofendi me perdoa. a bença

T5

Uma verdadeira loucura motivada por uma paixão louca e cega por esta pobre e infeliz AMANTE, a quem o destino nos fez conhecer para ao fim de 2 anos terminar-mos tão tragicamente e além de a deshonrrar ainda pagou injustamente com a vida, pois eu só a mato por saber que a própria mãe está espalhando a difamação de sua propria filha commigo, em logar d'ella procurar abafar para evitar chegar ao conhecimento não só do próprio pae como do FULANO, pois sendo elles conhecedores só poderá resultar o escândalo bem como a desgraça

não só da própria filha ser assacinada e eu também ou pelo pae ou pelo noivo ou por qualquer pessoa da familia d'ella.

Assim deliberei matal-a bem como suicidar-me pois deste modo pouparei alguns momentos de verdadeira tortura para ella pela vergonha deante da família bem como da minha, <CONFIRMAÇÃO>pois só não dei somisso de minha vida a mais tempo procurando um meio para evitar essa vergonha e desgraça que me faz andar com a consciência envergonhada de meu acto tão infame que nem sei explicar como assim procedi pois longos anos tenho trabalhado no Comercio em grandes casas onde o numero de moças são grandes e nunca tentei abusar com nenhuma d'ellas, e ellas poderão attestar esta verdade assim como os proprios chefes destas como sejam Capital e Pasa Royal bem como outras mais, nem mesmo com as casadas, viúvas e outras mais. Infelizmente este meu amôr foi fruto unicamente das factalidades dos proprios paes apesar que eu fui um infame pois era amigo do proprio pae, mas são cousas da vida que eu mesmo perguntei algumas vezes a ella, **querida como foi que tu criastes amizade a um velho como eu?**

E a resposta era, **o amôr meu velho não escolhe idade nem tão pouco beleza!!!....** A tu mim não pode (linha ilegível)

AMANTE era de um genio alegre e muito brincalhona com todos e bem prestativa, e assim ajudava-me em trabalhos da loja que eu levava para minha casa, e então eu e minha senhora por ella andar não só me ajudando como por ella ser agarrada com minha senhora dava-mos sempre pequenas lembranças de pouco valôr, como sejam sabonetes escovas brilhantinas, e algumas vezes cortes de vestidos barato assim como joias, pois ella alem de lavar tanques de roupas e ser uma especie de negrinha da casa dos paes nem isto mesmo lhe davam e d'ahi começou haver ciumada da parte das irmãns. Um ponto importante, quando AMANTE foi prohibida de entrar em minha casa e o pae querendo arrancar alguma cousa exigiu a confissão d'ella com um revolver no ouvido, mas nada ficou apurado pois no momento nada existia e se houvesse ella teria confessado pois ella tinha pavor em ver um revolver.

Das ciumadas passaram a haver ditos por parte de pessôas da própria familia d'ella, que circularam pelos parentes d'ellas e meus resultando que ella ficou prohibida de entrar em minha casa, para mais tarde o próprio pae dizer que não deveria eu ligar importancia ao passado porque elle proprio verificara ser intrigas por parentes, porém a mãe d'ella criou-me um ódio que apesar de sempre falar risonha comigo, não deixava de me defamar com as pessoas de relação d'ella e dos meus, não refletindo que com isto resultava a difamação da propria filha d'ella, e isto todos poderão affirmar, sendo que commigo

os paes conversavam e nada me falavam porem ella soffreu tudo bofetadas, pontapés e insultos que nem uma vagabunda aceitaria, e dahi resultava os queixumes d'ella e o desejo de suicidar-se e que eu com minha mulher aconsenhava-mos ella a desistir, virando d'ahi as lamentações e a minha declaração de paixão por ella em 31 de dezembro de 1931 tornando- 1933 se ella minha amasia a 12 de agosto de 1932 vivendo até 24 de novembro

De tudo isto o que mais remorsos eu levo é do meu baixo proceder que tive com minha mulher pois até o ultimo momento ella foi illudida na bôa fé não só por minha como pela infeliz coitada, mas de tudo isso te peço perdão não só pelo meu proceder como pelo della, pois de tudo sou eu

o responsável, mas o que quer depois de ter cometido o delicto tentei algumas vezes esquecer-me d'ella, mas sentia ser impossível não só pelas saudades bem como na minha consciencia eu repudiava deixal-a assim infelicitada, e mesmo porque ella implorava- me também não abandonal-a pois ella então era louca de amor por mim. pela primeira vez em dois encontros noturnos todas as noites, sendo que nesta data fomos descobertos no logar de nossos encontros.

Assim a tu querida mulher exemplar peço-te perdão e que nossos filhos te ampare assim como a nossa FULANA e que Deus te proteja e que dê um destino melhor a ella do que esta infeliz, e que meus filhos fujam sempre das facilidades com mulheres que resultam sempre a desgraça. Aos amigos me desculpem qualquer falta bem como aos parentes.

Ao meu velho pae me perdôe eu mancho o nome de nossa familia, e de passar por mais este desgosto no fim de sua vida.

Perdoae senhor aquelles que erram e que na hora da morte ainda se lembram de vós, ainda mais que eu sou um duplo pecador por alem de me matar ainda tirei a vida de um coração jovial que me amou durante 2 anos.

AUTOR
Rio 29/11/933

Documento 2 (T3B), folha 19

Pagarais a ingratidão com a tua vida Declaro que faço essa declaração unicamente para que ninguem suponha que eu a mato seje para que ella não se case, ou porque eu queira mas qualquer cousa do que já conquistei.

Por ella cazar-se não é, pois tudo estava combinado que continuaríamos a nos querer bem e ella jurou me que tudo faria para estar commigo em um certo logar.
Para provar que não é difamação de que deshonraria, dou as seguintes provas.

De que existe na parede do lado de fora da privada duas cavidades onde eu pouzava os pés quando subia e só poderia subir com o auxilio d'ella conforme o irmão FULANO viu e deu o alarme chamando o FULANO2 que mandando ella abrir a porta me encontrou d'etraz da bacia de banho, e a prova do defloramento o exame pericial attestará assim como poderá affirmar de que não foi um encontro único

e obrigado pois tivemos mais de 200 relações.

Nada d'isto eu declararia se não fosse a ingratidão que ella me está fazendo não só de não me fallar como não ligando attenção a nenhum de meus sinaes d'esde o dia 26 de Novembro, e assim tenho lutado para ver se conseguia fallar ainda para resolver como iríamos viver. Porém com o desprezo completo d'ella resolvi matala d'esde o dia 29, já dei algumas investidas mas faltava-me coragem para matar aquela a quem fui louco e cego de amor, como também pensando a triste situação em que iha deixar minha ESPOSA coitada em que o destino quiz dar uma sorte são infeliz.

Assim ando alucinado cometendo o que minha consciência sempre fugiu, trepando por muros, telhados e janelas para para ver esta ingrata que procura só agora fugir de meus olhares. AUTOR 4/12/933

T7

MARIDO

Você me matou. A você deixo o remorso dêste gesto, que jamais pensei em fazer. Você não me entendeu. O que eu queria mesmo era ser feliz. O meu lar foi feito em trapos e as penas eram você. Se jamais tomei uma atitude como você diz, não foi por falta de dignidade e , sim, porque gostava, inutilmente, de você. Assim mesmo, e pela sua mulher ameaçar-me. (a) AUTORA P. S. Perdoe-me pelo caso. Não fui correta, sou infeliz".

T9

Eu AUTOR gozando plenamente das minhas faculdades mentais decidi por vários motivos que nao tenho razoes para continuar vivendo num mundo de critérios e valores com os quais eu não concordo. Não há culpados. E falo isso de livre e espontânea vontade.

T20

Não sei como começar essa carta, não sei se estou fazendo certo ou errado, mas quero dizer que nada foi culpa de alguém, simples foi escolha minha. Hoje.. nesse exato momento estou colocando um fim em minha vida, eu sempre fui uma pessoa sorridente, uma pessoa que parecia não estar mal, mas por dentro tudo estava desabando !. Eu nunca tive o apoio da minha família pra nada, meu pai morreu na minha frente e não pude fazer nada, não estou mais vivendo, sou tipo uma alma vagando nesse mundo... por todos que já passaram pela minha vida! Que me fizeram feliz por ao menos 1 segundo agradeço a vocês, espero que lembre de mim sempre nos momentos bons! Independente do Lugar sempre vou ser aquela pessoa brincalhona que vcs conheceram. Para vocês que estavam tentando me destruir! Parabéns ! Conseguiram. Agora estou aqui olhando para o teto com mil e um pensamentos na minha cabeça, e o único ponto que chego é "sou um peso da vida das pessoas " "Se nem minha mãe me quer pq alguém iria me querer" Eu ia ser feliz? Eu poderia ser feliz ? Talvez sim, mas infelizmente eu respiro fundo e olho pro teto e a única coisa que me vem na cabeça é a corda e a cadeira, esse ano enfrentei muitas coisas, muitas batalhas aonde não se resultaram em nada, essa não é a primeira e nem a segunda vez que tento tirar minha própria vida, as pessoas deveriam ter mais cuidado comigo! Mas infelizmente ninguém é igual a ninguém !

ANEXO II: GRUPO 2 – CAUSAS SOCIAIS

T1

Minha NAMORADA

Estou muito aborrecido e parece-me que você não me [vê] mais pois os desgostos e a resolução que estou vou deixar de existir estou convicto que é o meu socego eterno. [2]Leva-me a este acto de desespero não por causa de você e sim por questões de minha família comigo. [3]Não posso contal-as porque não tenho coragem. Desde o ultimo dia que ahi estive até hoje não apresentei-me ao serviço cheguei a embarcar no trem das 9 horas e arrependeu-me seguindo para casa. O agente devia parte ao Instector de Trafego que abandonei o serviço pois não abandonei- o tal simplesmente pedi 4 horas de licença; porém tinha tenções de apresentar-me no dia 10 o resultado disto foi uma suspensão porém não sei até quando já sei que sou demitido. De uns 4 mezes para cá tenho sido o homem mais infeliz que exista você havia de notar pela minhas feições o meu pouco agrado e riso eram todas essas pertubações. Venho despedir-me de você dando o ultimo adeus e pedindo desculpas se algum dia fui ou z alguma ingratidão e a todos muitas lembranças d'este infeliz.

AUTOR

T6

Carta Testamento AUTOR

Mais uma vez as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente. Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos

obrigados a ceder. Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu

sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.

(Rio de Janeiro, 23/08/54 – AUTOR)

T8

Não posso mais continuar! Chega! É o fim da trilha! Acreditem, por favor. Tenho sofrido mais que o suportável. Tudo deu errado em minha vida. Talvez eu tivesse nascido em hora errada, tempo errado. Merda! O que quer que eu faça é errado! Será que é porque eu admiro Hitler, sou anarquista, esquerdista e adepta do comunismo? Será que é porque minha mãe nunca se casou? Porque o meu pai era um panaca perfeito? Que ódio passei a ter de tudo isto! Da vida! Uma grande e gigantesca droga! Meu Deus ou devo chamar pelo Diabo? Quem me ajudaria? Uma criatura como eu, jovem, fria, inteligente, mas que em nada deu certo. Coloquem todas as cartas no correio lacradas como estão, isto aliviará algumas pessoas da culpa. Não é culpa de ninguém, mas do sistema. O sistema mata! Não tentem me salvar, pois outras oportunidades surgirão.

T12

Não chorem, não sofram, eu estou ABSOLUTAMENTE FELIZ!!! Era tudo o que eu queria: ter paz eterna com meu Deus e, se possível, com minha mãe. Eu não me suicidei, eu parti para junto de Deus. Fiquem cientes de que não bebo e não uso drogas, decidi que já fiz tudo que podia fazer nessa vida.

Tive uma vida linda, conheci o mundo, vivi em cidades maravilhosas, tive uma família digna e conceituada em CIDADE, brilhei na minha carreira, ganhei muito dinheiro e ajudei muita gente com ele. Realmente não soube administrá-lo e fui ludibriada [sic] por pessoas de má-fé várias vezes, mas sempre renasci como uma fênix que sou e sempre fiquei bem de novo. Aliás, nunca me importei com o ter.

por falta de dinheiro, pois com o que tenho posso morar aqui, em CIDADE2 ou no Sul. Mas acontece que não quero mais morar em lugar nenhum. Eu não quero envelhecer e sofrer. Eu vi minha mãe sofrer até a morte e não quero isso para mim.

Eu quero paz! Estou cansada, cansada de cabeça! Não aguento mais pensar, pagar contas, resolver problemas... Vocês dirão: Todos vivem!!! Mas eu decidi que posso parar com isso, ser feliz, porque sei que Deus me perdoará e me aceitará como uma filha bondosa e generosa que sempre fui.

Aos meus fãs verdadeiros, aos jornalistas imparciais, ao FULANO e sua esposa FULANA, à LBV, ao FULANO DE TAL, ao prefeito de CIDADE3, FULANO 2, e toda a sua equipe, e ao meu amigo FULANO 3, meu muito obrigada. Às emissoras que trabalhei, obrigada. E aos colegas maravilhosos, muita luz! A todos os sites dignos que acompanharam a minha vida, SUCESSO!!!

T13

É daqui a pouco que tudo acaba.

E u te amo, desculpa eu n ser a filha perfeita mas eu tentei... desculpa desculpa eu te amo muito... E tô com medo mas acho que é tchau pra sempre

Aqui é o primo dela, infelizmente perde o a AUTORA... família delosada, por favor não postem besteiras... momento difícil....

T14

Hoje de tarde eu dou um jeito nisso. Não vou ser mais estorvo pra ninguém

T16

Pai, mãe, perdão. Não consigo. Não adianta fingir. Eu e IRMÃO não temos futuro. Só um último pedido. Não nos enterre em CIDADE, pelo amor de Deus. Amo vocês

T17

Não foi culpa de ninguém

Foi uma escolha exclusivamente minha ninguém teve participação nisso
Na verdade é algo que eu venho pensando há muito tempo
A vida pra mim nunca foi algo interessante, estudar, trabalhar, ter uma carreira? uma família? e se eu não conseguir nada disso? falhei em ser um ser humano? não sei, sempre me julgaram por não me importar com o futuro eu só era a pessoa que queria que todos da rodinha dessem risada mas se eu não estivesse na roda tbm não faria diferença
sei lá.. sempre fui o tanto faz
eu sempre fui a pessoa que ia atrás pra conversar
eu sempre precisei conversar, minha cabeça nunca aguentou as loucuras que se passava por lá pensar sozinho é algo muito ruim, vc cria milhares de situações inalcançáveis
tbm nunca pensei em trivialidades, aprender a cozinhar? levar o lixo pra fora? eu sempre vivi de devaneio
isso começou com 15 anos, quando me mudaram de sala no ensino medio me colocaram numa sala com pessoas q eu nunca conversei na vida
pelo simples motivo de eu conversar com meus amigos na sala anterior nessa nova sala eu nao falava com ngm, era zuado por muitos otarios mas eu nunca liguei, eu sempre fui o que tinha a melhor resposta

e olha q eu tava gordo, era facil me atingir kkk
mas ai começou a ansiedade, a vontade de nao levantar..
de nao ir pra escola, de nao fazer nada... acabou q.reprovei no 1o ano eu queria fazer 18 anos logo pra nao precisar voltar pra escola
entao finalmente fiz 18, isso já no segundo ano,, arrumei uma namorada, acho q era 2012 nunca disse pra ela q eu era um repetente
ela era linda e inteligente demais pra mim.. mas eu fui com tudo q eu tinha a oferecer bjs e 12cm de p...
ela me amou por 2 anos, e fui eu q terminei, me arrependo até hj acho q era a vergonha, a mae dela era professora
o pai ganhava mt dinheiro, casa topper, eu nao tinha nada como sempre me sentindo inferior nesse quesito
mas eu sempre achei q era mais inteligente que a maioria das outras pessoas mas sempre preferi ser o engraçadão, o que ia pra diretoria
afinal o que puxa mais atenção do que um palhaço? foi assim que eu sai da escola..
e até o presente momento eu fui um palhaço na vida conquistava pessoas com piadas
eu sempre achei q eu era um pessoa inteligente pq eu conseguia fazer piada com qualquer assunto pensava rapido, todos diziam q eu era bom nisso
o que eu nao percebi foi que meus amigos de verdade seguiram em frente um trabalha praticamente 24hrs, o outro mudou de cidade
é, 2 amigos... fazer oque? eles tem mais amigos, diferente de mim mas nunca me deixaram de lado.. e eu odeio aglomeração.. meu negocio é 2-3 amigos, uma musica e uma conversa. mas era sempre a mesma coisa, desde meus 15 anos vivendo um looping
eu nao conseguia levantar da cama, ter uma vida normal era a famosa depressão me comendo todo dia

mas eu tinha que agir como se eu tivesse de boa eu fui criado pelos meus avós, eles são do sitio.. se hoje vc precisa ficar numa sala com uma pessoa de ensino superior pra falar sobre depressao imaginem meus avós, q nem ler sabem, jamais iriam identificar que eu tinha algo.. pra eles eu só era preguiçoso

ainda mais eu q fico o dia todo no quarto, na frente do computador q só sai pra ir no banheiro e dormir e eu nunca comentei nada pelo simples motivo de nao deixar eles preocupados atualmente eles estão velhos o suficiente pra me perder, os dois sempre falam de morte "acho q nao vou estar aqui ano q vem, meu filho"

então acho q essa escolha não vai interferir em muita coisa bora voltar ao assunto de gado... meus relacionamentos nunca deram certo, basicamente pq uma mulher procura um homem que trabalhe, que levante 7 da manhã e de bom dia..

q diga que a vida é bela, e q vai trabalhar tanto e ganhar tanto dinheiro q nao vai sobrar tempo pra dar amor ou cuidar das crianças
q vida hein? meu sonho
eu nunca dei bom dia pra ninguém, eu acho.. pq eu nunca tive um dia completamente bom uma boa noite talvez

pra eu chamar alguem de linda demorava meses, independente da beleza da pessoa
eu nunca me importei com aparência, meu negocio é ter aquela conversa q vc lembra no dia seguinte e ri sozinho
pra falar q amo entao... era muito dificil, pq é algo muito importante pra mim, nao posso desperdiçar com qualquer um
em 2018 eu disse a palavra amor muito poucas vezes, 90% pros meus 2 amigos
pra mulher eu disse q amava tbm, só pra uma.. era mais especial que pra amigo, pq quando vc diz q ama uma mulher, foi pq ela realmente te conquistou
pelo menos na minha cabeça é assim.. jkkkk mt romantico, de fato..
um amigo vc normalmente cresce com ele.. é basicamente da familia, come na sua casa e os krajo. meus 2 melhores amigos eu conheço desde os 4 anos de idade
já uma mulher q vc conhece, e bate papo e em 2 semanas ta dizendo q ama, tem q ter muita conexão, tem q fazer sua vida girar em torno dela, praticamente
e eu sou uma pessoa intensa sobre sentimento..
se eu digo q amo, eu vou até o fim dizendo q amo, mesmo se terminar o namoro, possivelmente eu vou continuar amando..
e isso é ruim pra uma pessoa com essa cabeça merda minha
imagine vc amar alguém, mas terminou e nao conversa mais, e essa pessoa nao demonstra nada por vc? a cabeça morre
e esse ano minha cabeça acabou comigo
tinha dia q eu tava de boa, feliz, mas minha cabeça nao queria q eu ficasse feliz a cabeça queria pensar merda, queria q eu pensasse em coisas sem sentido
e a minha boca queria falar, mesmo eu nao querendo..
e ela falava, acabou com meu relacionamento.. acabou com amizades, com tudo terminei na minha cama
imagine ficar deitado o dia todo, nesse calor.. 30graus+ kkkk é engraçado.. mas eu nao conseguia levantar
meu corpo tinha 2 toneladas, nao conseguia tomar banho nao conseguia comer, nao sabia se o céu tava nublado nao abria a janela, nao fazia literalmente nada
via as mesmas coisas no youtube todos os dias parecia eu tava vivendo o mesmo dia a semana toda

só conseguia pensar nas merdas que fiz errado até hoje é torturante demais..
e eu sou torturado por isso ha mais de 8 anos
mas depois dos 20, quando eu deveria ser o adulto...
q contribuísse cm a sociedade de algum modo, o que creio q eu nunca fiz..
foi mais ou menos nesse momento q começou a intensificar essa merda de depre
hoje eu to com 24, então basicamente 4 anos com esse intenso sentimento de q nada dará certo completa frustração, namoro, trabalho, amigos, tudo..

nao consigo fazer nada
nao consigo me esforçar em nada, nao consigo superar nada sempre achei q eu tava sozinho no mundo q eu era o monstro de bird box, ngm queria me ver kkkkkk top 10 piadas antes de se matar
era um npc, que só respondia o que perguntavam
eu ja tava pensando em quitar desse joguinho merda ha mt tempo mas nao conseguia deixar meus avós sozinhos...
dia 31/01 eu joguei na mega, olhei no espelho e falei pra mim msm q nao faria diferença se eu

ganhasse
nao tem nada a ver com dinheiro, ou bens.. é uma briga pessoal e eu sempre apanhei
hoje infelizmente eu apanhei demais

dia 01, olhei pro céu e nao consegui prometer nada, pq eu nao tenho nada pra viver entre ficar na minha cama o dia todo e nao estar mais por aqui, eu prefiro ir embora sei que alguns ficarão tristes, mas por favor, lembrem-se das minhas piadas aquelas em momentos inoportunos
de risada quando zuarem a minha morte, afinal eu sempre zoei com tudo, nao vai ser morto q vou reclamar

odeio politicamente correto, eu sempre achei q seria um cara do stand-up fazer o que, se eu nao consigo lidar comigo msm, imagine com uma platéia? alias, eu acho que setembro amarelo é uma piada..
não importa o que vc fale, se eu quiser me matar... eu vou..

pode guardar essa fitinha, vcs nao se importam com quem tem depressão empatia praticamente nao existe
a pessoa tem q nascer de um anjo pra perceber q as vezes o proximo precisa de ajuda
felizmente as pessoas nao morrem só de velhice

imagine ficar tão triste como eu to agora, mas nao poder morrer pq minha expectativa de vida é de 80 anos? e eu tenho q cumprir os f..... anos?
pqp da até vontade de virar o joão de deus
pra q viver até os 80?.. só pra fuder a fila do banco e os assentos do busão? nem, vlw e po bolsonaro.. nao vivi o suficiente pra tomar um tiro

taokei? se bem q eu votei no daciolo graças a deuxx e tbm nao vivi pra ver o lula sair da cadeia nem f..... q eu ia guentar mais 10 anos nessa p....
nao sei, eu vivi como um adolescente, mesmo tendo 24
mas eu acho q essa decisão mostra que eu cresci o suficiente

decidir q nao quer mais viver é algo totalmente adulto, se é meu corpo minhas regras, tem q ser pra tudo, nao só pra enfiar um shortinhos no c.
uns amigos tentaram conversar comigo.. eu disse q tava tudo bem q eu ia superar essa tristeza e seguir em frente..

mas eu nao consegui, fui fraco
e se alguem q estiver lendo isso e estiver com o mesmo sentimento pense 2 vezes

se vc estiver em duvida, continue vivendo, nunca se sabe o dia de amanhã vc pode ser feliz, eu poderia ser feliz
infelizmente, eu sempre respiro fundo, olho pro teto, e a unica coisa q passa na minha cabeça é a corda e cadeira

eu sou preguiçoso, vai dar muito trabalho achar uma corda, fazer o nó e tal então eu vou pegar a bike, pegar uma brisa no rosto

e me jogar na primeira agua funda q eu ver nao sei nadar mesmo
o foda é se eu aprender a nadar nessa tentativa de morrer ai esse texto nao vai valer de nada

mas acho que vou morrer kkkkkk enfim, não foi culpa de ninguém
nem de ex namorada, q eu amei pra kralho, e fiquei mt triste quando acabou mas nao foi culpa dela, pessoa maravilhosa, espero q seja feliz
e se eu virar fantasma vou dar uns sustos nela jkkk beetlejuice beetlejuice beetlejuice
nem foi culpa de amigos, q eu senti sdds de sair, conversar e tudo
nem de familia, apesar de todos sempre me julgarem, nunca me importei, então nunca influenciaram na minha vida
a culpa foi minha, nao tankei a vida.. é muito dano krai mas olhem pelo lado positivo, eu ja poderia ta morto
eu ja dei milhares de role de carro mt loko, com o mundo girando na rodovia e nao morri
imagine morrer sem deixar um textão? kkkkk
fucking feminista
mas na moral, espero reencarnar na barriga da anitta vou crescer burro, mas num belo corpo enfim
quando alguem pedir pra vc se sentar do lado, pra conversar.. nao importa quem seja sente-se.. essa pessoa pode estar precisando de ajuda
um "vai ficar tudo bem" pode mudar o dia de alguem e eu precisava.. mas ninguém sentou do meu lado todos só dançaram e continuaram bebendo

é o que pessoas felizes fazem hoje em dia kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk feliz 2019 e espero ter virado noticia em algum site
se forem fazer um filme, me faça usuario de cocaina e comedor pode ser de travesti
a primeira foto foi de um dia loko, q eu bebi varias barrigudinha e quase matei a mo numa cadeira giratória

alias, foi ai q começou o meu ultimo namorinho eu acho ela chorou mt esse dia
o da esquerda foi meu primeiro amigo gay, infelizmente tive q cortar vínculos pq o bolsonaro virou presidente
sacanagi, amo todos os lgbtqrstuvxz q passaram pela minha vida sempre felizes e mostrando q a vida vale a pena
as outras duas são dos meus melhores amigos, desde criança, e até hoje, obrigado, vcs sempre me fizeram feliz
espero q tenha pes 2013 do outro lado, seus patos me perdoem por nao ter tido um ultimo role com vcs

e mesmo sendo ateu, eu espero q tenha algum tipo de vida do outro lado, e que de algum modo eu consiga guiar vcs
prometo q dessa vez nao levarei pro caminho do mal kkkk e pra vcs q leram até aqui...
a vida não é curta como dizem, parece q eu vivi uma eternidade nao tenha medo de errar

eu vou errar até meu ultimo suspiro
tenho certeza q enquanto engulo agua eu ja tenha desistido de morrer deve ser desesperador mas como eu sempre tive medo da agua
acho que é um modo interessante de terminar isso superar o medo até o ultimo segundo kkkk

e vale lembrar q BREAKING BAD melhor série SENHOR DOS ANÉIS melhor trilogia/filme TWISTED FATE melhor champ do lol
coloquem Losing my religion do R.E.M pra trocar, é minha musica favorita então, como eu disse pra um amigo, a internet criou a depressão
e vcs nao conseguem sair disso, vcs vão ficar tristes pra sempre pq isso aqui é a primeira e ultima coisa q vcs fazem no dia
meu sonho era morar no meio do mato, andar de p... de fora e nao falar nenhuma lingua conhecida a chance de eu chorar antes de dormir é provavelmente 0
mas não, antes de dormir vc olha o post dela, ou dele.. um desenho com uma frase E VC CHORA kkkkkkkkk
a vida moderna é uma merda, felizmente estou me retirando entao, flw..vou indo lá
e pra vcs.. VIDA Q SEGUE"

T21

Mãe mim descupe por tudo eu sei que errei muito nessa vida mas chegou a minha hora de ir mim pedoe mesmo por
tudo quero muito vc cuida da minha filha FILHA eu sempre te amei sempre
Te amo muito onde eu estiver sempre vou estar do seu lado sempre lhe trouxe problemas mas eu estou cansado de tanta Humilhação aqui na feira Cansei de ser muito humilhado

TE AMO MÃE
——- // ———- // ———— // ———

A VDD Estou Fazendo isso
Porque não estou dando pagar as dívidas por causa Gorvenador Esse Prefeito Decretou Fechamento de tudo. E N Esta dando pra vende direito

.....

.....

1 T23

• NOTA DE SUICÍDIO
Eu pensei muito a respeito, a respeito do que diria aqui pra vocês, a nota em si eu sempre tive certeza que deixaria, já que não consegui largar essa mania de ficar me explicando nem até esse último momento) a minha dúvida era quanto ao seu conteúdo. Muito embora eu tenha consciência de que não se explica um suicida e um suicida tão pouco pode se explicar, eu vou tentar fazer o meu melhor . aqui. Antes, no entanto, vou pedir que me perdoem, já tem algum tempo que não pego em um livro, e nos últimos meses minha habilidade de expressão declinou. não vou escrever tão bem ou ser tão preciso quanto eu gostaria. A primeira coisa que vocês precisam saber é que não é algo novo, meu ato covarde pouco se deve a acontecimentos recentes, o último ano foi o mais difícil da minha vida e isso eu preciso admitir, mas eu sempre soube que iria acontecer, mesmo nas vezes em que eu era tomado por uma onda de otimismo quanto ao futuro, algo no meu íntimo sempre dizia: "você vai se matar de qualquer jeito sacana". Quando ...

pra minha cara e disse: “AUTOR, tem que fazer uma avaliação pra ver se você não tem depressao”. Meus pais, minha irmã e eu rimos, e eu ri mais alto. Passaram-se alguns dias e eu comecei a remoer essa possibilidade, mas também não foi difícil afastar a ideia, questão de um mês no máximo e já o tinha feito. Mas aí em fevereiro do ano passado, AMIGO, um grande amigo que em muitos aspectos serviu como um pai, me chamou pra realidade em que eu me encontrava e estava negando até então. Afinal, que outra coisa me faria sentir fragmentado em milhões de pedaços impossíveis de reunir? O que mais me faria ter a sensação de estar vivendo em câmera lenta é que os dias são apenas um ruído branco, e nada de extraordinário acontece? O que mais me faria acreditar no final do dia que eu havia errado com tudo e com todos, imaginando mil maneiras de ter feito melhor em todas as oportunidades, e em resultado passar noites inteiras em claro, chorando? Por que mais eu nunca consegui me sentir de fato amado, apenas tolerado? Dói muito dizer essa última parte, pois eu sei muito bem que não é verdade, é uma parcela do meu coração está me condenando por isso. “Whatever”, aprendi a mascarar e disfarças essas coisas e com exceção de meia dúzia de pessoas, ninguém suspeitou, o que é motivo de orgulho né, aprendi a atuar majestosamente, sem listas, sem estrelinhas. Dá pra me orgulhar também de poder ter sido um suicida autêntico, já que não fiquei ameaçando ou chamando para mim, querendo aparecer, só fui lá e fiz. E ninguém suspeitou, exceto o vendedor da corda no sábado de manhã, na loja se material de construção, mas acho que ele só quis fazer uma liada. Ele disse que tinha medo quando as pessoas compravam cordas e em seguida passou o dedo em metade da circunferência do meu pescoço pra explicar o que havia dito e riu, tive que mentir pra ele, disse que era pra um projeto doméstico, uma bosta vertical, sorte que ele acreditou. A verdade é que eu não menti só pra ele, ultimamente só que tenho feito é mentir com a boca alegando estar bem enquanto meus olhos gritam a verdade, gritam por socorro. Eu sinto muito, gostaria de ter tempo para reparar os danos com cada um de vocês , de ter sido alguém melhor, não tão quebrado, não tão limitado. Em especial FULANA, me perdoe por não ter sido homem suficiente pra o assumir o que eu sentia por você e todo esse tempo, você merece coisa melhor. E Júnior, irmãozinho, me desculpe por não ter sido o irmão mais velho que eu te prometi ser, espero que você ainda aceite o violão, ele é seu.
Bom, acho que já tô falando pelos cotovelos, desculpem o “textão”, não tive a intenção de parecer dramático, só estava tentando ser minucioso. Não achei que seria tão fácil escrever uma nota de suicídio, mas tô com a consciência tranquila, porque conforme escrevia, consegui sentir a minha alma se desdobrar em toda a sua honestidade. Isto é tudo, é o fim da linha do caminho em que me

meti, sou grato por tudo e por favor, não mereço sua dor, seu choro nem seu luto, se eu pudesse faria com que nenhum de vocês sofresse por minha causa. Estou pedindo a Jeová até agora que não me dê uma nova chance no futuro, se eu acordar daqui a pouco vou sentir vergonha de tudo isso. Vou dar-lhes

só mais um trabalho, meu corpo está pendurado no telhado do imóvel onde seria a minha casa, venham busca-lo antes que ele conheça a putrefação

ANEXO III: GRUPO 3 – CAUSAS SOCIAIS

T10

Ao querido primo

Quero te agradecer pelo esforço neste caso de CIDADE. Quero também que você entenda a minha posição. Não posso submeter-me a vexames, por pura sacanagem. Alguém me sacaneou. Tenho mulher e três filhos, os quais amo, e levam meu nome. E não dá! Por outro lado existe todo esse processo desgastante da minha mãe que tanto me protegeu, que me deu a vida, e que também [...]

Conselho do meu pai (pedido) atenda os pobres e assim o fiz, com esmero e dedicação, muitos salvei, outros diagnostiquei, mas nunca eu os maltratei. Conheci os EUA, Europa e parte da América do Sul graças ao meu querido pai. Hoje não consigo viajar para Santo Antonio. Tenho uma excelente esposa. Trabalhadora, dedicada, vibrante. Três filhos muito bons, cada um com suas particularidades. O menino vai para sua área (Direito), gostaria se ele conseguir ser aprovado no vestibular que você o encaminhasse, [...]

Um agradecimento especial também ao FULANO, tios FULANO 2 e FULANA. Acho que é isto. Quero que vocês entendam a minha posição.
Um abraço a todos e não me critiquem, e sim me entendam.

T11

Viver sem o NAMORADO é pra mim uma sobrevida desumana. De todos os homens que passaram por mim quem me fez mais mal foi, sem dúvida alguma, o EX, pai da filha com quem nem mais contato pude ter, e quem mais me fez bem, em vida, foi o NAMORADO. Viver sem meus dois filhos e sem o amor da minha vida me dilacera por inteiro, é como se eu estivesse acordada passando por uma cirurgia cardíaca, meu coração sendo cortado, um bisturi elétrico que não para nunca. Não aguento mais viver, ou melhor, sobreviver. A comida não desce, sinto um nó na garganta, estou ficando cada dia mais magra, sinto minha pele se descolando do meu corpo. (...) Minha cabeça não consegue pesar menos que 10 toneladas, eu não tenho mais paz, a cena da morte do meu amor me atropela constantemente, lembro do corpo do NAMORADO no meio da rua mas, os olhos estavam abertos e eu achei que ele pudesse me ouvir... Estou

sofrendo mais dor agora do que quando sofri o acidente de carro. Agora não tem morfina, não tem nada que acalme essa dor, nada que faça parar essa sensação de perfuração no meu peito.

T15

O que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia (Provérbios 28:13) Deus, só o Senhor sabe que eu assumi minhas transgressões e mudei, porém essa misericórdia que o Senhor promete na sua palavra não se cumpriu, não sei se pq eu não aguardei mais ou era pra isso que vou fazer acontecer, mas de uma coisa eu sei, eu tentei, fui pra cima dos meus problemas com todas as minhas forças e mesmo assim o Senhor não entrou com providência em minha vida, pelo contrário, só tive mais problemas .. pessoas que achei que estavam do meu lado apesar de tudo me abandonaram por coisas banais quando mais precisei, amigos que me julgaram de louco, e muitas outras coisas que quando eu mais precisei dos que diziam me amar eu só tive a rejeição.

Aos que me amam me perdoem se minha atitude pareça egoísta mas é a única forma que eu tive de encontrar saída para os meus problemas. O que eu tenho a falar é que nunca julguem uma pessoa depressiva e/ou uma pessoa com tendências suicidas, pois apesar de mórbida que for nossas decisões sabemos que a única forma de resolver (infelizmente) é assim ., eu nao queria me matar, eu queria viver, mas tudo foi contrário a minha progressão em todas as áreas da minha vida, e aqui fica o meu adeus aqueles que gostaram de mim genuinamente, eu amo vocês, e tenham certeza que qualquer lugar que eu for é melhor que esse inferno que eu vivo ... Adeus

T18

Infelizmente, através desta, despeço-me de tudo e todos. Estou cansado de mim mesmo, de fazer bobagens, de beber demais. Há alguns tempos travei uma batalha contra a depressão e o uso abusivo de álcool, mas, infelizmente, perdi.
Peço perdão aos que ficam e, principalmente, a Deus. Que receba minha alma de braços abertos e faça parar a vergonha constante que sinto de mim mesmo.

Sempre fui uma boa pessoa e jamais prejudicaria alguém, mas tão somente eu mesmo.
Foram 9 anos na Polícia Militar e eu vos digo, caros amigos: cuidem-se! A polícia é super estressante e, como no meu caso, pode ser fatal.
Agradeço imensamente ao carinho e atenção de minha mãe, MÃE, e meu irmão, IRMÃO. São pessoas maravilhosas que me amam muito. E eu também sempre amarei vocês.
Um grande abraço a todos os meus amigos, sejam do Ordem e Progresso, do Cefet, Tiradentes, da PMMG, do curso de Direito ou História.
NINGUÉM TEM CULPA DE NADA! Essa é uma decisão minha.
Cuidem-se e não me julguem. Orem por mim. E quero que se lembrem sempre de mim pelos sorrisos, pelas brincadeiras.
Para meus familiares: doem meus órgãos. Ajudem quem realmente precisa.
Um abraço
28.01.1991 - 18.08.2019

T19

Marielle me uno a ti. Eu fiz o que pude, até onde pude. Meu amor será eterno por todos vocês. Perdão por não aguentar, meus filhos.

T22

Primeiramente peço perdão, porque sei que o vou fazer não tem perdão. Famílias quero dizer que amei vocês mais que tudo na minha vida, mas infelizmente a dor que tenho sentido a 17 anos não foi suficiente para suportar, amo vocês, cada um a sua maneira. Filho, você foi o meu motivo de continuar lutando até hoje, mas não estou dando conta, são problemas de saúde e mental, dei meu melhor para ti deixar amparado, para que não seja obrigado a mendigar uma pensão alimentícia para o seu Pai. Eu te amo demais.

Mãe, irmãos, pai, vocês foram exemplos de superação na minha vida.

Vou tentar explicar um pouco do que sinto, tenho raiva sem motivos, e uma dor no peito que não passa, insônia inconstante, já cheguei a tomar 8 comprimidos de Clonazepam 0,2 mg e mesmo assim não resolveu.

AMIGA você foi uma amiga que foi capaz de falar tudo ou quase tudo na minha vida. Vou resumir aqui cada pessoa que passou na minha vida teve seu papel, uns bons outros nem tanto. E hoje eu só quero acabar com essa dor. Família eu amo vocês, mais não consigo mais. AUTORA